

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MAKCHWELL COIMBRA NARCIZO**

**A EXTREMA DIREITA FRANCESA EM RECONSTRUÇÃO: MARINE  
LE PEN E A DESDEMONIZAÇÃO DO FRONT NATIONAL [2011-2017]**

**UBERLÂNDIA – MG  
2019**

**MAKCHWELL COIMBRA NARCIZO**

**A EXTREMA DIREITA FRANCESA EM RECONSTRUÇÃO: MARINE  
LE PEN E A DESDEMONIZAÇÃO DO FRONT NATIONAL [2011-2017]**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (PPGHI), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História.

Linha de Pesquisa: Política e Imaginário.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Jacy Alves de Seixas

**UBERLÂNDIA – MG**

**2019**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

N222 Narcizo, Makchwell Coimbra, 1983-  
2019 A extrema direita francesa em reconstrução [recurso eletrônico]  
: Marine Le Pen e a desdemonização do Front National [2011-  
2017] / Makchwell Coimbra Narcizo. - 2019.

Orientadora: Jacy Alves de Seixas.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-  
graduação em História.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2243>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. História. I. Alves de Seixas, Jacy , 1950-, (Orient.). II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em História.  
III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

## ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação ou Curso de Graduação em:	História				
Defesa de:	Tese de Doutorado, número 105, PPGHI				
Data:	Vinte e dois de agosto de dois mil e dezenove	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:40
Matrícula do Discente:	11513HIS016				
Nome do Discente:	Makchwell Coimbra Narcizo				
Título do Trabalho:	A extrema direita francesa em reconstrução: Marine Le Pen e a desdemonização do <i>Front National</i> [2011-2017]				
Área de concentração:	HISTÓRIA SOCIAL				
Linha de pesquisa:	POLÍTICA E IMAGINÁRIO				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	FORMAS DE SUBJETIVIDADE NA MODERNIDADE: PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO EU. HISTÓRIA E LITERATURA				

Reuniu-se na Sala 1H48, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores Doutores: Marcia Regina Capelari Naxara/UNESP-FRANCA; Daniel Trevisan Samways/IFTM; Antônio de Almeida/UFU; Gilberto Cézar de Noronha/UFU; Jacy Alves de Seixas orientadora do candidato.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Jacy Alves de Seixas, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

**Aprovado.**

**OBSERVAÇÃO: A BANCA RESSALTA A IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA, A COMPETÊNCIA E QUALIDADE DA DISCUSSÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E HISTÓRICA. RECOMENDA A PUBLICAÇÃO DA TESE.**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

À Marielle Franco... A todas e todos que abandonam sua segurança para lutar contra uma extrema direita ressentida, violenta, xenófoba, que odeia as diferenças e se nutre de ódio, que se ressente dos sonhadores que ousam resistir e plantar o amanhã... A estes que resistem e resistirão.

## AGRADECIMENTOS

“Não é o que as pessoas possuem, mas a forma como buscam realizar seus sonhos que as distinguem umas das outras.” Nelson Mandela

Ao fim, percebemos que, quando se trata de sonhos, por mais distantes que sejam, não há um fim: tudo faz parte de um ciclo.

Hoje, finda-se algo que imaginei durante longos anos, mas não é um fim, é uma nova etapa do ciclo de sonhos em que me permiti inserir. É um ciclo e não um fim, porque sou o mesmo garotinho alfabetizado em uma escola rural, de pais que jamais leram um livro, o mesmo que a “vida” sempre disse qual deveria ser seu lugar e que este lugar não era aqui. O mesmo que ouviu sempre a palavra “fim” no que diz respeito ao conhecimento: “este é o fim dos estudos, agora pode parar”. Sou o mesmo, mas sou um totalmente outro em tal processo, pois aprendi estudando que, mesmo que digam que o conhecimento que adquiri de lá pra cá não tem um fim em si, é ele que me fez caminhar e saber que sempre irei em direção a tudo o que ele pode proporcionar.

Para muitos estar aqui agora significa apenas um título; para mim significa olhar em um espelho, que podemos chamar de História. Em minha própria história, vejo muito mais que um “doutor” que estará à frente de meu nome, vejo como uma liberdade adquirida, uma voz construída a cada página lida, a cada aula, a cada hora, dia e noite de estudo; uma voz que sabe de onde veio, que ressoa especialmente por gente como eu, que um dia não teve voz, uma voz que fala e falará sempre bem alto. Portanto, não é “dr.” como título, mas estas duas letrinhas simbolizam um conhecimento adquirido por uma luta constante contra a opressão de quem busca fazer com que as pessoas se calem.

Olhar para este espelho, História, me faz entender que todo conhecimento deve vir aliado a uma sensibilidade que me faça enxergar a mim e aos outros, e que cada outro constitui o que sou. Eu me permiti aprender e aprendi muito em toda a minha jornada e ainda aprenderei, mas jamais me permitiria me tornar alguém frio e sem sentimentos. Afinal, é de sentimentos que se faz a história. De maneira torta, mas não tanto por conta do rigor acadêmico, é o que tentei mostrar aqui.

“Você pesquisa sentimentos?... Como isso é possível?” Minha resposta sempre foi a mais simples: “Sim, pesquiso sentimentos porque estudo História”. O dia em que não conseguirmos

perceber e compreender os sentimentos teremos, aí, sim, o fim da História e possivelmente da história.

Chego percorrendo um caminho repleto deles. Ainda bem.

Talvez você, que leu tudo isso, não conseguiu encontrar sentido, o que é estranho porque esta é justamente a função da História – “dotar de sentido” –, mas, pra mim e para quem caminha a meu lado, faz muito sentido.

Foram quase cinco anos bem difíceis, viagens incontáveis, muitas para mais de mil quilômetros de casa. O cansaço, quase esgotamento, físico, mental e sentimental me fez chegar aqui com o intuito de agradecer apenas a quem sabe o que eu passei e a quem passou comigo.

Assim, agradeço a quem se enxerga em meus passos – vagarosos, pesados, mas em direção do que acredito, sempre.

Claro, minha esposa linda! Companheira da minha vida, que me traz luz e colore minha existência. Sem ela, estes pesados anos seriam insuportáveis. Na verdade, cada mês, cada semana, dia e minuto... tudo teria sido insuportável. Minha princesinha que me suporta e que vê o brilho de meus olhos, mesmo que este quase se apague. Se houvesse uma regra de apenas um agradecimento, sabe que ele seria seu. Se houvesse uma regra de nenhum agradecimento, sabe que ele ainda seria seu.

Minha mãe, e só ela, que me permitiu estudar. Obrigado!

Ao Totti e ao Bruce, lindos, que me deram o carinho diário gratuito necessário e diziam a hora de dar um tempo todos os dias.

Agradeço enormemente à minha orientadora Jacy Seixas. A princípio não vim para a UFU, mas para ser orientado pela Jacy. Se me perguntarem hoje, “valeu a pena?”. Claro! Cada reunião, cada aula, cada dica – tudo foi engrandecedor. Carregarei cada momento como experiência e como uma responsabilidade ter meu nome ligado ao seu. Acho que me tornei um pesquisador mais sensível, o que, no fim, é o que realmente importa.

Claro, agradeço à UFU, hoje uma nova casa.

Agradeço a cada professor que me propiciou novas leituras, novas perspectivas, novos confrontos com verdades guardadas em alguns baús de segurança tão frágeis, em especial aos professores Alcides Freire Ramos e Paulo Almeida.

Agradeço de forma especial à professora Mara Regina do Nascimento, que me ajudou demais nas disciplinas de Seminário de Tese.

Agradeço aos professores Mônica Campo e Antônio de Almeida, por suas contribuições na banca de qualificação, apontamentos que trago agora, mas especialmente que ajudaram a

amadurecer a pesquisa em um momento fundamental. Ao professor Antônio, agradecimento dobrado por também participar da banca de defesa.

Claro, aos demais professores Márcia Naxara, Daniel Trevisan e Gilberto Cézar de Noronha, que se dispuseram a compor a banca, participando desse momento tão importante pra mim.

Aos colegas que pude fazer e claro, amigos que em muito me ajudaram, muitos: João Gabriel, Auricharme, Matheus Germano em nossas longas idas e vindas de Goiânia, Thiago Destro, que me deu abrigo e assinou para que eu estivesse aqui.

Agradeço ao tempo, que nos controla, nos machuca, nos ensina... nos transforma.

“Ser livre é construir um mundo em que se pode ser livre.”  
Emmanuel Lévinas

“Em política, meu caro, sabe tão bem quanto eu, não existem homens, mas ideias; não existem sentimentos, mas interesses; em política, ninguém mata um homem: suprime-se um obstáculo. Ponto final.” Alexandre Dumas

## RESUMO

A presente pesquisa trata do crescimento do partido de extrema direita francês *Front National*. Busca compreender como ele se organiza e se reorganiza ao longo de sua história, como se vale e se apropria de uma tradição da extrema direita francesa, nela se insere e especialmente como busca se atualizar no projeto desenvolvido na gestão de Marine Le Pen, chamado interna e externamente de “desdemonização”, que, adequando-se a seu tempo, suaviza a forma como o partido se apresenta para convencer e sensibilizar a opinião pública de que o *Front National* não é um partido de extrema direita. Utiliza-se de diversos dispositivos, como a gestão da memória e dos sentimentos políticos, da identidade, de si e do “outro”, ressignificações de símbolos nacionais e uma nova postura em relação à democracia e à República, todos de forma estudada e controlada. Em meio a isso busca efetivar-se um projeto de poder em curso desde sua formação. Esta investigação analisa o que há de novo no projeto de desdemonização, o que há de continuidade no *Front National* de Marine Le Pen em relação ao partido de Jean-Marie Le Pen, em que aspectos há rupturas e o que permanece o mesmo sob uma nova forma de apresentação.

**Palavras-chave:** Extrema Direita; França; Front National; Democracia; Desdemonização.

## ABSTRACT

This research studies the growth of the French extreme right party Front National. In order to understand how it organizes and reorganizes itself throughout its history, how it takes advantage of a tradition of extreme right and inserts itself in it, and especially how it tries to renew itself with the project developed under Marine Le Pen internally and externally called ‘de-demonization’, which, in an attempt to fit in the present time, softens the way the party presents itself to convince the public opinion that the National Front is not a party of extreme right. It uses various gimmicks, such as management of memory and political feelings, identity, of oneself and of the ‘other’, resignifications of national symbols, and a new posture in relation to democracy and the Republic, all in a studied and controlled way. Amid this is a power project that has been ongoing since the party’s formation. This research examines what is new in the de-demonization project, what in the Front National of Marine Le Pen has continued since Jean-Marie Le Pen, where the ruptures are and what is the same under a new form of presentation.

**Keywords:** Extreme right; France; National Front; Democracy; De-demonization

## LISTA DE SIGLAS

CAR Comités d’Action Républicaine

DFP Partido Popular Dinamarquês

FANE *Fédération d'action nationale et européenne*

FEN *Féderation des étudiants nationalistes*

FN *Front National*

FPÖ Partido da Liberdade da Áustria

FrP Partido do Progresso

GRECE *Groupement de Recherche et d'études pour La Civilisation Européenne*

JN *Jeune Nation*

MJR *Mouvement jeune révolution*

MNR *Mouvement National Républicain*

MSI Movimento Social Italiano

ND *Nouvelle Droite*

ON *Ordre nouveau*

OVP Partido Popular (Áustria)

OS Partido dos Verdadeiros Finlandeses

PFN *Parti des Forces Nouvelles*

PiS Lei e Justiça

PVV Partido para a Liberdade da Holanda

RPR *Rassemblement pour la République*

SVP Partido Popular Suíço

UDC *Union démocratique du centre*

UE União Europeia

.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2012 .....	104
<b>Figura 2</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2012 .....	104
<b>Figura 3</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2014.....	105
<b>Figura 4</b> Marine Le Pen discursando do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2012.....	105
<b>Figura 5</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 1988.....	207
<b>Figura 6</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 1988.....	207
<b>Figura 7</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 1996.....	208
<b>Figura 8</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2007.....	208
<b>Figura 9</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2007.....	209
<b>Figura 10</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2007.....	209
<b>Figura 11</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2011.....	210
<b>Figura 12</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2013.....	210
<b>Figura 13</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2014.....	211
<b>Figura 14</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2017.....	211
<b>Figura 15</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2012.....	213
<b>Figura 16</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2012.....	213
<b>Figura 17</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2012.....	214
<b>Figura 18</b> Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2012.....	214
<b>Figura 19</b> Marca de campanha de 2012.....	214
<b>Figura 20</b> Cartaz de campanha de 2017.....	215
<b>Figura 21</b> Assinatura de campanha de 2017.....	215
<b>Figura 22</b> Discurso de Marine Le Pen 2017.....	215
<b>Figura 23</b> Cartaz de Marion Le Pen 2017 .....	216

## SUMÁRIO

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS ..... 16**

**CAPÍTULO 1 MEMÓRIA E TRADIÇÃO: FN-FRONT NATIONAL - A REIVINDICAÇÃO DE SI E DE UM LUGAR PARA SI NA TRADIÇÃO DA DIREITA FRANCESA ..... 33**

1.1 O Mundo muda, A França muda e o FN... se reconfigura .....	48
1.1.1 Origens .....	49
1.1.2 Criação e recriação do partido.....	50
1.1.3 O <i>Front National</i> parlamentar.....	58
1.1.4 Consolidação do partido.....	63
1.1.5 Segundo turno, crise e sucessão .....	65
1.2 O <i>Front National</i> e o universo das extremas direitas .....	69
1.2.1 Charles Maurras .....	69
1.2.2 Pierre Poujade .....	72
1.2.3 O FN no interior do universo da extrema direita francesa .....	74
1.2.4 O <i>Front National</i> no Universo extremista europeu.....	83
1.3 França, a luz do mundo .....	87
1.3.1 Valores republicanos .....	92
1.4 Lembrar e como lembrar: o rapto de Jeanne d'Arc.....	97
1.5 Em nome do povo.....	107

**CAPÍTULO 2 A GESTÃO DOS SENTIMENTOS E A (RE)CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO”..... 125**

2.1 O ressentimentos e a democracia .....	130
2.1.1 Ressentimento social e político .....	135
2.1.2 Memória e ressentimento .....	137
2.1.3 Marine Le Pen e os sentimentos políticos .....	140
2.2 A França – eu, os franceses.....	145
I Une France Libre.....	148
II Une France Sûre.....	150
III Une France prospère.....	152
IV Une France Juste .....	153

V Une France Fière.....	154
VI Une France Puissante.....	156
VII Une France Durable.....	156
2.3 A França – o eu, o outro .....	158
2.3.1 O outro e a intolerância .....	173
<b>CAPÍTULO 3 O TEATRO E A DEMOCRACIA: EM BUSCA DO PROTAGONISMO</b>	
.....	<b>181</b>
3.1 Marine Le Pen: Das palavras aos gestos .....	188
3.2 Uma mulher de direita.....	194
3.2 Imagem em modificação .....	206
3.1.1 Cartazes de campanha .....	212
<b>CAPÍTULO 4 A FACE OBSCURA DA DEMOCRACIA: AS INTENÇÕES DO <i>FRONT NATIONAL</i>.....</b>	<b>218</b>
4.1 “Nós” precisamos de Marine.....	223
4.2 Intenções xenófobas .....	229
4.2.1 O projeto Além-mar.....	233
4.2.2 A Islamofobia.....	238
4.3 Intenções autoritárias.....	247
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>254</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>262</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A ascensão de partidos de extrema direita na Europa tem demonstrado que ela volta a ganhar força no continente. Aproveitando-se de uma crescente insatisfação com o sistema político tradicional, que se estende até mesmo aos princípios democráticos e políticos de extrema direita, utilizando-se de temas como identidade, desemprego, imigração e segurança e atacando o projeto da União Europeia, esses partidos têm conquistado resultados eleitorais satisfatórios, que se tornam alarmantes por conta da abrangência e velocidade em que ocorrem.

Assim sendo, é possível afirmar que a extrema direita vive um crescimento que a coloca em um patamar de influência política não visto no continente desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Identidades, políticas ou sociais, são construídas: o crescimento da extrema direita passa pela construção de novas identidades sociais e uma busca pela gestão da memória e dos sentimentos.

É imprescindível salientar que essas forças, as extremas direitas, no plural, visto que são diversas e até divergentes entre si, tanto em forma quanto em estratégias, não estavam ausentes do cenário político e eleitoral europeu, mas sua influência não se dava de forma explícita nem aparecia de maneira massiva nos resultados eleitorais. Elas estavam presentes de maneiras sutis, visto que eram em certa medida alimentadas pelos resultados eleitorais tradicionais, que tinham números pouco satisfatórios, razão pela qual eram relegadas ao quase anonimato. Assim, permaneciam escondidas no subconsciente de forma até inacessível, podendo alimentar até mesmo o ressentimento, o que é fundamental para compreendermos os motivos pelos quais voltaram a ganhar forças no século XXI.

As extremas direitas europeias alcançaram uma forma nova para atingir o sucesso e aí reside um perigo: as mesmas forças de outrora voltam a ganhar protagonismo e ascendem ao poder com uma roupagem nova, valendo-se de problemas aparentemente novos, com soluções supostamente diferentes, mas que em muito replicam os momentos mais sombrios do século XX.

Estas forças políticas que outrora ficavam subalternas, até mesmo subterrâneas, hoje ganham um protagonismo avassalador no cenário político europeu, o que tem causado temor.<sup>1</sup> Por isso, uma pergunta é necessária: estaríamos nós, democratas, preparados para isso?

---

<sup>1</sup> Tais forças estão presentes no interior de partidos como: DFP-Partido Popular Dinamarquês, o FPÖ-Partido da Liberdade da Áustria, OVP-Partido Popular (Áustria), OS-Partido dos Verdadeiros Finlandeses, PVV-Partido para

Ou, se não nos preparamos ou não percebemos as estratégias ou possibilidades desse crescimento, não somos partícipes dele?

No entanto, cabe também salientar que, apesar das várias análises feitas em torno da ascensão das extremas direitas na Europa, em especial por conta da urgência que a temática impõe, há que fazer uma análise histórica, visto que há determinadas peculiaridades que escapam a outras análises. Ela permite notar que há uma historicidade por trás desse crescimento e que ele não sai do nada, não é atemporal. Existe uma continuidade, um processo de reorganização das formas internas e externas do crescimento das extremas direitas europeias, em especial da extrema direita francesa com o caso do FN-*Front National*. É possível, a partir da análise histórica, compreender que não se trata de algo acidental, e sim programado, e necessariamente este crescimento não é deslocado de sua realidade histórica externa nem interna tal como a realidade histórica francesa, europeia e mundial.

Por conseguinte, mesmo sabendo que o presente ajuda a moldar nossas perspectivas do passado e que nossos temores e urgências do presente orientam nossas reflexões em relação ao passado, é necessário não esquecer que o passado traz seus próprios ensinamentos, suas lógicas internas, ou seja, há uma razão própria do passado. É para isso que Marc Bloch chama a atenção em seu *A apologia da História ou o ofício do historiador* (2002). No tópico que intitula “passado e presente”, o autor apresenta uma solidariedade entre as épocas e explica que há uma interdependência entre passado e presente, que ser compreendida no seguinte trecho:

Do mesmo modo, essa solidariedade entre as épocas tem tanta força entre elas os vínculos de inteligibilidade são verdadeiramente de sentido duplo. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente. (BLOCH, 2002, p. 65)

As orientações de Marc Bloch buscam dar o valor necessário ao passado sem se desligar da necessidade de se entender os motivos pelos quais se interpela o passado, ou seja, quais motivações levam o historiador no presente a fazer tais perguntas. Um sem o outro se tornaria algo estéril e incompleto. O historiador prossegue:

A vida é muito breve, os conhecimentos a adquirir muito longos para permitir, até para o mais belo gênio, uma experiência total da humanidade. O mundo atual terá

---

a Liberdade da Holanda, SVP-Partido Popular Suíço, PiS-Lei e Justiça na Polônia, o FrP-Partido do Progresso na Noruega e a Liga do Norte na Itália. Todos com sucesso eleitoral recente.

sempre seus especialistas, como a idade da pedra ou a egiptologia. A ambos pede-se simplesmente para se lembarem de que as investigações históricas não sofrem de autarquia. Isolado, nenhum deles jamais compreenderá nada senão pela metade, mesmo em seu próprio campo de estudos; e a única história verdadeira, que só pode ser feita através de ajuda mútua, é a história universal. (BLOCH, 2002, p. 68)

É por conta desta inter-relação ou solidariedade das épocas, destacada por Marc Bloch, que este trabalho investiga o crescimento do *Front National*, em especial sob a gestão de Marine Le Pen [2011-2017]. Sendo feita uma leitura com base na História, almejando compreender as rupturas e permanências que propiciam e que sustentam seu crescimento.

As extremas direitas hoje não são nada mais do que facetas da extrema direita histórica, ou seja, suas raízes remetem tanto a grupos contrários à Revolução Francesa, antidemocráticos, quanto a grupos apoiadores e entusiastas do nazifascismo, até mesmo por isso há grande diversidade em seu interior, como defende Michael Löwy (2015, p. 653). Há uma elevada gama de tendências, movimentos e partidos políticos, mesmo que tenham características comuns e, claro, uma herança comum. Tal análise, a partir de um histórico das extremas direitas francesas, será feita no Capítulo 1, que conta especialmente com o suporte teórico de Michel Winock (2015). Aqui, contentamo-nos em apresentar as extremas direitas como movimentos com uma herança e especialmente continuidade histórica.

A extrema direita francesa, em especial o *Front National*, ganha novos contornos propícios de seu tempo, se reconstrói a partir de seu passado, mas busca ler seu presente. Para isso, utiliza-se inclusive de uma retórica democrática, fazendo defesa da democracia e acusando seus adversários de atacarem os princípios democráticos. A nova onda de crescimento das extremas direitas requer necessariamente que se entenda o período histórico em que se movimentam, se reconstróem. Tal leitura é o que o *Front National* tem feito, em especial sob a direção de Marine Le Pen. Ele tem buscado fazer uma adequação para o tempo em que está presente, que será chamado durante a investigação de processo de desdemonização do *Front National*.

Promover uma análise que não considere ou não englobe o crescimento das extremas direitas europeias e, em especial, como é o caso aqui, o emblemático crescimento da extrema direita francesa, em sua própria historicidade é permitir que sejam criados argumentos políticos e eleitorais em torno dele por grupos políticos distintos. Isso pode se dar tanto por parte de grupos aliados a esse crescimento quanto por grupos que são contrários à extrema direita e que buscam fazer uso eleitoral dela. Tal constatação torna a análise proposta

significativa para a compreensão do crescimento das extremas direitas na Europa, partindo do caso francês, uma vez que se buscavê-lo em um processo histórico, e não como um evento efêmero.

Partindo de tal pressuposto, a presente investigação é desenvolvida para compreender as estratégias utilizadas pelo Front National e captar as transformações promovidas pela gestão de Marine Le Pen, levando em consideração como sua gestão se utiliza das bases do próprio partido e como este se inseriu no sistema político francês, em especial entre os grupos de extrema direita. Observa-se que a extrema direita francesa tem sua origem, como argumenta Michel Winock (2015, p. 8-10), em duas tradições distintas: uma contrarrevolucionária e outra populista, ou ultrapopulista. Conhecer não apenas suas origens, mas também seus desdobramentos é primordial para compreender seu crescimento no século XXI.

A ascensão alarmante das extremas direitas, e em especial do *Front National* na França, faz com que a pesquisa aqui desenvolvida ganhe alguns contornos importantes. Ao destacar seu caráter acadêmico, é necessário salientar que é um esforço que parte dos pressupostos oriundos da História, conferindo à pesquisa um caráter específico que a obriga a observar permanências e mudanças, rupturas e continuidades nesse crescimento. Pensar em um histórico da própria extrema direita e do *Front National* confere à presente pesquisa um caráter de autenticidade e relevância em meio às análises da reestruturação e do crescimento do FN.

No que tange à relevância social, no decorrer da pesquisa grupos de extrema direita foram atingindo sucesso eleitoral em locais diversos na Europa e na América, como no Brasil, por exemplo.<sup>2</sup>

Claro, a ideia e a intenção de compreender o crescimento da extrema direita não é algo gratuito: aqui entra a relevância pessoal do tema, tal como o crescimento eleitoral de políticos de extrema direita no século XXI tem uma historicidade, chega-se aqui de forma pessoal, também com uma historicidade. A intenção de buscar compreender o crescimento das extremas direitas, sua influência e seus resultados eleitorais se deu por conta de uma percepção de que grupos de ultradireita fazem uso dos aparatos democráticos para permanecer presentes

---

<sup>2</sup> Viktor Orbán na Hungria [2010] Recep Erdoğan na Turquia [2014], Mateusz Morawiecki na Polônia [2017], Donald Trump nos Estados Unidos da América [2016], Mario Benitz no Paraguai [2018] e Jair Bolsonaro no Brasil [2018]. Para além dos cargos principais do executivo há um avanço no legislativo em diversos países, o SVP-Partido Popular Suíço com 29% dos votos na eleição de 2015, DFP-Partido Popular Dinamarquês que obteve 21% dos votos nas eleições de 2015 e compõe o governo, o FPÖ-Partido da Liberdade da Áustria e o OS-Partido dos Verdadeiros Finlandeses que é parte do governo desde 2015.

na memória do Ocidente, mesmo que de maneira subalterna. Por conta disso, a proposta inicial, que se concretizou no decorrer da pesquisa, visava entender como mecanismos como memória e sentimentos foram utilizados, como a democracia que deveria se autoproteger de propostas autoritárias e intolerantes viabiliza tais projetos. Assim sendo, a urgência do tema faz com que sua relevância acadêmica se misture à social e, também, à pessoal.

É primordial compreender as formas que são utilizadas para o crescimento e quais demandas são escaladas porque o *Front National* em sua empreitada em busca de poder, mais especificamente, na intenção de conquistar o cargo máximo da República Francesa, diversifica seu discurso, traça novas estratégias que envolvem a gestão de memória, da tradição e dos sentimentos políticos; dá, portanto, uma nova roupagem para o partido, muda suas lideranças e, até mesmo, sua principal personagem pública e porta-voz, sai Jean-Marie Le Pen e entra sua filha, Marine Le Pen, buscando se reconstruir para se adequar às regras do jogo democrático sem deixar de lado suas bases ideológicas.

Essa nova roupagem do partido tem sido chamada de desdemonização, tanto por parte de críticos quanto por parte do próprio partido. Expressão que passou a ser corrente na língua francesa, tanto que, em 2016, ao lado de outras 150 novas palavras, aparece no dicionário *Larousse*, com a seguinte definição “« *Action de dédiaboliser, de faire cesser la diabolisation de quelque chose, de quelqu'un* »”<sup>3</sup>. É importante salientar que nos últimos anos a palavra é recorrentemente ligada ao FN, em sua tentativa de afastar o partido do estigma de extrema direita, buscando gerir sua própria memória na medida em que ao longo de sua história possui ligações diretas com a extrema direita francesa e europeia, além de aproximações com grupos neofascistas como a ON-*Ordre nouveau*.

Com a ascensão de Marine Le Pen ao cargo máximo do partido, em 2011, a estratégia de desdemonização ganha força no interior do FN, buscando reformular a imagem do grupo como um partido mais moderado, em suma como “um partido como os outros”, o que passa necessariamente por mostrar que o FN não é autoritário, machista, racista, xenófobo ou antisemita. É uma tentativa de normalização do partido no interior do cenário político francês.

Para Alexandre Dézé (2014, p. 47) o ressurgimento político do FN desde 2011 é algo notável, uma vez que foi dado como “morto” por alguns observadores políticos no fim da década de 2000. É importante destacar que a força recente que o partido ganha pode ser enquadrada em um conjunto de causas econômicas já identificáveis, tal como na época de seu

---

<sup>3</sup> Ação de desdemonizar, cessar a demonização de algo ou de alguém.

primeiro crescimento, há trinta anos: crise econômica e social, rejeição da política tradicional, desapontamento e ressentimento em relação ao executivo, avanço de reações conservadoras à agenda progressista da esquerda, crítica ao estado de bem-estar, politização das questões de imigração e segurança pública, etc. Esses dados que formam uma conjuntura sócio-histórica ainda estão presentes hoje, amplificaram-se inclusive, e, como outrora, favorecem a ascensão eleitoral do FN.

Todavia, a normalização do partido, tratado como desdemonização, cria nova dinâmica para o FN tanto interna quanto externamente. Alexandre Dézé defende que tal processo pode ser entendido no interior de sua própria história e na história das extremas direitas francesas:

Concernant la stratégie de dédiabolisation, il faut commencer par rappeler que le FN a toujours cherché à se « respectabiliser » dès lors qu'il s'est inscrit dans une logique de conquête du pouvoir. La création même du parti relève de l'adoption de cette stratégie, puisque le FN est fondé en 1972 par les responsables du mouvement néofasciste Ordre nouveau dans le but de se constituer une façade politique légaliste et de participer aux élections législatives de 1973. Mais bien plus, il faut noter que l'entreprise de « dédiabolisation » de Marine Le Pen s'inspire en grande partie de la stratégie mise en oeuvre par Bruno Mégret à partir du milieu des années 1980, qu'il s'agisse de l'euphémisation du discours (hier la préférence nationale, aujourd'hui la priorité nationale), de la création d'une structure périphérique visant à attirer des candidats de droite (hier le Rassemblement national, aujourd'hui le Rassemblement bleu marine), de la politique de main tendue en direction de la droite (hier le programme minimum commun des élections régionales de 1998, aujourd'hui la charte d'action municipale au service du peuple français), de la création de groupes d'experts (hier le Conseil scientifique du Front national, aujourd'hui le think tank « Idées nation »), ou de la captation de personnes ressources censées attester la normalité politique du parti (hier l'énarque Jean-Yves Le Gallou ou l'universitaire Jules Monnerot, aujourd'hui l'avocat Gilbert Collard ou l'humoriste Jean Roucas).<sup>4</sup> (DÉZÉ, 49-50)

A estratégia de desdemonização não é algo novo para o FN, visto que desde sua fundação, que se deu no interior de um movimento neofascista, teve que se justificar enquanto

<sup>4</sup> No que diz respeito à estratégia da desdemonização, devemos começar por recordar que o FN sempre procurou se tornar respeitável, uma vez que entrou em uma lógica de conquista do poder. A própria criação do partido surge da adoção desta estratégia, uma vez que o FN foi fundado em 1972 pelos responsáveis do movimento neofascista Ordem Nova com o objetivo de formar uma fachada política legalista e participar das eleições legislativas de 1973. Mas, muito mais que isso, deve-se notar que a execução da desdemonização de Marine Le Pen se inspira muito na estratégia implementada por Bruno Mégret a partir da metade dos anos 1980, que nada mais é que a eupemização do discurso (ontem a preferência nacional, hoje a prioridade nacional), da criação de uma estrutura periférica destinada a atrair candidatos de direita (ontem a União nacional, hoje a União azul marinho), da política de mão estendida para a direita (ontem o programa mínimo comum das eleições regionais de 1998, hoje a carta de ação municipal a serviço do povo francês), da criação de grupos de especialistas (ontem o Conselho Científico da Frente Nacional, hoje o think tank “Ideias da nação”), ou da captação de especialistas que atestem a normalidade política do partido (ontem o tubarão Jean-Yves Le Gallou ou o acadêmico Jules Monnerot, hoje o advogado Gilbert Collard ou o comediante Jean Roucas).

um partido moderado para participar dos processos eleitorais. Contudo, é algo real, que vem se efetivando, ganhando um caráter novo com a ascensão de Marine Le Pen, podendo ser entendida como um mecanismo no projeto de poder do FN. Com isso surgem perguntas: como procede a desdemonização? Como essa fase da desdemonização se caracteriza? De quais mecanismos se utilizam e, especialmente, qual o seu alcance.

A expressão desdemonização torna-se corriqueira no FN na década de 1990, introduzida por Bruno Mégret<sup>5</sup>. Para Valérie Igouinet (2015a) a desdemonização ganha forma nas eleições regionais de 1992, quando, em uma nota interna, em 17 de abril, são dados os detalhes do projeto. Nele, a desdemonização é apresentada como única solução para as pretensões do partido de conquistar o cargo máximo da República Francesa, para isso o projeto deve permitir que o FN se posicione de maneira diferente no cenário político, na medida em que busca mostrar que este tem uma ideologia mais consensual e que se adequa ao jogo democrático. Para tanto, na intenção de construir um partido “menos pejorativo e mais nacionalista”, com a intenção de trabalhar a credibilidade do FN busca mudar sua imagem. Três aspectos são destacados:

- le travail sémantique, la « bataille des mots »: il faut « rassurer, plaire et faire rêver (...) vendre de l’amour ».
- l'évolution du discours sur les marqueurs du FN tout en puisant ses thèmes dans le patrimoine des autres partis politiques. Le FN confirme l'élargissement de ses thématiques jusqu'à aborder celles qui semblaient réservées à ses opposants politiques.
- l'insistance sur le social. Comme le rapporte la note interne, il est nécessaire de prendre davantage en compte la « défense des Français », les préoccupations des milieux populaires pour lesquels il faut valoriser un programme social. Par exemple, en ce qui concerne « l'anti-immigration, il s'agit d'adopter une attitude de riposte: parler de l'exclusion sociale des Français ». Il est temps de « récupérer le mythe de la justice sociale que s'est appropriée la gauche ». <sup>6</sup> (IGOUNET, 2015a)

---

<sup>5</sup> Bruno Mégret é um importante nome da extrema direita francesa, com militância em movimentos ultradireitistas como o RPR-Rassemblement pour la République e o CAR-Comités d’Action Républicaine –liderado por ele mesmo até ingressar no FN na década de 1980, de que se tornará um de seus principais líderes até romper com Jean-Marie Le Pen, em 1998, quando fundará seu próprio partido: o MNR-Mouvement National républicain.

<sup>6</sup> - o trabalho semântico, a “batalha das palavras”: é preciso “tranquilizar, agradar e fazer sonhar” (...) vender o amor”.

- a evolução do discurso sobre as características do FN, todas explorando seus temas dentro do legado dos outros partidos políticos. O FN confirma a ampliação de suas temáticas, chegando a abordar aquelas que pareciam reservadas para seus oponentes políticos.

- a insistência no social. Como relata a nota interna, é preciso levar vantagem considerando a “defesa dos franceses”, as preocupações dos círculos populares para os quais é preciso valorizar um programa social. Por exemplo, no que diz respeito à “anti-imigração, trata-se de adotar uma atitude de retaliação: falar da exclusão social dos franceses”. É hora de “recuperar o mito da justiça social de que a esquerda se apropriou.

É importante salientar que esse direcionamento fará parte do FN desde então, a busca por uma suavização de sua forma encontra como entrave natural a pessoa de Jean-Marie Le Pen, até então porta voz do partido, que por seu histórico que evidencia postura pouco moderada acaba por afastar o partido do projeto de desdemonização.

Valérie Igouinet aponta ainda que a desdemonização proposta por Bruno Mégrét repousa em sete pontos, são eles:

1. « Combattre la qualification d'extrémisme ». Il s'agit d'utiliser des termes simples et peut-être de « désigner et de stigmatiser les mouvements d'extrême droite afin de nous démarquer géographiquement et idéologiquement de ce qualificatif ».
2. « Riposter aux accusations sur la Seconde guerre mondiale ». Le FN veut faire connaître par des « documents grand public » sa position qui doit rappeler la « condamnation du nazisme et de ses exactions, celle du régime de Vichy, la présence d'anciens résistants dans nos rangs et notre discours de réconciliation nationale ».
3. « Mettre les lobbies en porte-à-faux ». Il serait « souhaitable de mener une politique de dialogue et de main tendue en direction de ceux au nom de qui on nous attaque ».
4. « Développer le thème de la nouvelle résistance ». Il faut démontrer que « notre combat d'aujourd'hui s'apparente à celui des résistants d'hier et donner corps à cette thématique en mettant en avant nos anciens résistants et les motivations qui sont les leurs pour s'engager à nos côtés ».
5. « Contre-attaquer les médias ».
6. « Éviter de donner prise à la diabolisation » dans le but « d'accroître le fossé qui sépare ce qu'on dit sur nous de ce que nous sommes. À cette fin, le vocabulaire d'avant-guerre doit être proscrit et surtout tous les propos qui peuvent être interprétés comme des manifestations de racisme ou d'antisémitisme. La ligne des journaux proches du Front national devrait être revue en conséquence ».
7. « Accroître l'invisibilidade d'un Front national prétendument [sic] fasciste »<sup>7</sup>. (IGOUNET, 2015a)

---

<sup>7</sup> 1. “Combater a caracterização de extremismo.” É uma questão de usar termos simples e talvez de “apontar e estigmatizar os movimentos da extrema direita para nos distanciarmos geográfica e ideologicamente desta caracterização.”

2. “Responder as acusações sobre a Segunda Guerra Mundial.” O FN quer tornar conhecida, pelos “documentos ao grande público”, sua posição que deve recordar a “condenação do nazismo e seus abusos, a do regime de Vichy, a presença de antigos combatentes da resistência entre nós e nosso discurso de reconciliação nacional”.

3. “Colocar os lobbies numa situação difícil.” Seria “desejável conduzir uma política de diálogo e estender a mão para aqueles em cujo nome nos atacam.”

4. “Desenvolver o tema da nova resistência.” Temos de demonstrar que “a nossa luta hoje é semelhante à dos resistentes de ontem e dar corpo a este tema, destacando os nossos antigos combatentes da resistência e as motivações deles para ficarem do nosso lado.”

5. “Contra-atacar a mídia.”

6. “Evitar a demonização” no intuito de “aumentar a lacuna entre o que é dito sobre nós e o que nós somos. Para este fim, o vocabulário pré-guerra deve ser proibido, principalmente todas as palavras que possam ser interpretadas como manifestações de racismo ou antisemitismo. Assim, a linha de jornais próxima do Front National também deve ser revisada.”

7. “Aumentar a inverossimilhança de um *Front National* supostamente [sic] fascista.”

Os pontos destacados por Mégret possibilitam notar que a desdemonização é um projeto que visa uma reorganização interna, entretanto, tal reorganização se dá com o intuito de reformular a imagem do partido mais do que reformular o partido em si, ou seja, visa se colocar como “um partido como os outros” sem necessariamente ter a preocupação de ser “um partido como os outros”. É em certa medida uma revisão do próprio partido, em especial a partir da forma com ele é entendido e tratado por seus adversários no cenário político francês.

Valérie Igouinet (2015a) destaca que a prioridade é superar a desvantagem da demonização, que não é apenas um temor dos eleitores, mas também utilizada por seus adversários. O que se dá pelo FN ter uma falta de credibilidade que funciona como entrave para suas pretensões políticas. A autora aponta ainda que o ponto central da demonização é a figura de Jean-Marie Le Pen, que desde o final da década de 1980 é seu grande responsável. Seus deslizes tornaram-se obstáculos para as pretensões e até mesmo para o futuro político do *Front National*.

Bruno Mégret se tornou um dos nomes mais importantes do partido, sendo Secretário Geral de 1987 até 1997, quando foi substituído por Bruno Gollnisch. Empenhou-se incessantemente na década de 1990 em enfraquecer a figura de Jean-Marie Le Pen no interior do FN, buscando com seu projeto de desdemonização excomungar o fundador do partido e sua herança. Ganhando popularidade no interior do partido acabou criando uma ala “mégretista”; no entanto, ele se desliga do partido em 1998.

As prioridades temáticas destacadas por Bruno Mégret vêm ser a base programática do *Front National* sob a gestão de Marine Le Pen, mesmo que um ponto fundamental da desdemonização seja isolar ou até mesmo se livrar da principal figura da demonização do partido, seu pai. Uma pergunta torna-se fundamental, até que ponto esse se “livrar” é real?

Desde que assumiu o partido, Marine Le Pen faz questão de defender que o *Front National* é um partido democrático, buscando o afastar da extrema direita. Alexandre Dézé (2015, p. 27) aponta que desde a ascensão de Marine Le Pen o termo desdemonização tornou-se rotineiro no interior do FN, sendo parte importante de seu léxico em sua estratégia de poder, em especial em sua busca de uma normalização semântica. A desdemonização torna-se algo para além de um mero conceito no interior do partido, mas algo estrutural como afirma Dézé (2015, p. 28) “Elle fonctionne également désormais comme une sorte de concept magique qui

serait susceptible d’expliquer l’évolution récent du parti”.<sup>8</sup> A transformação do partido passa necessariamente pela desdemonização.

A desdemonização funciona como uma contraofensiva teórica e retórica, buscando inverter o discurso de partidos rivais que buscam demonizar o FN. É uma maneira de defender o partido como “outro partido qualquer”, um partido “normal”, jogando a responsabilidade da ilegitimidade apontada para o FN como uma criação de seus adversários e não algo relacionado à sua história. O que pode ser visto na declaração de Jean-Marie Le Pen em julho de 2014: “La diabolisation ne dépend pas de nous. Elle dépend de nous ennemis.”<sup>9</sup> (LE PEN, J apud Dezé, 2015 p. 28). O *Front National* busca inverter a retórica alegando que a demonização faz parte de um complô que parte de uma retórica vitimista dos partidos opositores, justificando assim a desdemonização.

Alexandre Dézé (2015, p. 29) chama à atenção para a complexidade de se analisar a desdemonização:

La dédiabolisation est donc bien plus qu’un mot. Elle est également le produit d’une vision du monde qui s’ancre au plus profond de l’orthodoxie frontiste . En faire usage n’est donc pas neutre et revient non seulement à donner crédit au discours frontiste sur la diabolisation, mais également à faire oublier que le FN est aussi l’agent de sa propre diabolisation [...]. De même, à rebours des usages désormais ordinaires qui en sont faits par les médias, on ne saurait considérer la dédiabolisation comme un concept opératoire que permettait de saisir la réalité frontiste. (...) Enfin parce que la dédiabolisation, ou du moins ce à quoi elle renvoie, n’est en rien un phénomène nouveau.<sup>10</sup>

O projeto de desdemonização é algo que conta com uma organização interna, ao mesmo tempo em que conta com a forma como é tratado externamente. O projeto em si, não deve ser visto apenas como uma suavização do discurso, ou como algo deslocado de sua história, a desdemonização conta diretamente com a demonização do partido, é como se funcionasse como um motivo para a desdemonização, algo premeditado.

<sup>8</sup> De agora em diante, ela também funciona como uma espécie de conceito mágico que poderia explicar a evolução recente do partido.

<sup>9</sup> A demonização não depende de nós. Depende de nossos inimigos.

<sup>10</sup> A desdemonização é, portanto, muito mais que uma palavra. Ela também é o produto de uma visão do mundo que está ancorada nas profundezas da ortodoxia frentista. Assim, usá-la não é algo neutro e envolve não só dar crédito ao discurso frentista sobre a demonização, mas, do mesmo modo, esquecer que o FN também é o agente de sua própria demonização [...]. Da mesma forma, diante dos usos agora banais feitos pela mídia, não se pode considerar a desdemonização como um conceito operacional que permitiria compreender a realidade frentista. (...) Finalmente, porque a desdemonização, ou pelo menos aquilo a que ela remete, não é de forma alguma um fenômeno novo.

Alexandre Dézé (2015, p. 29-30) argumenta:

Elle permet ainsi de montrer que les notion de dédiabolisation et de diabolisation relèvent du répertoire stratégique ordinaire du FN, que la dédiabolisation mariniste n'a pas grand-chose d'inédit, et que la diabolisation constitue un impératif stratégique pour l'organisation frontiste plus qu'une potentielle à sa dédiabolisation.<sup>11</sup>

Mesmo que a desdemonização marinista não seja vista como algo necessariamente inédito, pode ser entendido dentro das transformações históricas do próprio partido como um novo passo no projeto de poder do FN. A desdemonização é um projeto concreto, a partir disso é possível indagar sobre como é colocado em prática e quais seus alcances.

Alexandre Dézé (2015, p. 32-33) defende que a desdemonização pode ser vista sob duas perspectivas distintas. A primeira busca entender o processo histórico de constituição do partido, alegando que tanto a demonização (radicalização) quanto a desdemonização (normalização/suavização) do *Front National* devem ser compreendidas no interior de um projeto de poder e de uma série de ajustamentos das normas do jogo político eleitoral francês; assim, a conquista do poder passaria necessariamente por esses ajustamentos. A segunda, parte do princípio inverso, de que o FN busca suavizar seu discurso sem abandonar sua essência doutrinal radical, desta maneira, não há uma real modificação, nem mesmo no que diz respeito aos ajustamentos das normas, havendo apenas uma ilusão de mudança.

Desta maneira, parte-se do princípio de que a desdemonização não é necessariamente uma inovação de Marine Le Pen; ao mesmo tempo, defende-se aqui que, para compreender tal estratégia, não se deve partir das hipóteses de Dézé de forma separada, mas que a união das duas explica melhor o processo de desdemonização do partido, que ganha contornos marcantes sob a gestão marinista. Há transformações importantes, mas que, visto ao longo do projeto de busca pelo poder, apenas reforça sua base doutrinal.

À vista disso o *Front National* marinista – sob a direção de Marine Le Pen – é uma continuidade do *Front National* lepenista – sob a direção de Jean-Marie Le Pen. Assim sendo, como entender o projeto de desdemonização? Quais seus objetivos? Seus alcances? E especialmente, quais instrumentos utilizados para uma renovação e suposta abertura sem que

---

<sup>11</sup> Assim, ela permite mostrar que a noção de desdemonização e de demonização se originam do repertório estratégico comum do FN, que a desdemonização marinista não tem nada de muito inédito, e que a demonização constitui um imperativo estratégico para a organização frentista, mais que um potencial para a sua desdemonização.

perca sua base doutrinal? Mas, especialmente, buscar entender como isso posiciona o FN em sua empreitada para a conquista de poder.

Isso porque a estratégia de desdemonização colocada em prática por Marine Le Pen – apesar de não ser algo inédito nem em termos estratégicos, nem em termos conceituais – recoloca o FN como um dos principais partidos franceses. A desdemonização, que é um projeto em curso, redireciona as estratégias do partido, modificando alguns enfoques. Mas faz dele um partido novo? Até que ponto essas novidades não são reafirmações de sua velha base doutrinal e estratégias em busca do poder?

Desta maneira, não basta constatar que há um crescimento do FN: há de se entender como este o formulou e o desenvolveu. Em síntese, quais são os elementos novos que propiciam esta ascensão e quais os elementos tradicionais que a sustentam?

A busca por compreender as modificações do partido sob a gestão de Marine Le Pen valoriza a perspectiva histórica, buscando considerar sua inserção na história do partido e o período específico em que ocorrem. Para tal, o trabalho foi estruturado nas seguintes partes:

O primeiro capítulo intitulado: *Memória e tradição: a reivindicação de si e de um lugar para si na tradição francesa por parte do FN* – busca mostrar que o partido se insere em uma longa tradição política na história francesa, especialmente com características e diálogos que possibilitam que seja caracterizado como um partido de extrema direita. Para tal, é feito um histórico da extrema direita francesa e uma análise de termos importantes como fascismo e totalitarismo, visto que esses conceitos são utilizados por rivais do FN para caracterizá-lo, conceitos importantes na medida em que o capítulo tem como intenção traçar um histórico do partido e como esse se posiciona no interior do sistema político francês. Dando seguimento, no ponto 1.1 *O Mundo muda, A França muda e o FN... Se reconfigura* – a demonstração dos motivos que fazem o *Front National* se colocar entre os principais partidos franceses em especial por conta de sua capacidade de ler as transformações de cada época e se valer delas. Para isso é feito um histórico do partido, sendo que no ponto 1.1.1 *Origens* que a constituição do FN é resultante de um conturbado cenário em que grupos de extrema direita buscavam se inserir. A partir disso, o partido em si passa por marcantes transformações, que são tratadas nos pontos subsequentes, 1.1.2 *Criação e recriação do partido* mostra como o ultranacionalismo é um dos demarcadores dos primeiros anos do FN e como acaba por moldar algumas de suas pautas. Neste ponto é destacado que o partido surge ao agregar uma variedade de grupos e vertentes da extrema direita francesa, algumas delas discordantes entre si, o que causa um

processo de ruptura. O ponto 1.1.3 *O Front National parlamentar* vem tratar do período em que o FN se estabelece de fato como um partido com alcance nacional, especialmente por conta de seu sucesso eleitoral, que está ligado diretamente com uma administração centralizada e um maior controle doutrinário. O ponto 1.1.4 *Consolidação do partido*, versa sobre o período em que a consolidação do partido prossegue, tanto em nível local quanto nacional, no entanto é um período marcado por divergências internas, em especial entre Bruno Megrét e Jean-Marie Le Pen, o que levaria à saída de Megrét, em 1998. O ponto 1.1.5 *Segundo turno, crise e sucessão* constitui-se em um período que paradoxalmente, apesar da chegada ao segundo turno nas eleições presidenciais de 2002 com Jean-Marie Le Pen, o partido perdeu drasticamente sua força, fazendo com que o próprio Jean-Marie Le Pen fosse substituído por Marine Le Pen na presidência do partido.

O ponto 1.2 *O Front National e o universo das extremas direitas* – apresenta como o *Front National* se relaciona com outros partidos e grupos de extrema direita, tanto dentro da França quanto em outros importantes países europeus. Antes, porém, são tratadas as influências de Charles Maurras e Pierre Poujade nos pontos 1.2.1 e 1.2.2 respectivamente. Para assim, no ponto 1.2.3 ocupar das relações do FN no interior do campo histórico da direita na França e no 1.2.4 discutir sobre as relações do FN com as extremas direitas europeias.

Já o ponto 1.3 *França, a luz do mundo – la gestion des sentiments et de la tradition [Marine Le Pen]*, busca certificar que o fato do *Front National* se inserir no interior de uma tradição da extrema direita francesa, faz com que ele tenha um alcance limitado e com a ascensão de Marine Le Pen o partido busca diversificar seus eleitores tentando se apropriar de questões importantes no intuito de gerir sentimentos políticos, com isso, o FN busca reelaborar a tradição de uma forma que possa usar isso a seu favor na busca de votos, desta maneira a “tradição francesa” ganha centralidade nos discursos e programas eleitorais, defendendo que fará a França voltar a ser a luz do mundo. Com novo trato no que diz respeito à tradição francesa os valores republicanos, tidos como positivos, e que soam incomum no interior das extremas direitas francesa, a forma como o FN nessa nova fase passa a se utilizar disso conduz o ponto 1.3.1 *Valores Republicanos*.

O ponto 1.4 *Lembrar e como lembrar: o rapto de Jeanne d'Arc* discorre sobre como que na reconstrução de si o FN, na gestão marinista, busca gerir cuidadosamente sua memória, almejando gerir sua memória visa modificar também a forma como os outros enxergam o partido, em especial eleitores que não necessariamente votam no FN. Nesse trato da memória

elege para si alguns símbolos nacionais, em especial o de Jeanne d'Arc, buscando fazer desta um símbolo quase que exclusivo do partido.

O ponto 1.5 *Em nome do povo* ganha importância por conta de utilizações constantes que o FN faz ao longo de sua história e especialmente porque povo passa a ser uma expressão ainda mais recorrente a partir da gestão de Marine Le Pen, intitulando inclusive o programa de campanha de 2017 “Em nome do povo”. Como se trata de um conceito complexo, o capítulo busca refletir sobre como ele foi construído e utilizado politicamente, em especial no mundo moderno.

O segundo capítulo intitulado *A gestão dos sentimentos e a (re) construção do “inimigo”* se ancora na gestão de sentimentos políticos e como estes são utilizados para atender a demandas políticas e eleitorais. Isso é feito porque uma das estratégias do FN marinista é se utilizar de forma programada da gestão dos sentimentos políticos, fazendo disso uma força. Para tal, apoio-me no pensamento de Pierre Ansart (1983, 2000, 2009) e Stella Bresciani (2002, 2009).

O ponto 2.1 *Os ressentimentos e a democracia* aborda na dimensão afetiva da vida humana, os ressentimentos, na medida em que estes podem ser utilizados como ferramenta política. Para tal, é feito um trabalho conceitual sobre ressentimento. Para assim, no ponto 2.1.1 *Ressentimento social e político* analisar sobre os alcances do ressentimento nos campos social e político como o próprio subtítulo já expressa. Feito isso, o ponto 2.1.2 *Memória e ressentimento* busca dar conta das relações íntimas entre memória e ressentimento. No ponto 2.1.3 *Marine Le Pen e os sentimentos* busca-se entender como o *Front National* marinista, em especial a própria Marine Le Pen, visa utilizar-se da gestão de sentimentos para respaldar seus argumentos, fazendo uso constante de apropriações simbólicas e aspectos históricos muito bem selecionados para atender suas demandas, dando especial carga afetiva a eles.

O ponto 2.2 *A França – Eu, os franceses* reflete sobre como o FN sob a gestão de Marine Le Pen utiliza-se da questão da identidade francesa, construída segundo sua própria perspectiva, para erigir seus argumentos. Para isso é feito no interior do tópico uma discussão que envolve identidade para buscar evidenciar as maneiras como Marine Le Pen se utiliza da identidade francesa em sua empreitada. Logo depois é feita uma análise de como isso é tratado

no interior do programa de governo de 2017, *Au nom du people – 144 engagements présidentiels*<sup>12</sup> sendo apreciado em sua totalidade, proposta por proposta.

No ponto 2.3 *A França – o eu, o outro*, exprime como na estruturação argumentativa de Marine Le Pen a identidade francesa construída a partir de uma França constantemente ameaçada por um “outro”, tentando assim colocar a França e os franceses como vítimas. Com isso, o ponto 2.3.1 *O outro e a intolerância* – busca entender a forma como questões sobre tolerância e intolerância são tratadas no interior do projeto marinista e como este projeto busca construir o “outro” como intolerante.

O terceiro capítulo, *O teatro e a democracia: em busca do protagonismo*, aborda as modificações do FN com o projeto de desdemonização, em especial no que diz respeito a formas, discursos e estratégias. Buscando compreender a substituição de Jean-Marie Le Pen por Marine Le Pen e também a forma como o partido se apresenta. Dando especial atenção a seus gestos, tom de voz, maneiras de se vestir, formas de discursar, visto que como porta voz do partido passa ser uma personagem central e cobrada por seus gestos. O fazer democrático traz consigo uma gama de gestos que estão envolvidos em todas as suas etapas, fazendo com que a democracia tenha uma teatralidade elevada. Quem busca o poder por vias democráticas ou se adaptar às regras democráticas deve necessariamente observar essa teatralidade. Na tentativa de desdemonização do partido, Marine Le Pen não apenas observa tais questões como busca fazer uso de estratégias que potencializem sua aceitação no interior da democracia francesa.

No interior do capítulo encontra-se o ponto 3.1 *Marine Le Pen: das palavras aos gestos*, ao entender que o governo de si se faz fundamental no interior das democracias modernas, busca-se demonstrar que no processo de desdemonização há mudanças na forma de se portar, que contemplam linguagem, mas também seus gestos, maneiras de falar, tal como o tom de voz e modos de vestir são analisados no tópico.

O tópico 3.2 *Uma mulher de direita* aborda as transformações na imagem do partido explorando o fato de Marine Le Pen ser mulher, tratando em especial documentos que exploram isso e sua intenção de se aproximar das mulheres francesas e ainda outros grupos, como jovens e homossexuais. Buscando refletir sobre quais os limites dessa utilização.

---

<sup>12</sup> Em nome do povo – 144 Compromissos presidenciais.

*Imagen em modificação*, que corresponde ao tópico 3.3, explora como na transição de poder de Jean-Marie Le Pen por Marine Le Pen a figura da atual presidente do partido é fundamental no processo de desdemonização, havendo uma troca da forma como a imagem da presidente é gerida. Para tal, são analisados alguns cartazes de desfiles do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc e de campanha presidencial de Marine Le Pen.

O quarto capítulo *A face obscura da democracia: as intenções do Front National* busca analisar que, mesmo com o esforço para se mostrar como um partido que aceita e contribui para a democracia francesa, o FN não se desfaz de suas raízes autoritárias e extremistas. No capítulo, é feita uma exposição de como essas raízes ainda orientam o partido e seu projeto de poder, sendo apenas remanejadas no interior do projeto.

O ponto 4.1 *Nós precisamos de Marine* examina como Marine Le Pen, assim como seu pai, se coloca no centro de um personalismo nacionalista e como isso vem ser central no desenvolvimento de seu projeto político, mas sobretudo, se há transformações no que diz respeito ao personalismo.

Já o tópico 4.2 *Orientações xenófobas* demonstra como a xenofobia persiste no interior do FN sob a gestão de Marine Le Pen, havendo uma reconfiguração da forma como ela é operacionalizada. Para isso, além de discursos e documentos assinados por Marine Le Pen é feita uma análise do voto no FN, quais foram às transformações dos eleitores sob a gestão de Le Pen pai para Le Pen filha e até que ponto isso é significativo a ponto de assinalar transformações.

Por fim, o ponto 4.3 *Intenções autoritárias* analisa as incessantes acusações de Marine Le Pen de que seus adversários são autoritários, buscando em diversos momentos defender o quanto seus programas e intenções são democráticos. Busca-se, certificar até que ponto as intenções do FN são democráticas, quando se afasta da democracia e, havendo, como funcionam as intenções autoritárias no interior de tal processo.

Finalmente, é preciso esclarecer algumas opções relativamente a fontes que foram selecionadas no decorrer da análise. Antes de mais nada, explica-se que a opção pelos programas de campanha, discursos, blog pessoal de Marine Le Pen, cartazes e propagandas televisivas se deu pela intenção de captar as maneiras como elementos subjetivos são aplicados no projeto de desdemonização, mesmo que isso gerasse, tal como gerou, um volume grande de documentos. Portanto, há uma diferença substancial entre os documentos que se referem

diretamente à gestão de Jean-Marie Le Pen e aqueles relativos à gestão de Marine Le Pen, o que se justifica, já que o foco é o crescimento do *Front National* sob a gestão marinista.

# CAPÍTULO 1

## **MEMÓRIA E TRADIÇÃO: FN-FRONT NATIONAL - A REIVINDICAÇÃO DE SI E DE UM LUGAR PARA SI NA TRADIÇÃO DA DIREITA FRANCESA**

Como o *Front National* é ativo no processo político as caracterizações políticas a seu respeito são constantes, a principal delas é que esse é um partido de extrema direita. Mas é plausível essa caracterização? E como o próprio FN se insere no interior da tradição de direita francesa e europeia?

O FN de Marine Le Pen não é o mesmo de Jean-Marie Le Pen e François Duprat, seus fundadores em 1972, existem rupturas e continuidades. Desde sua formação o partido passou por transformações que refletem tensões internas e questões externas, buscando sempre uma adequação aos moldes políticos e eleitorais franceses, criando para isso uma narrativa própria para reivindicar um local no interior da tradição histórica e política da direita francesa, o que se torna fundamental em sua estratégia.

Antes, porém, é necessário caracterizar três conceitos básicos que estarão presentes não apenas no capítulo, mas no trabalho, a saber: extrema direita, fascismo e totitarismo, visto que são conceitos com uma literatura vasta e até mesmo contraditória.

A política, desde a Revolução Francesa é marcada por uma diáde, como defende Norberto Bobbio (2011, p. 47-87), a qual coloca de lados opostos direita e esquerda, sendo excludentes, na medida em que nenhum movimento pode ser, simultaneamente, de direita e de esquerda (2011, p. 48). O pensador italiano apresenta como fundamental, em sua proposta de distinção, a diferença de atitude entre homens de direita e homens de esquerda no que diz respeito ao ideal de igualdade, sendo que o “homem de direita” aquele que busca, acima de tudo, salvaguardar a *tradição*; por outro lado, em sua distinção, o “homem de esquerda”, ao contrário, é aquele que pretende, acima de qualquer outra coisa, *libertar* seus semelhantes de cadeias impostas por privilégios de raça, casta, classe etc. Entre a direita e a esquerda está a “tradição” e “emancipação”, interpretadas como metas últimas ou fundamentais (2011, p. 97).

É importante destacar que, para o autor, as perspectivas não são opostas, mas distintas. Tal distinção, no nível da igualdade, que é chave para compreendermos a diáde se dá da seguinte maneira: “(...) de um lado, a exaltar mais o que faz os homens iguais do que os faz desiguais, de outro, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais

iguais os desiguais” (2011, p. 126). Como complemento, a esquerda defende que a desigualdade é social, portanto ela é eliminável, já a direita acredita que ela é natural, desta forma, não passível de eliminação.

Os apontamentos de Bobbio não são suficientes para o que se pretende aqui, até porque não devem ser levados como absolutos. Antony Giddens (1996) por sua vez, não refuta os argumentos de Bobbio, mas busca demonstrar a emergência de uma terceira via que articula atributos da esquerda e da direita. Para tal, o autor argumenta “no todo, a direita aceita melhor a existência de desigualdades do que a esquerda, e está mais propensa a apoiar os poderosos do que os desprovidos de poder” (GIDDENS, 1996, p. 284).

Há concordância entre os dois autores de que a tensão entre esquerda e direita permanece viva e que o fundamento da diferença entre as concepções é a noção que cada uma das tendências tem de igualdade e de desigualdade. Partindo dessas considerações, a extrema direita, que também pode ser conceituada como direita radical ou ultradireita pode ser entendida a partir das considerações apresentadas da direita e da esquerda como o mais elevado nível de direitismo no interior do espectro ideológico.

Michael Löwy (2015, p. 653) destaca que a extrema direita europeia é muito diversa, havendo uma grande variedade de partidos neonazistas, como o partido Aurora Dourada na Grécia, a forças burguesas perfeitamente bem integradas ao jogo político institucional, como o suíço UDC-*Union démocratique du centre*. No entanto destaca o que eles têm em comum:

O que eles têm em comum é o seu nacionalismo chauvinista — e, portanto, oposição à globalização “cosmopolita” e a qualquer forma de unidade europeia —, xenofobia, racismo, ódio a imigrantes e ciganos (o povo mais antigo do continente), islamofobia e anticomunismo. Além disso, em sua maioria, se não em sua totalidade, são favoráveis a medidas autoritárias contra a “insegurança” (usualmente associada a imigrantes) por meio do aumento da repressão policial, penas de prisão e pela reintrodução da pena de morte. A orientação reacionária nacionalista, na maioria das vezes, é “complementada” com uma retórica “social”, em apoio às pessoas simples e à classe trabalhadora (branca) nacional. Em outras questões — por exemplo, neoliberalismo, democracia parlamentar, antisemitismo, homofobia, misoginia ou secularismo — esses movimentos são mais divididos. (LÖWY, 2015, p. 653-654)

Portanto, a extrema direita agrega hoje, em uma análise feita a partir do continente europeu, uma gama bastante elevada de partidos e movimentos que se comportam de formas diferentes no interior do que é convencionado como extrema direita, no entanto, compartilhando de características em comum.

Apesar de ser empregado de forma quase automática, a utilização da expressão extrema direita é algo recente, Jean-Yves Camus e Nicolas Lebourg, argumentam, tratando o caso europeu, especialmente francês, que veio a ser utilizado, cotidianamente, em meados dos anos 1980, em sua caracterização os autores escrevem:

[...] Son ambiguïté fondamentale est qu'il est généralement utilisé par les adversaires politiques de « l'extrême droite » comme un terme disqualifiant, voire stigmatisant, qui vise à ramener et réduire toutes les formes du nationalisme partisan aux expériences historiques que furent le fascisme italien, le national-socialisme allemand, et leurs plus ou moins proches déclinaisons nationales de la première moitié du XXe siècle. L'étiquette « l'extrême droite » n'est pratiquement jamais assumée par ceux qui en relèvent et qui préfèrent s'autodésigner par les appellations de « mouvement national » ou de « droite nationale ».<sup>13</sup> (CAMUS; LEBOURG, 2015, p. 7)

Essas características de novos atores do cenário político europeu fazem com que alguns partidos possam ser classificados como de extrema direita, mesmo não havendo um consenso entre eles, ou uma aceitação do termo como algo próprio, muito pelo contrário, na maioria das vezes o que há é uma recusa, tais partidos podem ser agrupados na observância das características apontadas pelos autores, mesmo que se autodenominem direta nacional, movimento nacional ou outra apelação. Entretanto, a extrema direita conta com uma história própria.

Michel Winock (2015, p. 7) afirma que “l’ « extrême droite » est une tendance politique dure mais un concept mou”<sup>14</sup>. Isso porque a “etiqueta” extrema direita se aplica a quase totalidade de fenômenos políticos e ideológicos que são qualificados como tal, em especial por parte de comunistas, liberais e socialdemocratas. No entanto, para Winock (20015, p. 07) “chaque expression successive de l’extrême droite recèle une nouveauté, mais aussi une partie d’héritage,”<sup>15</sup> nesta perspectiva cada uma dessas utilizações diversas trazem uma novidade possibilitando traçar um histórico da extrema direita francesa a partir de suas heranças.

---

<sup>13</sup>[...] Sua ambiguidade fundamental é que ele geralmente é usado pelos adversários políticos da “extrema direita” como um termo desqualificativo, até estigmatizante, que visa reconduzir e reduzir todas as formas de nacionalismo partidário às experiências históricas que foram o fascismo italiano, o nacional-socialismo alemão, e suas variações nacionais mais ou menos similares da primeira metade do século XX. O rótulo “extrema direita” praticamente nunca é assumido por aqueles que o destacam e que preferem se designar pelas denominações “movimento nacional” ou “direita nacional”.

<sup>14</sup> “A extrema direita” é uma tendência política difícil, mas um conceito suave.

<sup>15</sup> Cada expressão da extrema direita oculta uma novidade, mas também uma parte do legado.

Ponto substancial na argumentação de Michel Winock (2015, p. 8-10) para traçar um histórico da extrema direita francesa é que é possível entendê-la a partir de duas tradições distintas, uma direita contrarrevolucionária e uma direita populista ou ultra populista. Sendo a primeira contemporânea à Revolução tendo a princípio como pauta principal a crítica à República e tentativas de restauração da monarquia, ganhando força, em especial, no caso Dreyfus<sup>16</sup> e com a *L'Action Française*. Outra tradição que se desenvolve paralelamente tendo origem por volta de 1880 e que se filia ao que ele chama de “era das massas”, com isso o general Boulanger materializa as críticas ao governo sob sua figura como um líder populista. Ao mesmo tempo ganhou força na França uma corrente antisemita e xenófoba que se alimentou do caso Dreyfus. Traz também uma tendência fascista da extrema direita francesa, mas é mais influenciada do que influenciadora e pode ser inserida na era das massas.

A partir dessas duas tradições, que em determinados momentos se cruzam é possível pensar uma história da extrema direita francesa que se desdobra em alguns estados: monarquistas, contrarrevolucionários, nacional populista, antisemita, “linguista”, maurratista, fascista, petainista, colaboracionista, poujadista e por fim, lepenista, em suma, é a partir dessa orientação que Michel Winock (2015) constrói seu *Histoire de l'extrême droite*.

Carla Brandalise (2005, p. 54) afirma que a extrema direita “aparece em 1789, ao mesmo tempo em que a divisão direita-esquerda. Ela é então constituída de todos que, rejeitando em bloco a Revolução, desejam um retorno praticamente completo ao Antigo Regime”. Essa ordem anti-1789, trata a Revolução como uma punição divina, na medida em que os franceses não guardaram a fé cristã. Desta maneira, a extrema direita com apoio da Igreja Católica, no transcorrer do século XIX manteve uma crítica ao liberalismo republicano, defendendo integralmente o Antigo Regime.

---

<sup>16</sup> *Affaire Dreyfus* é um importante acontecimento da história política francesa. Em dezembro de 1894, Alfred Dreyfus, um jovem oficial de artilharia e de origem judaica foi julgado por alta traição. Em um processo fraudulento, feito a portas fechadas e embasado em documentos falsos o capitão Alfred Dreyfus é condenado a prisão perpétua, também lhe são retirados os galões de oficial, fraudes são acobertadas por oficiais de alta patente. Em 1897 Mathieu Dreyfus, irmão de Alfred, descobre que Charles-Ferdinand Walsin Esterhazy era o verdadeiro culpado. A essa altura já havia uma disputa entre “Dreyfusistas” e “anti-Dreyfusistas”. Em janeiro de 1898 o consagrado escritor Émile Zola publica o artigo *J'accuse* (Eu acuso) direcionado ao presidente da República. Um mês depois Zola é condenado a um ano de prisão e multa, o dono da editora a 4 meses e multa. Em junho de 1899 o julgamento de 1894 é anulado e o processo reaberto. No novo julgamento, em agosto do mesmo ano, no conselho de Guerra em Rennes, Dreyfus é mantido como traidor e recebe uma condenação de 10 anos. Em setembro, Zola é anistiado e volta do exílio e em 1902 é encontrado morto em circunstâncias misteriosas. A reabilitação de Alfred Dreyfus ocorre somente em junho de 1906. Contudo, Dreyfus não perdeu a centralidade nos acontecimentos políticos e antisemitas, em junho de 1908, por ocasião da cerimônia que transferia as cinzas de Zola para o Panthéon fora alvo de uma tentativa de homicídio.

Winock (2015, p. 17-19) mostra que à Revolução contou com múltiplas resistências, que podem ser classificadas em militar e político, mesmo sendo necessário distinguir o que é antirrevolução e contrarrevolução, sendo que por antirrevolução entende movimentos esparsos e desorganizados contrários a Revolução, os movimentos organizados podem ser entendidos como contrarrevolucionários.

Carla Brandalise (2005, p. 54) chama a atenção que no fim do século XIX, por ocasião do *Affaire Dreyfus* e o lançamento da *Action Française* de Charles Maurras – que era antes de tudo um nacionalista –, essa mesma velha direita contrarrevolucionária passa por um rejuvenescimento. Por sua vez, os herdeiros da escola maurrasiana servirão em 1940 a um regime que lhes convém, a “Revolução Nacional” do Marechal Pétain.

É importante pontuar que o *Affaire Dreyfus* como destaca Pierre Birnbaum (2015, p. 115) foi fundamental para que a extrema direita criasse uma mobilização nacionalista e antissemítica. O imbróglio político-judicial esteve envolto a uma dimensão antissemítica e antirrepublicana que deram novos contornos ideológicos para a extrema direita, colocando o antisemitismo e o nacionalismo como protagonistas.

Nem as revoltas armadas e tampouco os movimentos antirrevolucionários espontâneos geraram uma base ideológica sólida no contexto da Revolução, o que vem acontecer segundo Winock (2015, p. 25-29) somente em 1814 envoltos no desenvolvimento dos acontecimentos de Waterloo, que é quando o que é possível chamar de uma doutrina contrarrevolucionária se espalhou pela França. A partir disso é possível considerar o movimento contrarrevolucionário como balizador de grupos de extrema direita na França, mesmo o próprio movimento passando por importantes transformações, como o ultra racismo e o integrismo<sup>17</sup>.

Nos anos 1880 surge uma segunda tradição de extrema direita na França, vinculada à era das massas. Christophe Prochasson (2015) no interior do livro em destaque proposto por Winock ao tratar os anos 1880 busca fazer uma análise da influência do Boulangismo na história da extrema direita francesa, visto que ataques violentos ao regime são feitos através da figura de um chefe carismático, o general Boulanger. Para Prochasson (p.73-74) isso impulsiona o bonapartismo, o populismo e o cesarismo e até mesmo o pré-fascismo, mesmo com a brevidade

---

<sup>17</sup> O integrismo é uma tendência teológica nascida no interior da hierarquia romana para defender-se dos ideais modernos, visto como seu grande inimigo. Essa corrente tende a rejeitar outras religiões que não o cristianismo católico, além de ser crítica a costumes e moral divergentes daqueles propostos pelo catolicismo integral.

do movimento. Prochasson se apoia na política personalista assumida pelo general Georges Boulanger (1837-1891) durante a III República.

O antisemitismo ganha força nessa corrente da extrema direita em especial sob a tutela de Edouard Drumond. Carla Brandalise (2005, p. 54) afirma que este “encontra o seu público preferencial nas fileiras de um catolicismo popular e nos militantes do anticapitalismo provenientes das classes médias urbanas. Acusava-se, então, a República parlamentar de judeu-maçônica.” Um momento histórico propício ao revanchismo acabou por alimentar as agitações autoritárias que culminaram no boulangismo, tal como no antisemitismo que teve seu ápice no *Affaire Dreyfus*. O caso Dreyfus acaba por enfraquecer de maneira considerável o movimento monarquista.

O boulangismo ganha importância no interior de uma história da direita francesa pelo fato de parte da direita radical francesa ter sido formada envolta ao caso Dreyfus por ex-partidários do boulangismo. É importante notar que a intenção não era mais a restauração da monarquia, mas a criação de um governo forte baseado na vontade do povo, do qual emana toda autoridade.

Michel Winock (2015, p. 10) aponta que a partir da década de 1920, uma terceira tendência ganha contornos na extrema direita, o fascismo. O Estado totalitário, esboçado por Mussolini e seus colaboradores passa a servir de modelo para alguns pequenos grupos franceses e seus líderes, como Pierre Drieu La Rochelle e Robert Brasillach, atacam deliberadamente a democracia na defesa dos regimes autoritários.

Nas décadas subsequentes, em especial 1930-40 a extrema direita passa por um processo de fragmentação, criando o que Brandalise (2005, p. 54) chama de um mosaico complexo, envolvendo “contrarrevolucionários da *Action Française*, integristas católicos, populistas das Ligas, obcecados com o antisemitismo, campeões da ‘França dos franceses’ ou anticomunistas antes de tudo.” Após a Segunda Guerra Mundial, a extrema direita encontrará na perpetuação e readaptação dessas ideias boa parte de sua inspiração.

Na busca de uma identificação doutrinal que possa ser tratada como extrema direita, é possível notar traços semelhantes que possibilitam abranger esses movimentos conflitosos entre si, ao mesmo tempo em que é necessário levar em consideração que tais grupos extremistas apresentam um corpo ideológico fluido e adaptável a determinados momentos históricos, que é o que faz com que se perenizem no decorrer da história. Tal possibilidade de adaptação, somada

a uma capacidade de se mostrar atrelado aos ideais de extrema direita originários fará do FN uma grande força de extrema direita francesa e europeia.

Para Michel Winock (2015, p. 12-13), o *Front National* de Jean-Marie Le Pen foi beneficiado por uma conjuntura de crise nos anos 1980, em certa medida ao restaurar o que seus antecessores haviam perdido, fazendo uma síntese de elementos da extrema direita e a construção do partido a partir disso. Mesmo ao captar as diversas mutações, não se livra da maldição autoritária.

É salutar destacar que a extrema direita tem uma história própria, não se trata de um prolongamento radicalizado da “direita clássica” com a qual a visão de mundo rompe, rejeitando os valores fundamentais da clivagem direita-esquerda democráticas, vistos como ideais decadentes. Sobre sua caracterização, Carla Brandalise afirma:

Aspira, ao invés, o desmantelamento do sistema em vigor e a edificação de uma nova ordem com base em seus princípios. Não se reconhecendo necessariamente na sociedade aberta e em suas instituições, deseja um regime autoritário e hierarquizado, com um executivo forte e um chefe carismático. Imagina uma organização social fundada na considerada óbvia e natural desigualdade entre os grupos étnicos, dando origem à instauração do “governo dos melhores”, com o estrito controle da sociedade. Nega os direitos da oposição, as reorientações advindas da vontade da maioria, o debate de ideias. Em busca da homogeneização de comportamentos, cria a figura mítica do inimigo público, ora o judeu, ora o imigrante estrangeiro. Fundamenta, assim, no discurso identitário, no ethnos, contra o multiculturalismo, grande parte da sua interpelação ideológica à coletividade. Mostrava-se anticomunista e mais recentemente ataca o “materialismo capitalista” simbolizado pelos Estados Unidos; critica a globalização e a formação da Comunidade Europeia. (BRANDALISE, 2005, p. 55)

Como pode ser notado, a extrema direita é um campo vasto e em mutação, mas conta com características próprias e marcantes. São diversos elementos que foram sendo incorporados ao longo de sua história, mas sob uma visão de mundo própria que faz questão de se diferenciar da “direita tradicional”, a extrema direita se opõe tanto a esquerda quanto aos ideais de direita, portanto, não é meramente uma direita extremista, é um grupo com ideias próprias.

Carla Brandalise (2005, p.15) apresenta algumas formas de ação da extrema direita, afirma que o extremismo de direita objetiva criar uma sociedade orgânica, supostamente harmônica, distante dos conflitos de classe, promovendo a “restauração” dos costumes, da família, da autoridade paternal e masculina. Nesse processo, a nação é concebida como uma entidade suprema, desta maneira seu interesse ultrapassa as liberdades individuais, visto que seu interesse é anterior a elas. O patriotismo é utilizado e até pode ser substituído pelo

nacionalismo exacerbado. Ponto interessante é que busca se apresentar em geral, como revolucionária, buscando assegurar uma identidade perdida no passado, a continuidade de uma época áurea. Busca de maneira estratégica não se reduzir a uma categoria ou classe social, mas atinge um alvo privilegiado, as classes médias baixas, com frequência atingida sobremaneira em períodos de desestruturação social, utilizando-se da expressão “povo” de maneira constante, sendo ainda possível distinguir uma extrema direita antidemocrática e uma democrática.

À vista disso é possível inferir que seu público é vasto e continuará sendo, podendo inclusive atingir camadas populares que tradicionalmente votam na esquerda. Pois bem, partindo dessas considerações, será utilizada no interior do trabalho a expressão extremas direita, justamente por conta dessa variedade no interior da tradição de extrema direita.

Franco de Andrade (p. Locais do Kindle 2049-2054) acrescenta que no meio acadêmico estadunidense e europeu cinco são as formas mais empregadas para tratar as extremas-direitas: *Right-wing, Far Right, Extreme Right, Radical Right e Populist*.

Um conceito sempre presente no universo das direitas é o de fascismo. Por um lado, as direitas radicais são acusadas de fascismo, por outro, se defendem retoricamente de serem fascistas, mas fazem uso de aspectos fascistas, sendo assim, o fascismo clássico e o neofascismo.

A facilidade com que o fascismo aparece no jogo político cria um duplo problema, de um lado pode ocorrer uma banalização, certa vulgarização do conceito, tudo se torna fascismo; de outro, certa sacralização do conceito, nada mais é fascismo, é como se o fascismo tivesse morrido com Benito Mussolini. Mas enfim, em meio a tudo isso, o que é fascismo? Quando for empregado, o conceito será feito de forma que não caia nem para um lado nem para outro dos extremismos conceituais, o fascismo não é um adjetivo para atacar inimigos.

Edda Saccmani (1998, p. 466-475), salienta que se trata de um conceito com diversas abordagens e com uma pluralidade grande de enfoques, o que deixa o seu tratamento na esfera acadêmica bem complexa, além também de sua subjetividade.

A princípio, preliminarmente, Edda Saccmani distingue três significados para fascismo, sendo: 1) se refere ao seu cerne histórico, sendo constituído pelo fascismo italiano em uma historicidade singular; 2) é relacionado à dimensão internacional que o fascismo alcançou, com suas finalidades políticas específicas e particularidades organizacionais na Itália e Alemanha; 3) estende o termo a todos os movimentos ou regimes que compartilham com o que foi definido como “fascismo histórico”, de certo núcleo de características ideológicas e/ou

critérios de organização e/ou finalidades políticas. Saccomani salienta que, na terceira acepção, o termo assume contornos indefinidos, que se tornou difícil sua utilização com propósitos científicos, havendo assim uma tendência de se restringir o uso apenas ao fascismo histórico (SACCOMANI, 1998, p. 466).

A autora define o fascismo da seguinte maneira:

Em geral, se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planificada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais. (SACCOMANI, 1998, p. 466)

Mesmo existindo hipóteses interpretativas diversas, tal definição de fascismo servirá para nortear a interpretação do conceito no decorrer do trabalho, até mesmo porque a intenção não é discorrer sobre as transformações do conceito em si, mas apenas criar um ponto de partida para podermos identificar as semelhanças e possíveis aproximações, ou até mesmo em quê e até que ponto o FN se aproxima do fascismo clássico.

No entanto, outro conceito importante é o de totalitarismo. Ao tratar o totalitarismo, Hannah Arendt em seu livro *Origens do Totalitarismo* (1989) sugere um entendimento do fenômeno para além de questões sociológicas ou históricas, buscando o tratar também em sua dimensão filosófica. A necessidade de se entender como o totalitarismo se fez possível se dá porque por conta do colapso da crença de que a razão elevaria a humanidade a patamares de evolução inéditos, defendida por algumas correntes filosóficas como o Iluminismo e Positivismo. O século XX com suas catástrofes, como duas guerras mundiais e genocídios, amparados inclusive na razão, tratou de abalar profundamente essa crença. Arendt como boa parte dos filósofos do século XX foi marcada por esses acontecimentos até então inimagináveis, fazendo com que a autora procurasse pensar novas maneiras para refletir sobre o fazer político.

Para Celso Lafer (1988, p. 76), sua análise do totalitarismo se faz por perceber nesse uma “[...] forma inédita de governo apoiada na ideologia, na burocracia e no terror e caracterizada pela ubiquidade do medo”. Acrescenta ainda a questão da descartabilidade generalizada de pessoas. Para tal análise o livro em destaque é dividido em três partes: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo. Sendo que as duas primeiras têm como objetivo analisar os elementos que se cristalizaram na dominação totalitária, em especial nos casos alemão e soviético, que enfim, são analisados na terceira parte da obra. Em suma, tais regimes se fundamentam na ideologia, no terror e na manipulação das massas.

O totalitarismo é entendido como negação radical das liberdades individuais, mas com isso uma pergunta torna-se pertinente: o que levam pessoas consentir com a negação de sua liberdade? Em busca dessa compreensão, Hannah Arendt usa a expressão “movimento totalitário”, pois sua aceitação precede o governo em si e caracteriza sua forma. Dito isto, é possível afirmar que é justamente por conta de sua capacidade de absorção que os movimentos totalitários se tornam eficazes, visto que ao serem inseridos no movimento seus adeptos passam a entender os crimes como necessários, aceitando até mesmo as ações mais abomináveis. Com isso, uma pergunta, onde são possíveis os movimentos totalitários?

Os movimentos totalitários são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, desenvolveram certo gosto pela organização política. As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica criação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto. (ARENKT, 1989, p. 361)

É em meio a uma atmosfera de colapso da sociedade de classes que se desenvolveu a psicologia do homem de massa na Europa. São nas massas que os movimentos totalitários recrutam seus membros, pessoas aparentemente indiferentes e abandonadas, ou não representadas por grupos ou partidos. É essa assimilação política das massas, outrora rejeitadas que é o grande suporte dos movimentos totalitários.

Hannah Arendt tratando a sociedade que permite o movimento totalitário escreve:

Foi nessa atmosfera de colapso da sociedade de classes que se desenvolveu a psicologia do homem-de-massa da Europa. O fato de que o mesmo destino, com

monótona mas abstrata uniformidade, tocava a grande número de indivíduos não evitou que cada qual se julgasse, a si próprio, em termos de fracasso individual e criticasse o mundo em termos de injustiça específica. Contudo, essa amargura egocêntrica, embora constantemente repetida no isolamento individual e a despeito de da sua tendência niveladora, não chegaria a construir laço comum, porque não se baseava em qualquer interesse comum, fosse econômico, social ou político. Esse egocentrismo, portanto, trazia consigo um claro enfraquecimento do instinto de auto conservação. A consciência da desimportância e da dispensabilidade deixava de ser a expressão da frustração individual e tornava-se um fenômeno de massas. (ARENDT, 1989, p. 365)

O homem de massa é resultado da atomização da sociedade, um indivíduo isolado, não enraizado e que não se relaciona socialmente. As massas resultam de indivíduos não engajados politicamente, até mesmo inábeis em relação à política e com um sentimento de falta de lugar no mundo. Hannah Arendt (1989, p. 367) afirma que “a principal característica do homem da massa não é a brutalidade nem a rudeza, mas seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais”. Tornando assim o subalterno perfeito para o regime totalitário que viria depois.

Hannah Arendt chama a organização desses indivíduos, em uma sociedade pré-totalitária, ou seja, antes de chegar ao poder, de movimento totalitário. Neste ponto, na medida em que o movimento se inicia em uma realidade não totalitária usa a propaganda como estratégia, com a intenção de seduzir a opinião geral, aliada ao uso do terror.

Sobre a propaganda e sua importância Arendt (1989, p. 390) argumenta “somente a ralé e a elite podem ser atraídos pelo ímpeto do totalitarismo, as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda”. Isso se dá porque em um governo que é constitucional e que assegura a liberdade de opinião, o movimento totalitário que luta pelo poder, só pode usar o terror até certo ponto.

Por existirem em um mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que comumente chamamos de propaganda. Mas essa propaganda é sempre dirigida a um público de fora – sejam as camadas não-totalitárias do próprio país, sejam os países não-totalitários do exterior. Essa área externa à qual a propaganda totalitária dirige o seu apelo pode variar grandemente; mesmo depois da tomada do poder, a propaganda totalitária pode ainda dirigir-se àqueles seguimentos da própria população cuja coordenação não foi seguida de doutrinação suficiente. (ARENDT, 1989, 391)

O totalitarismo exige que seu movimento seja constante, por conta disso a propaganda é necessária em níveis internos e externos. Por essa razão, é necessário pontuar que a propaganda é importante no movimento totalitário e também no totalitarismo em si, visto que

para o propósito de doutrinação a propaganda é fundamental. Por isso Arendt (1989, p. 392 – 393) afirma “a relação entre a propaganda e a doutrinação depende do tamanho do movimento e da pressão externa” e sua relação é proporcional, pois quanto menor o movimento, mais energia empregará em sua propaganda.

A propaganda tem funções diferentes para cada grupo, no quesito externo, ou seja, as ideias do grupo que pretende ser totalitário ela funciona como convencimento, já para quem é adepto ela funciona com o intuito de doutrinação. No entanto, a propaganda não basta, a ela é adicionado o terror.

A propaganda é, de fato, parte integrante da “guerra psicológica”, mas o terror o é mais. Mesmo depois de atingido o objetivo psicológico, o regime totalitário continua a empregar o terror; o verdadeiro drama é que ele é aplicado contra uma população já completamente subjugada. Onde o reino do terror atinge a perfeição, como nos campos de concentração, a propaganda desaparece inteiramente; na Alemanha nazista, chegou a ser expressamente proibida. Em outras palavras, a propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não totalitário; o terror, ao contrário, é a própria essência da sua forma de governo. Sua existência não depende do número de pessoas que a infringem. (ARENNDT, 1989, p. 393)

Ambos são importantes no mecanismo do totalitarismo, propaganda e terror. A propaganda é substituída pelo terror na medida em que o movimento totalitário se transforma em um regime totalitário, apesar disso, propaganda, violência não são contraditórias, o uso da violência pode ser parte da propaganda. Exemplo apresentado logo na sequência citada é a forma como o regime nazista usou do terror, não promovendo assassinatos de personalidades como Rathenau e Erzberger, como anteriormente, mas diversos assassinatos de pequenos funcionários socialistas e membros importantes de partidos inimigos. Promovendo assim o terror contra as massas, deixando claro que o poder nazista é maior que o das autoridades.

No totalitarismo todas as leis tornam-se leis de movimento, mesmo que os nazistas usassem leis da natureza e os bolchevistas, leis da história. Desse modo, o totalitarismo não cria uma nova forma de lei, ele não substitui um conjunto de leis por outro, e faz isso segundo Hannah Arendt (1989, p. 514-515) porque “pode dispensar o *consensus iuris* porque promete liberar o cumprimento da lei de todo o ato ou desejo humano; e promete a justiça na terra porque afirma tornar a humanidade a encarnação da lei”.

O terror é um método permanente quando o regime totalitário é implantado, sendo não apenas um mecanismo para suprimir opositores, mesmo podendo ser usado para tal fim, por conta disso, Arendt (1989, p. 517) afirma: “O terror torna-se total quando independe de

toda oposição; reina supremo quando ninguém mais lhe barra o caminho. Se a legalidade é a essência do governo não-tirânico e a ilegalidade é a essência da tirania, então o terror é a essência do governo totalitário.”

Desta maneira, o terror é a realização da lei do movimento, ou seja, cria a possibilidade de uma propagação livre tanto da força da história ou força da natureza, fazendo com que essa possa propagar por toda a humanidade, independente das ações das pessoas de forma livre, a tal força está para além da força humana, logo, o princípio e o fim. Justifica então a possibilidade de eliminação dos indivíduos para o bem de todos, o interesse não deve ser pautado no homem, mas na humanidade.

Assim, é possível construir a ideia de que o terror total não é nem a favor nem contra os homens, mas um mecanismo para acelerar o movimento, ou da história ou da natureza, fazendo com que todos sejam possíveis alvos do terror. No referido processo há algo fundamental, como explica Hannah Arendt:

O processo pode decidir que aqueles que hoje eliminam raças e indivíduos ou membros das classes agonizantes e dos povos decadentes serão amanhã os que devem ser imolados. Aquilo que o sistema totalitário precisa para guiar a conduta dos seus súditos é um preparo para que cada um se ajuste igualmente bem ao papel de carrasco e ao papel de vítima. Essa preparação bilateral, que substitui o princípio de ação, é a ideologia. (ARENDT, 1989, p. 520)

Os habitantes de um país totalitário são indistintamente lançados no referido processo da história ou da natureza que visa acelerar seu movimento. A constância do movimento que faz com que todos os habitantes sejam inseridos, como carrascos ou vítimas, mas necessariamente como potenciais vítimas conduzem para a ideologia e sua fundamental importância no regime totalitário. Na mesma página supracitada, Arendt afirma que “o objetivo da educação totalitária nunca foi insuflar convicções, mas destruir a capacidade de adquiri-las”, ou seja, moldar um indivíduo que seja solitário.

A respeito de ideologias, Hannah Arendt (1989, p. 522) afirma que são, todas, constituídas por elementos totalitários, mas que tais elementos só se manifestam inteiramente através de movimentos totalitários, não ficando restritos apenas no racismo ou no comunismo, mas sendo a verdadeira natureza de todas as ideologias. Assim, aponta três elementos totalitários peculiaridades de todo pensamento ideológico. São eles:

Em primeiro lugar, na pretensão de explicação total, as ideologias têm a tendência de analisar não o que é, mas o que vem a ser, o que nasce e passa. Em todos os casos, elas estão preocupadas unicamente com o elemento de movimento, isto é, a história no sentido corrente da palavra. As ideologias sempre se orientam na direção da história, mesmo quando, como no caso do racismo, parecem partir da premissa da natureza; nesse caso, a natureza serve apenas para explicar as questões históricas e reduzi-las a elementos da natureza. A pretensão de explicação total promete esclarecer todos os acontecimentos históricos — a explanação total do passado, o conhecimento total do presente e a previsão segura do futuro.

Em segundo lugar, o pensamento ideológico, nessa capacidade, liberta-se de toda experiência da qual não possa aprender nada de novo, mesmo que se trate de algo que acaba de acontecer. Assim, o pensamento ideológico emancipa-se da realidade que percebemos com os nossos cinco sentidos e insiste numa realidade “mais verdadeira” que se esconde por trás de todas as coisas perceptíveis, que as domina a partir desse esconderijo e exige um sexto sentido para que possamos percebê-la. (...) Quando chegam ao poder, os movimentos passam a alterar a realidade segundo as suas afirmações ideológicas. O conceito de inimizade é substituído pelo conceito de conspiração, e isso produz uma mentalidade na qual já não se experimenta e se comprehende a realidade em seus próprios termos — a verdadeira inimizade ou a verdadeira amizade — mas automaticamente se presume que ela significa outra coisa. Em terceiro lugar, como as ideologias não têm o poder de transformar a realidade, conseguem libertar o pensamento da experiência por meio de certos métodos de demonstração. O pensamento ideológico arruma os fatos sob a forma de um processo absolutamente lógico, que se inicia a partir de uma premissa aceita axiomaticamente, tudo mais sendo deduzido dela; isto é, age com uma coerência que não existe em parte alguma no terreno da realidade. (...) (ARENDT, 1989, p. 522-523)

Com os elementos apontados nota-se a tendência totalizadora das ideologias. Sua busca por explicação total visa se apoderar de todos os acontecimentos históricos, explicando o passado presente e futuro, aliada a retirada de liberdade do indivíduo de se entender a partir de sua própria experiência criando para ele uma realidade que acaba por ser mais real que a própria realidade, visa construir um indivíduo que não se entende no tempo e nem interpreta suas próprias experiências. Por fim, a forma como as ideologias constroem a realidade em uma forma lógica, uma apropriação a partir das leis do movimento em uma maneira cientificamente demonstrável, cria uma tirania da lógica. Por consequência, a experiência já não interfere no pensamento ideológico.

O homem perde sua liberdade interior, perde a capacidade de se orientar frente ao mundo externo, consequentemente sua individualidade é afetada. No totalitarismo há a perda da individualidade, fazendo com que a pessoa perca sua esfera mais íntima, cria-se um novo tipo de sujeito por conta desse processo de subjetivação. Desta maneira, o governo totalitário alcança seu ápice na medida em que o homem e a sua vontade se adentra ao movimento da natureza ou da história nos quais a humanidade estaria supostamente inserida, fazendo com que o homem ignore tanto o nascimento quanto a morte. Assim, cria-se o sujeito ideal para o totalitarismo:

[...] O pregaro triunfa quando as pessoas perdem o contato com os seus semelhantes e com a realidade que as rodeia; pois, juntamente com esses contatos, os homens perdem a capacidade de sentir e de pensar. O súbito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento). (ARENDT, 1989, p. 522-526)

O terror só pode funcionar com homens que se isolam uns dos outros. A função do terror na fase pré-totalitária é arruinar todas as relações humanas, aliados a ideologia que destrói toda a relação com a realidade, os homens isolados com uma força auto coercitiva se coloca contra todos os outros. Esse sujeito isolado está só em todos os momentos, não apenas quando está sozinho.

A solidão na esfera pública leva ao isolamento nas esferas sociais. O isolamento é o fundamento para o terror totalitário, é no indivíduo isolado que o terror encontra terreno mais fértil, ele atinge seu grau máximo com indivíduos isolados que por esse motivo se sentem impotentes. O indivíduo isolado não apenas não tem, mas não querem interlocutores. Tal indivíduo encontra-se sem condições de ter outros indivíduos que dialoguem com ele, por consequência, as possibilidades de realização de empreitadas de interesse comum são impossibilitadas.

O isolamento faz com que o indivíduo esteja só mesmo que se encontre acompanhado, fazendo com que esse se sinta abandonado por todos os outros, eliminando as possibilidades de interlocução. Ou como afirma Arendt (1989, p. 529), “quando o próprio eu me abandona”. O resultado final é quando “o eu e o mundo, a capacidade de pensar e de sentir, perdem-se ao mesmo tempo”, fazendo com que o raciocínio lógico, que não abandona nem o homem isolado, tornam-se a premissa para orientá-lo no mundo, logo, o totalitarismo. É esse homem que perde a capacidade de experimentar e permite a sustentação do regime totalitário, partindo da premissa que até mesmo nossas experiências de mundo dependem de nossos contatos. Os seres são coletivos e não isolados, só se evita regimes de terror resgatando os laços.

O totalitarismo não encontra paralelos na política clássica, ele é algo novo. Visa o domínio total do ser humano, tanto intelectual quanto afetivamente e até mesmo a forma como esse se orienta frente ao tempo, exercendo o domínio tanto na esfera pública quanto na privada. Então por que as pessoas abraçam o totalitarismo? Pelo terror e não pelo medo como nas tradicionais tiranias, visto que o totalitarismo se coloca para além de um poder legal. Com uma lei da história ou da natureza o terror totalitário normaliza algo que seria considerado aberrante

em outros sistemas. Para isso são necessários indivíduos que são isolados, que perderam sua capacidade de pensar e sentir de forma autônoma. Ponto importante é que o totalitarismo tem uma empreitada que não se limita a seu território, é algo global e isso justifica as ações de terror, contra todos os indivíduos isolados.

### **1.1 O Mundo muda, A França muda e o FN... se reconfigura**

O *Front National* se coloca como um importante partido político francês, a afirmação é feita com base em dois argumentos: 1) sua permanência entre os primeiros colocados para as eleições presidenciais nas últimas duas décadas; 2) sua visibilidade e força enquanto oposição.

O FN como apresenta Nonna Mayer (2015, p. 300–301)<sup>18</sup>, desde 1988 se mantém próximo da faixa de 15% dos votantes em primeiro turno para as eleições presidenciais, o que no contexto francês é um excelente percentual<sup>19</sup>. Alcançando 14,4% em 1988, 15% em 1995, 16,9% em 2002, 10,4% em 2007, 17,9% em 2012 e 21,3% em 2017. Deve ser destacado que em 2007, como demonstrado ao longo do capítulo 1, “Memória e tradição: a reivindicação de si e de um lugar para si na tradição francesa por parte do FN”, o partido passa por uma importante reestruturação. No período em evidência, 1988 – 2017, o FN foi o 4º colocado em 1988, 1995 e 2007, 3º em 2012 e 2º em 2002 e 2017, alcançando em ambos o segundo turno. Desta forma, se mantém presente de maneira marcante na cena eleitoral francesa.

O outro ponto destacado é sua importância no cenário político influenciando em pautas relevantes da vida política francesa. Pascal Delwit (2012, p. 26-29) defende que a força do FN em influenciar nas decisões políticas francesas aumenta gradativamente a partir de meados da década de 1990, em especial após a eleições municipais de 1995 e as eleições regionais de 1998. Com isso, o FN usa sua força para influenciar em demandas como a questão da laicidade do Estado Francês, como por exemplo no que diz respeito ao uso de vestes islâmicas em espaços públicos. Ainda no ponto em destaque é pertinente destacar que o FN

---

<sup>18</sup> A análise de Nonna Mayer contempla até as eleições de 2012, o restante das informações é buscado no banco de dados utilizado pela pesquisadora, saber: <http://www.france-politique.fr/>

<sup>19</sup> Essa porcentagem é um bom número levando em consideração o cenário político francês no período abordado. Isso porque os candidatos que vão ao segundo turno como os segundos mais votados, mantém uma média de 20% dos votos válidos. Como os 19,96% de Jacques Chirac em 1989, os 20,84% também de Chirac em 1995, os 16,84% de Jean-Marie Le Pen em 2002, e os 21,3% em 2017 que levaram Marine Le Pen ao segundo turno.

domina as cadeiras francesas no Parlamento Europeu nas eleições de 2014<sup>20</sup>, com 24,8% dos votos e ultrapassa o *Union pour un Mouvement Populaire* - UMP com 20,8 e o *Parti Socialiste* - PS com 13,6. Com isso o *Front National* pode ser entendido como um importante ator da política francesa e com força suficiente para influenciar em seu curso.

A partir da campanha eleitoral de 2011, ocorre o que estudiosos como Alexandre Dezé (2015) tem chamado de desdemonização do partido. Antes de se falar sobre a cunhagem e a necessidade de tal conceito, duas perguntas se tornam fundamentais: 1 o que levou o partido a ver a necessidade de uma desdemonização? E 2, como isso é feito? Para tal, será apresentado um histórico das transformações que o FN passou desde sua fundação.

Parte-se do princípio de não traçar meramente um histórico do partido, mas identificar os diferentes estágios de transformação ideológica e como isso afeta seu escopo organizacional, buscando compreender suas estratégias e conflitos que trazem o partido até o século XXI como uma importante força política e eleitoral.

### 1.1.1 Origens

O FN nasce no interior da *Ordre Nouveau*<sup>21</sup>, um movimento nacionalista fundado em 1969, após a dissolução do grupo *Occident*, formado especialmente por estudantes de Paris, Lyon, Nice e Marselha. O surgimento do FN se dá com o fracasso de grupos de extrema direita tal como o *Occident*, fracasso inclusive eleitoral, na segunda metade da década de 1960, gerando fragmentações dentro da extrema direita francesa.

O *Occident* foi grupo fundado por Pierre Sidos<sup>22</sup> em 1964, formado essencialmente por universitários ultranacionalistas com a intenção de fazer oposição ao governo de Charles de Gaulle, por considerar suas atitudes nocivas e entreguistas, como afirma Franco de Andrade (2017, p. Locais do Kindle 1379). O *Occident*, foi um movimento violento, participando de diversas ações ao longo de sua história que possibilitam assim o caracterizar, como por exemplo

<sup>20</sup> «Élections européennes 2014». Referências. Disponível em <[https://www.france-politique.fr/elections-europeennes-2014.htm](http://www.france-politique.fr/elections-europeennes-2014.htm)>. Acesso em 01 novembro 2017.

<sup>21</sup> Dominique Albertini e David Doucet (2014, p. 24) apontam que o nome *Ordre nouveau* é uma homenagem ao partido neofascista italiano *Ordine Nuovo*.

<sup>22</sup> Pierre Sidos foi um importante nome da extrema direita francesa sendo fundador do movimento *Jeune Nation* e um dos criadores do *Occident*. Sendo o principal nome do movimento *L'Œuvre française*, movimento radical, neofascista e antissemita de 1968 até 2012. (CAMUS; MONZART, 1992, p. 97-98)

o ataque a atores e espectadores da peça de Jean Genet, *Les Pavraventes*, em 1966, os incidentes com militantes de esquerda na Universidade de *Rouen* em 1967 e os diversos confrontos com grupos de esquerda em maio de 1968<sup>23</sup>, que fizeram com o grupo fosse considerado ilegal pelo governo de Gaulle em novembro do mesmo ano. Ponto a ser destacado é que Jean-Marie Le Pen e François Duprat fizeram parte do movimento. O fim do movimento faz com que grande parte de seus membros se filiem à *Ordre Nouveau*, que dará origem ao FN. Jean-Yves Camus (1996, p.18) acredita que, ao romper com a prática ativista do *Occident*, a *Ordre Nouveau* estava destinada a tentar reagrupar o nacionalismo dividido após a dissolução dos comitês de apoio à candidatura de Tixier-Vignancour<sup>24</sup>, em janeiro de 1966.

Para Camus (1996, p. 17), o fim da Guerra Franco-argelina, foi um divisor de águas tanto para a direita francesa, quanto para o FN. O *Front National* e seu dissidente *PFN-Parti des forces nouvelles* se colocaram como os guardiões do nacionalismo francês, uma vez que colocavam a defesa da pátria como algo prioritário. O nacionalismo mais radical vem caracterizar o FN dos primeiros anos.

### **1.1.2 Criação e recriação do partido**

A fundação oficial do partido foi em 5 de outubro de 1972, com o nome de *Front National pour l'unité Française* (FN), que mais tarde se tornaria apenas *Front National* (FN), com um tom marcadamente nacionalista, como mencionado acima. Em um período em que a direita francesa estava em descrédito, desde o fim da guerra franco-argelina, acentuado na década de 1970, o FN surge como uma nova possibilidade, uma espécie de restaurador da direita.

---

<sup>23</sup> « Qu'est-ce que le mouvement Occident ? » Le Figaro. Referências. Disponível em <<http://www.lefigaro.fr/politique/2014/02/26/20140226ARTFIG00218-qu'est-ce-que-le-mouvement-occident.php>>. Acesso em 25 outubro 2017.

<sup>24</sup> Nas eleições de 1965, sob a direção de Jean-Marie Le Pen, chefe de campanha, Jean Louis Tixier-Vignancour se apresenta como o candidato da extrema direita, concorrendo contra o general Charles De Gaulle, o candidato do partido comunista François Mitterrand, Jean Lecanuet com apoio do *Centre Démocrate Social et Européen* e outros independentes anti De Gaulle, o liberal moderado Pierre Marcilhacy e o anarquista Marcel Bardu. Em apoio a Tixier-Vignancour grupos da extrema direita francesa criaram o *Comité National Tixier-Vignancour* que buscava agrupar os diferentes grupos de extrema direita francesa em prol da eleição de Tixier-Vignancour. Houve a dissolução do comitê logo após a campanha, com o fracasso eleitoral em que o candidato ultradireitista ficara em quarto lugar com pouco mais de 5% dos votos. (Díaz Nieva, José; Orella Martínez, José Luis, De Le Pen a Le Pen. El Front National camino al Elíseo. Madrid: SCHEDAS, 2015, p. 9).

O ultranacionalismo se desdobra em alguns temas, como pode ser notado em seu programa inicial, como aponta Camus (1996, p. 19-20):

Le premier programme frontiste, issu lui aussi d'un compromis entre nationalisme-révolutionnaire et conservatisme, paraît dans le numéro de novembre 1972 du National. Dès cette date sont identifiables certains thèmes de ce que P.-A. Taguieff nomme « national-populisme » et que résume parfaitement ce titre de décembre 1972: « Avec le FN. fâchons-nous! » S'affirmant comme « la droite sociale, populaire, nationale », le FN se pose en alternative au gaullisme et au communisme, veut une « troisième voie entre lutte des classes et monopoles ». Prenant prétexte de certains scandales politico-financiers, il dénonce L'affairisme et la décadence du pouvoir. Cependant, son programme économique ne reprend pas les idées interventionnistes d'Ordre nouveau, mais réclame, au contraire, la réduction au strict minimum du secteur public et nationalisé, ainsi que le confinement de l'Etat à son rôle d'arbitre des intérêts catégoriels. Or, paradoxalement, le programme en vingt points de 1972 n'est qu'une collection d'intérêts corporatistes, selon une ligne politique que F. Duprat formulera plus tard, en assignant au FN le rôle de « réceptacle de tous les mécontentements ». La défense du petit commerce et la diffusion de la propriété par le mutualisme sont donc, dès la création, des idées forces. Au plan social, même ambiguïté sur deux thèmes majeurs: L'immigration et la natalité. Le FN de 1972 s'oppose à l'immigration sauvage seulement dans la mesure « où elle met en péril la santé des Français »; reprenant le langage d'Ordre nouveau, il qualifie les résidents étrangers de « minorités sauvages » inassimilables, sans établir de lien automatique entre immigration et chômage. Le comble de l'absurde est atteint lorsque le Front réclame ... la révision de la loi de 1920 sur l'avortement, alors que la même mesure, prise par S. Veil, ouvrira la campagne frontiste sur le prétendu < génocide des enfants français >! Dans le domaine des institutions et de la politique étrangère, la cohérence est plus grande: instauration d'un régime présidentiel et du scrutin proportionnel; refus de L'Europe intégrée à laquelle on oppose l'Europe des patries. De plus, suivant en cela la ligne d'Ordre nouveau, le FN réclame la « création d'une entité palestinienne au Moyen-Orient. »<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> O primeiro programa da linha de frente, também proveniente de um compromisso entre nacionalismo revolucionário e conservadorismo, foi publicado na edição de novembro de 1972 do National. Desde essa data identificam-se certos temas que o P.-A. Taguieff chama de “nacional populismo” e que resumem perfeitamente este título de dezembro de 1972: “Com o FN ficamos com raiva!” Afirmando-se como “a direita social, popular, nacional”, o FN propõe uma alternativa ao gaulismo e ao comunismo e quer um “terceiro caminho entre a luta de classes e os monopólios”. Com o pretexto de certos escândalos político-financeiros, ele denuncia o comercialismo e a decadência do poder. No entanto, seu programa econômico não retoma as ideias intervencionistas da Nova Ordem, mas pede, pelo contrário, a redução ao mínimo do setor público e nacionalizado [M1], bem como o confinamento do Estado a seu papel de árbitro dos interesses das categorias. Mas, parcialmente, o programa de vinte pontos de 1972 não passa de uma coleção de interesses corporativistas, seguindo uma linha política que F. Duprat formulará mais tarde, atribuindo ao FN o papel de “depositário de todos os descontentamentos”. A defesa do pequeno comerciante e a difusão da propriedade pelo mutualismo são, portanto, desde o início, ideias poderosas. No nível social, mesma ambiguidade sobre dois temas importantes: a imigração e a natalidade. O FN de 1972 só se opõe à imigração selvagem “quando ela põe em risco a saúde dos franceses”; ecoando a linguagem da Nova Ordem, ele descreve os residentes estrangeiros como “minorias selvagens” inassimiláveis, sem estabelecer a ligação automática entre imigração e desemprego. O auge do absurdo se dá quando o Frente pede... a revisão da lei de 1920 sobre o aborto, enquanto a mesma medida, tomada por S. Veil, abrirá a campanha da linha de frente com o lema “genocídio de crianças francesas”! No campo das instituições e da política externa, a coerência é maior: a introdução de um regime presidencial e de escrutínio proporcional; rejeição da Europa integrada em oposição à qual está a Europa das pátrias. Além disso, seguindo a linha da Nova Ordem, o FN pede a “criação de uma entidade palestina no Oriente Médio”.

O programa mostra como o nacionalismo se torna base para pautas diversas no interior do FN, sendo um ponto de justificativa para os discursos do partido. Na tentativa de ser uma terceira via, busca se apresentar como uma direita menos radical que a *Ordre Nouveau* e obviamente que o *Occident*, visto que a proibição do governo de Gaulle ainda era vigente e participa ativamente da forma como o partido se apresenta. O esforço para se colocar como uma terceira via e sua busca de se colocar como um ponto de encontro para todos os descontentes o caracterizará desde então e o afastará da *Ordre Nouveau*.

Todavia, é necessário destacar que o FN nasce no interior do ON, sendo um partido criado para concorrer às eleições legislativas de 1973, inspirado no sucesso eleitoral no modelo organizacional do MSI-Movimento Social Italiano<sup>26</sup>.

O partido surge com a intenção de agregar vários grupos e vertentes da direita francesa, tal como o próprio grupo de Jean-Marie Le Pen e seu nacionalismo, agregando grupos que iam desde membros do governo Vichy, opositores a de Gaulle, neofascistas, membros do movimento poujadista<sup>27</sup>, militantes que participaram da FEN-*Fédération des étudiants nationalistes*<sup>28</sup>, da JN-*Jeune Nation*<sup>29</sup> e ativistas que não possuíam vínculo partidário, mas simpatizavam com a ideia de organizar um partido de extrema-direita. (ANDRADE. p. Locais do Kindle 1584).

O FN, em sua criação, tem como lideranças Jean-Marie Le Pen e François Duprat, sendo Le Pen eleito o primeiro presidente do partido. James Shields (2007, p. 169) defende que ele fora eleito como primeiro presidente do partido pelo fato de não possuir a imagem de militante radical do ON, sendo uma figura moderada para os padrões frontistas e para o

<sup>26</sup> *Movimento Sociale Italiano – Destra Nazionale* iniciou como um movimento neofacista em 1946 por partidários do ex ditador Benito Mussolini. Se estabeleceu como uma das principais forças políticas na enquanto partido político até a década de 1960, quando percebeu gradualmente sua força. A partir da década de 1980 volta a ganhar prestígio na política italiana. O MSI é uma espécie de modelo para os partidos neofascistas da Europa. (CAMUS; LEBOURG, 2015, p. 72-77).

<sup>27</sup> O poujadismo foi um movimento sindical francês liderado por Pierre Poujade, com de 1953 a 1958, atacando especialmente a eficácia do parlamento e da Quarta República. A expressão é utilizada para qualificar, negativamente, alguns tipos de populismos, em especial os que se aproximam dos discursos de Pierre Poujade.

Não há uma bibliografia extensa sobre Pierre Poujade, entretanto dois livros se destacam para a compreensão de suas ideias e ações: CAPPEAU, Arnauld. *Pierre Poujade et les élections de janvier 1956* e sua autobiografia POUJADE, Pierre. *L'histoire sans masque*, Paris: Elytis, 2003.

<sup>28</sup> Organização estudantil de extrema direita formada a partir de estudantes da Universidade de Lyon em 1960, responsável por construir uma rede integrada de estudantes nacionalistas na Europa. São dissidentes do FEN que fundam o *Occident* em 1963 e o GRECE em 1967 (CAMUS; MONZART, 1992, p. 51; 74; 80; 89).

<sup>29</sup> Movimento nacionalista fundado em 1949, sendo dissolvido em 1958 por conta de suas ações violentas, passou um ano tentando se reorganizar sob outras siglas até que se junta ao FEN em 1959. (CAMUS; MONZART, 1992, p. 45; 80; 89; 98; 347)

movimento de direita. Albertini e Doucet (2014, p. 33-37) mostram que não fora apenas esse motivo, visto que Jean-Marie Le Pen fez uma campanha política sólida, incluindo uma equipe bem montada que promovia reuniões em diversas cidades para angariar votos.

A empreitada eleitoral do partido não alcançou o sucesso desejado, obtendo, segundo James Shields (2007, p. 171), 0,5% dos votos em toda a França e Le Pen 5% dos votos em seu respectivo distrito eleitoral. Tal fracasso eleitoral explicitou as divergências internas do *Front National*. Para Camus (1996, p. 21) existia duas correntes dentro do FN: uma em torno do ON que, ao lançar o manifesto intitulado *Défendre les Français*, se aproximou do MSI, com a ideia de mobilizar o que chamaram de setores “saudáveis” do país, diante da decadência da moralidade, das instituições e do prestígio nacional; na prática, o ON voltou ao ativismo duro de antes; do outro lado, a corrente de Jean-Marie Le Pen trabalhava com o lema “a formação de novas elites desenhadas ao máximo na profundidade do nosso povo,” buscando uma coalizão e uma retórica menos radical. Tal posicionamento fez com que Jean-Marie Le Pen logo se tornasse o principal líder do partido, mesmo provocando a saída de alguns militantes radicais. A postura da corrente de Jean-Marie Le Pen foi fundamental para a formação identitária do FN, enquanto a corrente da ON se aproximou da postura do *Occident*, o que, inclusive, fez com que fossem banidos. Le Pen buscou se adequar as regras políticas republicanas, essa tentativa de adequação, se tornou uma das principais características do partido.

A campanha presidencial de 1974 marca a ruptura total entre os dois grupos. Camus (1996, p. 21) mostra que existe uma tentativa política interna de tirar o poder de Jean-Marie Le Pen e sua corrente a partir da nomeação de membros da corrente do ON para cargos fundamentais dentro do partido, o que leva a uma disputa judicial, na qual Jean-Marie Le Pen sai vitorioso ganhando o direito de usar o nome do partido. O *Front National* vai para as eleições nas piores condições possíveis, a dissidência interna fragilizou o jovem partido e, para agravar sua situação, outros grupos de (extrema) direita também lançaram candidatos, como Bertrand Renouvin (Monarquistas) e Jean Royer. Na prática, o objetivo de Jean-Marie Le Pen de agregar a direita fora desarticulado. Com Jean-Marie Le Pen ficou François Duprat, que será fundamental na reconstrução do partido, após o rompimento com o *Ordre Nouveau*.

Jean-Yves Camus e René Monzat (1992, p. 104) defendem que o *Front National* se diferencia, em seu contexto de formação, por conseguir se inserir no interior de uma escalada global dos nacionalismos xenófobos na Europa. Tal argumento ganha força na medida em que os ápices de aceitação eleitoral do partido se dão exatamente em surtos xenófobos no

continente. Essa é mais uma característica que marcará a forma como o partido foi e é conduzido.

A reconstrução do *Front National* passa necessariamente pela figura de François Duprat; desta forma, antes de analisarmos a reconstrução do partido, é necessária uma breve apresentação deste militante e dirigente da extrema-direita francesa.

Albertini e Doucet (2014, p. 55-62), em seu livro sobre a história do FN, reservam um tópico – “Duprat, o homem que revoluciona o FN” – para apresentar Duprat e destacar sua importância na reconstrução do partido. Apresentam o professor de História François Duprat como uma figura controversa, mas como o mais importante nome da extrema direita francesa nos anos 1960 e 1970. Antes de chegar ao FN, já havia passado pelos grupos *Jeune Nation*<sup>30</sup>, *Occident* e *Ordre Noveau*; era um fascista e negacionista da shoah<sup>31</sup> convicto, sendo o primeiro historiador a negar a shoah em terras francesas. É descrito como uma personagem truculenta e com um poder de convencimento incomum. Mesmo com tais características, ou em virtude delas, Duprat tinha acesso a diversos círculos da extrema direita, sendo notadamente respeitado. Desta forma, seu engajamento fez com que o FN atingisse um novo público, o que incluía grupos fascistas e neonazistas. Impondo sua ideologia no interior do partido, o nacionalismo revolucionário. Sobretudo, Duprat é reconhecido como o responsável pela organização estrutural do FN como partido.

Mesmo sendo um entusiasta do fascismo, um antisemita, racista e supremacista convicto, Duprat foi peça importante no que se refere à substituição do discurso do racismo biológico pela defesa do que chama de “cultura francesa”, discurso que marcará, desde então, a orientação ideológica e as estratégias do partido. Desta maneira, questões como supremacia racial não aparecem no programa do partido, mesmo que isso fique camuflado pelo eufemismo representado pelas expressões “cultura francesa” ou “costumes franceses”. O famoso bordão de Duprat “um milhão de desempregados é também um milhão de imigrantes” (Albertini e Doucet, 2014, p. 61) não só ajuda a orientar a política do FN desde então, mas de fato é um ponto fundamental para se compreender o partido.

---

<sup>30</sup> Movimento nacionalista fundado em 1949 e dissolvido pelo governo em 1958 por conta de ações violentas.

<sup>31</sup> É empregado o termo shoah, tal como é feito por grande parte dos estudiosos do tema, por considerarmos que há uma disputa em torno da gestão da memória do genocídio promovido pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. O termo “holocausto” e ainda mais “Holocausto” são termos cunhados com objetivos políticos e ideológicos, que busca tratar o evento como exclusivo aos judeus, excluindo assim, outros grupos perseguidos e massacrados pelos nazistas e seus aliados.

Pois bem, o partido renasce com Duprat, mas não apenas com ele ou por ele, outras questões estão envolvidas em seu ressurgimento. Jean-Yves Camus (1996, p. 22-23) defende que, de 1974 a 1978, apesar do desastre eleitoral nas eleições parlamentares de 1979, o FN se constitui como um verdadeiro partido de direita nacionalista, dotado de uma estrutura regional bem definida, uma imprensa regular e órgãos de governo, além de aumentar seus aderentes, em certa medida por conta da adesão de grupos nacionalistas revolucionários. Por outro lado, esse período marca uma disputa interna de poder, em certa medida pela concorrência com o PFN-*Parti des Forces Nouvelles*, fazendo com que seja autorizada no interior do FN uma dupla adesão, dando espaço e destaque para a ala mais extremista. Questões que resultam em uma organização partidária próxima do modelo do MSI italiano.

Nesse processo de reorganização alguns pontos devem ser destacados. Camus (1996, p. 23-24) afirma que, já em janeiro de 1974, Duprat articulou a estratégia do FN sob três eixos fundamentais: 1. antiparlamentarismo e oposição integral ao sistema democrático; 2. autorização para qualquer membro do FN pertencer a qualquer outro grupo nacionalista; 3. a aceitação de negociações pontuais com direitas locais visando eleições tanto regionais quanto nacionais. Logo, o partido buscou se construir como uma direita moderada, mas na busca de crescimento acabou por fazer alianças com grupos extremistas, que tinham alcance local.

Tais posições trazem desdobramentos importantes na vida e constituição ideológica do partido. Camus (1996, p. 24-26) aponta que houve uma inflexão sensível na ideologia frontista com a chegada dos “nacionalistas revolucionários” e seus teóricos como Ploncard d’Assac. Há nesse momento a introdução da ideia de que a decadência da França é culpa dos “corpos estranhos” e do “globalismo”. De tal modo, não é apenas a imigração ilegal que é denunciada, mas o ataque à identidade nacional francesa. Tais direcionamentos fazem com que o FN se alinhe com partidos xenófobos europeus, tais como o suíço *l’Action Nationale*, o *National Front* e o *Powellistes* da Grã-Bretanha. Mas por que houve essa modificação de postura? Camus defende que isso se deu especialmente por conta do embate com o PFN, com o qual disputava o protagonismo da extrema direita francesa, visto que o concorrente contava com maior aceitação nos meios de comunicação. O período marca uma proliferação de grupos radicais nas periferias de grandes cidades francesas, grande parte dissidentes do ON que buscavam atuar na ilegalidade, após a dissolução do grupo. Esses grupos, dentre eles o nacional-socialista/neonazista FANE-*Fédération d’action nationale et européenne*<sup>32</sup>, introduzem um

---

<sup>32</sup> O FANE foi fundado em 1966, sob a liderança de Mark Fredriksen; segundo as considerações de Camus e Lebourg (20015, p. 115) fora uma organização abertamente neonazista.

discurso anti-americanista e antissionista, aproximando ainda mais o FN dos grupos extremistas da Europa, visto que esses grupos compunham uma rede europeia de partidos extremistas e antidemocráticos.

Esse cenário resulta em fracasso eleitoral: nos anos de 1974-1978 o *Front National* tem menos de 1% dos votantes, nele incluindo o fracasso eleitoral das eleições municipais de 1977, o que inspira uma nova estratégia para galgar o sucesso eleitoral, fazendo com que o partido mude novamente seu foco, especialmente com a vitória de Válerio Giscard d'Estaing, político liberal identificado como de centro direita. Tanto o PFN quanto o FN se posicionam contra o presidente eleito, com um manifesto intitulado “*La droite contre Giscard*<sup>33</sup>”, que defendia haver uma espécie de derrocada ideológica da direita, pelo fato do presidente implementar ações em diversas áreas que contrariavam os objetivos populistas dos partidos, tal como sua política de abertura econômica. Duprat defendia a economia de autossuficiência e a nacionalização de setores-chave de produção.

No período, especialmente por conta da possibilidade de alianças com grupos de direita e certa autonomia dos grupos locais, o FN se aproxima de grupos com ideias mais radicais dentro da direita francesa e europeia. Para Camus e Monzart (1992, p. 104), sua história se inscreve na tradição do nacionalismo xenófobo na Europa.

Para Camus (1996, p. 28-29), as eleições legislativas de 1978 faz com que haja outra virada ideológica no interior do partido, que marca o período de 1978-1981, que o autor chama de “virada para o nacional populismo”.

Camus (1996, p. 29-30) aponta um protagonismo maior de Jean-Marie Le Pen no período, fazendo com que o partido inicie uma virada ideológica com inspiração populista, notada no manifesto econômico intitulado “Direita e democracia econômica”. O FN passa a denunciar o “excesso de Estado”, postando-se contra a alta carga tributária e contra o que chamam de aliança entre Estado, políticos e empresas.

A referida mudança não é necessariamente uma reviravolta, trata-se de uma estratégia para ampliar o *score* eleitoral do partido, visando atrair para si o eleitorado representado por comerciantes, pequenos empresários e funcionários públicos que se viam desfavorecidos pela política econômica giscardiana. Há um distanciamento das estratégias intervencionistas e uma tendência por uma economia orgânica: surge um FN mais moderado e

---

<sup>33</sup> “A direita contra Giscard”.

menos extremista, visando o capital estrangeiro. Tal tentativa de ampliação de seu eleitorado constituirá um esforço permanente do FN desde então, o que suscitará problemas internos no partido, mas que marcará suas estratégias.

Camus (1996, p. 29) aponta outro ponto fundamental no período o distanciamento do FN da direita tradicional, ao recusar uma aliança com a direita anticomunista, em certa medida, por conta da nova direção no que diz respeito às orientações da política econômica do partido. Tal atitude resulta, segundo o autor, que nas eleições de 1978 o FN consegue uma porcentagem baixa de votos em locais que a extrema direita tem tradicionalmente maior aceitação, perdendo espaço para o PFN. Nestes locais, saiu-se bem apenas nos recintos de influência direta de Duprat.

Entretanto, entre os dois turnos da eleição, acontece a trágica e ainda obscura morte de François Duprat, quando o carro que dirigia explodiu. Como resultado direto, o FN perde espaço entre os grupos locais da direita radical, que se ligavam ao FN via Duprat; na prática, sua morte força o *Front National* a revisar sua orientação ideológica. É quando há uma reaproximação com a ND-*Nouvelle Droite*<sup>34</sup> e o GRECE. Jean-Yves Camus aponta a seguinte hipótese para o reordenamento ideológico do partido:

[...] On peut alors poser l'hypothèse suivante: la droite conservatrice, en reprenant les idées du GRECE par club de l'*Horloge* interposé, les a d'abord reformulées pour abandonner l'anti-économisme au profit de l'ultra-libéralisme. Ce faisant, elle a fourni au FN les armes pour la concurrencer sur le terrain électoral en réhabilitant trois idées: la supériorité de l'Occident et sa déculpabilisation par rapport au fait colonial; l'inégalité des individus et des aptitudes des peuples; le confinement de l'Etat hors de l'économie et le rétablissement nécessaire de la souveraineté populaire, supposée confisquée par la technocratie. [...]<sup>35</sup> (CAMUS, 1996, p. 31)

Partindo dessa reorientação, fica compreensível o apoio a referendos de iniciativa popular envolvendo questões sociais como o da pena de morte ou sobre a imigração. Cria a ideia de “povo contra as oligarquias políticas”. Além disso, o FN passa por uma reestruturação

<sup>34</sup> A Nova Direita é uma Escola de pensamento fundada em reação aos eixos históricos da extrema direita francesa após 1968, trata-se de um grupo de filósofos e intelectuais que visam influenciar a direita eleitoral francesa, buscando transcender as relações partidárias. Tendo como seu principal grupo irradiador de ideias o GRECE-Groupement de Recherche et d'Études pour la Civilisation Européene. CAMUS, 2015, p. 98-99)

<sup>35</sup> [...] Pode-se, então fazer, a seguinte hipótese: a direita conservadora, retomando as ideias do GRECE pelo club de *l'Horloge* interposto, primeiro as reformulou-os para abandonar o anti-economismo em benefício do ultroliberalismo. Ao fazê-lo, ela forneceu à FN as armas para competir no terreno eleitoral, reabilitando três idéias: a superioridade do Ocidente e sua desculpabilização em relação ao fato colonial; a desigualdade dos indivíduos e das habilidades dos povos; a contenção do Estado fora da economia e a restauração necessária da soberania popular, supostamente confiscada pela tecnocracia.

administrativa: o controle dos grupos locais e das alianças se torna mais rígido, mais centralizado; o partido passa por uma modernização, apresentando-se cada vez mais como um partido de direita moderado. A figura de líder de Jean-Marie Le Pen se torna cada vez mais importante.

Como o objetivo do FN era uma ampliação de seu alcance eleitoral, existe uma aproximação com o fundamentalismo católico. Segundo Camus (1996, p. 32-33), essa aproximação se dá em 1980 e 1981, extremismo este que estava escondido na extrema direita nos últimos anos. Mesmo o FN buscando se aproveitar do extremismo para fins eleitorais, este acaba por delinear algumas questões importantes no que diz respeito às ideias do partido, incorporando temas como a invocação de Joana d'Arc e a identificação da cultura nacional como cultura cristã.

Em um balanço do período de 1972 a 1981 pode ser notado que, apesar de ser um período conturbado no cenário político francês, tal como no interior da extrema direita, ou extremas-direitas, o FN se estabelece como um partido político com identidade própria, ou que busca isso. Como pôde ser notado, apesar de uma heterogeneidade de grupos, ideias e personagens, o partido se fez na intenção de se colocar em um local que a extrema direita não ocupava, ou seja, as urnas, mesmo não tendo atingido o sucesso que projetava. No processo, as figuras de François Duprat e Jean-Marie Le Pen são fundamentais.

Ponto importante é que o *Front National* se constrói no processo histórico do pós Segunda Guerra Mundial, trazendo em seu programa político questões fundamentais da época, tal como seus tabus, conceitos e preconceitos. Camus e Monzart (1992, p. 105) argumentam que o FN nasce dentro do contexto europeu de renascimento do nacionalismo xenófobo, traço marcante no partido desde então.

### **1.1.3 O *Front National* parlamentar**

Passado o que Pascal Perineau (1996, p. 38-41) chama de deserto eleitoral da extrema direita francesa, período tratado acima, o FN passa por outro momento, a partir da década de 1980, denominado pelo autor de “explosão eleitoral” (1996, p.43-44), especialmente a partir das eleições parlamentares de 1984.

O período de transição, até as eleições parlamentares de 1984, pode ser caracterizado especialmente por um distanciamento do FN em relação a outros grupos de extrema direita, em especial o GRECE. Período caracterizado por um vazio organizacional até encontrar uma nova reestruturação, como analisado por Valérie Igouinet:

Entre 1978 et 1985, la formation politique est inexistante. À partir des européennes (juin 1984), puis des élections cantonales (mars 1985), le parti vit une période de structuration importante. François Duprat l'avait anticipée: le plus difficile pour le FN, quand arriveraient les premiers « succès », serait de devoir gérer et former de nouvelles personnes. Et, pour cette étape, une condition doit être remplie: les futurs formateurs doivent être préalablement formés eux-mêmes. Le FN ne se prépare pas à cette phase.<sup>36</sup> (IGOUNET, 2015b, p. 274)

Os novos membros não chegam com uma ideia pronta e a agrega ao partido, pelo contrário, existe uma estrutura que permite uma construção doutrinária, uma transmissão da história, ou, ao menos, de uma versão da história do partido para os novos membros. Jean-Marie Le Pen ganha força e passa a delegar os rumos do partido, os dirigentes aprendem a “falar de política”, como afirma o autor (IGOUNET, 2015b p. 275), fazendo com que a maioria dos membros passe a reproduzir a identidade e o discurso construídos pelo seu presidente. Igouinet (2015b, p. 275) afirma que, buscando uma unidade política, o FN funda uma história política e doutrinária particular.

Período que Albertini e Doucet (2014, p. 109-132) chamam de o “*Front Parlamentaire*” (Frente Parlamentar), caracterizado, além da supracitada construção de uma identidade própria, por uma mais bem elaborada estratégia eleitoral visando as eleições legislativas e distritais; partido agora de orientações centralizadas e com o crivo de Jean-Marie Le Pen.

Com uma administração centralizada e um maior controle doutrinário, além de estratégicas políticas eleitorais melhor definidas, a política de alianças também pode ser reconstruída buscando maior alcance eleitoral. Na prática, aproveitando-se do crescimento eleitoral, Jean-Marie Le Pen abre o partido para outros movimentos, de forma mais controlada que no período anterior.

---

<sup>36</sup> Entre 1978 e 1985, a formação política inexistia. A partir das eleições europeias (junho de 1984) e depois das cantonais (março 1985), o partido viveu um período de estruturação importante. François Duprat havia previsto: o mais difícil para a FN, quando chegasse os primeiros “sucessos”, seria ter de gerir e formar novas pessoas. E, para esta etapa, uma condição deveria ser cumprida: os próprios futuros formadores deveriam ser treinados de antemão. A FN não se preparou para esta fase.

Jean-Yves Camus (1996, p. 111) argumenta que tal configuração permite uma aproximação do FN com a Nova Direita francesa, cuja figura exponencial, Bruno Mégret,<sup>37</sup> ganha espaço no interior do partido, em certa medida assumindo o espaço deixado após a morte de Duprat. O autor afirma (1996, p.106) que a vinda da Nova Direita para o FN é consequência de uma configuração política nova.

Já em 1988, um ano após aderir ao *Front National*, Mégret se torna delegado geral do partido, cargo ocupado até então por Jean-Pierre Stirbois<sup>38</sup>, herdeiro intelectual de Duprat, que faleceu no mesmo ano, sendo nomeado pelo próprio Jean-Marie Le Pen, tornando-se o elo de comunicação do escritório central com os comitês regionais; dentre suas ações, buscou aproximação com líderes de partidos de direita e o apoio no meio universitário. Foi eleito para o Parlamento Europeu em 1989 e, em 1992, eleito conselheiro regional da região Provence-Alpes-Côte d’Azur, região de forte presença frontista.

Franco de Andrade (Locais do Kindle 3268-3269) afirma que Mégret foi fundamental, visto que trouxe para o partido uma estrutura administrativa profissional, e as mudanças implementadas por ele ajudariam o FN a se desenvolver na década de 80 e 90, mesmo se a estrutura do poder tenha se mantido hierarquizada e essencialmente centralizada na figura de Jean-Marie Le Pen.

Trouxe, também, outra perspectiva ideológica para o partido, que logo se chocará com a lepenista. O importante, ao se destacar aqui sua trajetória, é apontar como a Nova Direita influencia as teses do FN. A influência de Mégret chega a tal ponto que constrói suas ações para ser o sucessor de Jean-Marie Le Pen como presidente do partido, um FN renovado, para ser o partido da direita conservadora e liberal.

Albertini e Doucet (2014, p. 136-140) compreendem que Mégret entra em cena de fato nas eleições de 1988, almejando transformar o FN em uma “*Troisième Voie*” (“Terceira Via”), buscando afastar o partido da direita clássica, distanciando-se dos ideais fascistas. Tal posição não agradava a parte mais radical do partido, inclusive Stirbois; logo após seu

<sup>37</sup> Bruno Mégret é um importante nome da extrema direita francesa, com militância em movimentos ultradireitistas como o RPR-Rassemblement pour la République e o CAR-Comités d’Action Républicaine –liderado por ele mesmo até ingressar no FN na década de 1980, de que se tornará um de seus principais líderes até romper com Jean-Marie Le Pen, em 1998, quando fundará seu próprio partido: o MNR-Mouvement National républicain.

<sup>38</sup> Participou da campanha eleitoral de Jean-Louis Tixer-Vingnacour na já mencionada aliança de direita, participou do Mouvement jeune révolution – MJR e do mouvement solidariste. Fora secretário geral do FN com a morte de François Duprat, do qual compartilhava ideias. Fora membro do mouvement solidariste. Fora eleito deputado parlamentar europeu em 1984 e deputado parlamentar em 1986, dentro do FN foi inimigo declarado de Bruno Mégret. (CAMUS; MONZART, 1992, p. 98-99)

falecimento, quem assume e agrupa essa parte mais radical é Jean-Marie Le Pen. Mégret procura aproximar o FN do jogo democrático, faz com que o partido se adeque a ele, buscando se apresentar como um partido moderado, inclusive entre os partidos de centro direita.

O novo formato fez com que o FN chegasse ao recorde histórico de votos na eleição presidencial de 1988, como demonstra Pascal Perineau (1996, p. 49): foram 4.367.269 de votos, o que corresponde a 14,4%. Com essa expressividade nas urnas, o FN se torna um partido que não podia mais ser ignorado.

A influência da Nova Direita, que traz uma outra perspectiva identitária e nacionalista para o FN, se torna na prática o centro das disputas internas. Camus resume a posição ordem novista da seguinte maneira:

[...] la recherche des plus anciennes traditions européennes et le maintien par, entre autres, l'usage de rites et de célébrations, ainsi que l'attachement à voir dans presque tous les peuples européens actuels les descendants d'un peuple indo-européen originel, dont le point de départ pour la colonisation de l'Europe reste discuté mais dont l'existence est tenue pour certaine. Quand Bruno Mégret déclare que « la population de notre pays est restée homogène depuis les origines » ajoutant que « l'identité française est donc liée au sang » il ne reprend évidemment pas mot à mot les écrits néodroitières sur l'origine des peuples européens, qui seraient difficiles à transformer em arguments de séduction de l'électorat. Toutefois, il marque un tournant par rapport au nationalisme barrésien imprégnant le FN. (...)<sup>39</sup> (CAMUS, 2015, p.109)

A perspectiva apresentada por Mégret diz que o povo ou a nação não é uma questão de “raça”, mas uma dinâmica de continuidade histórica, o nacionalismo seria algo natural do povo francês que ultrapassa as questões raciais, exalta as origens indo-europeias e introduz a questão da cultura. Como tais teses rapidamente permeiam o discurso do FN, elas geram uma tensão interna em torno do conceito de nacionalismo: de um lado, o nacionalismo pautado na raça; de outro, aquele pautado na terra e cultura. Como escrevem Albertini e Doucet (2014, p.161), o problema da imigração, especificamente a extra europeia, é transformado, não mais apenas uma questão de emprego, como fora tratado pelo FN nos últimos 15 anos, mas uma

---

<sup>39</sup> [...] a busca das mais antigas tradições europeias e a manutenção, entre outros, do uso de ritos e celebrações, bem como o apego a ver, em quase todos os atuais povos europeus, os descendentes de um povo indo-europeu original, cujo ponto de partida para a colonização da Europa continua a ser debatido, mas cuja existência é certamente mantida. Quando Bruno Mégret declara que “a população de nosso país permaneceu homogênea desde sua origem”, acrescentando que “a identidade francesa está, portanto, ligada ao sangue”, ele evidentemente não está retomando, palavra por palavra, os textos neo-direitistas sobre a origem dos povos europeus, que seriam difíceis de transformar em argumentos para seduzir o eleitorado. No entanto, ele marca um ponto de virada em relação ao nacionalismo barresiano\* que permeia o FN. (...) (\*Nota de tradução: referente ao escritor e político francês Maurice Barrés.)

questão étnica, social e cultural, abrindo assim uma cruzada em defesa da identidade contra os defensores do “cosmopolitismo”.

O racismo persiste, mas o FN passa a adotar uma linguagem mais conciliadora, menos radical, uma linguagem mais tecnocrática. A aproximação do FN com a Nova Direita, promovida por Méret, é a base de seu viés nacional-populista, abandonando um aspecto da extrema direita tradicional e se construindo, pelo menos em aparência, como uma direita parlamentar ou democrática.

A influência da ND sobre o FN se estende até o fim da década de 1990. No início da década dá-se a consolidação do partido e, também, algumas reestruturações em pontos estratégicos. Gilles Ivaldi afirma ser a década marcada por 3 características:

A partir du début des années 1990, le nationalisme du FN a été restructuré par la conjonction de trois phénomènes distincts: d'une part, la prise de conscience par l'opinion publique de la réalité de l'impact de la globalisation économique; d'autre part, l'accélération du processus d'intégration européenne; enfin, l'isolement du parti lepeniste comme « troisième force » sans perspective d'alliance notamment avec une droite parlementaire convaincue de la nécessité de maintenir un cordon sanitaire entre elle et l'extrême droite.<sup>40</sup> (IVALDI, 2012, p. 105)

Pois bem, o projeto político do FN passa novamente por uma reformulação, sem perder de vista o jogo democrático e o espaço já conquistado, é um período de busca por consolidação. Na prática, ao eleger como inimigo a globalização econômica, ou o que chamam de “globalismo”, o partido se coloca em uma posição de crítica tanto da esquerda quanto da direita tradicional, visto que o cerne dessa argumentação é a existência de uma tentativa de padronização da economia por parte de uma elite econômica global, o que automaticamente faz com que o partido se posicione contrário à integração europeia. Entretanto, o já mencionado sucesso eleitoral do FN faz com que haja uma aliança de segurança entre os outros partidos buscando isolar o FN, entendido agora como um partido com ideais radicais e com aceitação eleitoral, portanto, uma ameaça.

As eleições municipais de 1995 confirmaram a consolidação do FN: o partido saltou de uma para três prefeituras, aumentando ainda mais em 1997, quando em uma eleição

---

<sup>40</sup> Desde o início da década de 1990, o nacionalismo do FN foi reestruturado pela conjunção de três fenômenos distintos: de um lado, a conscientização pública sobre a realidade do impacto da globalização econômica; por outro, a aceleração do processo de integração europeia; por fim, o isolamento do partido de Le Pen como uma “terceira força” sem perspectiva de aliança, especialmente com uma direita parlamentar convencida da necessidade de manter um cordão sanitário entre ela e a extrema direita.

suplementar conquistou mais uma prefeitura. Problemas de divergências de perspectivas se tornaram latentes, especialmente a partir das eleições presidenciais de 1995, nas quais, sob direção de Mégret, o candidato do FN, Jean-Marie Le Pen, conseguiu 15% dos votos, terminando em terceiro lugar na disputa presidencial.

#### **1.1.4 Consolidação do partido**

A consolidação do partido prossegue em 1997, nas eleições legislativas,<sup>41</sup> quando obteve 15,3% dos votos. No entanto, o processo eleitoral explicitou ainda mais a tensão entre Bruno Megrét e Jean-Marie Le Pen, o que levaria à saída de Megrét em janeiro de 1998.

As divergências aumentavam, não apenas no quesito de ideias políticas divergentes, mas também em quesitos pessoais e de poder, como argumentam Albertini e Doucet (2014, p.185-206), gerando o que os autores chamam de uma “guerra latente”, afirmando que Jean-Marie Le Pen era consciente da ameaça que o grupo de Bruno Mégret representava.

A presença do *Front National* nos processos eleitorais estava consolidada, tanto em nível local quanto nacional. Pascal Delwit (2012, p. 11-36) observa que a ascensão eleitoral do FN aumentou sua força no jogo político e eleitoral francês, aumentando seu poder no que diz respeito a alianças e força para impor suas pautas. O que se tem, então, é um FN fortalecido no cenário político francês; no entanto, tal fortalecimento não esconde os problemas internos pelo qual passava, pois o partido foi levado a uma dualidade marcante no fim desses processos eleitorais. Delwit sintetiza a situação da seguinte forma:

[...] Dans la deuxième moitié des années quatre-vingt-dix, les relations entre *lepenistes* et *mégretistes* se durcissent tout comme les rapports entre Jean-Marie Le Pen, président, et Bruno Mégret, délégué général. La problématique de la future tête de liste aux élections européennes rend public le conflit. Suite à une rixe durant la campagne législative de 1997, Jean-Marie Le Pen avait été condamné à un an d'inéligibilité, lui interdisant d'être candidat en 1999. Bruno Mégret fait alors valoir sa préséance comme numéro deux du parti. Mais Le Pen n'en veut pas. En août 1998, à l'Université d'été de Toulon, il rappelle ses prérogatives: « Au *Front National*, c'est le président qui établit la liste aux européennes, qui la conduit en général, il n'y a pas

---

<sup>41</sup> Na França existe a possibilidade constitucional de dissolução da Assembleia Nacional pelo Presidente da República, realizando assim novas eleições legislativas. O então presidente Jacques Chirac usou de tal artifício, dissolvendo a Assembleia Nacional em 1997, desta forma, as eleições que estavam previstas para 1998 ocorreram em 1997. Efetivamente a medida ocorreu como uma estratégia política para ampliar a base de sustentação do governo no Legislativo. O objetivo era criar condições para os ajustes econômicos. (Folha de São Paulo, 21 de abril de 1997).

de raison pour que cela change » et affirme que le *Front National* est sa « chose »: « Le *Front National* a été fondé par Jean-Marie Le Pen, conduit par lui pendant vingt-cinq ans. (...) Il n'y a pas de raisons pour que cela s'arrête ». Si ce n'est pas Jean-Marie, ce sera son épouse, Jany, qui tirera la liste. Pour Mégret et ses proches, qui voient désormais Le Pen comme un obstacle, la coupe est pleine. La perspective que Mégret succède rapidement à Le Pen – il a alors soixante-douze ans – s'éloigne. Ils assument la rupture en exigeant, début décembre, la tenue d'un congrès pour désigner la tête de liste. Le FN « unitaire » a vécu. Il se scinde sur une base « transversale »: « du côté lepeniste, la majorité du bureau national, fidèle au chef, et la plupart des militants de base; du côté mégretiste, une majorité de cadres intermédiaires et des élus locaux»<sup>42</sup> (DELWIT, 2012, p. 28)

A divisão não foi a primeira pela qual o partido passou, mas trouxe um fato novo: ela não estava pautada apenas no campo de ideias, pois a figura de Jean-Marie Le Pen é entendida como uma ameaça para o grupo opositor no interior do FN. Pela primeira vez a pessoa de Jean-Marie Le Pen foi abertamente tratado como um entrave para o sucesso do *Front National* e, mais que isso, uma voz com força o suficiente para questionar o poder de Jean-Marie Le Pen.

A separação se dá de forma conflituosa, tornando clara a diferença de posições dentro da instituição de poder. De um lado, Jean-Marie Le Pen busca se perpetuar justificando sua posição baseado em seu histórico e em seu carisma, uma legitimidade que está além de questões legais, uma legitimidade tradicional; de outro lado, Bruno Mégret busca uma legitimidade legal, buscando sustentação nos membros que o apoiavam. Como Mégret pleiteava sustentação legal, tentou legalmente sepropriar do *Front National*, não logrando sucesso, visto que Jean-Marie Le Pen saiu vitorioso no processo instituído, restando a Bruno Mégret criar seu próprio partido, o MNR-*Mouvement National Républicain*<sup>43</sup>.

Jean-Yves Camus (2015, p. 117) afirma que *Front National* e a Nova Direita tem rotas distintas e sua aliança prazo de validade; entretanto, a influência de Megrét no partido no

<sup>42</sup>[...] Na segunda metade dos anos noventa, as relações entre os apoiadores de Le Pen e os de Mégret se endurecem, assim como as relações entre Jean-Marie Le Pen, presidente, e Bruno Mégret, delegado geral. O problema da futura cabeça da lista nas eleições europeias torna o conflito público. Após uma briga durante a campanha legislativa de 1997, Jean-Marie Le Pen foi condenada a um ano de inelegibilidade, impedindo-a de ser candidata em 1999. Bruno Mégret, então, afirma sua precedência como número dois do partido. Mas Le Pen não quer isso. Em agosto de 1998, na Universidade de Verão de Toulon, ele relembraria suas prerrogativas: “No *Front National*, é o presidente que elabora a lista para os europeus, que a conduzem de forma geral, não há motivo para que isso mude” e afirma que o *Front National* é “coisa” dele: “O *Front National* foi fundado por Jean-Marie Le Pen, liderado por ele há vinte e cinco anos. (...) Não há razão para que isso acabe”. Se não for Jean-Marie, será sua esposa, Jany, quem escolherá a lista. Para Mégret e seus próximos, que a partir de agora veem Le Pen como um obstáculo, a taça está cheia. A perspectiva de que Mégret rapidamente suceda Le Pen – ele tem setenta e dois anos – se afasta. Eles assumem a ruptura exigindo, no inicio de dezembro, a realização de um congresso para designar o cabeça da lista. O FN “unitário” sobreviveu. Divide-se em uma base “transversal”: “do lado de Le Pen, a maioria do escritório nacional, leal ao líder e a maioria dos ativistas de base; do lado de Mégret, a maioria dos gerentes de nível médio e de representantes locais eleitos”.

<sup>43</sup> Movimento Nacional Republicano (MNR).

período em que foi seu Secretário Geral é marcante, desde a estrutura interna ao campo de ideias. Ainda para o autor (2015, p. 118-119), a presença da ND no período exposto e a forma de sua ruptura orientará as ações do partido no futuro: se por um lado, nos primeiros anos após a secessão a influência da ND é basicamente zero, as ações do partido caminham em direção de se opor às ideias introduzidas por Mégret, em especial através da força centralizadora de Marine Le Pen, com sua “soberania integral” e obsessão pelo republicanismo, buscando colocar o FN como uma terceira via, uma opção para além dos partidos tradicionais tanto de direita quanto de esquerda. O autor aponta que, após 2015, a revisão em forma de “colagem ideológica” promovida por Marine Le Pen não se volta necessariamente contra as teses neodireitistas; todavia, há uma transposição para suas ideias políticas ou visão, selecionando algumas das ideias de Mégret e as simplificando dentro do partido para não inviabilizar seu caráter plebiscitário.

### **1.1.5 Segundo turno, crise e sucessão**

Após a divisão do partido, MNR e FN iniciam uma disputa para ser o principal partido da direita parlamentar. Apesar dos esforços de Mégret e dos dissidentes do *Front National* que engrossam as fileiras do novo partido, as urnas trazem um desapontamento para os megrelistas, visto que não conseguem o êxito esperado, ficando bem atrás do FN nas eleições legislativas de 2002, em que o partido não atingiu a quantidade mínima de 5% de votos, que lhe daria direitos a cadeiras legislativas, obtendo apenas 1,1% dos votos. Em contrapartida, o FN conseguiu 11,3%. Somado a esse cenário, o MNR ainda perde executivos importantes oriundos do FN, tendo um esvaziamento em sua liderança.

Nas eleições presidenciais de 2002, Jean-Marie Le Pen chegou de forma inédita ao segundo turno, obtendo 16,9% dos votos, cerca de 2862960 votos, o que em números brutos fora menor dos 3800185 da eleição anterior, que corresponde a 14,9%. Pascal Delwit (2012, p. 30) comprehende que a ida ao segundo turno foi algo paradoxal, visto que fora justamente em um período de enfraquecimento do partido, que, segundo ele, se apresentava condenado nas mãos de um septuagénario que não desejava passar o poder.

Apesar de ter ido ao segundo turno das eleições presidenciais, o resultado não esconde a crise que o partido vivia. A ida ao segundo turno foi possível por conta de uma conjuntura bem específica: primeiramente o então presidente, Jacques Chirac, focou seus

esforços contra o primeiro ministro socialista Lionel Jospin, na medida que as pesquisas apontavam um segundo turno entre os dois; outro ponto importante a ser destacado é a grande quantidade de candidatos de esquerda que acabou por fragmentar os votos esquerdistas, que em tese iriam para Jospin, o que levou Jean-Marie Le Pen para o segundo turno. No segundo turno, os protestos contra o candidato da extrema direita e a já mencionada aliança anti-FN fizeram com que Chirac fosse facilmente eleito, com um *record* de 82,2% dos votos. Bem como a já mencionada diminuição dos votos em Jean-Marie Le Pen no segundo turno. Ou seja, o FN obtem menos votos que nas eleições presidenciais, conquistando apenas uma cadeira. A presença no segundo turno eleitoral não significou um crescimento do partido.

Pascal Delwit (2012, p. 30-31), analisa que o FN perdeu drasticamente sua força, tornando-se cada vez menos relevante no jogo político e midiático no período em destaque. Mesmo com o notável declínio do partido, Jean-Marie Le Pen se apega ao cargo e promove uma política mais centralizadora, fazendo com que um de seus importantes militantes, o então prefeito de Orange Jacques Bombart deixasse o partido em 2005, além da perda de Marie-France Stirbois,<sup>44</sup> que fora suspensa do partido pouco antes de sua morte.

As eleições presidenciais de 2007 cristalizam a perda de força do partido. Mesmo com uma aliança entre Jean-Marie Le Pen e Bruno Mégret o partido termina em quarto lugar nas eleições, com 10,4% dos votos. Pascal Delwit (2012, p. 31) comprehende a falência do partido a partir da dinâmica partidária centralizada em Jean-Marie Le Pen, um dos principais responsáveis pela queda no número de votos. O líder do partido perde credibilidade frente aos partidários do FN, havendo uma perda do que ele chama de eleitorado de primeira linha, pois apenas 22% dos eleitores que votaram em Le Pen na eleição anterior repetiram seu voto em 2007. A desfiliação e falta de apoio popular se reflete na diminuição do apoio financeiro, que gera uma crise financeira fazendo com que o escritório central opte por vender alguns de seus bens e diminuir seus funcionários, o que acarreta de maneira direta uma campanha eleitoral menos abrangente no território nacional, algo que fora marcante nas eleições anteriores.

A corrida presidencial de 2007 está inserida no processo de sucessão de Jean-Marie Le Pen como presidente do partido. O processo que Albertini e Doucet (2014, p. 265-283) chamam de doloroso envolve a disputa entre Bruno Gollnisch, representante da ala católica do partido e Marine Le Pen. Gollnisch, professor universitário na Universidade de Lyon III e

---

<sup>44</sup> A carreira de se Jean-Pierre Stirbois se fez ao lado de sua esposa Marie-France Stirbois, sendo um dos primeiros membros do partido, ao lado do esposo a conseguir êxito eleitoral pelo FN, sendo eleita deputada parlamentar em 1989 e deputada no Parlamento Europeu de 1994 a 1999 e de 2003 a 2004.

membro do FN desde 1983, eleito para cargos como o de conselheiro da região de Rhône-Alpes e deputado parlamentar, ganha importância na direção do partido se tornando secretário geral de 1995-2005.

Questão central no processo de sucessão de Jean-Marie Le Pen como presidente do *Front National* está a negação da shoah, como mostram Albertini e Doucet (2014, p. 273-279). Gollnisch fora acusado em 2007 pelo crime de “delito pela contestação verbal de crimes de guerra”<sup>45</sup>, na prática, negação da shoah, sendo condenado a 3 meses de prisão condicional. Gollnisch foi condenado pelo apoio que deu à Jean-Marie Le Pen quando este alegou ser as câmaras de gás uma questão sem importância no desenrolar da guerra, sendo absolvido um ano depois voltou para suas atividades como professor em Lyon, tal posicionamento torna-se simbólico no processo de sucessão, visto que é parte central no projeto de desdemonização promovido por Marine Le Pen mostrar que houve um rompimento com ideias radicais por parte do FN, ideias que são simbolizadas pela questão da negação da shoah.

O processo de sucessão de Jean-Marie Le Pen se dá com a disputa entre dois candidatos, Bruno Gollnisch e Marine Le Pen, ambos nomeados vice-presidentes executivos por Jean-Marie Le Pen. Inicialmente, Gollnisch tinha vantagem sobre Marine Le Pen nas intenções de votos, entretanto, o apoio de Jean-Marie Le Pen à sua filha Marine Le Pen foi decisivo para sua eleição para a presidência executiva do partido. O resultado foi acatado por Gollnisch, mesmo não aceitando ocupar cargos na nova configuração do partido.

Com Marine Le Pen o partido passa por uma nova fase em sua história, buscando especialmente construir uma história independente dos outros partidos de direita e extrema direita francesa. Por mais paradoxal que pareça, a nova líder busca reunir ideias de grupos que passaram pelo partido, usando-as quando lhe convém, mas sem abandonar o tom personalista construído pelo pai. Se por um lado, a ascensão de Marine Le Pen é resultado da formação histórica e ideológica do partido, ela se vale desses resultados para se lançar para além de sua própria história. Marine Le Pen inicia um processo que alguns autores como Alexandre Dezé (2015) chamam de desdemonização do partido, buscando alcançar seus objetivos políticos através da gestão da memória e dos sentimentos, tendo o “povo” como ponto fundamental em seu projeto, visto que este é usado como uma carta mágica para unir posições discordantes.

---

<sup>45</sup> A Lei Gayssot vigora desde 13 de julho de 1990, fazendo com que seja proibido questionar a existência ou a intensidade de crimes contra a humanidade.

Desde sua formação o *Front National* se apresenta como um partido da direita nacionalista, tendo como uma de suas características marcantes a rejeição ao nazifascismo; tal rejeição se dá pela busca do poder por vias democráticas, em tal distinção busca recusar o rótulo de extrema direita. Rejeição ao nazifascismo que não significou que grupos extremistas, dentre eles neonazistas e negacionistas, se aproximassesem do partido e se constituíssem como força política em algumas alas internas. Os movimentos internos de tais grupos encontram resultado direto nas urnas, ou seja, o alcance eleitoral sempre esteve ligado às disputas internas, visto que a exclusão de alas radicais significaria automaticamente a exclusão de votos, por outro lado, a aceitação de alas radicais significaria a perca de votos de alas mais moderadas e certa negatividade da opinião pública. Essa difícil administração pode ser exemplificada pela debandada de membros do partido quando Jean-Marie Le Pen nega a shoah no fim da década de 1980.

O sucesso eleitoral do FN em 1987, resultado da reorganização interna, fez com que o partido buscassem uma nova estruturação para um novo estágio; sob a orientação de Bruno Mégret o partido conseguiu um alcance que ainda não tinha, conquistando, por exemplo, prefeituras. A aliança entre Mégret e Jean-Marie Le Pen, que se rompe em 2002, fez com que o partido entrasse em nova ordem de reestruturação, paradoxalmente, apesar de chegar ao segundo turno, o partido perdeu força, o que pode ser visto nas eleições parlamentares e regionais.

Com a ascensão de Marine Le Pen, o partido, portanto, entra em nova fase, iniciando-se o processo de desdemonização: ela implementa uma revisão das estratégias do partido desde a década de 1970, busca incessantemente o apoio da opinião pública, apresentando o FN como um partido democrático, visando não apenas os votos das extremas-direitas como da direita tradicional francesa. Em um mundo fragmentário, precisa-se de uma ideia para unir os fragmentos, quanto menos “absoluta” ou definida for essa ideia melhor ela serve a esse propósito, Marine Le Pen percebeu isso e faz disso sua aposta, utilizando-se de apelos sentimentais para tal.

O que Marine Le Pen faz é o mesmo que outros líderes do FN fizeram: busca se adequar ao seu tempo, só que mais do que uma roupagem nova, investe-se em um elemento novo, uma reorientação no trato da memória e dos sentimentos. Marine Le Pen parte de fora para dentro no que diz respeito ao momento histórico, faz uma análise mais precisa de seu tempo; diferentemente de seus antecessores, ela busca o controle, por isso se torna mais perigosa, em quesitos eleitorais e para além deles.

## 1.2 O *Front National* e o universo das extremas direitas

O projeto de desdemonização do *Front National* busca desvincular a imagem do partido das extremas direitas, em certa medida busca sair do campo político das extremas direitas, ou, pelo menos, convencer os eleitores disso. Se o FN, sob o comando de Marine Le Pen, traz isso como um projeto, se isso incomoda de tal forma o partido, podemos argumentar que o FN constrói sua história no interior da tradição da extrema direita francesa e europeia.

O universo das extremas direitas na Europa não é um campo harmonioso, visto que os vários grupos de extrema direita tem ideais, posicionamentos e estratégias de ação bem diferentes, o que gera, em determinados momentos, tensões e reviravoltas em suas relações, influenciando diretamente as alianças entre eles e também destes com grupos da direita clássica. O mesmo se estende ao cenário francês. Salienta-se que nem todos os grupos de extrema direita se organizam em partidos políticos, o que torna a análise ainda mais complexa.

Busca-se aqui tratar dois universos distintos: 1 – as relações do FN no interior do campo histórico da direita na França; 2 – as relações do FN com as extremas direitas europeias. No entanto, antes de tratar de tais relações é pertinente que tal análise seja construída levando em consideração uma tradição da direita e extrema direita francesa que vem de antes da formação do *Front National*.

Dois nomes ganham destaque na tradição histórica do pensamento e ação reivindicadas como de extrema direita na França até chegarmos a Jean-Marie Le Pen e ao FN. Trata-se de Charles Maurras e Pierre Poujade. Para que haja uma compreensão das formas como o FN se posiciona no interior da tradição de direita na França e na Europa é necessário, portanto, compreender como esses dois nomes instituem e se articulam em tal tradição.

### 1.2.1 Charles Maurras

Não é Charles Maurras [1868-1952] quem inventa o pensamento de extrema direita na França, ele é oriundo de uma tradição, na verdade encontra nela solo fértil para desenvolver seu pensamento. Jean-Yves Camus e Nicolas Lebourg (2015, p. 7-8) apontam que a tradição da

família de partidos de extrema direita tem sua tradição oriunda do momento posterior à Revolução Francesa, a partir de grupos contrários à democracia e ao sufrágio universal e partidários da monarquia.

Os autores prosseguem demonstrando que posturas que podem ser caracterizadas como de extrema direita surgem no cenário político francês no reinado de Charles X (1824-1830): "... hostile aux choses en état comme aux élites en place, sceptique, adepte de la table rase pour rétablir l'ordre, méprisant les hommes politiques, mais louant l'action et la force, craignant une révolution à venir."<sup>46</sup> (CAMUS; LEBOURG, 2015, p. 9). É pertinente destacar que essas são características e não de fato uma ortodoxia, mas cristaliza-se uma defesa de ações na busca de salvaguardar a tradição a partir da herança católica.

As doutrinas da contra-Revolução e uma visão de mundo de natureza político-teológica repousam sob teóricos como Joseph de Maistre, Louis de Bonald e Antoine de Rivarol. A ideia de uma ordem natural, definida pela tradição, no caso a católica, que se impõe ao governo e é imutável sendo necessária sua aplicação a uma organização social faz surgir um nacionalismo contra-revolucionário, que mais tarde será defendido por Charles Maurras. Desta forma, é notável que Charles Maurras não funda uma forma de se entender política, mas se insere em uma já efervescente tradição de extrema direita, sendo assim, o seu movimento, a “Ação Francesa” [1898] é herdeira de uma tradição de extrema direita essencialmente contra-revolucionária.

A Ação Francesa é o movimento de extrema direita mais influente do século XX. O movimento que inicialmente é pensado pelo intelectual Maurice Barrès, em 1889, rapidamente passa a ter como grande nome e articulador Charles Maurras. O poeta e pensador político desenvolve a noção de um nacionalismo intenso, que vem chamar de nacionalismo integral.

Com o nacionalismo marcantemente anglofóbico, e especialmente germanofóbico, a influência de Maurras é marcante nos círculos intelectuais e políticos no início do século XX. Seu discurso de vingança contra os alemães é largamente utilizado até o fim da Primeira Guerra Mundial. Germanofobia que jamais foi abandonada pelo autor, ainda no livro de 1944, *L'allemande et nous* (*A Alemanha e nós*), para além de todo o conteúdo revanchista, é possível

---

<sup>46</sup> ... hostil com as coisas tal qual estão como com as elites instaladas, cético, adepto de começar do zero para restaurar a ordem, desprezando os homens políticos, mas elogiando a ação e a força, temendo uma revolução por vir.

ler: “L’antagonisme des Français et des Allemands a dominé ma jeunesse. Dans les familles les plus paisibles, on ne donnait pas à un marmot de sabre de fer blanc qui ne fût destiné à planter le drapeau français sur les murs de Berlin.”<sup>47</sup> (MAURRAS, 2011, p. 6). O ódio poético de Maurras pelos alemães é uma incorporação do que, segundo ele, seria o ódio natural dos franceses para com os alemães. O livro, ao fim, é um tratado sobre esse ódio, é uma espécie de autobiografia do sentimento germanofóbico.

Dentre suas teses, defendia que a França perdeu sua grandeza com a revolução de 1789, tida por ele como a maior desgraça da história, visto que abandonara suas raízes clássicas, ligadas à herança romana. Logo, o nacionalismo, de forma integral, só é possível com a monarquia. Em *Mes idées politiques* (*Minhas ideias políticas*), de 1937, é possível ler:

J’ai vu sur l’Acropole, jonchant la terrasse où s’élève la façade orientale du Parthénon, les débris du petit temple que les Romains, maîtres du monde, avaient élevé en ce lieu à la déesse Rome, et j’avoie que la première idée de cet édifice m’avait para (sic) comme une espèce de profanation. En y songeant mieux, j’ai trouvé que le sacrilège avait son audace sublime. A la beauté la plus parfaite, au droit le plus sacré, Rome savait préférer le salut de Rome, la gloire des armes romaines et, non content de l’en absoudre, le genre humain ne cesse de lui en marquer sa reconnaissance. L’Angleterre contemporaine a donné des exemples de la même implacable vertu antique. Le nationalisme français tend à susciter parmi nous une égale religion de la déesse France.

La monarchie héréditaire est en France la constitution naturelle, rationnelle, la seule constitution possible du pouvoir central. Sans roi, tout ce que veulent conserver les nationalistes s’affaiblira d’abord et périra ensuite nécessairement. Sans roi, tout ce qu’ils veulent réformer durera et s’aggravera ou, à peine détruit, reparaira sous des formes équivalentes. Condition de toute réforme, la monarchie en est aussi le complément normal et indispensable.

Essentiellement, le royalisme correspond à tous les divers postulats du nationalisme: c’est tout cela qu’il s’est nommé lui-même le NATIONALISME INTÉGRAL.<sup>48</sup> (MAURRAS, 1983, p. 136)

---

<sup>47</sup> O antagonismo dos franceses e dos alemães dominou minha juventude. Nas famílias mais pacíficas, não se dava a uma criança uma espada de ferro branco que não fosse destinada a plantar a bandeira francesa nos muros de Berlim.

<sup>48</sup> Eu vi na Acrópole, espalhados no terraço onde a fachada oriental do Partenon se ergue, os restos do pequeno templo que os romanos, senhores do mundo, haviam levantado nesse lugar à deusa Roma, e eu admito que a primeira ideia sobre esta construção me pareceu uma espécie de profanação. Pensando melhor nisso, descobri que o sacrilégio tinha sua audácia sublime. Para a beleza mais perfeita, para o direito mais sagrado, Roma soube preferir a salvação de Roma, a glória das armas romanas e, não contente em absolvê-la, a raça humana continua a enfatizar seu reconhecimento. A Inglaterra contemporânea deu exemplos da mesma antiga virtude implacável. O nacionalismo francês tende a despertar entre nós uma religião igual da deusa França.

A monarquia hereditária é na França a constituição natural, racional, a única constituição possível do poder central. Sem um rei, tudo o que os nacionalistas querem manter enfraquecerá primeiro e depois necessariamente perecerá. Sem um rei, tudo o que eles querem reformar durará e se agravará, ou mal destruído, reaparecerá sob formas equivalentes. Condição de qualquer reforma, a monarquia é também o complemento normal e indispensável.

Essencialmente, o monarquismo corresponde a todos os vários postulados do nacionalismo: é tudo isso que ele denominou NACIONALISMO INTEGRAL.

O livro é de 1937, logo, suas ideias já haviam sido revisadas, mas o trecho supracitado dá uma noção do que Maurras entende por “Nacionalismo Integral” e quais as suas possibilidades. Seu ultranacionalismo se embasa na essência de uma “França eterna”, buscando restaurar a autoridade do Estado por meio da herança da monarquia. Em um primeiro momento foi próximo da Igreja católica Apostólica Romana, por conta da já mencionada valorização das raízes romanas e, também, por conta da aversão ao protestantismo; em um segundo momento, seu movimento é substancialmente laico, mesmo contando em seu interior com entusiastas católicos.

O pensamento de Maurras é fundamentalmente, como já apresentado, germanofóbico e anglofóbico, mas também agrega alguns inimigos naturais da “França forte”, inimigos estes que podem ser internos, são eles: os marxistas, os judeus e os maçons, além do parlamentarismo.

Com a ascensão do nazismo na Alemanha, uma proximidade ao modelo de nacionalismo implantado seria quase natural, se não fosse o antigermanismo. Desta forma, Maurras se entusiasma com Mussolini na Itália e Franco na Espanha. Suas ideias chegam em Portugal, influenciando o movimento salazarista.

Durante a ocupação nazista na França, Maurras é marcadamente contra os colaboracionistas, mesmo apoiando o governo Vichy. O que parece contraditório ganha sentido se a análise for feita na perspectiva de que uma descentralização do Estado, e que esta deveria ser entendida como o estopim para a reestruturação do verdadeiro Estado. Charles Maurras foi condenado à prisão perpétua em 1944.

O pensamento controverso e amplo de Maurras constrói temas que estarão presentes no pensamento da extrema direita francês desde então, em especial a forma como o nacionalismo é adotado por grupos de extrema direita. As concepções de Charles Maurras estão presentes no pensamento de Jean-Marie Le Pen e François Duprat, os construtores do *Front National* e reinterpretadas por Marine Le Pen posteriormente.

### **1.2.2 Pierre Poujade**

Pierre Poujade marca a política francesa a partir do período entre Guerras, ganhando destaque eleitoral nas eleições legislativas de 1956. Criando um movimento, o poujadismo, que

é constantemente caracterizado negativamente como um movimento corporativista, populista e reacionário.

Pierre Bréchon descreve Pierre Poujade [1920-2003] e seu movimento da seguinte maneira:

(...) Pierre Poujade, jusque-là totalement inconnu, libraire-papetier dans un bourg rural du Sud-Ouest, lance en 1953 un mouvement de type syndical, l'Union des commerçants et artisans (UDCA) pour défendre les artisans et commerçants laminés par la modernisation de l'économie. Il dénonce la fiscalité trop lourde de ces petits travailleurs indépendants, ainsi que les contrôles tatillons de l'administration. Sa démarche a du succès. Le mouvement se politise rapidement et, lors des élections législatives de 1956, des listes de candidats poujadistes se présentent dans presque tous les départements sous l'étiquette Union et Fraternité Française. On trouve dans les discours tenus tous les ingrédients de la droite nationale populiste: l'Etat s'attaque aux petits et protège les trusts apatrides, la France est décadente depuis la Libération et les colonies menacées, les parlementaires sont totalement incompétents, il faut donc «sortir les sortants» selon le slogan principal développé dans la campagne électorale. Pierre Poujade mène une campagne très active et très personnalisée, il se présente comme le Français moyen qui sera le sauveur dont la France a besoin, il ne craint pas les propos fortement xénophobes. Contre toute attente, son mouvement recueille 11,6% des suffrages exprimés et 52 sièges de députés. Il obtient ses meilleurs résultats dans des zones rurales traditionnelles, à faible développement économique. Il prend surtout ses voix à des électeurs de droite et de centre droit. Une série d'enjeux, générateurs de forts mécontentements, ont donc produit un décrochage d'électeurs par rapport à leur vote habituel.<sup>49</sup> (BRÈCHON, 2012, p. 162)

Pierre Poujade constrói um movimento que marca a política francesa na década de 1950, ganhando destaque eleitoral nas eleições legislativas de 1956. Como podemos ler nas considerações de Bréchon, o movimento que tinha uma demarcação específica de reivindicações logo se transforma em um movimento político eleitoral nacional. O importante aqui é destacar sua forma de discurso excessivamente populista, que expõe a relação entre os

<sup>49</sup> (...) Pierre Poujade, até então totalmente desconhecido, vendedor de livros e de artigos de papelaria em uma vila rural do Sudoeste, lançou em 1953 um movimento de tipo sindical, a União de comerciantes e artesãos (UDCA), para defender artesãos e comerciantes desgastados e abatidos pela modernização da economia. Ele denuncia a tributação excessiva desses pequenos trabalhadores independentes, bem como os controles exigentes da administração. Sua abordagem é bem-sucedida. O movimento politizou-se rapidamente e nas eleições legislativas de 1956 as listas de candidatos poujadistas apareceram em quase todos os departamentos sob o rótulo União e Fraternidade Francesa. Nós encontramos no discurso realizado todos os ingredientes da direita nacional populista: o Estado ataca os pequenos e protege os trusts apátridas, a França é decadente desde a Liberação e as colônias ameaçadas, os parlamentares são totalmente incompetentes, devemos, portanto, “tirar os que estão de saída”, de acordo com o slogan principal desenvolvido na campanha eleitoral.

Pierre Poujade lidera uma campanha muito ativa e muito personalizada; ele se apresenta como o francês médio que será o salvador de que a França precisa; ele não teme as observações fortemente xenófobas. Contra todas as probabilidades, seu movimento ganha 11,6% dos votos e 52 cadeiras de deputados. Ele alcança seus melhores resultados em áreas rurais tradicionais, de baixo desenvolvimento econômico. Ele obtém seus votos especialmente de eleitores de direita e de centro-direita. Uma série de questões, geradoras de forte descontentamento, acabaram gerando um abandono dos eleitores em comparação a seu voto habitual.

franceses e os “outros”, buscando demarcar que o governo trabalha contra os franceses, lançando um discurso antissistema.

Jean-Marie Le Pen inicia sua carreira política no interior do movimento poujadista, visto que nas eleições legislativas de 1956, os poujadistas alcançaram 12% dos votos, o que lhes rendeu 52 assentos na Assembleia Nacional – dentre eles, Jean-Marie Le Pen. É oportuno destacar que, quando Jean-Marie Le Pen é novamente eleito em 1958, ele já está fora do movimento, que já estava enfraquecido.

Desde então, no cenário político francês, o termo poujadismo tem um tom pejorativo, sendo utilizado para desqualificar plataformas políticas e personagens que tenham um discurso populista e com características demagógicas.

Jean-Marie Le Pen deve, portanto, ao poujadismo, não apenas o apadrinhamento que lhe permitiu ser eleito uma primeira vez, mas também uma forma de discurso que ataca o governo colocando os trabalhadores como vítimas e se vendendo como salvador. O FN nasce com uma marcante influência do poujadismo e, como já visto, no interior da campanha de Jean-Louis Tixier-Vignancour.

Nicolas Lebourg (2015, p. 123) afirma que a tradição autoritária na França data do fim do século XX e o *Front National* se constrói no interior dela. Diversos nomes construíram uma tradição que traz em seu interior permanências e mudanças e o partido não é alheio a isso. Charles Maurras e Pierre Poujade fornecem a base para a inserção do *Front National* no interior de tal tradição.

### **1.2.3 O FN no interior do universo da extrema direita francesa**

No que diz respeito às relações do *Front National* com as extremas direitas e com a direita clássica na França é necessário ressaltar que existe um jogo de interesses grande que passa necessariamente pela luta por espaços, o que torna os resultados das urnas um ponto chave em tais relações; existem rupturas e continuidades em tal processo, levando em consideração que, neste quesito, o FN é o partido de extrema direita mais bem-sucedido desde seu estabelecimento.

Outro aspecto importante a ser destacado, como já fora tratado anteriormente, é que o partido agregou durante muito tempo grupos distintos em seu interior, na medida em que a orientação interna mudava, as alianças e relações externas também mudavam.

O FN se insere em uma tradição da extrema direita francesa, a qual Nicolas Lebourg descreve da seguinte maneira:

[...] Si le FN s'ancre dans la veine nationale-populiste installée dans la vie politique française par le général Boulanger (1887-1889) et visant à établir une république autoritaire, il a toujours attiré des membres issus de l'extrême droite radicale dont l'action s'inscrivait dans une perspective révolutionnaire. Cette dernière a émergé des tranchées de la grande Guerre avec le rêve de débarrasser l'humanité des traits du libéralisme. Face à cette bipartition de l'espace extrême droitier entre réactionnaires et révolutionnaires, obstacle à un rassemblement efficace en vue de la prise effective du pouvoir, le théoricien de l'*Action française* Charles Maurras proposa dès 1934 que les extrêmes droites forment un « front national » via un « compromis nationaliste ». Ce principe de compromis nationaliste est resté depuis lors un questionnement stratégique récurrent au sein des extrêmes droites, des années 1930 jusqu'aux récentes recompositions de la décennie 2010.<sup>50</sup> (LEBOURG. 2015, p. 122)

A citação de Lebourg é importante para situar a conjuntura histórica em que o FN nasce. É pertinente destacar que o partido não surge com ideias novas, mas se faz herdeiro de uma tradição radical já incorporada no cenário político francês desde o século XIX, uma tradição com pontos convergentes e divergentes e que encontra em Charles Maurras uma possibilidade de convergência, o que deu a ele, Maurras, uma posição de destaque entre os movimentos radicais de direita. O *Front National* se faz herdeiro dessa tradição, entretanto, mais que isso, em parte se faz herdeiro de Maurras e em parte o usa como justificativa para buscar um protagonismo entre as direitas radicais.

Como Maurras é aqui ponto de destaque, não apenas o FN se diz herdeiro dele, o que ajuda a construir o ambiente de formação do partido no que diz respeito a suas relações com os demais partidos de extrema direita.

---

<sup>50</sup> [...] Se o FN se ancora na veia nacional-populista instalada na vida política francesa pelo General Boulanger (1887-1889) e com o objetivo de estabelecer uma república autoritária, ela sempre atraiu membros da extrema direita radical cuja ação fazia parte de uma perspectiva revolucionária. Esta, por sua vez, emergiu das trincheiras da Grande Guerra com o sonho de livrar a humanidade dos traços do liberalismo. Confrontada com este bipartidarismo do espaço da extrema direita entre reacionários e revolucionários, um obstáculo para um agrupamento eficaz com vistas à tomada efetiva do poder, o teórico da ação francesa Charles Maurras propôs, em 1934, que as extremas direitas formassem uma “frente nacional” por meio de um “compromisso nacionalista”. Este princípio de compromisso nacionalista permaneceu, desde então, um questionamento estratégico recorrente no cerne das extremas direitas, dos anos 1930 até as recentes recomposições da década de 2010.

Lebourg (2015, p. 123) destaca que a criação do FN deu-se sob inspiração do compromisso nacionalista maurrassiano, em especial por conta da já mencionada influência da *Ordre Nouveau* que, segundo o autor, é marcadamente neofascista. Destaca-se aqui um nome, Dominique Venner<sup>51</sup>, que, segundo as indicações do autor, é o principal teórico da ON na década de 1960 e que redefine o nacionalismo maurratista.

No início o FN foi visto como um ponto aglutinador das direitas radicais, na medida em que sua própria criação é resultado da tentativa da ON de criar um partido para unir as direitas radicais; inicialmente, seria um partido para que movimentos ultradireitistas distintos pudesse concorrer às eleições, em especial nas eleições legislativas de 1973. Na prática, a tentativa funcionou: nos primeiros anos o FN converteu-se em ponto de encontro de diversas correntes ultradireitistas, como poujadistas, monarquistas, veteranos da Guerra da Argélia e, claro, nacionalistas próximos a Jean-Marie Le Pen. Como analisado, Jean-Marie Le Pen foi eleito o primeiro presidente do partido por ser uma figura considerada moderada, que visava agregar alas de direita diferentes.

Jean-Yves Camus (1996, p. 19-20) comprehende que o primeiro programa do partido foi uma tentativa sem sucesso de agregar o nacionalismo conservador e o revolucionário. O já mencionado insucesso eleitoral nas eleições de 1974 causa um inevitável abalo no interior do partido e em sua relação com grupos de direita externos. O tom conciliador adotado, em certa medida em virtude do episódio que levou o *Occident* para a clandestinidade, fez com que o FN buscasse na campanha eleitoral uma abordagem conciliadora, que, por um lado, adotava uma retórica com tom moderado, por outro, tratava de temas marcantes da direita, tendo o nacionalismo como ponto aglutinador.

Entretanto, o FN não foi capaz de reunir as forças da extrema direita para as eleições de 1974: em sua primeira eleição, como destaca Pierre Bréchon (2012, p. 163), o PFN-Parti des forces nouvelles apoia a campanha de Valéry Giscard. É importante destacar que grupos de extrema direita, em virtude de suas táticas violentas na década anterior, estavam ameaçados de ilegalidade, tal como o *Occident*, o que influenciou alguns grupos a buscarem se adequar ao sistema democrático, proposta do FN e do PFN, enquanto outros preferiam a neutralidade.

---

<sup>51</sup> Ativista político de extrema direita, foi membro da *Jeune Nation* e em companhia de Pierre Sidos fundou o *Parti Nationaliste*. Posteriormente foi preso por 18 meses por conta de seu envolvimento com a organização Armée Secrète, que orgaziou ataques terroristas visando impedir a independência da Argélia. Ao sair da prisão, escreveu um manifesto intitulado *Pour une critique positive*. O documento visava unir os nacionalistas franceses sob uma organização hierarquizada e apta para o combate armado. Também foi membro do GRECE. Na década de 1970 abandona a política e se dedica a sua carreira de historiador até cometer suicídio em 2013.

Efetivamente o FN nasce com um forte opositor dentro das novas perspectivas da extrema direita francesa: diferentemente do PFN não busca alianças com a direita tradicional e, com o apoio do ON, mantém-se próximo dos grupos de direita radical e distante da direita tradicional. A situação se modificará quando o ON rompe com o partido, fazendo com que o FN fique isolado tanto frente à direita tradicional quanto em relação às extremas direitas. Passando pela fase que Albertini e Doucet (2014, p. 55-62) chamam de reconstrução do partido, sob a orientação de François Duprat.

Se retomarmos o argumento de Jean-Yves Camus e René Monzat (1992, p. 104) de que o FN consegue se inserir melhor que outros partidos de direita franceses no que chamam de escalada global dos nacionalismos xenófobos na Europa, nota-se que em um primeiro momento ele se isola internamente, entretanto se aproxima de outros partidos de extrema direita no continente europeu, o que será tratado de maneira separada posteriormente.

Como já mencionado, a gestão de François Duprat busca ser conciliadora, especialmente na possibilidade da dupla filiação, permitindo que militantes de extrema direita pertençam a seus grupos e se filiem ao FN. Tal reestruturação vem alcançar o almejado sucesso eleitoral na década de 1980.

O avanço eleitoral do FN se dá em meio a uma realidade histórica em que a esquerda está no governo e passa por um momento de críticas no início da década de 1980. Pierre Bréchon (2012, p. 163-164) mostra que o FN se posiciona de forma crítica frente à direita tradicional e busca uma estratégia em certa medida arriscada, não se faz presente em todas as regiões nas eleições municipais de 1983, permitindo o apoio a candidatos de direita onde não se faz presente. A estratégia surte efeito e o partido conquista três prefeituras e pela primeira vez aparece como uma ameaça aos partidos tradicionais: na eleição municipal para a prefeitura de Dreux, o partido alcança 16,7% dos votos no primeiro turno com Jean-Pierre Stirbois. Os melhores resultados do FN se deram em bairros de classe trabalhadora, que votavam até então na esquerda, logo, não se tem um embate com a direita tradicional.

Uma estratégia importante no que diz respeito à relação do FN com a direita tradicional e com as extremas direitas foi o fato de que, para o segundo turno em Dreux, o FN participa de uma aliança da direita com as extremas direitas, de forma não oficial. Assim, o FN elege deputados e os já mencionados 3 prefeitos.

O *Front National* rompe com a direita, mas não para de ter relações com ela e, paradoxalmente, seu sucesso se faz com uma aproximação com as extremas direitas. O período

possibilitou um tratado de não agressão na possibilidade de avançar eleitoralmente sobre votos tradicionalmente de esquerda.

Pierre Bréchon (201, p.165) defende que na década de 1980 a extrema direita se estabelece eleitoralmente na França porque, diferentemente das décadas anteriores, os grupos de direita radical buscam se estabelecer de forma durável na vida política francesa se inserindo em uma estrutura partidária.

A postura do FN na década de 1980 é de distanciamento tanto da direita tradicional quanto das extremas direitas, se aproximando delas apenas em ocasiões especiais para evitar a eleição de candidatos de esquerda. Em momentos pontuais os candidatos do FN eram retirados do pleito em segundo turno nas regiões em que não conseguiriam ser eleitos, abrindo espaço para outros candidatos de direita.

O resultado das eleições de 1988 marca um divisor de águas nas relações do FN com os outros partidos de direita, tanto os tradicionais quanto os de extrema direita. Como já tratado, Albertini e Doucet (2014, p. 136-140) mostram que, sob a influência de Bruno Mégret, o FN busca se transformar em uma terceira via, buscando afastar o partido da direita clássica e distanciando-se dos ideais fascistas. As alianças para o segundo turno são favoráveis para os candidatos do FN, visto que, no primeiro turno, o partido alcança melhores pontuações que os demais partidos de extrema direita e, até mesmo, que os partidos da direita tradicional. Mesmo o partido não alcançando muitas cadeiras, o resultado geral de 14,4% de votos o coloca como uma realidade no jogo político eleitoral francês.

Os resultados das urnas mostram que o *Front National* não pode mais ser ignorado, todavia, mostra mais que isso, como destaca Pierre Bréchon (2012, p. 166), o FN passa a ser o partido mais rejeitado no espectro político francês. Se as alianças pontuais e até mesmo não oficiais, em especial contra a “ameaça comunista” levaram o FN ao sucesso, ao mesmo tempo faz com que os partidos de direita o vejam como uma ameaça para a democracia, já para os partidos de extrema direita como uma ameaça visto que sua tentativa de ser uma terceira via o distancia dos ideais de extrema direita. A década de 1990 é caracterizada, com o que vem a ser chamado de “cordão sanitário”, que é um isolamento do FN promovido pelos demais partidos, em certa medida se torna todos contra o FN.

Para dar continuidade na análise das relações do FN no interior da direita francesa e as modificações nas formas dessas relações a partir das eleições de 1988 e que conduz as relações da próxima década será empregada a tese de Piero Ignazi (2012, p. 37-38) de que o FN

se torna uma referência para a extrema direita europeia, inclusive a francesa por conta de seu sucesso eleitoral e especialmente por ter suplantado a exaustiva tradição neofascista que orientou a extrema direita nas décadas anteriores.

Para o autor, nenhum outro partido de extrema direita, mesmo com sucessos eleitorais, conseguiu o espaço midiático que o FN, o qual sustenta essa atenção midiática desde então. O autor defende ainda que seu discurso, ideias, “*slogans*”, visão de mundo são recuperados conscientemente ou não pela extrema direita europeia.

A intenção aqui é tratar as relações com a direita francesa, neste ponto, a década de 1990 se constrói sob uma nova relação entre o FN e os demais partidos de direita, tanto os de direita tradicional quanto os extremistas, as alianças cessam e o FN passa a ser visto também pela direita como uma ameaça.

Peguemos aqui mais uma construção de Piero Ignazi (2012, p. 42-52) que nos auxiliará na busca de compreensão das relações do FN com os demais partidos franceses no período. O autor defende que há duas categorias de partidos políticos de extrema direita na Europa e que isso se torna mais claro na década de 1990: de um lado os partidos marginalizados – partidos que não buscam alianças com Estado, ou seja, não fazem alianças com partidos estabelecidos no poder e não aceitam cargos, especialmente por ter um discurso antissistema; e de outro, os partidos aceitáveis – que são partidos de extrema direita que fazem alianças com partidos de direita que estão no poder. Dentro de tal caracterização, o FN na década de 1990 se torna um partido do grupo dos marginalizados ou “inaceitáveis”.

Uma vez fora do ambiente aceitável de negociações políticas o *Front National* faz com que sua presença seja ainda mais marcante no jogo político eleitoral francês. Pierre Bréchon (2012, p. 167) chama a atenção para um ponto importante, o protagonismo que o FN alcança na década de 1990, conduzindo as pautas de partidos de direita e esquerda. O autor prossegue mostrando que a força do FN consistia exatamente em sua força de recusar alianças em busca de conduzir uma política firme em relação aos imigrantes e em relação a segurança, como por exemplo o fato de Charles Pasqua, ministro do interior de 1993 a 1995, ter lutado para aprovar leis em relação ao controle de imigração e em relação a entrada e estadia de estrangeiros na França, destaca também como questões relativas ao tema encabeçaram a campanha de Jacques Chirac na campanha presidencial de 2002.

A ascensão de Jean-Marie Le Pen nas eleições de 2002 se dá em meio a isso. O candidato socialista Lionel Jospin deu pouca atenção para as questões de segurança e imigração

enquanto Jean-Marie Le Pen, como era de se esperar as coloca como central em sua campanha. O resultado é que o segundo turno é disputado entre Jacques Chirac e Jean-Marie Le Pen. Mesmo avançando ao segundo turno, o FN não conta com apoio dos partidos de direita e tão pouco de extrema direita.

Os anos 2000 marcam uma transformação na forma como os partidos de direita e extrema direita conduzem suas ações políticas em toda a Europa. Os ataques terroristas promovidos pela Al-Qaeda contra o solo estadunidense em 11 de setembro de 2001 vieram reorientar a estrutura xenófoba e racista dos partidos de extrema direita. Piero Ignazi (2012, p. 53-54) alega que a xenofobia tradicional que é articulada no racismo cede espaço para uma hostilidade em relação aos imigrantes muçumanos e uma rejeição para com a cultura islâmica.

A islamofobia<sup>52</sup> passa ser central na orientação dos diversos seguimentos de direita, que faz com que estes abandonem gradativamente seu antisemitismo tradicional e sua hostilidade para com o cristianismo de anos anteriores, visa tratar o Islã como uma ameaça para a cultura cristã ocidental. Essa viragem no modo como as direitas tratam os imigrantes faz com que o *Front National* perca o protagonismo na extrema direita francesa.

Ou seja, os ataques de setembro de 2001 vieram alterar o modo como o FN se relaciona com os demais partidos de extrema direita, sem seu protagonismo, como afirma Piero Ignazi (2012, p. 54) seu poder de orientar as pautas, direta e indiretamente, para com os outros partidos diminui gradativamente na década de 2000. Gradativamente visto que 2002 atingiu o

<sup>52</sup> Enes Bayraklı e Farid Hafez (2016, p. 7) na obra que organizam dedicada a refletir sobre islamofobia definem o termo da seguinte maneira: “When talking about Islamophobia, we mean anti-Muslim racism. As Anti-Semitism studies have shown, the etymological components of a word do not necessarily point to its complete meaning, nor to how it is used. Such is also the case with Islamophobia studies. Islamophobia has become a well-known term used in academia as much as in the public sphere. Criticism of Muslims or of the Islamic religion is not necessarily Islamophobic. Islamophobia is about a dominant group of people aiming at seizing, stabilising and widening their power by means of defining a scapegoat – real or invented – and excluding this scapegoat from the resources/rights/definition of a constructed ‘we’. Islamophobia operates by constructing a static ‘Muslim’ identity, which is attributed in negative terms and generalised for all Muslims. At the same time, Islamophobic images are fluid and vary in different contexts as Islamophobia tells us more about the Islamophobe than it tells us about the Muslims/Islam”.

“Ao falar sobre islamofobia, queremos dizer racismo antimuçulmano. Como os estudos antisemitismo mostraram, os componentes etimológicos de uma palavra não apontam necessariamente seu significado completo, nem como ele é usado. Este também é o caso com estudos de islamofobia. A islamofobia tornou-se um termo bem conhecido usado no meio acadêmico tanto quanto na esfera pública. A crítica dos muçulmanos ou da religião islâmica não é necessariamente islamofóbica. A islamofobia se refere a um grupo dominante de pessoas que visam apreender, estabilizar e ampliar seu poder definindo um bode expiatório – real ou inventado – e excluindo este bode expiatório dos recursos/direitos/definição de um “nós” construído. A islamofobia atua construindo uma identidade “muçulmana” estática, que é atribuída em termos negativos e generalizada para todos os muçulmanos. Ao mesmo tempo, as imagens islamofóbicas são fluidas e variam em contextos diferentes, uma vez que a islamofobia nos diz mais sobre o islamofóbico do que sobre os muçulmanos ou o Islã.”

segundo turno, em parte por conta de condições bem propícias como já tratado. Nos anos 2000 o FN se isola cada vez mais de outros partidos, se tornando um partido “marginalizado”, nos termos já tradados, buscando confronto com os demais partidos.

O isolamento do *Front National* atravessa a década de 2000, visto que nas eleições regionais de 2011 se configura uma aliança de partidos de direita, extrema direita e até de esquerda contra o FN. Pierre Bréchon (2012, p. 170) mostra que o FN venceria em segundo turno em todas as configurações, segundo as estimativas, independentemente de ser contra partidos de esquerda, direita ou extrema direita, uma configuração que segundo o autor se dava especialmente atraiendo o eleitor de direita, o que fez com que uma improvável aliança entre partidos de vertentes distintas contra o FN se configurasse. A simples abstenção de voto por parte de partidos de extrema direita na prática se configurou em voto contra o FN, efetivamente pôde ser notado uma força anti *Front National*.

Com a ascensão de Marine Le Pen, sua eleição como presidente do partido em 2011 e sua tentativa de desdemonização do partido, uma nova configuração partidária se apresenta para o *Front National*. Contradictoriamente ao discurso de desdemonização com uma desradicalização do partido, o que ocorre é o inverso, ao menos no que nos interessa aqui no momento, fazendo com que haja uma aproximação com grupos mais extremistas da direita francesa e também europeia.

Nicolas Lebourg (2015, p. 136) expõe como a aproximação do FN com grupos de extrema direita é feita sob a gestão marinista, usa como exemplo a presença de Minh Tran Long, um dos coordenadores de campanha, ligado ao FANE, movimento abertamente neonazista, nas campanhas nas campanhas de 2012 – presidencial, e 2014 – prefeitura de Fréjus. Para o autor, a aproximação com alas radicais de direita se faz ainda mais forte com candidatos ao Parlamento Europeu.

A gestão de Marine Le Pen busca atrair as alas radicais da direita francesa sem se sujeitar a elas ou se comprometer de forma que não possa ter autonomia em suas ações e direcionamentos políticos. O *Front National* passa desde então, por um processo de não agressão para com os partidos de direita e extrema direita, apesar de Marine atacar pontualmente a direita quando lhe convém. Como pode ser isto no trecho a seguir:

(...) Point n'est besoin de retracer cinquante ans de « construction » européenne pour s'apercevoir que gauche et droite ont œuvré sur ce point main dans la main. Souvenons-nous du référendum sur la Constitution européenne en 2005. Le Parti

socialiste, l'UMP, les Verts: tous firent campagne activement pour le « oui ».<sup>53</sup> (LE PEN, M. 2012, p. 76)

Ataques pontuais à direita francesa são feitos por Marine Le Pen, por diversas vezes ela responsabiliza a direita pela má situação de vida doa trabalhadores franceses, fazendo alusões de uma aliança entre direita e esquerda em prol do mercado financeiro internacional. O livro *Pour que vive la France* (2012), de autoria de Marine Le Pen, traz em diversos momentos alusões a essa aliança, nele é possível notar que a autora defende que a direita francesa se alia ao que ela chama de globalismo. Neste ponto ficam explícitas as intensões de Marine Le Pen de reforçar o FN como uma terceira via.

O processo de normalização do FN sob a gestão de Marine Le Pen não faz dele um partido mais moderado, pelo contrário, se torna mais radical em questões como imigração e segurança, além de se pautar em uma noção de economia nacionalista, entretanto, como afirma Nicolas Lebourg (2015, p. 139), a desdemonização se torna uma direitização da via política, não necessariamente das ideias, o partido busca se inserir de uma nova maneira no sistema político, mesmo o criticando.

No que diz respeito as relações do FN com partidos de direita e extrema direita desde sua fundação é tensa, o que é marcante é que em sua origem o partido se vale de uma tradição de extrema direita muito bem demarcada, buscando não se desligar dela, mas a reinterpretando a seu modo, almejando o poder por vias democráticas. Com isso, se faz protagonista do cenário político de extrema direita, em especial na década de 1990, perdendo-o uma década depois o que faz com que modifique sua estratégia, o que antes se transformou em um isolamento passa a se desenhar sob novas formas de relações. A reestruturação do partido amplia seu leque de ideias visando ampliar seu escopo de eletores.

A afirmação de Nicolas Lebourg (2015, p. 127) “la recherche d'un mode opératoire de prise du pouvoir en accord avec son temps”<sup>54</sup> é essencial para entendermos a relação do *Front National* com os demais partidos de extrema direita na França, sua postura se modifica quando lhe convém e faz um leitura mais apurada de seu tempo do que os demais partidos de proximidade ideológica, o que resulta nos sucessos eleitorais da década de 1980, na ida de Jean-Marie Le Pen para o segundo turno em 2002, mesmo com o cenário específico já

---

<sup>53</sup> (...) Não é preciso traçar cinquenta anos de “construção” europeia para descobrir que esquerda e direita trabalharam neste ponto de mãos dadas. Lembremo-nos do referendo sobre a Constituição Europeia em 2005. O Partido Socialista, o UMP, os Verdes: todos fizeram campanha ativamente pelo “sim”.

<sup>54</sup> A busca de um modo operacional de tomar o poder de acordo com seu tempo.

tratado e também na ida de Marine Le Pen para o segundo turno em 2016, além do já mencionado espaço midiático. Tais sucessos fazem com que o FN conduza sua relação com os demais partidos.

#### **1.2.4 O *Front National* no universo extremista europeu**

No que diz respeito as relações do *Front National* com os demais partidos extremistas europeus dá-se de modos diferentes do que ocorre em cenário doméstico, em parte porque não concorrem entre si e as pautas que os unem como imigração e União Europeia – UE são mais facilmente demarcadas.

Voltemos para a já mencionada afirmação de Piero Ignazi (2012, p. 37-38) sobre o FN ser a referência para partidos de extrema direita na década de 1980, especialmente por conta de seu sucesso eleitoral. O autor explica que no contexto europeu o FN continua sendo referência pelo fato de sua perenidade no sistema político local, visto que outros partidos conseguem resultados semelhantes no quesito *score* eleitoral a partir da década de 1990.

O processo de desdemonização projetado por Marine Le Pen não afasta o FN dos partidos radicais europeus, pelo contrário, as relações com os partidos mais extremistas não são abaladas e ainda são fortalecidas, como o caso do belga/flamengo Vlaams Belang (ou Vlaams Blok, até 2004), conhecido por suas posições radicais etnocêntricas, autoritárias e racistas como afirma Piero Ignazi (2012, p. 45). Nos últimos anos o partido tem buscado um processo de se apresentar como menos radical, ao exemplo do FN uma desradicalização que se sustenta mais no discurso do que nas ideias.

A aproximação com partidos mais extremistas no espectro político europeu também se dá com partidos como o PVV-Partido para a Liberdade da Holanda, os suíços SVP-Partido Popular Suíço e UDC-União Democrática do Centro e o FPÖ-Partido da Liberdade da Áustria.

A proximidade com o partido austríaco pode ser vista em um comunicado na página do partido publicado em 16 de outubro de 2017, logo após o encerramento das eleições parlamentares austríacas, onde é possível ler:

Une victoire politique pour nos amis et alliés, membres du groupe Europe des Nations et des Libertés qui ont su imposer dans le débat la question cruciale et déterminante des migrants, dans un pays frappé, comme la France, par la crise migratoire et les

tensions économiques, sociales, sécuritaires et identitaires qu'elle implique.<sup>55</sup> (FN, 16 de octobre de 2017)

Para além do tom cordial que aparece não apenas nesse documento, que demonstra o nível de relação entre os partidos, pode ser notado a importância que o FN dá às vitórias pontuais dos partidos de extrema direita no continente europeu, visto que considera suas pautas locais importantes no que diz respeito às pautas comuns. Aqui, fica demarcado a importância que se dá para a questão dos imigrantes.

Para Gilles Ivaldi (2012, p. 101) se unem especialmente por críticas ao islã que são transpostas para o Parlamento Europeu, visto que tais partidos, tal como o FN galgam, hoje, de uma relativa perenidade na vida política de seus respectivos países, se lançando assim em cargos legislativos.

A gestão marinista promove a aproximação com partidos populistas tendo a questão da crise da moeda da união europeia como um dos pontos de encontro, exemplo disso é sua aproximação com o Verdadeiros Finlandeses, partido de extrema direita da Finlândia. Gilles Ivaldi (2012, p. 105-106) sustenta que são partidos chauvinistas da dívida pública, fazendo com que suas características eurocépticas sejam um ponto de convergência.

Esse direcionamento populista, especialmente envolvendo questões econômicas tem se tornado uma marca da gestão marinista, dado que ao ser indagada sobre suas orientações populistas, já em 2010 ela não apenas confirma mas se sustenta como tal: “Si le populisme sait, comme je crois, défendre le peuple contre les élites, défendre les oubliés contre l’élite qui est en train de leur serrer la gorge, oui, alors dans ce cas-là, moi, je suis populiste”<sup>56</sup> (Marine Le Pen, France 2, 10 décembre 2010, Apud: IVALDI, 2012, p. 107).

A relação com partidos extremistas europeus é de colaboração, em especial no que diz respeito a questões que envolvem a UE-União Europeia, fazem parte de um bloco que pode ser chamado de eurocéptico. Um partido extremista normalmente é rechaçado pelo grupo de partidos que o envolve, caso comum entre os partidos extremistas de direita na Europa, entretanto, existe uma diferença se pegarmos a noção já apresentada de Piero Ignazi (2012, p.

<sup>55</sup> Uma vitória política para nossos amigos e aliados, membros do grupo Europa das Nações e das Liberdades que souberam impor no debate a questão crucial e decisiva dos migrantes, em um país atingido, como a França, pela crise migratória e pelas tensões econômicas, sociais, de segurança e identitárias que ela causa.

<sup>56</sup> Se populismo é, como eu acredito, defender o povo contra a elite, defender os esquecidos contra a elite que lhes está apertando a garganta, sim, então nesse caso, eu sou populista.

42-52) que existe um grupo de partidos de extrema direita que são marginalizados e um que é aceitável no cenário político.

Ignazi defende que os partidos de extrema direita na Europa têm em comum o fato de começarem radicais, diferenciando-se na maneira como conduzem suas ações dentro do jogo político. De um lado, os partidos marginalizados são partidos que ao longo de sua trajetória se mantêm firmes no intuito de buscar o poder por vias próprias, não abrandando seu discurso na intenção de se aliar a partidos de centro e de direita tradicional para compor seus respectivos governos; de outro lado, encontram-se os partidos aceitáveis, que segundo a classificação do autor são partidos de nascem extremistas, permanecem defendendo suas pautas, mas que abrem mão de determinados discursos e se aliam a partidos de direita tradicional e de centro, sendo que, em algumas vezes, buscam abandonar sua postura extremista.

O autor defende que FN e o holandês PVV se mantém como marginalizados e “inaceitáveis” no cenário político, já os outros partidos supracitados já transitaram para o grupo dos aceitáveis, exemplo disso é que o FPÖ compôs o governo austríaco de 2000 a 2005 e foi fundamental para levar os conservadores do OVP-Partido Popular ao poder em 2017. Alianças também observáveis na Dinamarca e Noruega desde 2001 e Finlândia desde 2010.

O *Front National* sob a gestão de Marine Le Pen acredita que as alianças com partidos extremistas de todo o continente fazem com que almejem um objetivo comum, o nacionalismo passa especificamente pela desarticulação da UE. Em um recente discurso de Marine Le Pen ela deixa clara essa tendência:

Ce que je vous propose, c'est un double objectif politique:

- nous donner les moyens, avec ceux qui nous rejoindraient, de nous placer au cœur de la recomposition qui est en cours.
- nous mettre en situation avec nos amis des pays européens d'être majoritaires en Europe. Et c'est possible: en Autriche le FPÖ détient aujourd'hui les ministères régaliens, en Italie l'alliance de la Ligue est en bonne position, pareil aux Pays-Bas et je ne parle pas de la Hongrie ou de la Pologne qui sont en état de sécession avec la logique de l'Europe de Bruxelles.

Les partisans d'une autre Europe que nous sommes peuvent être majoritaires en juin 2019 à Bruxelles.<sup>57</sup> (LE PEN, Marine, 7 janvier 2018)

<sup>57</sup> O que proponho a vocês é um duplo objetivo político:

- fornecer-nos os meios, com aqueles que se juntariam a nós, para nos colocar no centro da recomposição que está em andamento.
- posicionar-nos com os nossos amigos dos países europeus para sermos a maioria na Europa. E é possível: na Áustria o FPÖ hoje detém os ministérios reais, na Itália a aliança da Ligue está em boa posição, e na Holanda também, e eu não estou falando da Hungria ou da Polônia, que estão em estado de secessão com a lógica da Europa de Bruxelas.

Tudo indica que a proximidade com partidos de extrema direita em outros países europeus continuará, o projeto de poder envolve conquistas pontuais no território europeu passando especificamente pela UE, para tal, buscam agregar partidos que compartilham dos mesmos ideais. Entretanto, é necessário salientar que essa relação depende de duas questões pontuais: 1 – a crise da UE; 2 – a questão da imigração.

Apesar de se envolverem de formas diferentes em sua conjuntura política local, esses partidos cultivam relações próximas no contexto europeu, na prática, visam o poder em seus respectivos locais, a estratégia que se faz de formas diferentes.

As relações do FN com os demais partidos de direita se fazem respeitando duas coisas, de um lado as questões relativas ao momento que a França e Europa passam e os resultados das urnas. O histórico começa antes mesmo da fundação do partido, Jean-Marie Le Pen é eleito deputado pelo movimento poujadista em 1956, quando esse perde força é reeleito em 1958 por forças próprias. Quando o FN é fundado Jean-Marie Le Pen faz uso de grupos de extrema direita até que eles ameacem seu poder, promovendo um isolamento do partido. O sucesso eleitoral do FN se faz quando esse se isola, vindo de fato no fim da década de 1980, o que faz com que o partido alcance um status de protagonismo tanto em ambiente doméstico quanto externo, o que leva a dois movimentos distintos, a aproximação das extremas direitas europeias e o isolamento no campo interno.

A partir da década de 1990 o isolamento do FN se torna mais marcante, o que reflete em tentativas de reorientação interna, chegando até a década de 2000 como uma força tratada como ameaçadora no cenário político interno e vista com bons olhos pelas direitas radicais de outros países. O *Front National* em sua busca pelo poder analisa seu tempo e busca se relacionar com os demais partidos dentro de sua perspectiva de poder, buscando o protagonismo no interior de suas relações. Marine Le Pen encontra um partido estabelecido no cenário político e estabilizado internamente, logo, pode conduzir melhor o direcionamento das relações partidárias.

### 1.3 França, a luz do mundo - la gestion des sentiments et de la tradition [Marine Le Pen]

O *Front National* se insere no interior de uma tradição da direita francesa, entretanto, isso não basta para se destacar frente o eleitorado, visto que, mesmo se captar todos os votos de extrema direita, não consegue votos suficientes para chegar ao poder. Por conta disso, o FN busca reelaborar a tradição, mas de uma maneira que os franceses independentemente de orientação política se convençam disso.

Marine Le Pen se coloca como defensora da tradição francesa, não apenas como membro dela. A normalização do partido passa necessariamente por essa defesa, busca se vincular a uma tradição democrática e de defesa de valores humanos.

O FN com Marine Le Pen cria uma noção de tradição em que possa se enquadrar. Trabalhando com ela para mostrar que o FN se insere em tal tradição. A tradição que trata é pautada em valores que ela escolhe cuidadosamente, ponto central é seu discurso de a França ser a luz do mundo e que tal luz, tem sido apagada por sucessivos governos que deixam cultura e tradição serem destruídos, assimilados. Em seu livro *Pour que vive la France*, Marine Le Pen argumenta:

(...) Comme l'amour maternel, l'amour de la France ne s'explique pas, il se vit. Ce sentiment m'emplit d'espérance pour l'avenir et constitue le carburant inépuisable de mon engagement politique. La France, ses paysages, ses trésors architecturaux, ses clochers, ses campagnes, ses fleuves, ses traditions et son génie national, la France, c'est chaque jour une émotion renouvelée, le sentiment si fort de vivre dans un pays hors du commun, dont la lumière continue de briller au-delà de nos frontières, pays à la fois singulier et capable de faire vibrer les coeurs de tous les hommes.<sup>58</sup> (LE PEN, M. 2012, p. 173)

Com uma linguagem messiânica, se coloca como fundamental para resgatar a França como luz que ilumina as nações, capaz de irradiar valores para guiar todos os homens. Em sua utilização trata a França como destinada a guiar o mundo. Prossigamos:

La France n'est pourtant pas que cette petite péninsule occidentale de l'immense Eurasie, elle n'est pas seulement 1 % de la population du monde. La France c'est une

---

<sup>58</sup> (...) Como o amor materno, o amor da França não pode ser explicado, ele é vivido. Esse sentimento me enche de esperança para o futuro e constitui o combustível inesgotável do meu compromisso político. A França, suas paisagens, seus tesouros arquitetônicos, seus campanários, seus campos, seus rios, suas tradições e sua engenhosidade nacional, a França, é a cada dia uma emoção renovada, o sentimento tão forte de viver num país fora do comum, cuja luz continua a brilhar além de nossas fronteiras, um país singular e capaz de fazer vibrar os corações de todos os homens.

Histoire millénaire, un apport essentiel à la civilisation, le corpus chrétien laïcisé par le Siècle des Lumières, une langue universelle.<sup>59</sup> (LE PEN, M. 2012, p. 233)

A forma como Marine Le Pen busca valorizar a história francesa para respaldar suas ações é uma maneira programada de gestão da história do próprio partido. Alguns elementos são orientadores em tal trecho: 1 – não é apenas uma pequena península da Eurásia, é, apesar de seu território, belo, mas reduzido uma cultura milenar, sua história é, portanto, resultante de um povo forte; 2 – é um aporte fundamental para a cultura ocidental, é quem revisa a cultura clássica e traz luz ao mundo.

A exaltação da cultura francesa será constante em seus argumentos, se ligando sempre à cultura clássica Romana e ao legado do cristianismo. Tal estruturação só é possível ao FN a partir dos anos 2000, quando a aversão a cultura cristã é transformada no interior do partido, resultante dos ataques terroristas de 11 de setembro em solo estadunidense. A partir disso, a cultura cristã “laicizada” pelo Iluminismo deve ser defendida contra os ataques do islã, que busca, segundo os argumentos frontistas, destruir a cultura cristã, o que acarretaria na destruição da França e sua cultura.

Outro ponto a ser destacado é a forma como o Iluminismo e a Revolução Francesa são tratados. Como fora exposto anteriormente, o *Front National* se insere em uma tradição de extrema direita essencialmente contrarrevolucionária. A postura em relação a Revolução Francesa é modificada, passa a ser entendida como uma contribuição da França para o mundo, visto que irradia valores fundamentais, valores que são resultantes de uma cultura cristã.

O que Marine Le Pen busca fazer é se aproximar da Revolução Francesa e da cultura cristã. Tentativa que pode ser vista em diversos momentos, como no texto publicado em seu blog em 5 de fevereiro de 2017 com o título *La révision* “Ces principes pour lesquels nous battons sont affirmés dans notre devise nationale « Liberté, Egalité, Fraternité » qui procède, elle-même, d'une sécularisation de principes issus de notre héritage chrétien.” (LE PEN, M. La Révision, 2017)<sup>60</sup>.

A Revolução Francesa passa a fazer parte do núcleo argumentativo do FN com Marine Le Pen, usando a argumentação de que uma “invasão islâmica” vem ameaçar os valores

<sup>59</sup> A França não é apenas esta pequena península ocidental da imensa Eurásia, ela não é apenas 1% da população do mundo. A França é uma história milenar, uma contribuição essencial para a civilização, o *corpus* cristão secularizado pela Era do Iluminismo, uma língua universal.

<sup>60</sup> Estes princípios pelos quais lutamos se afirmam em nosso lema nacional “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, que deriva de uma secularização de princípios procedentes de nossa herança cristã.

fundamentais da cultura francesa a Liberdade, Fraternidade e Igualdade, que, são resultados da cultura cristã, logo, uma ameaça para essa cultura, ameaça a França e seu futuro.

O que ela faz ao restituir a Revolução Francesa no interior da tradição francesa é uma tentativa de desradicalizar seu discurso, visando não deixar o partido alheio a uma importante etapa da história francesa, se inserindo assim, no que chama de republicanismo, ou seja, busca chegar ao poder com outras armas. Além de mostrar que busca romper com a extrema direita contrarrevolucionária, passando não apenas a aceitar seus valores, digo, da Revolução Francesa, mas se coloca como uma defensora deles.

A quarta Conferência Presidencial, de 13 de março de 2017, é um documento<sup>61</sup> que tem como tema central a tradição francesa, tradição nos moldes aqui apresentados. Nele, sobre a intenção de seu projeto político de proteger a tradição francesa para que a França resgate seu lugar central podemos ler “Une politique de la citoyenneté, conduite pour l’amour de la France, pour que la France soit plus grande, plus forte, et rayonne dans le monde, est au cœur de notre projet politique<sup>62</sup>. ” (LE PEN, M. Conférence Présidentielle n 4, 2017).

Esse lugar central dado à França para iluminar o mundo mostra uma forma diferente como Marine Le Pen busca tratar a Revolução Francesa e a tradição oriunda dela. Aqui, dois pontos devem ser destacados 1 – sobre qual aspecto da Revolução Francesa Marine Le Pen está falando? 2 – Quando foi que Marine Le Pen e o *Front National* passam incluir a Revolução Francesa em seus argumentos?

Ainda na Conferência Presidencial n 4 Marine Le Pen dá uma pista sob como busca reorientar a Revolução Francesa no interior de seu discurso que faz uso constante da tradição francesa. Vejamos

Nous sommes de France.

Et je rêve de cette situation vécue dans la République renaissante des années 1880, quand chaque province de France, chaque commune de France, se faisait concurrence pour apporter davantage à la France, à travers leurs singularités locales, leurs trésors locaux, leur caractère propre!

Toutes celles, tous ceux qui rêvent d’apporter davantage à la France, celles-là et ceux-là sont les citoyens français!<sup>63</sup> (LE PEN, M. Conférence Présidentielle n 4, 2017)

---

<sup>61</sup> As conferências presidenciais são vídeos que são transcritos no blog de campanha e publicados com a data que são proferidos.

<sup>62</sup> Uma política de cidadania, conduzida em prol da França, para que a França seja maior, mais forte e brilhe no mundo está no coração do nosso projeto político.

<sup>63</sup> Nós somos da França.

E eu sonho com esta situação vivida na República renascida da década de 1880, quando cada província da França, cada comuna da França, competia para trazer mais vantagens à França com suas singularidades locais,

Marine Le Pen faz alusão à Terceira República, que vigorou na França de 1870 a 1940, sendo o primeiro regime durável pós Revolução Francesa. Como essa posição, traz algumas questões que devem ser observadas. Ela elogia a questão organizacional do regime político e a união das diversas regiões francesas em prol de um objetivo comum. É na Terceira República que o lema igualdade, fraternidade e liberdade são incorporados a órgãos públicos, apesar de ser instituído como um lema da República na constituição de 1848, era tratado em proximidade com círculos religiosos católicos, sua laicização ocorre em 1880. O lema será massivamente utilizado por Marine Le Pen, como uma espécie de resumo da tradição francesa. Outro ponto importante a ser destacado é que a Terceira República tem fim com a Segunda Guerra Mundial e a subsequente ocupação alemã, consequentemente o Regime de Vichy. Para Marine Le Pen a Revolução Francesa simboliza uma França forte, livre e que seu povo se une sob uma tradição.

No entanto, questões relativas à Revolução Francesa são recentes no escopo argumentativo de Marine Le Pen e do *Front National*. Um texto que marca a mudança de postura no que diz respeito à Revolução Francesa é assinado pelo conselheiro de laicidade de Marine le Pen, Bertrand Dutheil de Rochère, de 8 de junho de 2015 intitulado *Les socialistes sont-ils d'extrême-droite?* O texto é curto, por isso o trataremos de forma integral:

Un par un, les socialistes s'acharnent, avec belle une continuité, à démanteler les acquis de la Révolution française. Un jour, pour instaurer de grandes régions sans racines, ils s'en prennent au département, institué par la Constituante. Un autre jour, ils veulent imposer dans l'espace public les langues régionales contre l'unité linguistique dans l'administration préconisée par l'abbé Grégoire. Un troisième jour, par haine de l'élitisme républicain, ils s'attaquent à l'École polytechnique, créée par la Convention. Ils cherchent aussi à diviser les Français selon leurs origines alors même, que dans la nuit du 4 août 1789, les généalogies ont été envoyées dans la sphère privée. Ils nient enfin la souveraineté du peuple français, affirmée le 14 juillet 1790, lors de la fête de la Fédération, au profit des instances bruxelloises non élues. Où s'arrêtera donc cette déconstruction?<sup>64</sup> (DE LA ROCHÈRE, 2015)

---

seus tesouros locais, seu caráter distinto!

Todas aquelas e todos aqueles que sonham em trazer mais para a França, essas e esses são os cidadãos franceses!

<sup>64</sup> Um por um, os socialistas estão se empenhando, com grande continuidade, para desmantelar as conquistas da Revolução Francesa. Um dia, para estabelecer grandes regiões sem raízes, eles atacam o departamento, instituído pela Constituinte. Outro dia, eles querem impor no espaço público as línguas regionais contra a unidade linguística na administração recomendada pelo Abade Grégoire. Um terceiro dia, por ódio ao elitismo republicano, eles atacam a Escola Politécnica, criada pela Convenção. Eles também tentar dividir os franceses de acordo com suas origens, mesmo que, na noite de 4 de agosto de 1789, as genealogias foram enviadas para a esfera privada. Eles, por fim, negam a soberania do povo francês, afirmada em 14 de julho de 1790, durante a festa da Federação, em benefício das autoridades não eleitas de Bruxelas. Onde essa desestruturação vai parar?

A primeira parte do texto diz mais do que o FN passa a entender sobre a Revolução Francesa do que necessariamente um ataque para com a esquerda francesa. Destaca indiretamente o que são os pontos positivos da Revolução Francesa, a valorização das raízes francesas, em especial a língua, os valores republicanos e a unidade francesa. Tais questões passarão a ser o centro argumentativo de Marine Le Pen em suas campanhas. De La Rochère prossegue:

Depuis plus de deux cent ans, l'extrême droite se caractérise par son rejet de la Révolution Française. Quels que fussent les excès déplorables de cette période, elle fut l'accomplissement de la nation française, préparé par les huit siècles capétiens. S'attaquer systématiquement à son œuvre, c'est se livrer à une entreprise réactionnaire. Enfermer dans une impasse idéologique, les socialistes ne peuvent que régresser vers les pires archaïsmes en essayant, malheureusement, d'entraîner la France dans leur chute.<sup>65</sup> (DE LA ROCHÈRE, 2015)

Assume não apenas uma nova postura no já conhecido posicionamento da extrema direita para com a Revolução Francesa, mas ao tratar a Revolução Francesa e seu legado, mostra que busca se apresentar como uma revisão da própria extrema direita. Insere a Revolução Francesa no interior da história da França, buscando salientar o que fora tratado anteriormente de a Revolução ter sido uma laicização dos valores da cultura romana e cristã, que são os pilares da pátria francesa. O documento prossegue:

Avec Marine Le Pen, au sein du Rassemblement Bleu Marine, Patrie et Citoyenneté assume l'histoire de France comme un bloc, avec ses ombres et surtout ses lumières. Chaque génération a apporté sa pierre à l'édifice commun. Certes, il faut changer pour s'adapter au monde qui évolue. Mais il ne faut pas casser par pure idéologie « bougiste ». Il faut savoir préserver les héritages féconds. Il est temps que la politique de la France soit guidée par l'intelligence et le discernement.<sup>66</sup> (DE LA ROCHÈRE, 2015)

O trecho acima citado é emblemático para que a postura de Marine Le Pen frente o *Front National* possa ser entendida. O documento expressa que Marine Le Pen traz consigo a carga histórica da França, o que envolve a Revolução Francesa, uma história com pontos

<sup>65</sup> Por mais de duzentos anos, a extrema direita se caracterizou por sua rejeição à Revolução Francesa. Quaisquer que fossem os excessos deploráveis desse período, ele foi a realização da nação francesa, preparada pelos oito séculos capetianos. Atacar sistematicamente o trabalho de alguém é se envolver em um empreendimento reacionário. Fechando-se num impasse ideológico, os socialistas só podem regredir aos piores arcaísmos, tentando, infelizmente, derrubar a França.

<sup>66</sup> Com Marine Le Pen no centro do *Rassemblement Bleu Marine*, a pátria e a cidadania tomam a história da França como um bloco, com suas sombras e especialmente suas luzes. Cada geração contribuiu com sua pedra para a construção compartilhada. Certamente, devemos mudar para nos adaptarmos ao mundo que evolui. Mas não é preciso romper por pura ideologia “bougiste”. É preciso saber preservar as heranças férteis. Está na hora de a política da França ser guiada pela inteligência e pelo discernimento.

positivos e negativos. O que Marine Le Pen propõe é que o FN se torne um partido que não traz consigo o radicalismo nem de direita e nem de esquerda, nem tão pouco a inércia dos partidos de centro que recusam a tradição francesa em prol do que chama de globalismo e da UE. Como pretende fazer isso? Preservando e se orientando pela tradição francesa.

### 1.3.1 Valores republicanos

Dentro da mesma perspectiva Marine Le Pen busca inserir seu partido no interior de uma tradição democrática francesa, tendo a república como símbolo. Já em seu discurso de posse como presidente do *Front National*, em 16 de janeiro de 2011, após começar o discurso elogiando a herança que o pai deixou e toda sua luta pelo partido e elogiar Bruno Goldrich por sua lealdade na campanha para presidência do FN, Marine Le Pen apresenta o que será uma de suas bases na tentativa de apresentar o partido como menos radical:

Oui, le FN est un exemple pour l'ensemble des partis politiques en France.  
Il a montré sa maturité démocratique, mais plus encore, au cours de ces années passées, il a montré qu'il était bien un grand parti politique Républicain.  
Au Front National, nous nous souvenons de ceci: La déclaration des droits et des devoirs de l'Homme et du citoyen de 1789 déclare dans son article 2: « Le but de toute association politique est la conservation des droits naturels et imprescriptibles de l'homme.  
Ces droits sont la liberté, la propriété, la sûreté et la résistance à l'oppression». Qui mieux que nous à défendu ces principes tout au long de 40 ans d'histoire politique française ?  
Personne en vérité, car ces principes sont au cœur de l'ADN de notre mouvement depuis son origine.  
Qui mieux que le Front National peut aujourd'hui porter ces principes ?<sup>67</sup> (LE PEN, M. Discours lors du Congrès de Tours)

---

<sup>67</sup> Sim, o FN é um exemplo para todos os partidos políticos na França.

Ele mostrou sua maturidade democrática, mas, mais do que isso, nos últimos anos ele mostrou que é um grande partido político republicano.

No *Front National*, nós nos lembramos do seguinte: A Declaração de Direitos e Deveres do Homem e do Cidadão de 1789 afirma em seu artigo 2: “O objetivo de qualquer associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão”.

Quem melhor do que nós defendeu esses princípios ao longo de 40 anos de história política francesa?

Ninguém, na verdade, porque esses princípios estão no cerne do DNA do nosso movimento desde sua origem.

Quem melhor que o Frente *Front National* pode hoje ostentar esses princípios?

Já em seu discurso de posse, Marine Le Pen expõe sua intenção não apenas de se adequar ao sistema democrático, mas busca mostrar que faz parte dele, que o respeita e fundamentalmente, que ajudou a construir uma França democrática. Para isso, volta na já mencionada tradição que passa pela Revolução Francesa.

O discurso em questão é longo e aponta para temas importantes na nascente gestão marinista, ataca o que o Estado se transformou, que segundo ela atende apenas o interesse dos ricos, defendendo que o Estado Francês deve ser restaurado sob um patriotismo econômico e social, ataca o islã defendendo que este busca transformar a Europa em um califado, ataca a UE, segundo ela tecnocrática e burocrática, alegando que fora construída contra a vontade do povo, aliás, povo aparece recorrentemente em seu discurso, buscando evidenciar a cultura francesa e sua força. Seu discurso mostra que sob a nova gestão, o *Front National* usará diversas estratégias para chegar ao poder, mas dentro da esfera republicana e democrática.

A estratégia é colocar a democracia como essencial e como indissociável da França em si, com frases como “[...] En clair, nous voulons pouvoir décider chez nous de ce qui est bon pour nous. C'est simple et c'est l'essence même de la démocratie depuis des millénaires, depuis la Grèce-Antique (...)”<sup>68</sup> (LE PEN, M. Discours lors du Congrès de Tours), essa essência milenar é a base da república, algo que Marine Le Pen propõe defender a qualquer custo.

No discurso em análise, quando Marine Le Pen ataca a União Europeia e o que ela chama de ataque as instituições nacionais, que acarretaria em seus argumentos o fim do Estado Francês, Marine Le Pen se coloca como defensora das instituições francesas: “[...] Que ce soit clair! Nous n'accepterons jamais ce crime contre la démocratie et ce crime contre la France.<sup>69</sup> (...)” (LE PEN, M. Discours lors du Congrès de Tours). É importante notar que já em seu discurso de posse no FN, Marine Le Pen já sugere que o FN, sob seu comando, é o último guardião da Tradição Francesa, o que inclui a democracia representada pela república, portanto, busca não só se inserir em tal tradição, mas se anunciar como sua guardiã.

Ao encerrar o seu primeiro discurso como presidente do Front National, Marine Le Pen dá pistas de como será sua gestão:

Les clés de la réussite, de la prospérité, du rayonnement et de la grandeur françaises sont donc entre nos mains et dans nos cœurs! Nous avons toutes les raisons de

---

<sup>68</sup> [...] Falando com mais clareza, queremos poder decidir entre nós mesmos o que é bom para nós. É simples e esta é a essência da democracia há milênios, desde a Grécia antiga (...)

<sup>69</sup> [...] Que fique claro! Nós nunca aceitaremos este crime contra a democracia e este crime contra a França.

retrouver la fierté de ce que nous sommes, de cette France éternelle qui fait vibrer l'humanité toute entière depuis des siècles, et dont nous sommes les héritiers!

Menons dès aujourd'hui ce combat pour la France, soyons chaque jour plus nombreux, plus forts, dans nos villes, dans nos campagnes et nos villages.

J'appelle le peuple de France à nous rejoindre, de toutes ses forces, de toute son énergie, de tout son cœur!

A tous les Français, et à vous mes amis, je vous le dis:

Les plus beaux jours sont ceux que nous allons vivre.

Vive le Front National, Vive la République, Vive la France!<sup>70</sup> (LE PEN, M. Discours lors du Congrès de Tours)

Usa a Tradição de uma forma emotiva, ao alegar que o brilho e grandeza estão nos corações, uma França eterna que ilumina o mundo, isso será uma marca em suas campanhas e altamente útil em sua busca por poder. Outra característica importante é o esforço por mostrar que compartilha da mencionada herança e a busca pelo futuro da França com todos os franceses.

O referido discurso em seu encerramento, o que será uma constância nos discursos de Marine Le Pen, é fechado com a seguinte expressão: “Vive le Front National, Vive la République, Vive la France!”. Mesmo que mude a ordem, ou que seja acrescentado alguma característica ou expressão, que normalmente é pensado em relação a região em que o discurso é proferido, todos os discursos são encerrados desta maneira, tal como os documentos assinados por Marine Le Pen. Com isso, pode ser notado a importância que a tradição republicana ganha em seu projeto de poder, tradição esta, que é uma tentativa de inserção na tradição democrática francesa.

República e democracia estão presentes na empreitada de Marine Le Pen a frente do *Front National*, não apenas no discurso de posse. Em diversos momentos ambos aparecem, no entanto, é necessário chamar a atenção para uma estratégia enquanto ao uso da defesa da república promovido por Marine Le Pen, o argumento de que a abertura da França patrocinado pela UE é uma ameaça para com os valores republicanos e automaticamente para com a França. Em seu livro *Pour que vive la France*, é possível ler:

---

<sup>70</sup> As chaves para o sucesso, a prosperidade, o esplendor e a grandeza francesas estão, portanto, em nossas mãos e em nossos corações! Nós temos todos os motivos para redescobrir o orgulho do que somos, desta eterna França que emocionou a humanidade durante séculos e da qual somos os herdeiros!

Comecemos hoje esta luta pela França, sejamos a cada dia mais numerosos, mais fortes nas nossas cidades, nos nossos campos e nas nossas aldeias.

Eu conclamo as pessoas da França para se juntarem a nós, com todas as suas forças, com toda a sua energia, com todo o seu coração!

A todos os franceses, e a vocês, meus amigos, eu lhes digo:

Os dias mais lindos são aqueles que vamos viver.

Viva o *Front National*! Viva a República! Viva a França!

[...] Il n'y a toujours pas de politique cohérente et ferme en matière d'immigration, et le pays est en proie à des arrivées toujours plus massives de clandestins, à la tentation communautaire, à des tensions et rivalités quasi tribales dans nos banlieues, et au saccage des valeurs de la République. (...)<sup>71</sup> (LE PEN, M. 2012 p. 24)

A relação entre os valores republicanos, que são construídos como resultado de longos anos, remetendo aos valores greco-romanos, são ameaçados pelos imigrantes, em especial os islamistas. No interior de seu argumento, se coloca como a única com capacidade de defender a França e sua cultura de forma efetiva. Pois bem, se a França passa por sua cultura e necessariamente pela cultura republicana e democrática, Marine Le Pen vê a necessidade de se inserir no interior da tradição republicana, buscando dar uma nova dimensão para a história do partido.

O tema República aparece no interior dos projetos presidenciais de Marine Le Pen. No projeto de 2012 *Mon project pour la France et les français* a questão da república aparece no tópico em que propõe um estado laico, para isso usa a república como um argumento, com o título de “République une et indivisible” (LE PEN, M. *Mon project pour la France et les français*, 2012) propõe que o Estado aplique a Constituição e não reconheça nenhuma comunidade religiosa, no que alega ser uma defesa da própria França. Marine Le Pen argumenta, como já vimos, que o ataque a cultura francesa passa necessariamente pelo ataque para com a religião cristã.

Já no projeto de campanha de 2017 *Au nom du people – 144 engagements présidentiels* que apresenta seu projeto em 144 propostas divididas em tópicos específicos dedica um espaço maior para a República. No tópico *Refaire de la France un pays de libertés* a proposta 11 diz: “**Garantir la liberté de scolariser ses enfants selon ses choix**, tout en contrôlant plus strictement la compatibilité avec les valeurs de la République des enseignements dispensés dans les établissements privés hors-contrat.”<sup>72</sup> (LE PEN, M. *Au nom du people – 144 engagements présidentiels*, 2017, p. 4. Grifo do autor). O ponto traz uma ligação entre Educação e valores republicanos, ao mesmo tempo que trata o respeito, em seu argumento, um valor

---

<sup>71</sup> [...] Ainda não existe uma política de imigração coerente e firme, e o país se atormenta com as chegadas cada vez maiores de clandestinos, com a tentação da comunidade, com as tensões e rivalidades quase tribais em nossas periferias e com a devastação dos valores da Repúblca. (...)

<sup>72</sup> **Garantir a liberdade de educar as crianças de acordo com suas escolhas**, ao mesmo tempo controlar mais estritamente a compatibilidade com os valores da República dos conteúdos ministrados nos estabelecimentos de ensino privados sem contrato com o Estado.

republicano. Essa ligação com a Educação, é melhor elucidada com base no livro *Pour que vive la France*.

Com o título *La destruction de l'École et l'abandon de la culture classique* (LE PEN, M. 2012, p. 111-115) Marine Le Pen reserva no livro um tópico para tratar da relação do abandono dos valores clássicos juntamente com a destruição da escola. No qual ela argumenta que existe um projeto para a destruição da escola francesa que faz parte de um projeto maior que visa destruir a cultura francesa.

Voltando ao projeto de campanha de 2017, *Au nom du people – 144 engagements présidentiels* no tópico intitulado *Défendre l'unité de la France et son identité nationale* é possível ver a proporção que a noção de tradição republicana ganha no interior de sua argumentação. Logo na primeira proposta do tópico acima abordado, a 91 do projeto diz: “**Défendre l'identité nationale**, les valeurs et les traditions de la civilisation française. Incrire dans la Constitution la défense et la promotion de notre patrimoine historique et culturel.”<sup>73</sup> (LE PEN, M. *Au nom su people – 144 engagements présidentiels*, 2017. p. 15. Grifo do autor). A defesa da França e sua unidade passa necessariamente por sua tradição, como pode ser notado nas argumentações de Marine Le Pen ao logo de seu mandato como presidente do partido. O que interessa aqui, é que Tradição e tradição republicana andam juntas.

Na proposta 95, ainda dentro do ponto *Défendre l'unité de la France et son identité nationale*, ou seja, interligado ao argumento supracitado, é possível ler:

**Promouvoir la laïcité et lutter contre le communautarisme.** Incrire dans la Constitution le principe: « La République ne reconnaît aucune communauté. » Rétablissement la laïcité partout, l'étendre à l'ensemble de l'espace public et l'inscrire dans le Code du travail.<sup>74</sup> (LE PEN, M. *Au nom su people – 144 engagements présidentiels*, 2017. p. 15. Grifo do autor)

Marine Le Pen usa a tradição republicana como argumento fundamental em seu projeto de poder, buscando mostrar que se adequa ao sistema republicano e democrático, que o defenderá e que pode ser sua última defesa.

---

<sup>73</sup> **Defender a identidade nacional**, os valores e tradições da civilização francesa. Incluir na Constituição a defesa e a promoção do nosso patrimônio histórico e cultural.

<sup>74</sup> **Promover o secularismo e lutar contra o comunitarismo.** Incluir na Constituição o princípio: “A República não reconhece nenhuma comunidade”. Restaurar o secularismo em toda parte, estendê-lo para todos os espaços públicos e inclui-lo no Código do Trabalho.

A virada republicana na estratégia do FN se faz exigindo uma gestão específica da memória do partido e de sua história. Marine Le Pen não rompe com a história do partido, mas busca salientar que ele é parte do processo democrático, buscando em sua gestão, notabilizar o viés republicano e democrático do FN, para isso, busca esconder sua faceta autoritária.

É feita uma tentativa de se adequar às novas exigências dos processos democráticos, apontando seus inimigos como também inimigos da república e da democracia. Por fim, o que é feito é reivindicar para si um local no interior de tal tradição que é ligada a própria tradição francesa. O FN não luta contra uma tradição, busca usá-la a seu favor. Essa postura é marcante no partido na gestão de Marine Le Pen.

#### **1.4 Lembrar e como lembrar: o rapto de Jeanne d'Arc**

A reconstrução de um partido político envolve um trato cuidadoso da memória identitária, que passa necessariamente pela demanda interna e externa, ou seja, pela forma como se vê e como os outros enxergam o partido, ou como quer ser visto. Para isso, uma gestão profissional da memória é fundamental, o que envolve de maneira direta a História, sempre escalada na busca por gestão do passado e da memória.

Por isso, gestões políticas da memória e do passado estão presentes nas interpolações dos historiadores ao passado. É o que podemos chamar de usos do passado. Uma reflexão que trate esses usos, como é o caso aqui, deve necessariamente abordar a relação entre História e memória, sendo tratado levando em consideração o viés político da gestão do passado. Enquanto a isso, Márcia Pereira dos Santos salienta:

A história, tal como se defende atualmente por um número significativo de historiadores, se define menos por um estudo do passado que por uma reflexão cada vez mais dinâmica sobre as relações entre passado e presente. A veracidade buscada não se vale mais de uma busca de um passado imutável, mas sim aquela que se forja na relação dinâmica entre o que se escreve/descreve/narra e o presente de quem o faz (...). (SANTOS, 2007, p. 83)

Como tratado, um número significativo de historiadores não busca mais uma verdade inquestionável do passado, busca uma compreensão de como esse, se mostra ainda, nos diversos vestígios como um espaço de compreensão do presente.

Assim, o passado é estudado porque inquietações no presente compelem o historiador a ir em sua busca, são as indagações do presente que orientam as perguntas a respeito do passado. Para Márcia Pereira dos Santos (2007, p. 83-84), um passado que deixa emergir ressurgências de si, que impõe o repensar sobre memórias constituídas e vividas com uma intensidade política provocadora de ações e reações de grupos étnicos, religiosos, sexuais e acadêmicos nas suas defesas de direitos e deveres de memória.

A autora ainda chama a atenção com inspiração em Maurice Halbwachs, na verdade para a tese desse autor de que a memória significa fundamentalmente reconstruir o passado a partir dos quadros sociais do presente.

O que nos interessa aqui ao trazermos essa discussão é que um grupo social se articula como mantenedor de uma determinada memória. E que, em meio a tudo isso, na intenção de reconstruir o passado os grupos envolvem-se em lutas políticas abalizadas por memórias que, resgatadas e reatualizadas, pautam as defesas de identidade do presente.

Os grupos têm na memória um ponto de apoio para justificar suas ações. Ainda nos apoiando em Márcia Pereira dos Santos (2007, p. 84-85), pensamos a questão da memória que se articula fora dos quadros da história escrita. Sendo que a permanente expressividade da memória nos meios sociais tem uma feição política que mostra as formas como os sujeitos se posicionam no que diz respeito à realidade, na forma como esses a interpretam e agem sobre ela. É justamente aqui que a memória assume sua função política, no que diz respeito à defesa de si e de seu grupo. Deste modo, o passado emerge quando o presente permite, mas não qualquer passado, um passado reorganizado por demandas do presente.

A abordagem dos usos do passado e da memória por parte do *Front National* é feita sob a perspectiva apresentada anteriormente, com as orientações de Marc Bloch (2002) de que o passado continua tendo suas lógicas internas e que há razões próprias no passado. Logo, há limites em tais utilizações, limites que são impostos pelo próprio passado. As utilizações do passado por parte do FN não devem descartar a própria realidade do passado.

O *Front National* de Marine Le Pen passa por uma reorientação do passado, buscando reorientar sua memória para atender suas demandas, como vem sendo exposto no presente trabalho. Para demonstrar a forma como o partido busca gerir sua memória a partir da gestão marinista, utilizaremos a forma como tratam a figura de Jeanne d'Arc.

A personagem em questão não aparece no escopo argumentativo do *Front National* apenas na gestão marinista, inclusive, se tratarmos o FN no interior de uma tradição de extrema

direita que anteveem a ele, como buscamos salientar no tópico 1.2, “O Front National e o universo das extremas direitas”, o partido herda Jeanne d’Arc como símbolo de resistência e nacionalismo de Charles Maurras. A forma como Maurras utiliza Jeanne d’Arc pode ser visto no trecho a seguir:

Il faudrait ici plus que des lignes, des pages pour montrer comment Maurice Pujo imprima à ses Camelots du roi, à ses Étudiants d’Action française, aux fonctionnaires d’élite de nos Ligues, ce magnifique esprit national, civique, militaire, qui fit reflammer dans la nouvelle jeunesse une âme de patriotisme combattu et pur (...) Le vieux sang français se réveillait, de tous les purs sanguins de ses hérédités, mais roulant des métaux d’une vaillance et d’une générosité inconnues. Le nom de Jeanne d’Arc, son oriflamme, sa devise, les fleurs que l’on apportait à ses statues, comme à des autels, restent le symbole historique de cette époque de feu.<sup>75</sup> (MAURRAS. 2011. p. 19)

No trecho em questão, que é a sequência de uma argumentação a favor de seu companheiro de *Action française* Maurice Pujo<sup>76</sup> e a forma como este trata o espírito nacional em sua obra *Camelots du Roi*, Charles Maurras busca demonstrar como a figura de Jeanne d’Arc serve como um símbolo de resistência, incorporando um ideal de França e dos valores franceses.

É imprescindível salientar que a figura de Jeanne d’Arc envolve controvérsias e a própria construção de sua história não é homogênea, envolve diversas rupturas. Para Flávia Amaral (2012), que faz um trabalho buscando historicizar as reinterpretações de Jeanne d’Arc no interior da história francesa, há um especial interesse pela personagem no século XIX.

A pesquisadora afirma (2012 p. 11-12) que foi a sociedade oitocentista que aproximou dos ideais e demandas do Terceiro Estado, modificando o elemento original associado a uma heroína até então monarquista, marcando uma diferença fundamental naquilo que a personagem significava para a história francesa até então.

Desta forma, a personagem é ressignificada à luz de um nascente nacionalismo, não exclusivo da França, o que a pesquisadora (2012, p. 57) caracteriza como um período em que

<sup>75</sup> Seria necessário aqui mais do que linhas, páginas para mostrar como Maurice Pujo imprimiu aos seus *Camelots* do rei, a seus Estudantes de Ação francesa, aos funcionários de elite de nossas Ligas, este magnífico espirito nacional, cívico, militar, que faz refletir na nova juventude uma alma de patriotismo combatida e pura (...) O velho sangue francês despertava, de todos os sanguins puros de suas hereditariedades, mas lançando metais de um valor e generosidade desconhecidos. O nome de Joana d’Arc, seu estandarte, seu lema, as flores que foram trazidas a suas estátuas, e aos altares, permanecem como símbolo histórico desse período de fogo.

<sup>76</sup> Crítico musical e um dos fundadores ao lado de Charles Maurras do da *L’Action Française*, participando antes disso da defesa pública do capitão Dreyfus, caso que dividiu a sociedade francesa no final do sec. XIX, um processo judicial que refletiu o antisemitismo da época. Pujo foi apoiador do Regime de Vichy.

há uma escolha pelos ancestrais, criação do patrimônio e o que ela chama de “coleta do material folclórico” fazendo surgir histórias nacionais com seus heróis e momentos fundadores em uma nacionalização retroativa dos eventos do passado. É neste período que existe um salto em produções bibliográficas que contemplem Jeanne d’Arc.

Importante destacar, como aponta a pesquisadora (2012, p.191) que no processo de constantes ressignificações, no período napoleônico existe uma substituição da figura simbólica de Marianne<sup>77</sup> por Jeanne d’Arc, visto que a guerreira Jeanne ser tão libertária quanto, só que menos associada com o radicalismo da Revolução Francesa.

A apropriação de Charles Maurras tratada aqui não diz respeito a Jeanne d’Arc construída no contexto pós Revolucionário, o qual reivindica características que condizem com a Revolução Francesa, mesmo sendo a forma menos radical da mesma como apontado. Flávia Amaral (2012, p.11) mostra que após a canonização da Beata de Orleans em 1920 e sua elevação como “segunda padroeira da França”, em 1922, passa existir uma associação da extrema direita francesa ligando Jeanne d’Arc com seus ideais. Fazendo com que o governo Vichy a utilize como símbolo do regime. Para a pesquisadora, a extrema direita francesa reclama seus direitos sobre a heroína.

Desde então Jeanne d’Arc é utilizada por grupos de extrema direita na França. Como já tratado, Jean-Marie Le Pen é herdeiro de Charles Maurras, herdando dele também as possibilidades de utilização de Jeanne d’Arc como símbolo do nacionalismo francês.

Jean-Marie Le Pen resgata Jeanne d’Arc em 1988, mais especificamente por ocasião das comemorações do feriado de primeiro de maio. Na prática, é mais amplo do que meramente as comemorações, visto que o feriado coincidiu com o espaço temporal entre primeiro e segundo turno nas eleições que Jean-Marie Le Pen conquistou 14% dos votos. A organização de uma festa, “Dia do trabalho e Jeanne d’Arc”<sup>78</sup>, concorrendo com a tradicional festa de primeiro de maio foi assim, uma demonstração de poder.

Jean-Marie Le Pen recupera o mito de Jeanne d’Arc buscando torná-la um símbolo da pátria, especialmente, a transformando como a encarnação da resistência contra os

<sup>77</sup> Marianne ou “a senhora da liberdade” é um símbolo da República Francesa, ganhando notoriedade como tal em especial durante o processo da Revolução Francesa, sendo uma figura feminina que substitui os calores do Antigo Regime por representar a razão, a nação, a pátria e, principalmente, as virtudes da República. Após a “Terceira República” (1870-1940) a figura de Marianne se popularizou consideravelmente.

<sup>78</sup> Festejos em homenagem a Jeanne d’Arc são realizados todos os anos em Orleans em 8 de maio, já que é 8 de maio de 1429 que libertou a cidade dos ingleses.

estrangeiros. A ação de Jean-Marie Le Pen encontrou resistências, tal como pode ser visto nos artigos de Henri Tincq e Pierre Besnard no *Le Monde*, 1º de maio e 4 de maio de 1988 respectivamente, apontando que Jean-Marie Le Pen distorce propositalmente a história da virgem de Orleans, visto que essa resistiu aos ingleses e não necessariamente aos estrangeiros. É o que Henri Tincq chama de “sequestro” e Pierre Besnard de “rapto” de Jeanne d’Arc” pelo *Front National*.

A partir de 1988 o FN promove festividades em homenagem a Jeanne d’Arc, seu já tradicional “Dia do trabalho e Jeanne d’Arc”. Sobre essa apropriação, dois momentos tornam-se emblemáticos, os dois envolvendo embates de Jean-Marie Le Pen com Jacques Chirac. O primeiro ocorre na campanha para o segundo turno de 2002, como já mencionado, em que Jean-Marie Le Pen chega ao segundo turno das eleições presidenciais, logo, as festividades daquele ano ocorreram entre os dois turnos.

Jean-Marie le Pen faz um discurso exaltando a grandiosidade histórica da França, como um “mar das artes e berço das leis”, uma nação milenar à qual o mundo tanto deve. Entretanto, a partir do momento que insere Jeanne d’Arc em seu discurso, a apresenta (5' 33") defendendo ser uma personagem especial por não ter uma contemplação mística, mas por ser uma personagem de ação, ressaltando ser a heroína da libertação francesa. Constrói Jeanne d’Arc, ou apresenta a perspectiva na qual a interpreta como uma personagem única não apenas na história francesa, mas do mundo, pois cumpre o que chama de “mais extraordinário destino da história humana” (6' 25"). Na construção de sua perspectiva de Jeanne d’Arc, Jean-Marie Le Pen (11' 02") afirma que não existe no mundo um destino comparável, que mesmo Luiz XIV e Napoleão, homens extraordinários, não se aproximam de Jeanne d’Arc visto que ela é de “outra dimensão”:

[...] par son contact avec le ciel, as vie est transcendée, elle vit un poème orphique qui va la sublimer après l’ascèse des prisons à travers les souffrances et les humiliations. Jeanne ne vit pas pour elle, elle donne as vie, as jeunesse, sa beauté, son cœur et son âme à sa patrie et à son Dieu. Et les français, surtout les jeunes, doivent lui conserver une place particulière dans leur cœur et leur mémoire, parce que Jeanne que pourrait se réaliser seule dans son rapport avec le ciel, offre son sacrifice à sa patrie charnelle la France et à ceux que l’habitent et qu’elle aime: les français.<sup>79</sup> (LE PEN, J. 2012, 11' 16")

---

<sup>79</sup> [...] por seu contato com o céu, como a vida é transcendida, ela vive um poema órfico que a sublimará depois do ascetismo das prisões entre os sofrimentos e as humilhações. Jeanne não vive para ela, ela dá sua vida, sua juventude, sua beleza, seu coração e sua alma à sua pátria e ao seu Deus. E os franceses, sobretudo os jovens, devem guardar um lugar especial em seu coração e em sua memória, porque Jeanne, que poderia estar sozinha em

Jean-Marie Le Pen transforma Jeanne d'Arc em uma entidade mística, ou simplesmente dá novo direcionamento para o misticismo que a cerca, a tratando como portadora da força da história francesa, do ideal de França. Ao buscar transformar Jeanne d'Arc em uma espécie de guia mostra como trata a França, sua história e como busca gerir tal história. Jean-Marie Le Pen não cria um ícone novo, ele o direciona para seus interesses, ele a ressignifica segundo suas demandas.

Sobre essa ressignificação, é pertinente notar que faz um esforço para utilizar Jeanne d'Arc como um ícone anti estrangeiro, anti invasor, para ele, se o estrangeiro de outrora era o inglês, agora é representado pela UE e imigrantes. A utilização da história da França é fundamental em sua empreitada, o que fica evidenciado quando declara (7'-22") “oui, chers amis, ceci est l'histoire de la France, notre histoire qui n'est pas celle des autres”<sup>80</sup>. Jean-Marie Le Pen busca assumir a gestão da história francesa e Jeanne d'Arc é central em tal intenção.

Outros discursos de Jean-Marie Le Pen poderiam ser abordados, visto que o “Dia do trabalho e Jeanne d'Arc” tem comemoração anual desde 1988, entretanto, o discurso em questão cria uma ponte para a forma como Marine Le Pen utilizará Jeanne d'Arc. O encerramento do discurso em análise aponta para um novo passo na utilização Jeanne d'Arc por parte do FN, (13'-56")

L'exemple sublime de Jeanne, petit sœur du bout des siècles, doit nous guider.  
 Certes, Marine n'est pas Jeanne d'Arc, mais elle fait partie comme elle de la long lignée de ceux qui ont fait la France et qui l'on défendue depuis près de deux millénaires.  
 Vive Jeanne!  
 Vive Marine!  
 Vive la France !<sup>81</sup>

---

seu relacionamento com o céu, oferece seu sacrifício para sua pátria carnal a França e para aqueles que nela vivem e que ela ama: os franceses.

<sup>80</sup> *Sim, queridos amigos, esta é a história da França, a nossa história, que não é a dos outros.*

<sup>81</sup> O exemplo sublime de Jeanne, irmãzinha do final dos séculos, deve nos guiar.

Reconhecidamente, Marine não é Joana d'Arc, mas, como Jeanne, ela faz parte da longa linha daqueles que fizeram a França e que a defenderam por quase dois milênios.

Viva Jeanne!

Viva Marine!

Viva a França!

O encerramento do discurso aponta para o processo de transição no FN. Olhando para tal transição na perspectiva de um projeto de poder por parte da família Le Pen, nos deparamos com a forma como a história da França é utilizada, em especial a apropriação de Jeanne d'Arc. Temos aqui uma mudança planejada, uma apropriação gradativa da personagem mítica e de sua memória, se em um momento há um resgate de Jeanne d'Arc como principal personagem da história francesa, sendo símbolo máximo do espírito nacional, Jean-Marie Le Pen eleva sua filha, Marine Le Pen, a um outro patamar, um “tipo” Jeanne d'Arc, ou seja, portadora do espírito nacional, o que será minunciosamente trabalhado por ela posteriormente. Funda-se assim, uma nova fase do *Front National*.

Em 2007 um episódio envolvendo Nicolas Sarkozy e Jeanne d'Arc a coloca no centro da disputa por sua memória, o então presidente afirma que Jeanne pertence a todos os franceses, em clara alusão à utilização do ícone da nação francesa por parte da extrema direita. Flávia Amaral (2012, p. 156) afirma que o presidente chegou a perguntar em seu discurso como a direita republicana e o centro puderam permitir que a extrema direita a “confiscasse”. Nicolas Sarkozy não utiliza Jeanne d'Arc antes disso, o que ocorre é uma percepção de como o ícone da heroína é transformado em um símbolo para o FN e como esta passa a ser capitalizado pelo partido.

A busca pelo controle da memória de Jeanne d'Arc fica evidenciada por ocasião do 600º aniversário da donzela de Orleans em 2012. Nicolas Sarkozy faz uma visita à casa de Jeanne d'Arc em Domrémy, sendo sua primeira visita pública ao local, buscando se inserir uma disputa pela gestão da memória de Jeanne d'Arc. Em resposta, como aponta Flávia Amaral (2012, p.156) Marine Le Pen diz que fora seu pai o responsável por reabilitar a memória de Jeanne d'Arc nas últimas décadas, a devolvendo para seu devido lugar na política francesa, em especial com as homenagens prestadas pelo FN.

Marine Le Pen se apropria da já em curso utilização de Jeanne d'Arc por parte do FN, no entanto, como expresso anteriormente no discurso de seu pai, a eleva a um outro patamar, pois se coloca como uma nova Jeanne d'Arc, dentro dos limites possíveis em seu tempo, para não desacralizar a imagem da heroína.

Voltando a fala de Jean-Marie Le Pen no discurso do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2012, na ocasião de seu 600.º aniversário, quando afirma que apesar de Marine Le Pen não ser Jeanne d'Arc, ela é herdeira e representante fidedigna de sua história. É possível notar como o FN monta de forma sutil Marine Le Pen como uma figura salvífica em relação a cultura

francesa, para com a “França pura”. Para essa percepção, iremos além dos discursos e dos textos escritos pelo partido, analisemos a forma iconográfica que Marine Le Pen é colocada ao lado de Jeanne d’Arc.

Vejamos algumas imagens:



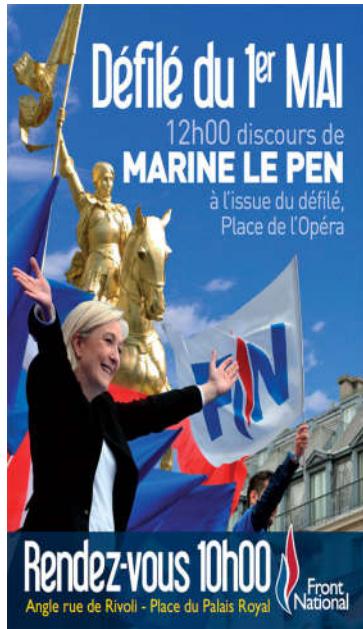
Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d’Arc de 2012, na ocasião de seu 600.º aniversário em 2012.

Fonte: <http://www.frontnational.com/2012/04/le-1er-mai-a-paris-tous-avec-marine/>



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d’Arc de 2012

Fonte:  
<http://www.frontnational.com/2013/04/le-1er-mai-a-paris-tous-avec-marine/>



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2014.

Fonte: <http://www.frontnational.com/2014/04/defile-du-1er-mai/>

Os cartazes do tradicional Dia do trabalho e Jeanne d'Arc trazem Marine Le Pen com Jeanne d'Arc aos fundos, normalmente com alguma das diversas estátuas da heroína. Na gestão de Jean-Marie Le Pen também haviam cartazes com estátuas da heroína, entretanto, a partir do já mencionado discurso de Jean-Marie Le Pen é perceptível a tentativa do partido de aliar a imagem de Marine Le Pen com a de Jeanne d'Arc. As fotos oficiais de campanha, colocam-na em simetria assim que possível, tal como podemos ver na seguinte imagem:



Marine Le Pen no discurso do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2012. Na ocasião de seu 600º.

Fonte: <http://www.frontnational.com/2012/05/photos-du-defile-et-du-discours-de-marine-le-pen-lors-du-1er-mai-2012/>

É importante desatacar aqui, que a forma como a imagem de Jeanne d'Arc é colocada em perspectiva com a de Marine Le Pen torna-se algo corriqueiro, é importante também destacar que a imagem que aparece aos fundos da imagem destacada acima é a imagem

oficial da campanha de Marine Le Pen em 2012, a qual traz Jeanne d'Arc e outros símbolos franceses.

A utilização de Jeanne d'Arc pelo FN não é nova, mas ela se renova com Marine Le Pen, uma utilização que é sutil, as características a serem utilizadas da heroína são escolhidas para atender a demanda atual do partido. Uma guerreira com convicções nacionalistas, entretanto, com o coração puro.

Com isso, questões centrais do discurso de Marine Le Pen são incorporadas, tal como a recusa à UE e a aversão aos imigrantes, passando necessariamente por uma França forte e “pura”. Uma identidade que passa necessariamente pela tradição e a cultura cristã, visto que essa exploração passa a ficar evidente em especial após os ataques terroristas em solo estadunidense, como evidenciado anteriormente.

A personalidade de Marine Le Pen é exaltada à luz da personalidade de Jeanne d'Arc. Uma mulher – o que será bastante explorado e tratado posteriormente aqui, – forte, com convicções nacionalistas, que abre mão de sua vida por seus compatriotas e com pureza no coração. A imagem de Marine Le Pen é construída a partir da imagem de Jeanne d'Arc, mas claro uma imagem trabalhada antes pelo partido. Quando a descrição de Marine Le Pen se confunde com a de Jeanne d'Arc não é acidente, é algo planejado.

Jeanne d'Arc como essência nacional é utilizada pela extrema direita desde Charles Maurras, o que muda é a forma como ela é tratada e os atributos que são selecionados, haja visto que existe uma ininterrupta construção da personagem histórica, não apenas pela extrema direita, sua memória é gerida para atender a demandas específicas e distintas. O FN apresenta uma versão da história de Jeanne d'Arc, com as características que utiliza para gerir sua própria memória e identidade. Na empreitada pela referida gestão, busca utilizar da história, mas de sua versão da história.

A figura messiânica largamente utilizada em escaladas populistas, eleitorais ou de cunho autoritário também é utilizada na França pela extrema direita, no entanto, a imagem de Jesus é substituído por Jeanne d'Arc. Uma personagem laica, mas cristã é selecionada como símbolo máximo de uma nação com uma tradição cristã, mas que dá para o mundo uma forma política laica. Jeanne d'Arc é transfigurada em Marine Le Pen, fazendo com que outros símbolos nacionais percam força frente à donzela de Orleans, portadora de seu ideal de França, especialmente após uma minuciosa gestão de sua memória.

## 1.5 Em nome do povo

Na empreitada rumo ao poder, em especial com o projeto de desdemonização, povo se torna central em tal estratégia e argumentação, mas o que é o “povo” para o FN? O que leva a uma pergunta necessária, o que é um povo? Uma reflexão sobre o *Front National* passa necessariamente por essas perguntas.

Povo não é um conceito que nasce com a modernidade, não é a primeira vez que aparece no léxico político ou eleitoral, nem tão pouco da direita europeia ou francesa, entretanto, de que se trata quando o FN usa a expressão povo? Visto que é o carro chefe de suas últimas campanhas eleitorais, estando presente em suas assinaturas de campanha, a saber: “Meu projeto para a França e os franceses: a voz do povo, o espírito da França”<sup>82</sup> (2012) e “Em nome do povo”<sup>83</sup> (2017).

Os programas e discursos de Marine Le Pen e de seu partido, o *Front National*, não se empenham em precisar o que é um povo, pelo contrário, é um termo que fica sem definição efetiva, mesmo assim, está presente, em certos momentos como protagonista e em outros como coadjuvante, mas sempre pronto para ser usado. Em seu programa de campanha de 2017, intitulado “Em nome do Povo – 144 engajamentos presidenciais”<sup>84</sup>, em sua apresentação, antes ainda das 144 propostas, em uma carta assinada por Marine Le Pen, pode ser visto o redirecionamento que será dado à noção republicana de povo em sua campanha:

« Au nom du peuple » est davantage qu’un slogan. C’est une profession de foi, le principe fondateur qui justifie et légitime notre action. C’est un engagement de rétablir le principe constitutionnel « le gouvernement du peuple, par le peuple, pour le peuple. » C’est l’engagement de rompre avec les oligarchies, de se dégager des tutelles notamment de l’Union européenne, de conduire l’action publique exclusivement en fonction de l’intérêt national.<sup>85</sup> (LE PEN, M. 2017 - *144 engagements présidentiels*. Paris: 2017)

---

<sup>82</sup> *Mon projet pour la France et les français, la voix du peuple, l'esprit de la France*.

<sup>83</sup> *Au nom du peuple*.

<sup>84</sup> *Au nom du peuple - 144 engagements présidentiels*.

<sup>85</sup> “Em nome do povo” é mais que um slogan. É uma profissão de fé, o princípio fundador que justifica e legitima a nossa ação. É um compromisso de restaurar o princípio constitucional “o governo do povo, pelo povo, para o povo”. É o compromisso de romper com as oligarquias, de se desvincular dos controles, principalmente da União Europeia, de conduzir a ação pública exclusivamente em função do interesse nacional.

Um projeto que é apresentado sob a assinatura de campanha “em nome do povo” é bastante elucidativo, especialmente ao tentar demonstrar que se trata de algo mais forte do que um mero slogan, sendo uma profissão de fé, um princípio refundador. Para além dessa utilização recorrente do termo “povo”, que nos dá um apontamento para a importância que é dado ao termo como elemento de coesão no interior da campanha, a expressão “pelo povo e para o povo” é exemplar nos modos como o “povo” é utilizado em política: o governante, ou candidato, alega que abre mão de sua ambição pessoal em nome de uma força maior, o “povo”, que é evocado em detrimento de um grupo ameaçador, no caso em questão, as “oligarquias” da União Europeia.

É possível notar a sutileza na mudança de estratégia nas duas assinaturas de campanha: de “A voz do povo, o espírito da França” [2012] para “Em nome do povo” [2017] existe uma mudança no que diz respeito ao agente da ação, no primeiro a ação é legitimada a partir do povo; na segunda já é feita para o povo, é como se Marine Le Pen se tornasse portadora da vontade do povo.

Não é Marine Le Pen ou o *Front National* quem descobriu que a não utilização de um conceito definitivo para “povo” é eficaz para demandas políticas, isso é utilizado em larga escala em se tratando dos processos políticos da modernidade.

Desta feita, a pergunta inicial se torna fundamental: o que é um povo? Existem múltiplas formas de buscar respondê-la; opta-se aqui por buscar, na tentativa de compreender a utilização que o *Front National* e Marine Le Pen fazem do conceito, respondê-la a partir de reflexões políticas.

Como sugere Paolo Colliva (1998, p. 986-987) quando busca demonstrar como povo é tratado no léxico político remetendo desde o Estado Romano até nossos dias, ou seja, o conceito político de povo, que é o que é buscado aqui, o autor mostra que, para os romanos, a definição de *res publica romanorum* passa pelo *Senatus populusque romanus* que exprimia, havendo uma aproximação não disjuntiva, os dois componentes fundamentais e permanentes da *civitas* romana: o Senado, ou núcleo das famílias gentilícias originárias representadas pelos *paires*, e o Povo, ou grupo “dêmico” progressivamente integrado e urbanizado, que passou a fazer parte do Estado com a queda da monarquia.

Desde então, o povo está presente na vida política ocidental, já na Roma Clássica, ainda segundo Colliva (1998, p. 986-987) o *populus* é um dos pilares do Estado Romano, sendo chamado a votar por meio dos *comitia*, presente em armas nas legiões, titular de amplos e plenos

direitos civis. Assim, a importância do povo estava manifesta “no papel decisivo do partido que se referia ao grupo popular e o representava, o partido exatamente denominado ‘democrático’, e na constante aspiração dos outros *populi* da Itália romana a serem admitidos, mediante o reconhecimento da *civilitas*, a fazer parte do *populus romanus*. ” Entretanto, com o surgimento do Principado, e, posteriormente do Dominado, apoiados pelo povo, seu papel foi drasticamente diminuído, sendo confundido com uma realidade popular mais ampla, reduzidos ao *populus romanus*, grupo vasto, diverso e sem poder.

Assim, o povo participou das organizações barbarescas que levaram ao fim do Império Romano. Tendo o povo germânico organização de cunho verdadeiramente popular, com estruturas tribais onde estava mal definido o papel e até mesmo o título do poder, elas se baseavam exclusivamente no consenso ativo e na plena e marcante presença do povo nas decisões da guerra e da paz, ao legislar e ao julgar (COLLIVA. 1998, pp. 986-987).

Trazemos aqui uma afirmação de Paolo Colliva (1998, p. 986-987) que diz que “no caráter das instituições, nas estruturas políticas, nos costumes, perdurará por muito tempo a influência decisiva e original do Povo na vida das *gentes* germânicas no Ocidente. ” Como podemos ver, o povo continuou presente no mundo político e social, mesmo ocorrendo no Feudalismo uma estratificação social. Com o ressurgimento das cidades, nasceu assim um instrumento político que as fontes definem com o nome romano de *Populus*.

Bronisław Baczkó (2013) traz importantes contribuições no que diz respeito a como povo é utilizado no mundo moderno e como ele ganha importância central. Argumenta que no século XVII, em Paris, povo remete tanto a uma categoria sociológica – artesãos, trabalhadores diaristas, empregados domésticos, além dos mendigos e vagabundos; como uma categoria topográfica – os que vivem em certos bairros. Ponto importante em sua argumentação é que ele defende que a partir de 1789 o povo passa a ser entendido como um ator político.

Baczkó (2013) dá continuidade em sua argumentação dizendo que comumente se diz que “o povo” tomou a Bastilha, mas traz uma indagação que é central, o que isso significa? Mostra que o povo que tomou a Bastilha não era necessariamente algo homogêneo. Em 14 de julho de 1790, a Assembleia Nacional da França aprovou uma lista oficial de “vencedores da Bastilha”, uma lista de heróis. Cerca de 700 pessoas, incluindo comerciantes, artesãos ou assalariados, contemplando Santerre, um rico fabricante de cerveja e Legendre, um açougueiro. A maioria vivia nos subúrbios de Saint-Antoine e Saint-Marcel.

É importante salientar que Paris contava com cerca de 700 mil pessoas e que a tomada da Bastilha contou com cerca de 10 mil e 20 mil pessoas, logo, nem todas as pessoas participaram do processo revolucionário. Bronisław Baczko (2013) afirma que desta forma, não foi todo o povo parisiense que se encontrou na Bastilha em 14 de julho. Todavia, o importante que Baczko traz é que no imaginário revolucionário, que se estende até o nosso, é que fora o povo que tomara a Bastilha. O mesmo se deu no desenrolar do processo revolucionário, tanto no campo quanto na cidade, como descrito por ele no caso do “Grande Medo”, haviam boatos que bandos de salteadores, tal como soldados estrangeiros ameaçavam o campo fazendo com que camponeses armados perambulassem pelas estradas. Porém, quem eram esses camponeses, ricos, pobres? Quem era esse povo?

O que é indispensável na argumentação de Bronisław Baczko (2013) é que a partir de 1789 há um povo no plural, um termo que passa a ser polissêmico, podendo designar vários tipos de pessoas, que por fim, assume um significado simbólico. Desde então povo não significa mais multidão, é transformado em uma categoria política.

Com isso, os usos do povo passam a ser diversos e variados, como destacam Émilie Goin e François Provenzano em seu livro *Usages du peuple* (2017). Para os autores (p. 7-10), mesmo com uma negligência de estudos sobre o povo em Ciências Sociais no fim do século XX, o termo povo e seus derivados continuam a inspirar vários setores do discurso social e evocar todo um imaginário (política, estética, ética, etc.). Na prática, o termo povo, continua sendo um poderoso instrumento ideológico de categorização social.

Em *Usages du peuple* (2017) é feito um esforço de buscar trabalhos dos últimos 10 anos em uma perspectiva multidisciplinar, mostrando que o “povo” pode ser usado em diversas frentes, logo, entendido a partir de diversas perspectivas. É importante destacar que desde a Revolução Francesa e a já citada transformação em torno do termo povo e sua transformação em categoria política, esse se torna central em diversas realidades históricas, ou, ao menos sua utilização ganha centralidade.

Retomando a argumentação de Bronisław Baczko (2013), de que a partir de 1789 há um povo no plural e para tratar um período salutar para a compreensão dos usos de povo em França e em especial para o FN, busca-se aqui a orientação de Claudine Haroche (2002, p. 82-94) que procura responder à pergunta “o que é um povo?” A partir dos sentimentos coletivos e o patriotismo do final do século XIX.

Claudine Haroche (2002, p. 81) inicia o texto em destaque afirmando que ao arrancar a Alsácia e a Lorena, em 1871, da França, a Alemanha acaba por infringir aos franceses uma mutilação afetiva. A afirmação leva a algo importante destacado pela pesquisadora, a de que franceses e alemães entendem nacionalidade de formas distintas. Como pode ser visto a seguir:

[...] Mommsen insiste sobre o fato de que a Alsácia é alemã pela raça e, sobretudo, pela língua. Alemães e franceses possuem uma concepção radicalmente diferente da nacionalidade: à acepção alemã de raça e da língua, mística e romântica, sobre a qual repousa a nacionalidade e a pátria opõe-se a visão francesa, que se apoia sobre a consciência nacional, as vontades, os afetos, um desejo explícito de viver junto. Fustel de Coulanges, respondendo a Mommsen em 1870, argumenta que a raça não tem nada a ver aqui: é pelos afetos, por uma sensibilidade específica que a Alsácia é francesa. (HAROCHE, 2000, p. 82)

As ideias de nação, povo e pátria passam por uma questão de sentimento e consciência. Desta maneira, a resposta sobre a indagação sobre o que é um povo, passa necessariamente por uma psicologia dos povos. Mas o que isso significa?

Haroche (2000, p. 85), identifica que para Alfred Fouillé em seu *Esquisse psychologique des peuples Européens*, no qual examina as características desses povos, eleva aos sentimentos um dos princípios constitutivos do sentimento nacional, assim, um povo é antes de mais nada, um conjunto de pessoas que olham-se como um povo. Com uma ressalva que é por intermédio dele que os povos diferem entre si e também de si no tempo. Assim, o sentir não é eterno e tampouco definitivo. Por fim, define que para Fouillé um povo é um querer viver coletivo.

Claudine Haroche prossegue argumentando que o povo é formado em uma comunidade de sentimentos. Para tal, cita Fustel de Coulanges quando defende que quando vínculos unem os homens, os reúnem em uma nação.

O que distingue as nações não é nem a raça, nem a língua. Os homens sentem no coração que são um só povo quando têm uma comunidade de ideias, de interesses, de afetividades, de lembranças e de esperanças. Eis o que faz a pátria. Eis porque os homens querem caminhar em conjunto, viver e morrer uns para os outros. A pátria é aquilo que amamos. Pode ser que a Alsácia seja alemã pela raça e pela língua. Mas pela nacionalidade e pelo sentimento ela é francesa. (COULANGES apud HAROCHE, 2000, p. 87)

Para Haroche (2000, p. 87), Coulanges busca uma defesa do que é para ele povo, evocando a vontade de viver junto que se torna mais forte que o direito público, visto que essa

vontade se apoia, às vezes, mais no presente que no passado. Desta forma, ao fixar o olhar no presente, na comunidade de sentimento, as vontades, os interesses, os afetos tornam-se imprescindíveis na constituição do povo.

Haroche prossegue demonstrando que Ernest Renan, alguns anos mais tarde, desenvolve uma concepção próxima, não obstante, sensivelmente diversa a de Coulanges.

Ainda que Renan insista igualmente sobre a vontade de viver em comum, sublinha a importância do passado, sublinha a importância do passado, da memória, dos ancestrais. Vontade dos seres no presente, glória dos ancestrais no passado: o que une os homens entre um passado venerado e um presente partilhado, é a comunhão das lembranças e das ideias, das afeições e das vontades, “um princípio espiritual” a alma de um povo. (HAROCHE, 2000, p. 87)

Essa alma de um povo está entre as lembranças e as vontades do presente, em certa medida unidos por afetos. As lembranças e o desejo de viver junto são o que sustentam o espírito de um povo. Sua sustentação está ora no presente, no que diz respeito ao espaço dos sentimentos cotidianos, desejos e solidariedades, ou seja, fruto da vontade coletiva, logo de fácil trato e acesso; ora no passado, os grandes feitos, as grandes personagens que fizeram os grandes feitos da nação. Sobre essa junção passado e presente, Haroche afirma:

Passado e presente, condições da ideia de nação e garantia de sua continuidade, asseguram o vínculo social essencial que constitui o coração da política francesa na terceira República francesa: a solidariedade. “Ter sofrido, se regozijado, ter esperado junto representam mais do que alfândegas e fronteiras, em conformidade das ideias estratégicas”. (HAROCHE, 2000, p. 88)

O vínculo social necessário para uma ideia de nação se dá na junção do passado e presente, a solidariedade levantada pela pesquisadora, como o coração da terceira República, que criará o sentimento de pertença que possibilita se entender como um povo, parte necessariamente de um sentimento de perca, de sofrimento. Por fim, Claudine Haroche (2000, p. 88) afirma “O sentimento nacional alimenta-se, portanto, de um trabalho de luto contínuo”, por conta disso há a rememoração constante dos sofrimentos, o culto dos mortos, a comemoração dos desaparecidos gloriosos e sua atualização. Isso se dá porque o sofrimento em comum une mais que a alegria.

A pergunta sobre o que é um povo ainda permanece. Claudine Haroche, tendo como orientadora a discussão feita a partir da questão da Alsácia e a Lorena e as construções já apresentadas e na possibilidade da utilização do sentimento de povo, responde:

O que é um povo? A questão, sob diversas formas, é sem cessar retomada, primordial e no entanto difícil de ser apreendida. Todo o interesse da psicologia dos povos, de reputação tão denegrida, é ter lembrado que a vontade de viver junto, as maneiras de sentir, bem mais do que a pertença racial ou étnica, constituem o fundamento da identidade de um povo. Mas Fouillé sabe encontrar nos princípios do direito público as comunidades de sentimento e dever. No âmago das leis da França, o vínculo que une a divisa republicana. (HAROCHE, 2000, p. 93)

É em meio a essas particularidades que a realidade histórica francesa apresenta que Marine Le Pen constrói sua noção de povo e a partir disso traça suas estratégias de utilização do mesmo. Para isso, utiliza-se da lembrança, da tradição, fazendo uso do sofrimento e dos sacrifícios necessários para a nação, mas também do presente, de uma comunidade de sentimentos e os deveres resultantes disso, sem se esquecer das leis da França o peso que a República impõe. Faz isso de forma planejada, na medida que deixa a noção de povo em aberto, faz usos dele com pesos distintos e em momentos pontuais.

Jacques Rancière (2013, p. 138) ao refletir sobre o populismo, o que será retomado posteriormente, afirma existir uma entidade chamava “povo” e que esta é a fonte de poder e principal interlocutor do discurso político. Para ele, “povo” não existe em si:

Car « le peuple » n'existe pas. Ce qui existe ce sont des figures diverses, voire antagoniques du peuple, des figures construites en privilégiant certains modes de rassemblement, certains traits distinctifs, certaines capacités ou incapacités: peuple ethnique défini par la communauté de la terre ou du sang; peuple-troupeau veillé par les bons pasteurs; peuple démocratique mettant en œuvre la compétence de ceux qui n'ont aucune compétence particulière; peuple ignorant que les oligarques tiennent à distance etc [...]<sup>86</sup> (RANCIÈRE. 20013, p. 139)

Essas figuras diversas e antagônicas mencionadas pelo autor, são unidas em momentos específicos para que o “povo” seja utilizado. Rancière trata do populismo, que é, segundo ele, quem melhor consegue unir tais figuras diversas em prol de seu próprio objetivo, destacando populismos de direita e esquerda, mas para que o povo seja utilizado, existe uma construção complexa. Mais tarde as análises de Rancière serão revisitadas.

Povo no dia a dia é visto como algo negativo, ganhando certo grau de positividade na medida em que ganha importância para ser utilizado politicamente. O que pode ser notado

---

<sup>86</sup> Porque “o povo” não existe. O que existe são figuras variadas, até mesmo antagônicas ao povo, figuras construídas com base no privilégio a certas formas de agrupamento, a características diferenciadoras, a certas capacidades ou incapacidades: povo étnico definido por ter em comum a terra ou o sangue; povo “rebanho” cuidado por bons pastores; povo democrático que emprega a capacidade daqueles que não têm nenhuma competência específica; povo ignorante que os oligarcas mantêm à distância, etc. [...]

quando a expressão popular é empregada. Pierre Bourdieu (2013, p. 23-25), buscando analisar a partir da linguagem, argumenta que os linguistas só conseguem fundar taxonomias dualistas que, paradoxalmente, legitimam o elitismo linguístico, afastando as pessoas que fazem uso de uma “linguagem popular” (“cultura popular”, “arte popular”, “religião popular” etc.), visto que são excluídos da língua legítima, isso na ação contínua de inculcação e imposições mescladas de sanções que são exercidas pelo sistema escolar. O popular é algo excluído, tratado como algo de menor requinte e valor.

No entanto, é de fácil observação que povo é uma coisa e popular é outra coisa. Guardando isso, e para chegarmos no ponto que acreditamos que seja a significação de Marine Le Pen para “povo”, peguemos a interpretação de Alain Badiou, que se propõe esclarecer sobre o uso de povo em política.

Em sua argumentação é possível ler:

Si même on ne peut que saluer, encore et toujours, le « nous sommes ici par la volonté du peuple » de la Révolution française à son début, il faut bien convenir que « peuple » n'est aucunement, par soi-même, un substantif progressiste. Quand Mélenchon fait afficher « place au peuple ! », ce n'est aujourd'hui qu'une rhétorique illisible. On conviendra symétriquement que « peuple » n'est pas non plus, si même semblent y incliner les usages nazis du mot « Volk », un terme fasciste. Quand on dénonce un peu partout le « populisme » de Marine Le Pen, ce n'est que l'entretien d'une confusion. La vérité est que « peuple » est aujourd'hui un terme neutre, comme tant d'autres vocables du lexique politique. Tout est affaire de contexte. Nous aurons donc à y regarder de plus près.<sup>87</sup> (BADIOU. 2013, p. 9)

Badiou destaca que povo é inicialmente algo neutro, o que de forma alguma tira sua relevância, é neutro porque não se trata automaticamente de algo progressista, podendo ser utilizado em agendas políticas de perspectivas diferentes, devendo ser analisado em sua singularidade em cada uma delas.

A questão da neutralidade muda, na medida em que “povo” não vem sozinho, ou seja, quando ele vem acompanhado, quando ele é adjetivado, “En revanche, on se méfiera du mot « peuple » quand il est suivi d'un adjectif, singulièrement d'un adjectif identitaire ou

---

<sup>87</sup> Se nós nem sequer pudermos aclamar repetidamente o “nós estamos aqui pela vontade do povo” do princípio da Revolução francesa, precisamos concordar que “povo” não é, por si só, um substantivo progressista. Quando Mélenchon alardeia “lugar para o povo!”, hoje isso não passa de uma retórica indecifrável. Haveremos de concordar, de forma correspondente, que “povo” também não é, mesmo que pareça tender aos usos nazistas da palavra “Volk”, um termo fascista. Quando denunciamos em todo lugar o “populismo” de Marine Le Pen, estamos apenas mantendo a confusão. A verdade é que “povo” hoje é um termo neutro, como tantos outros vocábulos do léxico político. Tudo depende do contexto, por isso precisaremos olhar mais de perto.

national.” (BADIOU. 2013, p. 9). É o adjetivo indentitário ou nacional que dá um tom de desconfiança para “povo”. Na sequência, o autor dá alguns exemplos, tal como no período imperial/colonial quando houve uma apropriação de povo para se referir aos poderosos, sendo que para os que não participavam do “povo” era relegado expressões como “selvagens”, “tribos” ou grupos étnicos, existindo então o “povo francês”, “povo inglês” dentre outros, por outro lado, “povo argelino” não. De forma sintomática, a era das guerras de libertações nacionais, santificaram “povo + adjetivo nacional”, na medida em que exigiam muitas vezes uma luta armada, aqui, o “povo argelino” passa a existir.

Na prática o que se tem é uma persistência de um “povo verdadeiro”, que exclui necessariamente outros grupos, que não podem participar do “povo” naquele momento. Na adjetivação de maneira positiva um “povo”, intrinsecamente existe a adjetivação negativa do outro “povo”, ou até mesmo sua negação. Para o governo de Israel existe o “povo israelense”, na medida que existe a negação do “povo palestino”, mas como esse simulacro pode ser usado de maneiras distintas, o inverso também é feito na Palestina. Portanto, esse uso de “povo” é feito no sentido de identidade exclusiva, sendo ela racial ou nacional.

Mas não para aí, com o Estado, “povo + adjetivo” ganha outro significado, visto que se torna um justificador de ações. Como, por exemplo, a expressão “povo francês” que povoa os discursos de políticos que partem de posições distintas, tal como Marine Le Pen e Jean Luc Mélenchon<sup>88</sup>, em que a palavra “povo” aparece em 19 das 83 propostas. Sobre isso, podemos ler:

Dans les démocraties parlementaires notamment, « peuple » est en fait devenu une catégorie du droit d’État. Par le simulacre politique du vote, le « peuple », composé d’une collection d’atomes humains, confère la fiction d’une légitimité aux élus. C’est la « souveraineté du peuple », et plus exactement la souveraineté du « peuple français ». Si chez Rousseau la souveraineté est encore celle d’une assemblée populaire effective et vivante – rappelons que Rousseau considérait le parlementarisme anglais comme une imposture –, il est aujourd’hui clair que cette souveraineté, étant celle d’une multiplicité d’opinions inerte et atomisée, ne constitue aucun sujet politique véritable. En tant que référent juridique du processus représentatif, « peuple » signifie seulement que l’État peut et doit persévéérer dans son être.<sup>89</sup> (BADIOU. 2013, p. 13)

---

<sup>88</sup> O programa de campanha do referido candidato em 2017 tem como título *L’Avenir en commun, Le programme de la France insoumise et son candidat*. Jean-Luc Mélenchon é um político historicamente ligado à esquerda francesa. Uma das lideranças do movimento estudantil nos eventos políticos de maio de 1968. Foi Ministro da Educação (1997-2002) indicado pelo Primeiro Ministro Lionel Jospin do PS, partido que fez parte até 2008. Fundou em 2016 o partido de esquerda *La France Insoumise*. É autor de livros como: *L’autre gauche* (2009) e *L’Ère du peuple* (2014).

<sup>89</sup> Principalmente nas democracias parlamentares, “povo” de fato virou uma categoria do direito do Estado. Pelo simulacro político do voto, o “povo”, composto de uma coleção de átomos humanos, confere aos eleitos a ficção de uma legitimidade. É a “soberania do povo” e, mais exatamente, a soberania do “povo francês”. Se para Rousseau

A grande importância que o povo ganha na aliança do conceito com o Estado é que este, digo o povo, confere legitimidade para as ações do Estado e de seus governantes. Isso acontece mesmo o povo sendo constituído de instâncias amplamente diferentes entre si, quando esse é tido como “o povo” ganha força para legitimar as ações dos governantes eleitos, havendo uma inversão, visto que o Estado, quando instituído e reconhecido, passa a “representar” a massa passiva que é o povo.

Assim que o Estado em questão for constituído, regularizado e registrado na “comunidade internacional”, o povo a que ele afirma pertencer deixa de ser um sujeito político, passando o “povo” a existir unicamente com o reconhecimento do Estado, que é atestado pela comunidade internacional, como defende Badiou (2013, p. 14). Isso independendo da forma do Estado, se transformando em uma massa passiva que o Estado configura<sup>90</sup>.

Em outras palavras, “povo” pode ter um significado positivo apenas com a inexistência do Estado<sup>91</sup>. Badiou traz dois pontos negativos para o significado de povo – 1. Quando esse é entendido na perspectiva identitária de cunho exclusivista, sendo ela racial ou nacional; 2. Na perspectiva da legitimidade institucional do Estado, que subordina o povo ao Estado, fazendo que sua participação seja reduzida ao voto, que depois de proferido, apenas serve para legitimar as ações dos governantes eleitos.

Até o momento fora tratado conceitos de povo com exemplos genéricos, fica a pergunta: o que tudo isso tem a ver com as ações políticas de Marine Le Pen e do *Front National*? Ou, como ela interpreta e usa o termo povo? Pois bem, Le Pen se insere entre os dois pontos negativos apresentados por Alain Badiou. Para tal, vejamos o seguinte argumento:

Mais n'y a-t-il pas aussi « peuple » au sens de ce qui, sans même encore activer un détachement rassemblé, n'est cependant pas réellement inclus dans le dispositif du « peuple souverain » tel que le constitue l'État? Nous répondons: oui. Il y a sens à parler des « gens du peuple », en tant qu'ils sont ce que le peuple officiel, dans la guise de l'État, tient pour inexistant. Nous sommes là aux lisières de l'objectivité, sociale, économique et étatique. Durant de longs siècles, la masse « inexistante » est la masse des paysans pauvres, la société existante proprement dite, telle que la considère l'État,

---

a soberania ainda é aquela de uma assembleia popular efetiva e empolgada – lembremos que Rousseau considerava o parlamentarismo inglês uma impostura –, hoje está claro que essa soberania, sendo de uma multiplicidade inerte e atomizada de opiniões, não constitui nenhum sujeito político autêntico. Como referência jurídica do processo representativo, “povo” significa apenas que o Estado pode e deve perseverar em seu ser.

<sup>90</sup> Alain Badiou não exclui a possibilidade dessa massa passiva designar uma singularidade, tal como nos exemplos citados por ele da ocupação de junho de 1936 e maio de 1968 (2013, p. 15).

<sup>91</sup> Não se deve perder de vista que Badiou concebe essa tese a respeito do Estado a partir de sua posição Marxista, logo, o proletário não tem pátria, uma política verdadeiramente revolucionária exige o declínio do Estado.

se composant d'un mixte d'aristocratie héréditaire et de riches parvenus. Aujourd'hui, dans les sociétés qui se décernent à elles-mêmes le titre de sociétés « avancées », ou de « démocraties », le noyau dur de la masse inexistante se compose des prolétaires derniers venus (ceux qu'on appelle les « immigrés »). Autour d'eux, une totalité floue se compose d'ouvriers précaires, de très petits employés, d'intellectuels déclassés, et de toute une jeunesse exilée et ségréguée dans la périphérie des grandes villes. Il est légitime de parler de « peuple » à propos de cet ensemble, pour autant qu'il n'a pas droit à la considération dont jouit, aux yeux de l'État, le peuple officiel.<sup>92</sup> (BADIOU. 2013, p. 18)

Destacam-se aqui 3 pontos: 1. Quem é povo para o Estado oficial; 2. Quem fica fora da constituição de povo para o Estado oficial; 3 a questão identitária implícita nos “outros”. A inserção do argumento que conclama o povo por parte de Marine Le Pen leva em conta essas questões. A líder do FN busca utilizar o povo, na medida em que elenca pessoas que são excluídas pelas políticas oficiais do Estado Francês e União Europeia, o povo então são os excluídos, mas excluídos de formas diferentes, logo, busca alcançar grupos diferentes sob um mesmo termo, o “povo”. Sem deixar de culpar em momentos específicos os imigrantes, que no caso, são os outros legitimados pelo Estado.

Marine Le Pen ao falar de “povo” fala cuidadosamente de “povo francês”, e é “povo francês” por estar no interior da tradição francesa, fazendo isso a ênfase de seu discurso é a “nação” francesa como unidade abstrata. Sobre o primeiro ponto já mencionado, vejamos a relação de Estado e povo francês quando ela fala de economia:

La France ne gagnera pas si elle n'est pas la France. Les Français ne gagneront pas s'ils ne savent plus dire nous avec confiance, avec fierté, avec engagement.  
 Je suis résolument, et entièrement, du côté de la France.  
 Le marché, oui bien sûr, mais loyal et constructif c'est le moyen de la compétitivité et de l'efficacité.  
 Mais chaque fois que l'intérêt national est en jeu, que l'autorité de l'Etat, l'esprit d'entreprendre et la volonté de la Nation ne fassent qu'un et s'accordent strictement, pour que les entreprises de France gagnent, pour que la France gagne, pour que le peuple de France gagne!

---

<sup>92</sup> Mas não há também “povo” no sentido de que, mesmo sem ativar um ‘destacamento montado’, ainda assim não está de fato incluído na máquina do “povo soberano” da forma como o Estado estabelece? Nós respondemos: sim. Há sentido em falar de “gente do povo”, como é o caso daquele que o povo oficial, à maneira do Estado, toma por inexistente. Nós estamos nos limites da objetividade, social, econômica e estatal. Por muitos séculos, a massa “inexistente” é a massa dos camponeses pobres, a sociedade existente propriamente dita, da forma como o Estado a considera, consistindo de um misto de aristocratas hereditários e de ricos. Hoje, nas sociedades que se intitulam elas mesmas de sociedades “avanhadas”, ou de “democracias”, o núcleo duro da massa inexistente se compõe de proletários que recém-chegados (os que chamamos de “imigrantes”). Em torno deles, uma totalidade difusa consiste de trabalhadores precários, de poucos empregados menores, de intelectuais desclassificados e de toda uma juventude exilada e segregada nas periferias das grandes cidades. É legítimo falar de “povo” referindo-se a este conjunto, contanto que ele não tenha direito a consideração de que goza, aos olhos do Estado, o povo oficial.

Vive la République! Vive la France!<sup>93</sup> (LE PEN, M. 3<sup>ème</sup> Conférence... 2017, p. 21.)

Tal fala que faz parte do discurso proferido na 3<sup>a</sup> Conferência Presidencial<sup>94</sup> é um fragmento que nos ajuda a elucidar o que tem sido defendido, que para Marine Le Pen o povo deve existir enquanto povo no interior da nação, na medida em que o Estado é um dos mecanismos mencionados para solucionar os problemas econômicos, mas, é claro, ao lado do povo, Estado e povo caminham juntos.

Um dos atributos que mais se destacam em Marine Le Pen é sua capacidade de direcionar seu discurso para momentos e locais específicos, no fragmento anterior pode ser notado o uso do Estado para tratar de questões econômicas, proferido em Paris; o próximo fragmento a ser mencionado é um documento que aborda diretamente a questão do terrorismo, discurso pronunciado em Fréjus, situada em uma região em que o voto de extrema direita<sup>95</sup> já é tradicionalmente consolidado e que o discurso anti-imigração tem mais força:

C'est en candidate du peuple que je me présente devant vous, c'est la France qui nous réunit cet après-midi, et cet après-midi je veux vous parler de la France, et de rien d'autre.

La France, c'est d'abord le peuple français, notre peuple.

Le peuple français, c'est vous et c'est nous.

Ce sont des millions d'hommes et de femmes fondamentalement

Je vous le dis: Il n'y aura plus de France sans identité,

Et il n'y aura pas d'identité sans souveraineté,

Mais disons le aussi, sans souveraineté et sans le peuple, il n'y aura plus de démocratie.<sup>96</sup> (LE PEN, M. Discours Fréjus, 2016, p. 2)

---

<sup>93</sup> A França não ganhará se não for a França. Os franceses não vencerão se não souberem mais dizer « nós » com confiança, com orgulho, com compromisso.

Estou resoluta e inteiramente do lado da França.

O mercado, sim, é claro, leal e construtivo, é o meio da competitividade e da eficiência.

Mas cada vez que o interesse nacional está em jogo, que a autoridade do Estado, o espírito de empreender e a vontade da nação são uma coisa só e concordem estritamente, as empresas da França ganham, a França ganha, o povo da França ganha!

Viva a República! Viva a França!

<sup>94</sup> As Conferências Presidenciais são reuniões oficiais, com discursos abertos para a imprensa e convidados, entretanto difere dos discursos abertos, que também aparecerão no decorrer da pesquisa.

<sup>95</sup> Sobre a orientação ideológica do *Front National* será tratado no capítulo I.

<sup>96</sup> É como um candidato do povo que eu me apresento diante de vocês, é a França que nos reúne esta tarde, e esta tarde eu quero falar com vocês sobre a França e nada mais.

A França é, em primeiro lugar, o povo francês, nosso povo.

O povo francês são vocês e somos nós.

São milhões de homens e mulheres basicamente

Eu lhes digo:

Não haverá mais França sem identidade,

Chama à atenção, para além de uma retórica tautológica, a apropriação feita por Marine Le Pen do termo e da noção de democracia. Tal apropriação é característica marcante nas transformações que o FN passa em sua administração, o que será explorado no decorrer do trabalho.

Estado soberano e democrático, a conformidade de povo com o Estado é marcante na percepção de Marine Le Pen. O discurso de Fréjus é emblemático porque é onde a palavra povo é mais largamente utilizada: 39 vezes para ser exato, entretanto, é apresentada, na citação acima, como algo atrelado ao Estado, ou seja, como é defendido aqui, com a chancela do Estado. Essa ligação é marcante sempre que ela trata de povo, ou seja, povo, para Le Pen, é adjetivado à nação, mesmo quando referenciado a questões étnicas, como será abordado a seguir.

Podemos ver mais uma vez essa ligação no documento em que ela propõe uma revisão constitucional via referendo:

Aujourd’hui nos institutions ne garantissent plus les principes fondamentaux pour lesquels elles ont été bâties: la souveraineté du peuple est régulièrement piétinée, la Démocratie est affaiblie et nos gouvernants ne défendent plus l’intérêt national.<sup>97</sup> (LE PEN, M. La révision... 2016)

Nota-se que sua noção de povo depende das instituições, entretanto, em sua visão, as instituições são falhas, abrindo espaço para o que colocamos como ponto 2, a saber, quem fica fora da constituição de povo para o Estado oficial. Mas antes disso, para encerrar o ponto 1, ou seja, o povo e o Estado oficial, é pertinente lembrar que Marine Le Pen busca finalizar seus discursos com a expressão “Au nom du peuple! Vive la République! Vive la France!”, povo + República que se torna o “povo francês”.

É importante destacar que “*Vive la République! Vive la France!*” é uma expressão comum a muitos políticos franceses, remetendo à história da República francesa. O que há de novidade é a apropriação, pela extrema direita francesa, em especial Marine Le Pen, de termos como República e democracia, o que não encontrado no espectro da extrema direita europeia. Essa utilização faz parte de um projeto amplo que envolve uma reestruturação da forma como

---

E não haverá identidade sem soberania,

Mas, digamos também, sem soberania e sem o povo, não haverá mais democracia.

<sup>97</sup> Hoje, nossas instituições não garantem mais os princípios fundamentais para os quais elas foram construídas: a soberania do povo é pisoteada regularmente, a democracia está sendo debilitada e nossos governantes não defendem mais o interesse nacional.

se utilizam do passado e a tradição, Jeanne d'Arc ganha centralidade em tal projeto como foi tratado no ponto 1.4.

Mas quem fica fora do “povo francês”? Marine Le Pen em sua cruzada contra a União Europeia defende que o projeto de globalismo faz com que haja uma sujeição do governo francês à UE e que este, busca favorecer os grandes empresários em detrimento do povo francês, que fica fora das possíveis benesses da globalização. De um modo geral, seu livro *Pour que vive la France*, publicado em 2012, é para defender essa tese. Sobre o povo em tal processo, vejamos o seguinte trecho:

Ce projet, je l'ai construit pour le bien du peuple français dans son ensemble, mais je l'ai surtout pensé pour ceux que j'appelle les oubliés de la politique française. Ceux auxquels les médias ne donnent guère la parole, ou alors pour s'en moquer. Ceux qui ne sont pas aux manettes du système, ceux qui ne bénéficient en rien de la mondialisation, au contraire même en souffrent, ceux qui sont aujourd’hui broyés par une caste toute-puissante. Ces oubliés, ces invisibles, ces anonymes à qui l'on veut retirer toute identité, en leur imposant une immigration massive et déstabilisatrice, en les transformant en machines à consommer, obéissants, serviles face aux injonctions publicitaires ou commerciales des sociétés du CAC 40, je les porte dans mon cœur et je veux les aider à retrouver toute leur dignité.<sup>98</sup> (LE PEN, M. 2012, p. 17)

Para Marine Le Pen, existe um grupo de franceses que são esquecidos pelos governantes, são estes que propõe representar. Na prática, é o povo esquecido pelos governantes, o que ganha sentido dentro da argumentação aqui apresentada.

É necessário ressaltar que o “povo esquecido” construído por exercício de retórica, é o povo francês, de nacionalidade francesa, isto é, a comunidade nacional, preterido pela UE e pela imigração. Ou seja, uma retórica nacionalista clássica ao uso das novas direitas. A reconstrução do FN promovida por Marine Le Pen não vê problemas em utilizar de artifícios consagrados pela direita clássica.

A candidata defende que existe uma casta que ocupou o Estado francês, vejamos:

Il me faut vous prouver qu'on peut, et qu'on doit, réhabiliter la légitimité du peuple, à prendre en main son destin, et à se dessiner un chemin d'avenir, quand bien souvent

---

<sup>98</sup> Este projeto eu construí para o bem do povo francês como um todo, mas eu pensei principalmente naqueles que eu chamo de os esquecidos da política francesa. Aqueles para quem a mídia dificilmente dá a palavra, ou quando dão, é para zombarem deles. Aqueles que não estão no controle do sistema, aqueles que não se beneficiam em nada da globalização, ao contrário, até sofrem, aqueles que hoje são esmagados por uma casta toda poderosa. Esses esquecidos, esses invisíveis, esses anônimos de quem querem tomar a identidade impondo-lhes uma imigração maciça e desestabilizadora, transformando-os em máquinas de consumo, obedientes, servis diante das ordens publicitárias ou comerciais das empresas da CAC 40\*, eu os carrego em meu coração e quero ajudá-los a recuperar toda a sua dignidade. \*Nota de tradução: Bolsa de Valores de Paris.

on lui dit qu'il n'a qu'une seule voie à prendre, celle que la caste au pouvoir lui indique avec mépris, parfois même avec violence.<sup>99</sup> (LE PEN, M. 2012, p. 12)

Portanto, o problema não é necessariamente o Estado, mas o fato dele ter sido apropriado por um grupo que só atende interesses de uma classe específica. No decorrer de sua argumentação, Le Pen defende que são os mais ricos, o grande empresariado francês e europeu, em detrimento dos mais pobres, que são a maioria esmagadora do povo francês. O problema não é o Estado em si, mas em certa medida sua impotência, visto que ele é subordinado à União Europeia, o mesmo ocorre com outros Estados Nacionais.

Até aqui, segundo o argumento de Marine Le Pen, o Estado, que segundo ela é ilegítimo, e é ilegítimo por optar por excluir uma grande camada da população, o que seria em seu argumento, o verdadeiro “povo”. O outro elemento que falta é a questão racial e étnica, voltemos ao discurso de Fréjus:

La religion immigrationniste est une insulte à la personne humaine, dont l'intégrité est toujours liée à une communauté nationale, une langue, une culture, c'est d'abord une insulte à ces peuples dont la croyance, les moeurs, les pratiques ne sont pas les nôtres, qui n'ont pas vocation à être en France, mais que nous n'avons ni droit ni raison de critiquer chez eux, sur leur terre et dans leur histoire. Nous pouvons, évidemment si nous le souhaitons, en accueillir certains membres mais en aucun cas organisés en communauté.

Derrière le multiculturalisme et le communautarisme sur le sol de notre patrie, vient la remise en cause de la liberté, de toutes les libertés, celles notamment conquises par les femmes, à quel prix!

Notre pays vit une période folle qui voit les droits des femmes s'effacer, de plus en plus rapidement, derrière les victoires du fondamentalisme !

Je dis aux Françaises, et à tous ceux qui les aiment pour ce qu'elles sont, qu'elles pourront compter sur moi ! Nous ne laisserons pas cela arriver !

Oui, je le proclame et je l'assume, le premier combat politique, le seul qui emporte tout, est celui de la liberté ! La liberté nationale ! Les Français savent ce qu'ils veulent, ils doivent pouvoir le dire, en débattre, et en décider.<sup>100</sup> (LE PEN, M. Discours Fréjus, 2016, p. 7-8)

<sup>99</sup> Eu preciso provar a vocês que nós podemos, e que devemos, reabilitar a legitimidade do povo, nos ocupar de seu destino, e traçar-lhe um caminho de futuro, quando muitas vezes lhe dizem que só existe um caminho a seguir, aquele que a classe no poder lhe indica com desprezo, às vezes até mesmo com violência.

<sup>100</sup> A religião imigracionista é um insulto à pessoa humana, cuja integridade está sempre ligada a uma comunidade nacional, uma língua, uma cultura, é a princípio um insulto a essas pessoas cujas crenças, costumes, práticas não são as nossas, que não têm vocação para estar na França, mas que nós não temos nem o direito nem razão de criticá-los em suas terras e em sua história. Podemos, é claro, se quisermos, receber alguns membros, mas de modo algum organizados em comunidade.

Por trás do multiculturalismo e do comunitarismo no solo da nossa pátria, vem o questionamento sobre a liberdade, sobre todas as liberdades, em particular aquelas conquistadas pelas mulheres, a que preço!

Nosso país está passando por um período louco que vê os direitos das mulheres se apagar, cada vez mais rápido, por trás das vitórias do fundamentalismo!

Eu digo às francesas, e a todos aqueles que as amam pelo que elas são, que elas poderão contar comigo! Nós não vamos deixar isso acontecer!

É necessário fazer uma observação no que diz respeito a uma apropriação do feminismo. Pois bem, Marine Le Pen faz uso de um discurso de “Marine Le Pen mulher” que é utilizado em sua empreitada pelo poder, se colocando como vítima de uma sociedade que oprime mulheres, buscando assim ser porta voz das mulheres. O que pode ser notado em sua autobiografia *À contre flots* (2012), em alguns discursos e na revista *Marine* (2017) que traz subtítulos como “uma mulher com coração”, “uma mulher com convicções” e “na luta política em um mundo de homens”, documento que será melhor analisado no capítulo 3, especificamente no ponto que será feita uma análise de como Marine Le Pen busca se colocar no centro de um projeto autoritário.

Marine Le Pen coloca em oposição o “povo francês” ao imigrante, se coloca contra o multiculturalismo, alegando que os outros povos tem todo o direito de existir “chez eux” [em sua própria terra], que imigrantes até podem ir para França enquanto indivíduos, desde que não tragam sua cultura e ameacem a cultura francesa. Acrescenta, então, em seu entendimento de povo, a noção do outro ameaçador, o imigrante, que vem colocar em risco a cultura e o “povo francês”. Soma-se aqui a adjetivação étnica e racial à adjetivação nacional para compor o que Marine Le Pen e o *Front National* entendem como “povo”.

A forma como Marine Le Pen trata o termo “povo” está condensada no clip oficial de campanha de primeiro turno de 2017 – *J'ai besoin de Marine*. O vídeo mostra Marine Le Pen em seu escritório assistindo, em um ipad, a imagens de pessoas – todas brancas e de idades e sexos variados – que, segundo a narrativa, foram esquecidas pelo Estado: são as vítimas da globalização, personagens que, juntas, vão formando o “povo” francês, que “precisa de Marine” [expressão que se repete].

O clip se inicia com um trabalhador do mar, homem branco de meia idade, aparentando ter entre 40 e 50 anos, com semblante cansado, que pede melhores condições para poder trabalhar e por isso “precisa de Marine”. A segunda personagem é uma senhora aposentada, branca, aparentando ter de 60 a 70 anos, que vê seu poder de compra diminuindo e, por isso, “precisa de Marine”. A terceira personagem é uma jovem branca, aparentando ter por volta de 20 a 30 anos, que é mostrada no metrô e, por mais segurança nas ruas e nos transportes públicos, “precisa de Marine”. A quarta personagem é um jovem branco e forte, que aparece jogando rúgbi, com aparência de 30 a 40 anos, ao lado de outros companheiros de

---

Sim, proclamo e assumo que a primeira luta política, a única que comporta tudo, é a da liberdade! A liberdade nacional! Os franceses sabem o que querem, eles devem ser capazes de dizer, debater e decidir.

equipe, todos brancos e com a mesma faixa etária, alega viver em uma França que avança e por isso precisa de uma França una, sólida e solidária, por isso “precisa de Marine”. A quinta personagem é uma jovem mãe branca e seus filhos, a mãe por volta de 30 anos e os filhos abaixo de 5 anos, ela quer viver em uma França segura, respeitável, fiel a “suas raízes e valores”, por isso “precisa de Marine”. A sexta personagem, um ancião branco, industrial entre 60 e 70 anos aparentemente, aparece com semblante cansado, que “precisa de Marine” para proteger seu investimento, o emprego e o salário de seus funcionários. A sétima personagem é uma professora branca, por volta de 30 anos que, para poder verdadeiramente ensinar, “precisa de Marine”. A oitava personagem é um agropecuarista branco, por volta de 50 anos, que para não ser prejudicado permanentemente pela concorrência internacional e poder viver de forma digna de sua profissão, “precisa de Marine”. A nona personagem é um jovem branco, aparentemente entre 30 e 40 anos, que está desempregado por conta de um governo que se preocupa mais com os imigrantes do que com os franceses, por isso “precisa de Marine”. A décima personagem é uma policial branca, por volta de 40 anos, que se diz cada vez mais abandonada pelo Estado e por isso “precisa de Marine”. A décima primeira personagem é um trabalhador da saúde branco, com cerca de 30 anos, que não desiste de trabalhar mesmo com toda a pressão, descaso e abandono por conta do sistema financeiro, por isso “precisa de Marine”. A décima segunda personagem é uma estudante branca, cerca de 20 anos, que se preocupa em terminar seus estudos e ser obrigada a ter que trabalhar por um salário de miséria ou partir para o estrangeiro, por isso “precisa de Marine”. Por fim, aparece de forma definitiva Marine Le Pen, definitiva visto que já aparecia com olhar terno e preocupado olhando e escutando as personagens, fala de forma firme que quer colocar a França em ordem, mas que para isso “preciso de vocês”.<sup>101</sup>

Povo para Marine Le Pen é, portanto, todo aquele que, participando da “comunidade nacional”, partilhando “raízes e valores”, se sentir excluído pelo Estado, podendo ser o camponês, a mulher, o industrial, o trabalhador da indústria, o desempregado, o jovem, o aposentado – todos brancos. Por isso usa o Estado de duas formas – 1 que oficializa um “povo” dando chancela a este; 2 que, por conta de políticas internas, exclui membros do próprio “povo”, excluindo naturalmente o imigrante, por motivos identitários. Tal noção é que conduz a percepção de Marine Le Pen e sua utilização do termo “povo”.

Marine Le Pen vale-se de povo como um conceito elástico, se estende em direção do grupo que lhe convém, mas também se retrai, dependendo do momento, podendo ir em

---

<sup>101</sup> « J'ai besoin de Marine » Marine 2017. Referências. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KfDD8fnm6bE>>. Acesso em 5 julho 2017.

direção de grupos distintos e até antagônicos, como vimos em Rancière (RANCIÈRE. 2013, p. 139); serve como uma linha que costura perspectivas distintas, linha bem frágil, pois não tece costuras definitivas, podem ser desfeitas na medida em que não atenda às demandas momentâneas.

Povo estará presente nos programas, nos discursos, nas falas de Marine Le Pen, a princípio nunca se saberá ao certo do que se trata, essa é justamente a força do “povo” tratado por ela, seu poder de alcance é muito forte. Marine Le Pen percebeu que povo é um conceito com um teor inclusivo em períodos eleitorais, mas também excludente fora deles, como pensa Pierre Bourdieu (2013, p. 25). Por fim, trata povo como uma categoria política, visto que sabe, como será exposto a seguir, que cultura é algo em movimento, por isso a noção de povo transitará de modos distintos em locais e momentos distintos.

.

## CAPÍTULO 2

### A GESTÃO DOS SENTIMENTOS E A (RE)CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO”

Emoções, sentimentos, paixões são constitutivas da vida humana, logo, compõem a dimensão afetiva da vida política. Em vista disso, as paixões coletivas participam das práticas políticas e, apesar dessa dimensão afetiva do exercício político ser algo persistente no mundo político e eleitoral, não significa que é de fácil trato por parte de quem visa estudar sua influência.

Pierre Ansart (2000, p. 146) argumenta que as emoções, sentimentos e paixões encontram-se presentes nas instituições, decisões e fatos da política, sendo assim, fazem parte das experiências cotidianas. O autor prossegue:

[...] esperanças e inquietudes durante as campanhas eleitorais, alegrias e decepções face aos resultados, iras, ciúmes e rancores no seio de um partido, angústia diante das ameaças imaginadas, entusiasmo quando se proclama uma vitória nacional ou humilhação quando se proclama uma derrota. Todos esses fatos são bem conhecidos. Eles abundam ao longo da história e manifestam-se incessantemente, sob formas sempre renovadas. Não duvidamos que esses afetos tenham consequências múltiplas, às vezes decisivas, no incessante desencadeamento da vida em comunidade. Aliás, não se pode duvidar das consequências, eventualmente dramáticas, provocadas pelos ódios interéticos. (ANSART, 2000, p. 146)

Todavia, apesar da importância destacada, o autor defende que as Ciências Sociais e Políticas, salvaguardando algumas exceções, não elaboram uma reflexão sobre fatos relativos à sensibilidade política, como se os esforços de explicação e de racionalização dentro do conhecimento conduzissem, inevitavelmente, a uma negligência das dimensões afetivas e passionais. É possível dizer que isso se aplica as ciências Humanas de um modo geral.

A dimensão afetiva no exercício político e as possibilidades de sua apreensão é a preocupação central de Pierre Ansart e se estendem para o presente trabalho. Ansart propõe, também para historiadores, possibilidades metodológicas para que se estude o papel das paixões e dos sentimentos na História.

Stella Bresciani (2002, p. 7) ressalta que as dificuldades em se tratar os sentimentos em História levam comumente à recusa de abordagem. Prossegue demonstrando que a opção da ciência positivista foi de eliminar do seu campo de observação essas experiências cotidianas para somente reter da “realidade” político aquilo que poderia ser traduzido racionalmente. O

que leva ao que a autora chama de fracasso, na medida em que é impossível dar conta da experiência concreta dos agentes da história tais como eles a vivenciam ou a sofrem.

A inobservância para com as questões sensíveis se dá por conta da dicotomia razão/emoção e, com a supervalorização da razão por parte da Ciência Positivista, a qual se sobressai também nas análises políticas. Contudo, é necessário salientar que apesar da dicotomia existente se sobressair, uma de suas partes, a parte menos privilegiada, não desaparece das análises. Não há um desaparecimento de análises que privilegiam ou que busquem entender as demandas políticas observando as experiências cotidianas, como pode ser percebido na apreciação de Pierre Ansart.

Pierre Ansart (2000, p. 147) destaca que convém lembrar que, no que diz respeito à reflexão sobre paixões sociais e políticas, demonstrando que existem importantes antecedentes históricos desde a filosofia grega, grandes pensadores da vida política buscaram compreender questões que estão ligadas aos sentimentos. Levantando questões como: por que e em quais circunstâncias os cidadãos podem conhecer sentimentos de cólera, de furor ou de entusiasmo? Esses podem atuar coletivamente para exprimir seu ódio, entusiasmar-se por uma causa comum ou destruir símbolos detestáveis, aceitar, às vezes, riscos de morte para além do desejo instintivo da sua própria preservação? Para isso, o autor trabalha com textos extraídos de obras de Platão, Maquiavel, Tocqueville e Marx.

Logo, é possível considerar que, apesar da dicotomia reinante, em especial nas reflexões modernas sobre política, há trabalhos que buscam uma reflexão sobre paixões sociais e políticas, o que existe, por outro lado, é uma desvalorização de trabalhos que se preocupam com a dimensão afetiva envolta nas relações, que negam sua importância ou até mesmo que as desprezam.

Pierre Ansart busca romper com a visível separação entre paixão e razão, especialmente com o predomínio da razão sobre a paixão. Bresciani (2002, p. 8) defende que, com isso, emerge a possibilidade de questionamento da partilha que representa uma ilusão compartilhada pelos mais importantes pensadores da Modernidade, sendo questionada, sobretudo, pelo reconhecimento que dera lugar a um paradoxo constitutivo das sociedades estruturadas sobre seus pressupostos. A autora aponta assim um importante aspecto: a impossível formação do sentimento de pertença e de identidade societária, sendo ela nacional, partidária ou de qualquer grupo genérico apenas amparado pelos argumentos racionais.

Ainda seguindo as orientações da autora, infere-se que as identidades coletivas são marcadas por afetividades do campo pessoal, tal como satisfações e frustrações, todas as intensidades possíveis do prazer ou da dor, ou em casos mais extremados, pela exaltação de sucessos ou a agonia do inverso. A existência desses vínculos entre afetividade e identidade vem sendo confirmados nos últimos anos por ciências que estudam o social, ou seja, a construção de uma metodologia que confira à dimensão afetiva da vida humana sua devida importância traz novas possibilidades de entendimentos.

Neste ponto, nos deteremos um pouco mais na questão das identidades e afetividades, vejamos algumas considerações de Stella Bresciani:

Toda identidade, individual ou coletiva, ganha espessura e sentido mais profundo por meio de um componente afetivo, e é transformada incessantemente pelas alterações das emoções, dos sentimentos e das paixões. Mas ainda, as construções e as desconstruções das identidades acarretam consequências para a vida política e engendram paradoxos particulares. As identificações e as identidades fazem parte das ações políticas e ajustam-se às situações específicas. Uma afirmação identitária pode tanto favorecer a confiança em si como a agressividade em relação ao outro. Os sentimentos de superioridade, por sua vez, podem colaborar na legitimação da violência assim como os de inferioridade favorecem o desencorajamento. Não se pode negar, ainda, que os conflitos de identidade sustentam a dinâmica das hostilidades e, eventualmente, a dominação. (BRESCIANI, 2002, p. 8-9)

A construção e a reconstrução permanente de identidades carregam grandes cargas de afetividades. As identidades estão envoltas a sentimentos e paixões, as ações que as venham construir, essas resultam em construções que são, em parte, expressões desses sentimentos. Portanto, a construção do que durante muito tempo se acreditou ser o real, traz consigo uma carga de afetividade, ou seja, as articulações das afetividades ajudam a construir o real.

A percepção de que as afetividades agem de forma marcante na constituição das identidades, logo, vida social e política, é hoje uma realidade por parte de quem busca compreender a sociedade, tal como a História. Apesar disso, ainda existem dificuldades metodológicas e, em certa medida, resistências, na medida em que é necessário romper uma dinâmica que hierarquiza os motivadores das ações sociais, colocando as afetividades em um local secundário em relação à razão.

Aqui, interessam todas essas questões, mas é necessário colocar uma característica específica, busca-se entender a dimensão das afetividades na constituição das identidades e da vida social, ao buscar uma compreensão de como essas dimensões influenciam nos processos

políticos e eleitorais, além de buscar uma compreensão de como tais aspectos podem ser manipuláveis na busca de votos. Desta forma, nos deparamos mais uma vez com Pierre Ansart.

Pierre Ansart não cria necessariamente uma metodologia, mas aponta possibilidades a partir da formulação de questões fundamentais para uma análise das emoções e sua força política. Para tal, formula algumas questões fundamentais:

1 – O primeiro desafio é, sem dúvida, reagrupar, escolher os rastros, os sinais das “emoções” (esses afetos vivos e limitados no tempo), dos “sentimentos” (esses sistemas sócio-afetivos menos aparentes e mais duráveis), das “paixões” (termo que destacamos com suas ambiguidades que designam, ao mesmo tempo, a afetividade vivenciada e a intensidade da ação). Esses sinais a serem reagrupados são essencialmente expressões e práticas significativas. (...) Trata-se, nesse caso, somente de um trabalho preliminar.

2 – Uma segunda questão diz respeito ao passado de um sistema sócio-afetivo: sua gênese e sua formação existiram no tempo dessas paixões? Nós nos referimos à história, não à história cronológica ou estritamente econômica, mas à história das crenças, das expressões, tanto quanto a das práticas políticas, dos conflitos sociais e, sobretudo, das lembranças por estes deixadas. O analista das paixões não pode evitar o questionamento sobre o tipo de passado que lhe diz respeito: trata-se menos do passado do historiador, reconstruído segundo os critérios da crítica, e mais do passado imaginado, na maioria das vezes, reconstruído segundo os interesses ou os preconceitos do presente.

3 – Ela confronta seus estudiosos com a questão das continuidades e das descontinuidades, como também com as ilusões em relação a ambas. Como explicar a continuidade das hostilidades e dos ódios ao longo das transmissões históricas? (...) Podemos nos ater à hipótese geral de que instituições (familiares, escolares, religiosas) participam da transmissão, do “inculcamento”, dos valores afetivos. No entanto, somente um estudo cuidadoso das expressões, das linguagens, dos símbolos comuns, poderá precisar o papel desempenhado por uma instituição nesta transmissão.

4 – O analista das paixões políticas é confrontado inevitavelmente com o problema do caráter coletivo dos afetos. Sabemos que uma forte tradição não cessou de admitir que, um membro de uma classe, de uma casta, de uma etnia, compartilha necessariamente os amores e os ódios existentes no seio de seus respectivos grupos. Uma tal simplificação oculta problemas essenciais. (...) E preciso distinguir o lugar e o papel dos grupos militantes, seus líderes efetivos ou simbólicos, seus dizeres e seus fazeres. Eventualmente, deve-se analisar o papel excepcional de um ator individual.

5 – Atingimos uma das questões essenciais da análise: a do espaço do sujeito individual nas paixões coletivas. Para designar utiliza-se os amores, os medos, as iras, um vocabulário psicológico, que é relativamente claro no que diz respeito ao sujeito individual. Mas que vocabulário poderia ser usado numa atividade comum, como em uma manifestação? O que é uma indignação coletiva? Que relação se estabelece entre o sujeito, o ego e os outros, numa indignação comum? Não podemos evitar a abordagem de tal questão, mas é impossível respondê-la a partir de um único caso.

6 – O estudo das relações intersubjetivas tem seu lugar nesse percurso. As interações conduzirão a um abrandamento das paixões, ou ao seu desvio, ou à sua repetição, ou ainda à sua consolidação? Existe uma circulação dos afetos? Por que, como e em quais circunstâncias?

7 – As afetividades políticas transformam-se às vezes muito rapidamente; Tocqueville já salientava este fato em relação às eleições em uma democracia: emoções, querelas, discussões, declarações exaltadas ou injuriosas, discussões violentas que se prolongavam até às vésperas da eleição, e, em seguida, de maneira muito rápida, uma vez conhecido o resultado, calmaria e, para muitos, retorno à indiferença. Os períodos mais significativos em termos de mudanças profundas são certamente aqueles de

conflito, nos quais as paixões se exasperam, manifestam-se ruidosamente e, em seguida, são apaziguadas. (...)

8 – Por fim, na análise dessas diferentes questões, é incessante a manifestação das relações entre os afetos e as ações. Pode-se dizer que, por causa disso, a pesquisa sobre as paixões políticas adquire um verdadeiro sentido. Ora, essa relação é eminentemente plural e reveste-se de múltiplas formas: em um momento, afetos encontram suas expressões, mas não conduzem a qualquer ação ou a poucas manifestações simbólicas; em outro momento, as condições inibem as expressões, mas os afetos revelam-se brutalmente ao longo de uma agitação violenta. (...) (ANSART, 2000, p. 153-157)

Especialmente por ter a preocupação de trabalhar com questões que não ganham tradicionalmente a devida atenção, Pierre Ansart não apresenta uma metodologia em si, uma metodologia fechada, mas apresenta alguns caminhos que surgem a partir de preocupações levantadas por ele.

Caminhos que não podem ser entendidos como facilidades, mas, em certa medida, como facilitadores do trabalho de quem busca trabalhar com os afetos em política, devendo passar necessariamente por um rastreio preliminar dos afetos, buscando uma compreensão do tempo das paixões, tempo este que não é meramente cronológico, vide que é necessário compreender um passado sentido, reconstruído a partir do presente. O que torna fundamental compreendermos as continuidades e descontinuidades impressas nos sentimentos. É basilar na análise das paixões políticas a observação do caráter coletivo que os afetos carregam, tendo a sensibilidade para analisar o papel excepcional de indivíduos no interior desses grupos. O que leva ao ponto essencial da análise em questão, o espaço do sujeito individual nas paixões coletivas.

É necessário observar que as afetividades políticas mudam constantemente e mudam rapidamente, fazendo com que as ações sejam influenciadas, logo, a percepção do encontro entre afeto e ação é fundamental por parte de quem se aventura a tratar paixões políticas.

Por fim, é uma busca de compreensão da construção dos afetos, sua difusão e sua utilização para fins políticos, levando em consideração, segundo as orientações de Ansart que são primordiais aqui, seu local de produção e seus produtores, tal como a forma como são produzidos. O conteúdo em si e os efeitos que tais afetos produzem.

## 2.1 Os ressentimentos e a democracia

No que diz respeito à dimensão afetiva da vida humana, nos deparamos com o ressentimento, consequentemente o ressentimento é estendido para a dimensão afetiva da vida política, tornando-se uma importante ferramenta política.

O ressentimento é uma constelação afetiva ampla. Maria Rita Kehl (2014, p. 13) defende ser esta uma constelação afetiva que serve aos conflitos característicos do homem do mundo moderno, privilegiando o indivíduo em detrimento do sujeito, contribuindo para sustentar nele uma integridade narcísica que independe do sucesso de seus empreendimentos. A autora adianta a hipótese de que a versão imaginária da falta, no ressentimento, é interpretada como prejuízo. A ideia é aqui importante para compreendermos a força que o ressentimento ganha nas demandas políticas.

Seguindo essa orientação, ainda em Maria Rita Kehl (2014, p. 13), por uma compreensão preliminar do que é ressentimento, a autora trata ressentir-se da seguinte maneira: “Ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer. Um outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por nós, de modo a poder culpá-lo do que venha a fracassar”.

Ademais, o ressentimento não é uma estrutura clínica, ou não somente clínica, como demonstrado pela preocupação da autora que é psicanalista, visto que existe um viés social e político do ressentimento; por isso as considerações da autora serão retomadas posteriormente.

Desta feita, para o entendimento do ressentimento que ultrapasse sua estrutura clínica, retomamos Friedrich Nietzsche que, no século XIX, buscou formular não meramente um conceito de ressentimento, mas visou entender sua gênese, compreendendo-o como uma espécie de condição moderna.

A modernidade seria de tal modo, para o filósofo, alicerçada por valores que foram construídos na aliança entre Estado e Igreja, o primeiro responsável pela coerção, impondo aos indivíduos os valores criados pela Igreja. O Estado, para Nietzsche (2009: segunda tese parágrafo 17) produziu mudanças ativas e radicais na humanidade, fazendo com que o homem a partir de sua tutela, atingisse uma coerção inevitável, contribuindo diretamente e decisivamente para deixarem de serem livres e se tornarem culpados.

Nietzsche faz uso da expressão ressentimento para caracterizar uma ideia de auto envenenamento, o que envolve ódio, rancor, inveja, uma série de sentimentos reativos. Ocorre quando esses sentimentos não podem ser descarregados para o exterior, voltando-se para o homem em sua interioridade, envenenando-o. Por esse motivo é chamado de ressentimento.

Para Nietzsche a interiorização do ressentimento não se dá de forma automática, mas de forma gradual, ressentimento esse que é aliado à culpa, o que expõe na *Genealogia da Moral* (2009). Em seu entendimento, a origem do ressentimento está relacionada ao valor moral, mais especificamente à moral escrava. Tal moral tem como opositora a moral aristocrática. A primeira, digo, a moral escrava, se caracteriza pela necessidade da busca por um culpado, alguém para justificar sua derrota, sua covardia, seu ódio ou sua vingança, mesmo que seja imaginária; a segunda, a aristocrática, representa a força, que não carece de um outro para se justificar ou se afirmar, ela é possuidora de uma potência capaz de exteriorizar os afetos negativos. Assim, ela não se faz cativa de rancores, não permitindo que voltem, se tornando res-sentimentos.

Para Nietzsche todos os valores são criados pelo homem, no entanto, a moral é uma invenção dos derrotados, sendo a moral cristã uma invenção dos derrotados. A oposição de moral escrava vista como negativa e a ética aristocrática vista como triunfante, é central no entendimento de Nietzsche sobre o ressentimento. A moral escrava cria o ressentido, mas nem todo o derrotado é ressentido, ela é característica apenas daquele que quer continuar assim, ou como sugere Maria Rita Kehl, (2014, p. 120) “só daqueles que, por motivos morais, foram covardes e cúmplices em sua própria derrota.” Criando assim, uma “vingança imaginária”.

Nietzsche escreve:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” — e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores — este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si — é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto — sua ação é no fundo reação. (...) (NIETZSCHE, 2009, segunda tese parágrafo 10)

O ressentimento para cristalizar-se necessita de um outro que é real ou imaginário, necessita de um agravo que da mesma maneira pode ser real ou imaginário que se dirige para fora, se alimenta dessa necessidade, ele não carece de uma vingança, mas da necessidade de

uma possibilidade de vingança, presente ou futura. O ressentido necessita do outro, do outro em uma posição em que ele se sinta moralmente prejudicado, mas, em sua incapacidade, o qualifica como alguém cruel ou vil.

Para Pierre Ansart (2009), Nietzsche elabora o conceito de ressentimento em três abordagens complementares: histórica, psicológica e sociopolítica. Pois bem, no quesito histórico, o autor (p. 16) destaca que Nietzsche aponta que o ressentimento seria o resultado do longínquo conflito entre a religião judaico-cristã contra os guerreiros aristocratas. O que ocorre no Ocidente são desdobramentos dessa guerra, o desdobramento da mesma situação, a sublevação dos inferiores, pela sublevação dos escravos contra os dominadores.

Nessa longa história, na qual Nietzsche retém a história dos sentimentos, dando destaque para a história do ódio, não há necessariamente grandes novidades, mas o destaque conferido ao recalque e à interiorização desses sentimentos, como Pierre Ansart destaca:

[...] O ponto central de sua denúncia designa e analisa o trabalho psicológico através do qual o ódio foi ao mesmo tempo interiorizado e recalcado pelos inferiores, denegado por aquilo que representa e metamorfoseado em valor positivo: a inferioridade transformada em humildade resignada, a fraqueza disfarçada em amor da justiça, o ódio “recalcado” (*zurückgetretene Hass*) transformado, eventualmente, em ódio de si mesmo. (ANSART, 2009, p. 17)

Ansart mostra que o trabalho de Nietzsche ao traçar o histórico do ódio, transformando-se em ressentimento em seu processo de longa duração no embate entre moral escrava frente à postura aristocrática culmina na interiorização do ódio por parte dos inferiores, fazendo com que esses não somente convivam com ele, mas busquem justificá-lo, glorificando-o como algo bom, por isso não há uma busca para sua superação, que, em suma, é um ódio de si mesmo.

Por fim, Pierre Ansart finaliza sua apreciação da construção de Nietzsche sobre o conceito de ressentimento com a abordagem sociopolítica, na qual escreve:

Por outro lado, Nietzsche faz do ressentimento assim compreendido uma verdadeira configuração psíquica e cultural, um *habitus* próprio à civilização judaico-cristã, à sua pretensa *moral* que teria consequências sociais e políticas múltiplas e socialmente decisivas. O ressentimento estaria na base do igualitarismo democrático destruidor, na raiz dos movimentos populares, socialistas e anarquistas e, em uma só palavra, na origem da decadência das sociedades ocidentais. (ANSART, 2009, p 17)

O próprio Pierre Ansart sinaliza para os perigos de se compreender as considerações de Nietzsche como definitivas, ou mesmo seu conceito de ressentimento como algo fechado, apontando a própria linguagem da Genealogia da Moral. Por conta disso, Ansart apresenta como um contraponto necessário, Max Scheler.

Diferentemente de Nietzsche, Max Scheler entende que o ressentimento surge entre os iguais. Partindo daí, defende que o ressentimento resulta da competição entre pessoas, em uma luta constante e contínua pela redistribuição de prestígio e poder no interior de uma sociedade.

Em Scheler o sentimento de vingança ganha uma configuração distinta:

[...] este sempre-de-novo-através e a partir do viver da emoção é muito diferente de uma mera recordação intelectual da emoção dos antecedentes sobre os quais ela “responderia”. O ressentimento é um vivenciar da emoção mesma – um sentir após, um sentir de novo. Destarte, a palavra traz em si o fato da qualidade desta emoção ser um negativo, o que significa ser um movimento de hostilidade. (...) (SCHELER, 2012, p. 45)

O agravo é a base do ódio, mas este tem causas e consequências bem determinadas. O ressentimento é um envenenamento da alma que é resultado de uma projecção psíquica contínua, um exercício sistemático de recalque, como afirma Max Scheler (2012, p. 48). Em seguida, defende se tais sentimentos naturais no ser humano levam à formação e conformação do ressentimento, como sentimento e impulso de vingança, o ódio, maldade, inveja, cobiça e malícia. Todavia, sua análise parte do impulso de vingança.

Para Max Scheler, se, por um lado, o agravo é à base do ódio, sentimentos naturais dão origem e sustentam o ressentimento e tem como ponto inicial e sustentador o sentimento de vingança, apoiando-se em outros sentimentos reativos.

É importante destacar que nenhum desses motivadores é o ressentimento em si, eles apenas perfazem o ressentimento, nas palavras do próprio Max Scheler (2012, p. 50-51), visto que os sentimentos de vingança, inveja, cobiça, malícia, inveja, sarcasmo e maldade tem o seu lugar somente no interior do movimento de realização da formação e conformação do ressentimento. Não havendo para o autor nenhuma superação ética, visto que a realização da vingança por qualquer meio não deve ser alcançada, a vingança não deve ser cumprida, uma impotência até mesmo no que diz respeito à sua expressão.

O ressentimento, desde que surge, envenena a alma: essa pulsão reprimida é uma força poderosa e violenta que envenena a personalidade do ressentido, que, por sua vez, enterra

em si uma série de afetos hostis e convive com eles, permite que eles direcionem suas ações. Tornando-se assim algo contínuo, valendo-se também de outros sentimentos, tal como o rancor, que participa na composição do ressentimento, tal como a inveja, o ciúme, visto que o sentimento de vingança é apenas seu estopim.

O que há de novo na interpretação de Max Scheler é que este, em certa medida, amplia o alcance do ressentimento, como podemos ver no trecho a seguir:

Mas, em todos estes casos, a origem do ressentimento está presa em uma especial introdução da *comparação* entre *valor* de si mesmo e valor dos outros, a qual necessita de uma breve e distinta investigação. A comparação de nossos valores próprios em geral, ou qualquer uma de nossas características, com valores que a outros pertencem, é executada por nós continuamente. Todos a executam: o nobre e o vulgar, o bom e o mau. Quem escolhe para si por exemplo um modelo ou um herói está de qualquer modo ligado a uma tal comparação de valor. (...) (SCHELER, 2012, p. 57)

Aqui, Max Scheler mostra não apenas que o ressentimento surge também entre os iguais, mas que ele não é exclusividade da “moral escrava” conforme pensado por Nietzsche. Há uma ampliação no entendimento do ressentimento por parte de Scheler. Pierre Ansart, (2009, p. 19) que em sua concepção sobre a maneira como Scheler constrói sua versão sobre o ressentimento, acredita que há um abandono da hipótese histórica que Nietzsche trabalha, construindo uma oposição para com sua filosofia dos valores. Sobre a complementação da noção de ressentimento, Ansart declara:

É preciso, primeiramente, atentar à diversidade das formas de ressentimento e falar de ressentimento no plural e não de um ressentimento que tomaria as dimensões de uma essência universal. Se admitirmos, como faz Max Scheler, que pode existir, por exemplo, um ressentimento ligado às relações entre grupos de idade, convém especificar precisamente os caracteres de tal sentimento e sublinhar tudo aquilo que separa tais afetos difusos do ressentimento recíproco que pode opor, por exemplo, duas classes sociais, ou ainda, duas etnias. (...) (ANSART, 2009, p. 19)

Para Ansart, o próprio Nietzsche apresenta em *A Genealogia da Moral* dois tipos opostos de ressentimento, o dos fracos contra os mais fortes que é amplamente comentado; por outro lado, apresenta o ressentimento dos dominantes em relação aos dominados, que é tão destruidor quanto à outra forma mais debatida do ressentimento. Segundo o argumento de Ansart (2009, p.19): “Ressentimento que é reforçado pelo desejo de reencontrar a autoridade perdida e vingar a humilhação experimentada”. É possível entender e notar que o ódio não é menos recalado tal qual aquele que o escravo nutre, tal como as bases de vinganças e todo o

processo de ressentimento. Deste modo, para o entendimento do ressentimento, é necessário que compreendamos que este é plural e multiforme, e que ninguém está alheio a ele.

Pierre Ansart (2009, p. 18-22) continua apresentando complementos para a definição de ressentimento, apresentando ainda mais precisões, a saber: segunda – diz respeito à intensidade dos ressentimentos. Tanto Nietzsche quanto Scheler parecem pensar que indivíduos ou grupos são, ou não são, portadores deste sentimento. É a experiência comum que nos coloca em presença de intensidades variáveis e graduais; terceira proposição – concerne ao papel não apenas dos afetos individuais, mas das representações, das ideologias, imaginários, crenças e discursos, que Ansart presume desempenharem um papel relevante no devir dos ressentimentos; quarta proposição – diz respeito ao papel específico de grupos limitados, como escritores, líderes carismáticos, seitas e minorias ativas, no interior dos movimentos sociais e das sensibilidades comuns. Há o que é possível chamar de provocadores de ressentimentos; uma quinta proposição – diz respeito às consequências das manifestações do ressentimento, ou seja, como agem na conduta do indivíduo. Ansart assume que é de difícil compreensão e explicação a questão de como o ressentimento se manifesta.

Como pôde ser visto, uma investigação levando em consideração ressentimentos é ampla, visto que envolve ações de indivíduos e de grupos portadores de ressentimento, podendo o ser em níveis e intensidades diferentes, sendo as experiências comuns que nos colocam em presença de intensidades variáveis e graduais. O esforço investigativo disposto aqui se dá na direção não do ressentimento em si, mas de suas consequências, ou seja, das manifestações do ressentimento, como agem na conduta do indivíduo, dos grupos e especialmente, como é gerido e utilizado.

### **2.1.1 Ressentimento social e político**

Interessa-nos aqui a compreensão do ressentimento em seu nível social e político. O exposto até o momento no presente capítulo objetiva nos dar sustentação para tal empreitada.

Em torno dos ressentimentos há disputas políticas, pois trata-se de uma constelação afetiva que serve aos conflitos dos indivíduos e dos grupos no interior das democracias modernas, como já mencionado. Pierre Ansart (2009, p. 22) afirma que nas disputas políticas o ódio comum possibilita o esquecimento das querelas internas e assegura uma mesma comunhão

de ódio. A utilização política dos ressentimentos nos leva a questionamentos importantes: como os grupos utilizam o ressentimento para assegurar apoio? Qual a solidariedade e as práticas que viabilizam o ressentimento coletivo? Como operam os movimentos que conduzem à ação?

Tais questionamentos que são importantes em uma análise sobre a utilização política do ressentimento devem ser orientadores em uma busca de compreensão da gestão do ressentimento por parte de um partido específico, tal como o caso do *Front National* sob a gestão de Marine Le Pen. Todavia, duas perguntas lançadas por Pierre Ansart (2009, p. 23) são importantes aqui, “o regime democrático favorece ou desfavorece a formação dos ressentimentos? Pode ele significar, de alguma forma, uma terapia contra o ressentimento?”.

Em certa medida, o sistema democrático se encontra em meio a um paradoxo que conta com o ressentimento como um de seus resultantes. Se, por um lado, a democracia tem como essência permitir a expressão das hostilidades, o que levaria à racionalização dos ódios secretos, suprimindo assim o que seria transformado em ressentimento. Entretanto, é necessário destacar que isso em uma democracia ideal.

Por outro lado, a democracia em diversos momentos é palco para as expressões de ódios, mesmo que estes fiquem em camadas superficiais da memória e gerem mais ódio em grupos opositores, gerando assim, o ressentimento recíproco.

Ansart (2009, p. 26-27) mostra que é característico que os ódios estejam presentes em regimes totalitários como um ódio dominante, um ódio exclusivo, sendo utilizado como um mecanismo de mobilização coletiva. A ideologia liberal, por sua vez, tem como evidente que o funcionamento da democracia tende a moderar os ódios sociais e os ressentimentos pela legalização das oposições. Neste aspecto, digo, ainda se tratando da democracia liberal, o sufrágio universal seria uma técnica para desapaixonar, pois isola o eleitor de seu grupo, de suas paixões coletivas, permitindo uma fragmentação dos ressentimentos coletivos, ou ao menos enfraquecê-los.

Somos levados ao ponto central na interpretação dos ressentimentos no interior da democracia, sua complexa gestão. Se levarmos em consideração que os afetos são passíveis de gestão e que os sentimentos são ocasionalmente geridos, os ressentimentos que como tratado anteriormente é uma constelação afetiva de sentimentos hostis, não fugiria a uma gestão. Aqui, ainda pensando na perspectiva dos processos democráticos, e dos jogos de poder que a democracia suscita. A este respeito, Pierre Ansart argumenta:

A gestão democrática dos ressentimentos é, portanto, menos simples do que pensam os ideólogos da democracia. Este sistema, possuindo a vocação de respeitar uma certa liberdade de expressão e de tolerar as manifestações de hostilidade, é levado a organizar o que podemos chamar de uma “gestão” dos ressentimentos, entendendo por isso não uma iniciativa premeditada de alguns manipuladores de opinião, mas ação não programada, embora relativamente coerente, das instituições e seus agentes. O regime democrático é, na verdade, o regime que, contrariamente aos regimes autoritários ou absolutistas, possui a vocação de ouvir os ecos dos ressentimentos, dar-lhes um certo direito de expressão, nos limites das leis, e favorece a superação dos ódios pela discussão e pelas concessões. (...) (ANSART, 2009, p. 26-27)

Os ressentimentos são importantes na engrenagem democrática, sendo em determinados momentos apaziguados e em outros exaltados, mas sempre estão presentes. A democracia trabalha com o ressentimento possibilitando que estes sejam trabalhados e até suavizados. É necessário abandonar a ingenuidade de achar que os ressentimentos irão desaparecer das sociedades democráticas, eles podem tomar intensidades distintas, mas não desaparecer, por isso é necessário observar os rumos que sua gestão pode tomar em determinados momentos, mesmo que para isso os mecanismos de que dispomos sejam imprecisos.

Marine Le Pen se insere na tentativa de gestão do ressentimento e as mudanças que promove no partido em relação à gestão do pai vão em direção a essa percepção. A princípio, Jean-Marie Le Pen fazia uso dos ódios de forma mais direta e mecânica sem visar uma gestão dos ressentimentos de maneira mais planejada, mas antes de tratarmos tal questão, cabe responder uma pergunta: onde residem os ressentimentos?

### **2.1.2 Memória e ressentimento**

Para colocarmos o ressentimento em um local devido nas operações afetivas e defendermos a memória como um sentimento é necessário entendermos primeiramente duas noções específicas, a de memória voluntária e memória involuntária.

Jacy Seixas (2009) aborda memória voluntária e involuntária ao tratar dos percursos da memória e as formas como ela é tratada pela historiografia, em especial a partir da década de 1980 quando, segundo Pierre Nora, há uma tomada de consciência de que a relação memória-história é mais uma relação de conflito do que complementaridade. Nessa perspectiva, a História se apodera da memória e, assim, se torna mestra da memória.

As relações da História com a memória não são necessariamente harmônicas, a busca de controle das memórias, no plural, por parte da História torna-se algo corriqueiro, a gestão das memórias é, assim, parte do ofício do historiador. A memória é ativada na medida em que o controle do passado é requerido, tal busca por controle se dá no presente. Seixas (2009, p. 42) aponta que a gestão das memórias, desta forma, significa controlar a materialidade em que a memória se expressa. Tal materialidade está contida em monumentos, arquivos, símbolos, rituais e datas entre outros.

Tratando essa apropriação da memória pela História, a autora prossegue criticando as considerações de Pierre Nora sobre a noção de “memória historicizada”, pois, para Seixas (2009, 42) “a memória e o esquecimento aqui também só existem sob os olhares da história, investindo-se na reconstrução de novas identidades a partir de um critério identitário-político.”.

A busca de utilização e controle da memória por parte da História se dá em uma faceta da memória, a memória voluntária. Para esclarecermos o que entendemos por memória voluntaria, recorremos mais uma vez a Jacy Seixas:

Memória = história; memória *versus* história; memória e história: descaracterizada ou só reconhecida superficialmente – naquilo que mais a aproxima dos procedimentos voluntários, sistêmicos e intelectuais da história – abocanhada pela veracidade historiográfica, a memória, no entanto parece perseverar, de forma clandestina e poderosa, *à maneira que lhe é própria*, em sua relação sempre *atual* com a história. (SEIXAS, 2009, p. 44)

O foco no momento é na memória voluntária, uma memória que está nos movimentos mais pragmáticos da vida, que faz parte das camadas mais superficiais da própria memória, desta forma, é mais palpável. A historiografia atenta para os procedimentos voluntários da memória, os que de certa maneira são mais facilmente racionalizáveis ou enquadráveis por determinados padrões de racionalização, no caso, historiográficos, entretanto, a própria memória escapa a esse enquadramento.

Essa outra faceta da memória, a memória involuntária, é o que nos interessará. Na busca de uma compreensão da memória involuntária, Jacy Seixas (2009, p. 44) dialoga com Marcel Proust e Henri Bergson mostrando que um ponto de encontro entre os dois é justamente na consideração de que seria a memória voluntária uma memória menor, ainda que essencial à vida, justamente por ser corriqueira e superficial, por estar presente no que podemos chamar de vida prática, uma memória que é repetitiva e mecânica. Uma memória que é executora de tarefas, sendo assim, uma memória uniforme.

Todavia, a busca aqui é pela memória involuntária, uma faceta da memória que escapa dessa mecanicidade, sobre ela, Seixas escreve:

Com a noção de memória involuntária atingimos, tanto na ótica bergsoniana quanto na proustiniana, um outro plano da memória humana, somos conduzidos a uma memória “mais elevada”, à “verdadeira memória”. Espontânea, ela é feita de imagens que aparecem e desaparecem independentemente de nossa vontade, revela-se por “lampejos bruscos, mas se afasta no mínimo movimento da memória voluntária”. (SEIXAS, 2009, p. 46)

A memória involuntária é mais fluida e descontínua que a memória voluntária; faz parte de nossas vidas, no entanto, não temos o controle de quando as lembranças vêm e quando “voltam”. A autora prossegue (p. 47), defendendo que na concepção bergsoniana, memória voluntária e memória involuntária caminham lado a lado; em Proust, a memória involuntária é instável e descontínua, não vindo para preencher os espaços em branco, supõe as lacunas e constrói-se com elas. O mais importante é que “ela não soma nem subtrai, ela *condensa*”.

A memória involuntária transita de formas diferentes nos espaços vazios, fazendo caminhos temporais também distintos da memória voluntária, mesmo estando ao lado dela. Ela pode habitar camadas mais profundas da memória, se tornando “visível” em momentos específicos, não programados.

Jacy Seixas (2009) chama a atenção para dois pontos que serão importantes em nossa análise: 1 – “não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade” (p. 47), quando uma memória emerge, ela vem carregada de afetividades; 2 - “(...) desnecessário lembrar quanto à história contemporânea tem presenciado a manifestação dessa instável memória involuntária, carregada de emoções, frequentemente avessa a clivagens ideológicas e políticas tradicionais. Memórias que parecem emergir, *irromper* de um passado mais-que-morto para assombrar o nosso presente concebido, contra todas as evidências, segundo os cânones da ideologia do progresso” (p. 48).

Entendendo as memórias involuntárias com sua carga de afetividade e que irrompendo do passado podem abalar até mesmo nossas construções do passado. A intenção não é tratar as relações com a historiografia, mas destacar essa potência que as memórias involuntárias trazem em si e especialmente sua marcante carga afetiva.

Retoma-se aqui, a ideia de o ressentimento ser uma constelação de sentimentos reativos, uma configuração de sentimentos negativos guardados que não são trabalhados superficialmente, tal como o ódio, a inveja e outros sentimentos que podem levar ao

ressentimento. Sendo assim, abre-se a possibilidade de entender que o ressentimento não está nas camadas mais superficiais da memória, pelo contrário, situando-se nas camadas mais profundas, é possível entender o ressentimento no campo das memórias involuntárias.

É um sentimento sofisticado, que se situa nas camadas mais profundas da memória, guardadas até mesmo de uma geração para outra; em se tratando do ressentimento coletivo, ele não emerge de forma necessariamente violenta. O ressentido sente prazer no sofrimento do outro, objeto de seu ressentimento, sem que esse sofrimento seja necessariamente causado por ele, diferentemente do ódio, no qual quem odeia, faz questão no sofrimento do outro e se possível age para que isso ocorra.

As utilizações de sentimentos feitas por Jean-Marie Le Pen são mais automáticas, utiliza-se dos sentimentos que estão mais acessíveis no momento, algo que está na memória voluntária. Jean-Marie Le Pen não hesita em se utilizar do ódio para suas demandas políticas. Com Marine Le Pen as articulações no campo da memória e, logo, dos sentimentos, são melhor construídas, o trato da memória é melhor orquestrado, mas não necessariamente a memória mecânica, a memória do uso cotidiano, a memória voluntária: ela busca utilizar-se de outras facetas da memória, outras camadas, a memória involuntária. Valendo-se dos ressentimentos e não meramente dos ódios.

### **2.1.3 Marine Le Pen e os sentimentos políticos**

Marine Le Pen constrói seus argumentos fazendo ligações simbólicas, utilizando-se de aspectos históricos bem definidos em configurações específicas para atender suas demandas, empregando cargas afetivas particulares a eles.

O ódio não é apresentado de forma primária ou de forma inicial em seus discursos como era feito com o pai: a forma como Marine Le Pen constrói seus argumentos segue uma lógica bem própria.

Marine Le Pen, em seus discursos, o que estende para outras modalidades quando pode tal como em seu blog ou até mesmo plano de governo, busca estruturar uma espécie de fundo emocional que dê suporte a seus argumentos, fazendo uso, em diversos momentos, de aspectos históricos, tratados sob uma perspectiva própria, resgatando uma memória e trazendo para os fatos a afetividade que lhe convém, tudo para criar condições para direcionar os

ouvintes/leitores/eleitores para seus reais objetivos, que culmina no voto. Para tal, faz utilização constante da tradição e cultura francesa, tal como da noção de povo francês.

O emprego de sentimentos é variado, ele vai de sentimentos de orgulho, sentimentos triunfalistas ligando a França, sua tradição, sua história, ressaltando aspectos gloriosos para depois a abordagem focar os momentos de decadência da França, tendo assim possibilidade de categorizar e culpar pessoas e grupos específicos. O jogo com sentimentos, envolvendo desta forma, de maneira consciente, os ressentimentos, é uma estratégia de Marine Le Pen.

Tal designação pode ser notada em diversos momentos e em discursos e documentos; será aqui abordado de maneira destacada o documento *Appel du Mont-Saint-Michel* intitulado *Pour l'unité des français*. Como se trata de um documento curto, Marine Le Pen trata de fazer uma descrição física das belezas locais, para logo em seguida apresentar algumas de suas armas argumentativas:

Ce point de rencontre entre la terre, la mer et le ciel, unique au monde, fut pendant des siècles l'aboutissement tant attendu de la longue marche des pèlerins. Il est aujourd'hui le symbole de l'esprit français.

Les murs de la citadelle militaire résonnent toujours des exploits du Chevalier Du Guesclin ; l'invincibilité de ces fortifications, éprouvée par la guerre de Cent ans, inspire encore aujourd'hui l'esprit de résistance.

Dans le mystère de nos attachements fondamentaux, s'imposent ces chefs d'oeuvres nés de la rencontre de l'intelligence, de l'esprit et de la main qui forcent le monde à reconnaître ici le témoignage du génie français ; pour<sup>102</sup> nous Français, ces hauts lieux de notre mémoire nationale évoquent au plus profond de notre âme la fierté d'être français, le plaisir de vivre comme des Français, le désir de le rester.<sup>103</sup>  
(LE PEN, Marine, 27 février 2018)

Marine Le Pen utiliza-se do *Mont-Saint-Michel*<sup>104</sup> para evocar o “espírito francês” como uma força inerente a todos os franceses, algo atemporal que une os franceses. Logo depois

<sup>102</sup> Nas referências ao documento, os negritos são originais. Ou seja, os destaque são dados por Marine Le Pen.

<sup>103</sup> Este ponto de encontro entre a terra, o mar e o céu, único no mundo, foi durante séculos o resultado tão esperado da longa marcha dos peregrinos. Ele é hoje o símbolo do espírito francês.

As muralhas da cidadela militar ainda ecoam as façanhas do Chevalier Du Guesclin; a invencibilidade dessas fortificações, experimentada pela Guerra dos Cem Anos, inspira ainda hoje o espírito de resistência.

No mistério de nossos apegos fundamentais, impõem-se essas obras-primas nascidas do encontro da inteligência, do espírito e da mão que, juntos, obrigam o mundo a reconhecer aqui o testemunho da engenhosidade francesa; para nós, franceses, esses pontos altos de nossa memória nacional evocam nas profundezas da alma o orgulho de ser francês, o prazer de viver como franceses, o desejo de permanecer assim.

<sup>104</sup> É cidade francesa, localizada a sudoeste do departamento da *Manche* e da região da Baixa Normandia. Deve o seu nome à ilha rochosa dedicada a *Saint Michel*, onde fica a abadia do *Mont Saint-Michel*. Mais informações: <http://www.le-mont-saint-michel.org/>

evoca um acontecimento central em sua argumentação, a Guerra dos Cem Anos, uma luta exemplar contra o invasor estrangeiro, na prática contra os ingleses, mas, como visto no tópico em analisei a construção mítica de Jeanne D'arc, há uma apropriação por parte do FN como se fossem genericamente “os estrangeiros” e, acima de tudo, um símbolo que conclama a resistência a qualquer tipo de invasão estrangeira. Portanto, ao evocar essa memória, o viver como francês e permanecer assim, instrumentaliza tais aspectos da memória como aporte político, como se ela, Marine Le Pen, de alguma forma, se incumbisse de ser guardiã de tais valores.

Em meio a elogios de ordem física e “espiritual”, Marine Le Pen prossegue:

Contempler le Mont-Saint-Michel, admirer la majestueuse harmonie de la nature et de l'architecture, la conjonction entre l'esprit et la matière, entre la foi et la raison, c'est savoir qu'il existe dans le cœur des hommes quelque chose de supérieur, quelque chose qui dépasse le futile, l'utilitaire ou le subalterne; contempler ce merveilleux agencement c'est, pour nous Français, faire le plein de fidélités, c'est nous savoir les héritiers d'une grande histoire, d'une grande nation, d'une grande civilisation; c'est aussi ressentir une certaine aversion pour les désastreux abandons parce que nous éprouvons le besoin de continuer inlassablement le chef d'œuvre, **de poursuivre cette belle et grande aventure qui s'appelle la France**, de se sentir portés, même dans les périodes de doute ou de déclin comme aujourd'hui, par le génie du renouveau.<sup>105</sup> (LE PEN, Marine, 27 février 2018)

Marine Le Pen coloca a França como um ponto de equilíbrio ideal para o mundo, se colocando, a si e aos franceses, como herdeiros dessa grande história, dessa grande nação e civilização, trazendo em certa medida a responsabilidade de se opor a quem não a valorize, de forma interna e externa. Coloca a si e cada francês como responsável por continuar essa história, em especial em momentos de crise.

A estratégia de Marine Le Pen é característica em suas argumentações, busca criar um espaço favorável para lançar suas teses, fazendo uso de aspectos emotivos. Voltemos para o documento:

**Parce qu'ici bat le cœur de la France, c'est d'ici que j'ai choisi de lancer un appel à l'unité des Français.**

---

<sup>105</sup> Contemplar o Mont-Saint-Michel, admirar a majestosa harmonia da natureza e da arquitetura, a conjunção entre o espírito e a matéria, entre a fé e a razão, é saber que existe nos corações dos homens algo superior, algo que vai além do fútil, do utilitário ou do subalterno; contemplar esse arranjo maravilhoso é, para nós, franceses, abastecer-se de fidelidades, é conhecer-nos como herdeiros de uma grande história, de uma grande nação, de uma grande civilização; é também sentir certa aversão pelos abandonos desastrosos porque temos a necessidade de continuar incansavelmente a obra-prima, **de seguir nesta bela e grande aventura chamada França, de nos sentirmos carregados, mesmo nos períodos de dúvida ou de declínio como hoje, pela engenhosidade da renovação.**

Notre pays est aux prises avec un double totalitarisme, le totalitarisme islamiste et le totalitarisme mondialiste financier. L'un et l'autre portent atteinte à nos valeurs de civilisation, à notre conception de l'homme, à notre vision du monde.<sup>106</sup> (LE PEN, Marine, 27 février 2018)

A utilização do *Mont-Saint-Michel* para o lançamento de sua campanha é pontual, na medida em que busca se utilizar do simbolismo e apelo emotivo que o local carrega, o que é reforçado com o “aqui bate o coração da França”. Quando fala do duplo totalitarismo, assinala as bases que sua campanha constrói, em 3 partes: 1 – acusar seus opositores de totalitários e se colocar como guardiã da democracia, uma das heranças da tradição francesa; 2 – o totalitarismo econômico e o globalismo, representado pela UE; 3 – o que chama de totalitarismo islâmico.

Interessa-nos neste ponto, a busca de uma compreensão sobre a maneira como coloca a civilização e sua visão de mundo como ameaçadas, ao mesmo tempo em que se coloca, ou se propõe, como guardiã da tradição. O discurso não traz novos argumentos, apenas renova os mesmos temores: o temor contra o “totalitarismo globalista” integra as mesmas “ameaças” que outrora povoaram as mentes e corações dos nacionalistas franceses por ocasião da Segunda Guerra Mundial – problemas econômicos por “culpa” do imigrante, favorecendo um “nacionalismo econômico”. O que é chamado de “totalitarismo islamista” serve bem ao momento histórico que é utilizado, mas se for substituído, em outros momentos históricos, por judeu, argelino, *negrer*, cada expressão faz sentido dentro de realidades históricas específicas, o problema em si não é o islamista, mas a ameaça que ele representaria no momento. Mais do que a ameaça, ele importa pelo temor que pode gerar, o resultado político que pode ser retirado dessa possível ameaça.

Misturando sentimentos novos com antigos, Marine Le Pen prossegue:

Une nation, notre nation est un acte d'amour: elle est un lien sentimental invisible qui unit des hommes au-delà de leur origine dans une volonté de partage, une mise en partage de notre aisance matérielle bien sûr, mais aussi le partage de notre patrimoine immatériel: nos valeurs, la grandeur que dégagent nos monuments, notre art de vivre, notre gastronomie, notre belle langue, nos règles de courtoisie, notre baguette de pain, le petit café sur le zinc d'un bistrot, bref tout ce qui fait ce que nous sommes. Ce patrimoine-là n'a pas de valeur parce qu'il est ciselé par deux mille ans d'histoire, parce qu'il vit en nous et qu'il est irremplaçable. Au-delà du présent, la nation induit un partage d'espérances et la volonté de construire l'avenir en commun; une nation, notre nation c'est un élan du cœur et de l'esprit qui se renforce au fil du temps pour

---

<sup>106</sup> Porque aqui bate o coração da França, é daqui que escolhi lançar um apelo à unidade dos franceses.

Nosso país está lutando com um totalitarismo duplo, o totalitarismo islamista e o totalitarismo globalista financeiro. Ambos prejudicam nossos valores de civilização, nossa concepção do homem, nossa visão do mundo.

ne faire qu'une ambition collective au service de tous et des générations futures.<sup>107</sup>  
 (LE PEN, Marine, 27 février 2018)

Marine Le Pen faz alusão ao amor à “nação”, que, por sinal, é bastante utilizado em suas argumentações, utiliza-o como um laço sentimental que une os franceses, esse povo eleito por fazer parte de uma cultura com uma riqueza e grandiosidade imaterial e também material. O importante, o que é enunciado como diferente, como novo aqui, como relevante, é o fato de projetar esse sentimento no futuro, tendo o que chama de “impulso do coração” como a ligação chave para isso, sendo essa geração o elo para as gerações futuras, imputando a ela, de certa forma de uma maneira ameaçadora, o peso do presente.

A busca da criação e utilização de um laço sentimental que ligue o povo francês a seu passado e a seu futuro é a estratégia central de Marine Le Pen. Isso fica claro quando o documento em análise se aproxima do final:

Nous devons redevenir une nation de sentiment.

Si la France n'était qu'une nation par la raison, il n'y aurait que des Français administratifs, sans âme et donc sans coeur, sans repère et donc sans avenir.

**Je veux refaire de la France une nation de cœur**, une communauté de solidarité entre Français, une communauté de destin comme si un seul cœur battait dans 66 millions de poitrines.<sup>108</sup> (LE PEN, Marine, 27 février 2018)

A reconstrução da França proposta por Marine Le Pen passa necessariamente pelos afetos, passa pelo que ela chama de “coração”, não se afastando da razão, mas dando protagonismo ao coração, uma união de corações. Uma nação de sentimentos, tais sentimentos que são diversos, mas que se unem sob o passado da tradição Francesa que direcionará os franceses ao futuro.

---

<sup>107</sup> Uma nação, nossa nação é um ato de amor: ela é um vínculo sentimental invisível que une os homens além de sua origem em um desejo de compartilhar, uma partilha de nossa riqueza material, claro, mas também a partilha de nosso patrimônio imaterial: nossos valores, a grandeza que emanam nossos monumentos, nossa arte de viver, nossa gastronomia, nossa bela língua, nossas regras de cortesia, nossa baguete, o cafezinho no balcão de um bistrô, enfim, tudo o que faz aquilo que somos. Este patrimônio não tem valor, porque é esculpido por dois mil anos de história, porque vive em nós e é insubstituível. Para além do presente, a nação nos leva a compartilhar esperanças e a vontade de construir o futuro em comum; uma nação, a nossa nação é um impulso do coração e da mente que se reforça ao longo do tempo simplesmente para colocar uma ambição coletiva a serviço de todas as gerações futuras.

<sup>108</sup> Nós devemos voltar a ser uma nação de sentimentos.

Se a França fosse apenas uma nação pela razão, haveria apenas franceses administrativos, sem alma e, portanto, sem coração, sem identidade e, portanto, sem futuro.

**Quero fazer com que a França volte a ser uma nação de coração**, uma comunidade de solidariedade entre franceses, uma comunidade de destino como se um único coração batesse em 66 milhões de peitos.

A composição argumentativa de Marine Le Pen passa necessariamente por uma construção afetiva bem definida, na qual faz uso de um passado de glórias, uma tradição e costumes singulares, trazendo uma herança quase divina e ao mesmo tempo uma responsabilidade para com o futuro, buscando se colocar como guardiã de tal herança. Sentimentos são utilizados o tempo todo em suas argumentações, mas de forma organizada e controlada, buscando se utilizar deles em momentos propícios.

## **2.2 A França – Eu, os franceses**

A abordagem de questões que envolvem identidade em Ciências Humanas e Sociais é tão necessária quanto complexa, posto que se trate de um conceito polissêmico de dimensões multifacetadas e até mesmo contraditórias. Isso se dá em certa medida porque identidade é ligada ao reconhecimento, suscitando teorias e explicações que buscam combinar a relação entre sujeito e significados coletivos. Desta feita, identidade pode ser considerada uma categoria de análise, ou seja, um recurso teórico que auxilia na compreensão de um fenômeno.

Stuart Hall (2014, p. 103) afirma que nos últimos anos existe uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de identidade. O que faz com que o conceito seja alvo de críticas e ao mesmo tempo surgindo debates e embates em torno dele.

Kathryn Woodward (2014, p. 12) argumenta que a questão identitária é posta sob duas perspectivas distintas: de um lado, os *essencialistas* e, de outro, os *não essencialistas*. Para ela, os essencialistas são os que sugerem que existe um conjunto cristalino, autêntico, de característica que todos, no caso de seu exemplo os sérvios, partilham e que não se altera ao longo do tempo. Por outro lado, uma definição não essencialista, que focalizaria as diferenças assim como as características comuns ou partilhadas, no caso, entre os sérvios e até mesmo com outros grupos étnicos, no exemplo apresentado. Prestando atenção também às formas históricas e culturais pelas quais foi significado ser “sérvio” ao longo dos séculos.

Aqui, vale uma observação no que diz respeito às estratégias do FN sob o comando de Marine Le Pen e sua interpretação da identidade. A concepção central que orienta sua visão no que diz respeito à identidade é essencialista, buscando trabalhar com uma noção de França original, França pura. Por outro lado, comprehende as transformações no que diz respeito às identidades e busca fazer uso delas, busca captar votos de grupos distintos e que não necessariamente compartilham dos mesmos ideais políticos. Sua estratégia em busca de votos

se faz de forma consciente, compreendendo esse jogo identitário. Tais estratégias serão tratadas mais adiante.

O mundo social oferece condições, as identidades são construídas e reconstruídas, visto que elas não são fixas. O conceito identidade pode ser utilizado para expressar a construção singular que o sujeito faz de si, construída na relação com as outras pessoas, mas jamais fechada em si ou finalizada. Ela não é definitiva, vai sendo construída ao longo da vida, por isso, mudando. Assim, sabendo da gama de possibilidades e de abordagens teóricas, busca-se aqui tratar uma perspectiva de identidade que não é absoluta e nem única, mas que serve como categoria de análise para interpretar o objeto em questão.

Stuart Hall (2015, p. 9) afirma que as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas, concepção que é orientadora de seu *A identidade cultural na pós-modernidade*. Para defender tal tese, a de que as identidades modernas estão em colapso, argumenta (2015, p. 10) que um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas do final do século XX. Essas transformações fragmentaram, segundo o autor, as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade, que, no passado, nos forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais. Tais transformações modificam também, nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Tal perda de “sentido de si”, estável, é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. É justamente esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, que constitui o que o autor chama de “crise de identidade para o indivíduo”.

Apesar de haver críticas a tal forma de compreender identidade, que o próprio autor reconhece (2015, p. 9), existe aqui uma apropriação de suas ideias, em primeiro lugar em virtude da forma como ele apresenta as três concepções diferentes de identidade, ou seja, a crise apresentada não é algo gratuito ou meramente automático.

Stuart Hall (2015, p. 10 – 12) explica que as concepções de identidade podem ser compreendidas a partir de certos referenciais: a) sujeito do iluminismo – baseada em uma concepção do indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia em um núcleo interior, que emergia quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permaneça essencialmente o mesmo ao longo de sua existência. Sendo que o centro essencial do “eu” era a identidade de uma pessoa; b)

sujeito sociológico – refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado nas relações com “outras pessoas importantes para ele” que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos – a cultura – dos mundos que ele habitava. A identidade preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público – a identidade, costura o sujeito à estrutura. Estabilizando tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis; c) sujeito pós-moderno – é constituído pela mudança do sujeito, previamente vivido como uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as identidades sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O que o autor chama de pós-moderno é uma não identidade fixa, essencial ou permanente.

A apropriação das ideias de Stuart Hall feita aqui se dá também levando em consideração a observação das utilizações políticas que são feitas dos conceitos distintos de identidade e que a noção apresentada por Stuart Hall permite interpretar essa realidade, ou seja, em meio ao que ele chama de crise de identidade, grupos políticos, tal como o de Marine Le Pen, fazem usos conscientes de fragmentações identitárias para captação de votos, inclusive com um discurso nacionalista e se utilizando, quando lhe convém, de uma noção de identidade que é essencialista. Ou seja, buscarmos mostrar que Marine Le Pen se vale de duas concepções distintas de identidade, uma que pode ser considerada essencialista, na qual se refere a uma França original, forte e com um espírito cristalino e autêntico, mas não deixa de enunciar uma crise de identidade característica de uma interpretação não essencialista, visando cooptar votos de grupos específicos e fragmentados.

Uma investigação das maneiras como Marine Le Pen trata a identidade francesa no interior de suas estratégias políticas pode ter diversas estratégias investigativas, opta-se aqui por iniciar a investigação por seus planos de governo, para depois dar espaço para outros documentos, por entendermos que, desta forma, é possível melhor compreender a maneira como ela constrói a questão de identidade nacional.

No programa de governo de 2017, 144 *Engagements présidentiels*<sup>109</sup> são apresentados, como o próprio título anuncia 144 propostas, que são divididas em 7 tópicos. O interessante são os títulos de cada tópico, a saber: I *Une France Libre*<sup>110</sup> (1-11); II *Une France Sûre*<sup>111</sup> (12-33); III *Une France Prospère*<sup>112</sup> (34-64); IV *Une France Juste*<sup>113</sup> (65-90); V *Une France Fière*<sup>114</sup> (91 - 117); VI *Une France Puissante*<sup>115</sup> (118-124) ; VII *Une France Durable*<sup>116</sup>(125-144). Essas propostas são mais que meras assinaturas de campanhas, exprimem um ideal de França apresentado pelo *Front National* de Marine Le Pen. A observância dos 7 pontos nos quais as 144 propostas se apoiam, revela uma identidade francesa específica, construída segundo os ideais dos quais o partido se valerá durante a empreitada, ou seja, a campanha de Marine Le Pen se desdobrará sob essa França apresentada nos pontos descritos no programa.

Os tópicos supracitados serão divididos em subtópicos, cada um atendendo a uma ordem própria. Como a intenção aqui é buscar identificar os modos como Marine Le Pen constrói uma versão de identidade francesa e se utiliza dela, o documento será analisado nesta direção.

## I *Une France Libre*

*Une France Libre* – a noção de liberdade está intimamente ligada à saída da França da UE. Um subtópico com o seguinte título é criado: “*Rendre à la France sa souveraineté nationale. Vers une Europe des nations indépendantes, au service des peuples*<sup>117</sup>”, todavia, na proposta n 1 do plano de campanha, na qual é possível ler “**Retrouver notre liberté et la maîtrise de notre destin en restituant au peuple français sa souveraineté**<sup>118</sup> (monétaire,

<sup>109</sup> 144 Compromissos presidenciais.

<sup>110</sup> Uma França Livre.

<sup>111</sup> Uma França Segura.

<sup>112</sup> Uma França Próspera.

<sup>113</sup> Uma França Justa.

<sup>114</sup> Uma França orgulhosa.

<sup>115</sup> Uma França Poderosa.

<sup>116</sup> Uma França Durável.

<sup>117</sup> Devolva à França sua soberania nacional. Rumo a uma Europa de nações independentes, a serviço dos povos.

<sup>118</sup> As partes em negrito são conservadas do texto original, na presente citação e em todas as citações do plano de campanha contidas no presente tópico: 2.2 ressentimentos – o eu, o outro e a França.

législative, territoriale, économique)<sup>119</sup>”, é interessante que já no primeiro tópico é apresentada a noção de liberdade que passa necessariamente por uma concepção específica de soberania, fazendo uso da expressão “povo francês”. O *Front National* de Marine Le Pen constrói seu argumento na medida em que para o povo francês ser livre os outros povos também devem ser livres, isso no decorrer da proposta 1, o que vem ser característico ao longo de sua campanha, o argumento que a liberdade francesa só se faz na medida em que os outros povos também se tornarem livres, uma retórica que é claramente anti UE.

No interior do ponto 1 no sub tópico intitulado *Refaire de la France un pays de libertés*<sup>120</sup> algumas propostas chamam a atenção, dentre elas: “**7 Garantir la liberté d'expression et les libertés numériques** par leur inscription dans les libertés fondamentales protégées par la Constitution, tout en renforçant la lutte contre le cyber-djihadisme et la pédo-criminalité<sup>121</sup> (...)”, prosseguimos com a proposta 9 “**Défendre les droits des femmes**: lutter contre l’islamisme qui fait reculer leurs libertés fondamentales ; mettre en place un plan national pour l’égalité salariale femme/homme et lutter contre la précarité professionnelle et sociale.<sup>122</sup> ”, prossigamos ainda para a proposta 10 “**Assurer le respect de la liberté d’association** dans les seules limites exigées par l’ordre public et soutenir les petites structures associatives culturelles, sportives, humanitaires, sociales, éducatives, etc<sup>123</sup> (...)”, por fim, para o que é de interesse aqui, a última proposta do tópico, a de número 11: “**Garantir la liberté de scolariser ses enfants selon ses choix**, tout en contrôlant plus strictement la compatibilité avec les valeurs de la République des enseignements dispensés dans les établissements privés hors-contrat.”<sup>124</sup>

A liberdade que é apontada no documento tem como ponto de partida uma noção fixa de identidade, como pode ser vista na proposta 1, logo no sub tópico 1 e faz uso da expressão povo francês em contraposição a UE. Em sua campanha, Marine Le Pen representa

<sup>119</sup> **Recuperar nossa liberdade e o controle de nosso destino restaurando ao povo francês sua soberania** (monetária, legislativa, territorial, econômica).

<sup>120</sup> Refazer da França um país de liberdades.

<sup>121</sup> **Garantir a liberdade de expressão e as liberdades digitais** incluindo-as nas liberdades fundamentais protegidas pela Constituição, reforçando simultaneamente a luta contra o jihadismo cibernético e os crimes contra crianças.

<sup>122</sup> **Defender os direitos das mulheres**: lutar contra o islamismo, que está fazendo com que suas liberdades fundamentais retrocedam; estabelecer um plano nacional para a igualdade salarial entre homens e mulheres e lutar contra a precariedade profissional e social.

<sup>123</sup> **Assegurar o respeito à liberdade de associação** dentro dos limites da ordem pública e apoiar pequenas associações culturais, esportivas, humanitárias, sociais, educacionais, etc.

<sup>124</sup> **Garantir a liberdade de educar as crianças de acordo com suas escolhas**, controlando mais estritamente a compatibilidade com os valores da República dos conteúdos ensinados nas escolas particulares sem contrato com o Estado.

o povo francês como um ideal, mostra sempre suas qualidades imutáveis, ameaçadas pela proximidade com outras culturas e especialmente, no momento, pela ameaça do islã, que aparecerá nas propostas do primeiro tópico.

No entanto, quando o islã é utilizado dentro do tópico em questão é feito não diretamente contra o povo francês, mas contra grupos específicos, contra a liberdade de grupos específicos, que ao fim, na soma, ameaçarão o povo francês. Observemos, a proposta 7 coloca a liberdade individual em contraposição direta ao que chama de “ciber jihadismo”, mas colocando como questão central a questão infantil; no ponto 9 coloca a liberdade feminina ameaçada pelo islã; a proposta 10 é voltada a grupos sociais que valorizam a cultura francesa, para que continuem valorizando a cultura francesa; a 11 trata especificamente crianças, uma liberdade para se educar essas crianças segundo suas crenças. Há uma busca consciente para captar grupos fragmentados: mulheres, famílias, jovens, elegendo/construindo o islã como o outro, o inimigo.

## **II *Une France Sûre***

Em *Une France Sûre*, a noção de segurança é construída a partir de uma percepção de república, defendendo que a segurança deve ser para todos no interior da República. O primeiro subtópico demonstra isso, visto que tem como título “*rétablir l’ordre républicain et l’état de droit partout et pour tous*<sup>125</sup>”, o reestabelecimento do que chama de ordem republicana passa necessariamente pelo Estado de Direito, é um subtópico que deixa transparecer seu viés autoritário. É possível notar que as liberdades republicanas devem ser asseguradas por intermédio de um Estado forte, ou seja, a visão de república do *Front National* sob a liderança de Marine Le Pen é uma visão de república autoritária, utilizando-se do ideal de república para se aproximar de seus ideais.

Dentro do mesmo subtópico, a proposta 12 diz: “*Rétablissement la sécurité en veillant à la protection des libertés individuelles*<sup>126</sup>”, em negrito e sem explicações no documento, como é comum em cada proposta, mostrando a forma direta como liga as liberdades individuais da República com a segurança. O que é algo representativo, posto que, como já discutido, o FN se

---

<sup>125</sup> Restaurar a ordem republicana e o estado de direito em todos os lugares e para todos.

<sup>126</sup> Restaurar a segurança, garantindo a proteção das liberdades individuais.

colocou durante décadas contrário à República, na gestão marinista busca se (re)construir como um partido republicano, mas é importante notar que é uma noção republicana que passa por uma interpretação específica, sem perder seu viés autoritário. As propostas 13 e 14 são voltadas para as forças policiais, na primeira fala de reforço massivo do contingente policial e a segunda procurando reorientar a polícia municipal para sua missão de trabalhar nas ruas visando garantir a segurança pública não ficando atarefada com trabalhos burocráticos. A proposta 15 é importante para uma compreensão do “todos” no interior do projeto, ela diz “**Mettre en place un plan de désarmement des banlieues concernées et de reprise en main par l’État des zones de non-droit<sup>127</sup> (...)**”, deixando claro que existe uma política de segurança específica para quem é da periferia, vistos como ameaça.

O segundo subtópico – “*une réponse pénale ferme et rapide<sup>128</sup>*” – traz propostas que buscam construir sua política de segurança. A primeira proposta do subtópico, a 17, dá o tom e demonstra a orientação de sua campanha: “*Appliquer la tolérance zéro et en finir avec le laxisme judiciaire par l’abrogation des lois pénales laxistes<sup>129</sup> (...)*”, as outras propostas seguem essa direção, tratando a prisão perpétua para crimes graves na 19, a criação de mais de 40 mil vagas em prisões em 5 anos na 20 e a expulsão automática de criminosos estrangeiros na 21.

O outro subtópico, ainda pensando uma França segura, “*Retrouver des frontières qui protègent et en finir avec l’immigration incontrôlée<sup>130</sup>*”, a noção de segurança é contraposta à necessidade de se fechar as fronteiras, ou seja, uma França segura para os franceses passa necessariamente pela não aceitação dos estrangeiros. As propostas falam desde fechar diretamente as fronteiras, como a 24, como impossibilitar a naturalização de estrangeiros (25) e dificultar a aquisição de cidadania francesa, tal como a 27, mas passando especificamente pela redução da imigração como na proposta 26.

O subtópico acima abre espaço para o subtópico que fecha o tópico em destaque, “*Éradiquer le terrorisme et briser les réseaux fondamentalistes islamistes<sup>131</sup>*”, defende que para construir uma França segura, é necessário afrontar o islamismo presente e difundido no país.

<sup>127</sup> Implementar um plano de desarmamento para as periferias em questão com o Estado assumindo as áreas sem lei.

<sup>128</sup> Uma resposta criminal firme e rápida.

<sup>129</sup> Aplicar a tolerância zero e pôr fim à frouxidão penal, revogando as leis penais brandas.

<sup>130</sup> Encontrar limites que protegem e acabam com a imigração descontrolada.

<sup>131</sup> Erradicar o terrorismo e quebrar redes islâmicas fundamentalistas.

As propostas de 29 a 31 são diretamente direcionadas contra os radicais islâmicos, buscando expulsar do país todos que tenham qualquer tipo de ligação com alguma célula jihadista, de forma comprovada ou não, na França ou em seu país de origem.

Neste tópico, existe uma construção característica de sua retórica, primeiro se constrói a noção específica de República, buscando se valer de um espírito republicano que julga ser imutável, para aí sim respaldar suas ações, mas não antes de apontar quais são as ameaças que a desconstrução de tal espírito pode trazer. Dentro dessa lógica, no que diz respeito à segurança, primeiro fechar as fronteiras para que novos inimigos não entrem, para aí sim, atacar os inimigos que já ultrapassaram as fronteiras e buscam destruir os valores republicanos.

### **III *Une France prospère***

O terceiro tópico *Une France prospère* tem como seu primeiro subtópico “*Un nouveau modèle patriote en faveur de l’emploi*<sup>132</sup>”, que engloba um primeiro bloco de propostas que se estende da 34 até a 43 e busca construir a ideia de que uma França próspera passa por uma concepção de “patriotismo econômico”, termo que é utilizado em diversos momentos por Marine Le Pen. O patriotismo econômico, no plano de governo, passa por uma reindustrialização com apoio maciço do Estado (34), assim como nos outros pontos, a organização de suas propostas parte de uma ideia central, neste caso, a de que a desarticulação da indústria francesa é consequência da concorrência desleal com as indústrias estrangeiras, apoiadas pela UE. As propostas do subtópico ajudam a construir a ideia da necessidade de um patriotismo econômico.

O segundo subtópico, depois de afirmada a noção de patriotismo econômico, é intitulado “*Soutenir les entreprises en privilégiant l’économie réelle*<sup>133</sup>”: segue a mesma orientação dos outros tópicos, vai ao encontro de grupos específicos, o subtópico contempla dois grupos, as pequenas empresas com propostas específicas de desoneração da carga tributária, tal como o apoio de crédito como nas propostas 49 e 50, assegurando que o *Banque de France* praticará políticas de juros especiais para as pequenas empresas para que não fiquem

---

<sup>132</sup> Um novo modelo patriótico em prol do emprego.

<sup>133</sup> Apoiar as empresas concentrando-se na economia real.

reféns dos bancos internacionais; o outro grupo visado indiretamente são os trabalhadores no que diz respeito à geração de empregos por parte das pequenas empresas.

Os outros dois subtópicos vão em direção de grupos específicos “*Garantir la protection sociale*” a proposta 52 propõe reduzir gradualmente de 60 para 40 anos a idade legal para aposentadoria, a 54 visa diretamente os viúvos e viúvas, com uma proposta que trata de reduções fiscais para estes, a 56 propõe não taxar até doações intergeracionais de até 100 mil euros. Pode ser notado, quando é tratada a questão de segurança social, há uma busca em dirigir-se a vários grupos. O subtópico “*Agir pour le pouvoir d'achat*” traz propostas voltadas aos franceses com menor renda, tal como a 59 que busca dar um auxílio para quem ganha até 1500 euros, a 60 que propõe reduzir as tarifas de gás e eletricidade em 5% e especialmente a 62 que propõe penalizar comerciantes que participem de cartéis que prejudiquem o poder de compra dos consumidores.

A prosperidade prometida no plano de governo passa, portanto, por um “patriotismo econômico”, isto é, por um ideal de pátria, por um ideal de França; logo após enunciar tal ideal, que é algo que pode ser essencializado, busca fragmentar suas propostas para atingir e atrair grupos diferentes, mesmo se tais propostas vistas a fundo, sejam contraditórias.

#### **IV *Une France Juste***

A estruturação do tópico IV, *Une France Juste*, passa pela mesma lógica, o primeiro subtópico tem como título “*Protégeons à 100 % la santé des français*<sup>134</sup>”, a justiça pela qual construirá suas propostas passa por uma separação de quem considera francês, a justiça para os franceses, como o primeiro subtópico indica. A primeira proposta do subtópico, a 65, aponta o direcionamento que será dado no interior do tópico “*Garantir la Sécurité sociale pour tous les Français ainsi que le remboursement de l'ensemble des risques pris en charge par l'Assurance maladie. (...)*<sup>135</sup>” a expressão “todos os franceses” segue o mesmo padrão dos tópicos anteriores, primeiro é tratado os franceses de um modo geral para depois ir em direção a grupos específicos. As propostas do subtópico são direcionadas para a saúde pública, em

---

<sup>134</sup> Vamos proteger em 100% a saúde dos franceses.

<sup>135</sup> Garantir a Seguridade Social para todos os franceses, bem como o reembolso de todos os riscos cobertos pelo seguro de saúde (...)

especial para sanar os problemas do déficit de médicos, entretanto, chama à atenção a proposta 71, que propõe eliminar o direito aos cuidados médicos assegurados pelo Estado para imigrantes ilegais, o que segundo a proposta geraria economia que voltaria para os franceses, a proposta funciona bem dentro do argumento de justiça, pois ajuda a criar uma noção específica de justiça e quem são os sujeitos de direito, os franceses, ao mesmo tempo contra quem ela protege, os imigrantes.

O segundo subtópico “*Rendre la fiscalité plus juste*” traz propostas no campo fiscal, tal como a redução do imposto de renda nas primeiras cotas (75), simplificação dos impostos e eliminação dos impostos de baixo rendimento (76), passando por propostas de combate à evasão fiscal (78). O subtópico “*Permettre à chacun de trouver sa place*<sup>136</sup>” é um dos subtópicos mais amplos no que diz respeito a grupos, a proposta 81 é direcionada a jovens até 14 anos, com escolas profissionalizantes, a 82 é uma proposta direcionada a jovens até 21 anos que buscam o primeiro emprego, fazendo que haja isenção total de impostos para o empregador, a proposta 83 visa criar possibilidades para instituições de ensino superior viabilizar estágio e emprego para os jovens, a proposta 88 é direcionada para pessoas com “deficiências” no que diz respeito a recursos nos departamentos de Estado e a 89 direcionada ao mesmo grupo, mas direcionada para políticas facilitadoras de emprego e combate à discriminação e a proposta 90 trata do bem estar infantil. Pois bem, como pode ser notada, a noção de justiça é construída com o francês no centro, logo depois, o francês é fragmentado e o foco é direcionado para grupos distintos.

## V *Une France Fièvre*

O tópico V – *Une France Fièvre* – constrói o que se entende, no projeto de campanha, por uma França orgulhosa, passa por uma construção e posterior pela defesa de uma identidade, o que se encontra no primeiro subtópico intitulado “*Défendre l’unité de la france et son identité nationale*<sup>137</sup>”. A primeira proposta do subtópico, a 91, mostra como a noção de identidade nacional é tratada “*Défendre l’identité nationale, les valeurs et les traditions de la civilisation française. Incrire dans la Constitution la défense et la promotion de notre*

---

<sup>136</sup> Permitir que todos possam encontrar o seu lugar.

<sup>137</sup> Defender a unidade da França e sua identidade nacional.

*patrimoine historique et culturel.*<sup>138</sup>” A essência da França está em seus valores, suas tradições considerados a essência da civilização francesa, sendo tão importantes para a França e para os franceses que sua defesa e promoção deve ser instituída constitucionalmente.

A lógica de construção do tópico segue a mesma ordem dos anteriores, após criar uma noção central que englobe todos os franceses, que pode ser recorrida de forma pura e imutável, propostas em direção a grupos específicos são feitas. A partir dessa noção universal, parte em direção a uma série de propostas mais genéricas tal como os outros tópicos. A 92 propõe estabelecer a cidadania francesa como um privilégio para todos os franceses por registro na Constituição como prioridade nacional, a 94 propõe revalorizar à pensão para veteranos, contudo, chama a atenção outras medidas de cunho nacionalistas, como a 93 que propõe a retirada de bandeiras da UE de prédios públicos e colocar em seu lugar bandeiras francesas.

O subtópico “*Une france qui transmet et se transmet*<sup>139</sup>” reúne propostas específicas que vão na direção de valorizar e divulgar a cultura francesa, tal como a 101 que propõe que a aprendizagem do idioma francês e história francesa sejam reforçadas nas escolas primárias e que o ensino da língua francesa ocupe a metade do tempo, contém propostas, tal como a 105 que buscam valorizar a igualdade de oportunidades entre os franceses, desde a escola até a universidade. O subtópico “*Une france qui crée et qui rayonne*<sup>140</sup>” apresenta propostas que criam a sensação que a cultura francesa é viva e em movimento, logo, envolvendo e direcionando a todos, com isso a proposta 108 visa fortalecer a rede de escolas primárias e escolas secundárias francesas em todo o mundo, dentre outras propostas para valorizar escolas que apoiem o artesanato local, tal como a 112, a 116 busca apoiar jovens franceses que representem a França em competições esportivas e a 117 apoiar clubes esportivos que trabalhem com jovens exclusivamente franceses.

---

<sup>138</sup> Defender a identidade nacional, os valores e as tradições da civilização francesa. Incorporar na Constituição a defesa e a promoção do nosso patrimônio histórico e cultural

<sup>139</sup> Uma França que transmite e que é transmitida. N.T. No projeto, está falando de transmitir conhecimento, mas não usa nos artigos 101 a 107 nada que tenha remetido a “*se transmet*”. Sendo mais um jogo de palavras, mas que também denota a intenção de que o país se “imponha” (ao suprimir idiomas estrangeiros em certas séries escolares), não o contrário. Na tradução opta-se por manter o jogo de palavras, mesmo esse não tendo o mesmo impacto em português.

<sup>140</sup> A França que cria e que irradia.

## **VI *Une France Puissante***

O tópico VI *Une France Puissante* é o mais curto do projeto de campanha contendo apenas dois subtópicos e 7 propostas, o primeiro subtópico tem como título “*Faire respecter la france*<sup>141</sup>” uma França poderosa e respeitada passa por uma França independente fora da OTAN, como pode ser visto na primeira proposta do subtópico 118, as outras propostas seguem em direção de uma reconstrução das forças armadas em especial aumentando o investimento na Defesa, como a proposta 121, que propõe que no primeiro ano de mandato o investimento seja de 2% do PIB passando para 3% no final do período de cinco anos.

O subtópico “*Refaire de la France un pays majeur dans le monde*<sup>142</sup>” pode ser resumido na busca de liderança da França nas relações internacionais, buscando valorizar o respeito de cada nação e sua independência (122), buscar o fortalecimento dos laços das pessoas que falam francês (123) e uma reaproximação com a França de além-mar, ajudando no desenvolvimento agrícola e na Defesa e segurança (124). Tais propostas tocam diretamente no orgulho francês, algo que Marine Le Pen trabalha em seus discursos, o resgate da grandeza da França perante o mundo.

## **VII *Une France Durable***

O último tópico que tem como título VII *Une France Durable* é voltado para o mundo agrícola, espaço em que tradicionalmente o FN tem grande força eleitoral. No tópico em destaque não há uma construção na maneira apresentada nos outros em que se constrói uma ideia geral em concordância com o espírito da França e posteriormente vai em direção a grupos específicos, visto que o tópico é direcionado todo a um grupo, para isso é utilizado ideias que já foram tratadas no interior do projeto, tal como o patriotismo econômico.

O primeiro subtópico tem como “*La France, puissance agricole au service d'une alimentation saine*<sup>143</sup>”, as propostas no interior do subtópico variam de propostas que protegem os agricultores e pescadores franceses em relação a política da UE 125 e 126, a revogação de

---

<sup>141</sup> Fazer com que a França seja respeitada.

<sup>142</sup> Refazer da França um país importante no mundo.

<sup>143</sup> A França, potência agrícola a serviço de uma alimentação saudável.

acordos internacionais que segundo o plano de campanha apenas prejudicam os trabalhadores franceses 127 e a proposta 129 que promete lutar contra a concorrência desleal com o mercado externo, a propostas que visam encorajar jovens trabalhadores no campo, tal como a proposta 128. Neste bloco, chama à atenção a proposta 130, de promover as exportações agrícolas, em especial apoiando os rótulos dos alimentos de qualidade.

No subtópico “*Environnement et transition énergétique: la France doit viser l'excellence*<sup>144</sup>” as propostas constroem a ideia de que a França é refém de uma política energética imposta pela UE que obriga a França a abandonar o investimento em energias limpas, as propostas do bloco vão em direção ao rompimento com a UE e investimento em energias renováveis, a proposta 131 defende que para preservar o meio ambiente a França rompa com o modelo econômico baseado na globalização nos campos comercial e social, saúde e ambiental, as outras propostas visam reconstruir o investimento francês em energia renovável, destoando das outras propostas a 137 trata especificamente o bem estar animal. O último subtópico, intitulado “*Assurer l'égalité sur tout le territoire et renforcer l'accès au logement*<sup>145</sup>” é amplo em suas propostas, não necessariamente em números, mas a quem elas alcançam, como por exemplo, a 138 que propõe garantir a igualdade de acesso aos serviços públicos (administrações, gendarmeria, água, saúde, transportes, hospitais locais e lares de idosos) em todo o país especialmente em áreas rurais, a proposta 139 diz respeito a consolidar um ministério o planejamento do uso da terra, transporte e habitação, visando reequilibrar a política da cidade para áreas desertificadas e rurais, as outras propostas vão ao encontro do quesito moradia, tanto no campo quanto na cidade.

A construção argumentativa no interior de seu projeto e que se estende para sua campanha passa por uma construção de uma ideia de França, uma França instituída destacando valores específicos que podem ser notados a partir desses 7 pontos. A França ideal pensada e defendida por Marine Le Pen é uma França livre, segura, próspera, justa, orgulhosa, poderosa e durável. Na prática, não importa se essa França é almejada, o importante é que ela funcione como um ponto de identificação para os grupos distintos, um centro orientador, um catalizador que será unido como a tradição, história e povo francês.

Partidos políticos constroem suas versões e se utilizam delas, o que é destacado aqui é a maneira como o FN traça sua estratégia a partir da sua versão de França, como usa a

---

<sup>144</sup> Meio ambiente e transição energética: a França deve almejar a excelência

<sup>145</sup> Assegurar a igualdade em todo o território e melhorar o acesso à moradia.

tradição e como busca gerir sentimentos no interior dessa estratégia. A partir de uma bem construída versão de França que alega ser original precisa dela como centro argumentativo, alegando ser original o que pode ser visto na sua argumentação, na medida em que se observe a história e a tradição, desta maneira, cria-se a necessidade de proteção da cultura francesa. Em meio a isso, sentimentos diversos são escalados, orgulho, honra, inveja, medo e uma série de sentimentos reativos, ou seja, o ressentimento.

### **2.3 A França – o eu, o outro**

Na estruturação argumentativa de Marine Le Pen a identidade francesa construída a partir de uma França possuidora de uma tradição que é escolhida de maneira bem orquestrada é basilar. Continuando nas orientações de Stuart Hall, de que para a construção de uma identidade é necessária um “outro”, a identificação está sujeita ao jogo da diferença. Sobre essa percepção vejamos:

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são constituídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação daquilo que não é, como principalmente daquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e, assim, sua ‘identidade’ – pode ser construído (DERRIDA, 1981; LACLAU, 1990; BUTLER, 1993). As identidades podem funcionar, ao longo de toda sua história, como pontos de identificação e apegos apenas *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em ‘exterior’, em abjeto. Toda identidade, tem à sua ‘imagem’, um excesso, algo a mais. (...) (HALL, 2000, p. 110)

Stuart Hall ao tratar a identidade, mostra que a construção da identidade social e política está envolvida em disputas de poder, é no fim, um ato de poder. As unidades proclamadas, narradas, são identidades construídas e, neste caso, construídas no interior de um jogo de poder de exclusão. As identidades são constituídas por meio da diferença e não fora dela, fazendo uso consciente da diferença.

As exclusões são feitas, na medida em que as identidades não são prontas, estão sempre em formação. No processo, no jogo de poder, algumas diferenças podem ser ofuscadas e outras acentuadas, dependendo do momento e da utilização que se dará para elas.

O processo de construção de identidade feito por Marine Le Pen necessita da construção de um “outro”, tal construção se vale do momento histórico específico que ela se insere. Como fora tratado no ponto 1.2.3, os anos 2000 marcam uma transformação na forma como os partidos de direita e extrema direita conduzem suas ações políticas na Europa, dentre eles o FN, levando a uma rearticulação da xenofobia, que articulada ao racismo cede espaço para uma hostilidade em relação aos imigrantes mulçumanos e uma rejeição para com a cultura islâmica, como defende Piero Ignazi (2012, p. 53-54). Nesta realidade histórica específica, a construção do “outro” promovida pelo FN na gestão de Marine Le Pen é a de um outro islamificado e representado como inimigo.

A islamofobia, que como tratado anteriormente, passa a ser central na orientação dos diversos seguimentos de direita, fazendo com que estes abandonem gradativamente o antisemitismo e a hostilidade para com o cristianismo de anos anteriores buscando tratar o islã como uma ameaça para a cultura cristã ocidental.

A construção do muçulmano como outro é estratégica, passa por mostrar que nem todo imigrante é nocivo, posteriormente ligando o terrorismo ao islamismo para assim defender sua noção de França livre, passando por uma França pura e original.

O documento *L'Afrique: notre première priorité internationale* (2017) é importante para uma compreensão da forma como Marine Le Pen passa a tratar os imigrantes. Há um esforço especial no trato da África, o documento em questão vem demonstrar isso, mas não apenas ele. Após algumas páginas, na introdução, tratando das vantajosas relações entre França e África e demonstrar como historicamente ambos ganharam com a relação, o documento elabora o seguinte subtítulo *Avenir pour les français d'origine africaine et les africains de France?* Neste ponto, é possível notar as maneiras distintas como os imigrantes são tratados no interior do programa e as motivações nas estratégias do FN.

Para uma compreensão da estratégia argumentativa no tema em análise, vejamos alguns trechos em sequência:

Non, les Français ne se replient pas sur eux-mêmes. Au contraire, les échanges humains entre la France et l'Afrique ont vocation à perdurer, au bénéfice de tous: les universités françaises doivent accueillir des étudiants africains qui serviront ensuite le développement de leur pays, tout comme des compétences françaises devront toujours être offertes aux Etats africains qui les sollicitent. Les hommes d'affaires doivent pouvoir circuler en France et en Afrique pour une prospérité partagée. En revanche,

l'immigration de masse est un triple drame, qui doit donc cesser.<sup>146</sup> (LE PEN, M. L'Afrique: Notre première priorité internationale, 2016, p. 15)

Primeiramente busca valorizar as trocas humanas entre França e África, salientando que as trocas devem ser mútuas. Para que haja uma melhor relação entre África e França e para que ambos tirem proveito de tal relação, traça algumas estratégias:

Premièrement, les efforts de l'Etat doivent être dirigés en priorité au bénéfice des étrangers présents légalement en France et aux Français de fraîche date: après trente ans de trahison par des élites qui, sous couvert de promotion de la diversité, les ont cantonnés dans la marginalité, il est plus que temps de leur faire toute leur place dans une communauté nationale sûre de ce qu'elle est.

Cet effort considérable, notamment d'éducation, ne peut être mené simultanément avec l'accueil de nouveaux arrivants.<sup>147</sup> (LE PEN, M. L'Afrique: Notre première priorité internationale, 2016, p. 15)

A maneira como Marine Le Pen trata os imigrantes legalizados, que já residem na França há décadas, é diferente da forma como os partidos de extrema direita franceses trataram esses imigrantes no passado. Mesmo que seja algo cada vez mais comum aos partidos de extrema direita europeus no presente, o modo como o FN busca incluir esses imigrantes é importante em seu projeto de desdemonização.

Para isso, é importante ressaltar que está em curso, como vimos discutindo, uma nova construção do “outro” a partir do início dos anos 2000, uma construção que substitui o africano pelo muçulmano como inimigo a ser combatido e rechaçado. Ponto importante a ser destacado é como a culpa pela marginalização dos franceses descendentes de africanos é jogada para seus adversários políticos, uma estratégia que será utilizada em outros documentos e discursos, visto que, no campo da utilização dos ressentimentos, busca votos também desses grupos.

---

<sup>146</sup> Não, os franceses não se isolam. Pelo contrário, as trocas humanas entre a França e a África tendem a continuar, para o benefício de todos: as universidades francesas devem receber estudantes africanos que depois servirão ao desenvolvimento de seu país, assim como as habilidades francesas devem sempre ser oferecidas aos Estados africanos que as solicitam. Os empresários devem poder circular na França e na África em nome da prosperidade compartilhada. Por outro lado, a imigração em massa é uma tragédia tripla, que, portanto, deve parar.

<sup>147</sup> Em primeiro lugar, os esforços do Estado devem ser dirigidos em prioridade ao benefício de estrangeiros presentes legalmente na França e aqueles que se tornaram franceses recentemente: após trinta anos de traição por parte das elites que, sob o pretexto de promover a diversidade, os confinaram na marginalidade, já está mais que na hora de lhes dar seu lugar em uma comunidade nacional com certeza do que ela é.

Esse esforço considerável, em especial a educação, não pode ser realizado simultaneamente com o acolhimento de recém-chegados.

Deuxièmement, si la diversité des cultures est une belle chose, elle ne peut subsister que si chaque culture reste ancrée dans son terroir: la diversité, c'est l'existence d'une culture sénégalaise au Sénégal et française en France. Sur un même territoire, l'amalgame de ces cultures ne peut qu'aboutir à un hybride sans avenir, c'est-à-dire à la disparition des identités originales. Ce drame global est aussi individuel: l'émigration, c'est la perte des repères et la détresse spirituelle de l'exilé.<sup>148</sup> (LE PEN, M. L'Afrique: Notre première priorité internationale, 2016, p. 15)

Neste ponto residem estruturas centrais da argumentação marinista em torno da identidade, a de que não somente a identidade francesa deve ser valorizada, mas todas as identidades e que o que chama de “hibridismo” é uma ameaça para o futuro das nações. Aponta como problema do hibridismo a ameaça para com as identidades originais que é em sua argumentação a força de cada nação, que será a principal força da França, do povo francês.

Troisièmement, parce qu'elle concerne les jeunes les plus dynamiques, l'émigration représente une perte de compétences indispensables pour les pays en développement. A l'opposé d'une rupture avec l'Afrique et les Africains, la France propose donc le renforcement d'un partenariat destiné à permettre à chacun de mener une vie digne, comme citoyen d'un pays stable et prospère.<sup>149</sup> (LE PEN, M. L'Afrique: Notre première priorité internationale, 2016, p. 15)

Na dinâmica da já apresentada “identidades originais”, a França deve contribuir com a África na medida de criar possibilidades para que seus jovens não emigrem para países em desenvolvimento, isso fará com que as identidades originais sejam protegidas, em África e nos países para os quais os jovens imigram, tal como a França.

**Les Français d'origine africaine sont d'abord des Français. Nous refusons de nous adresser spécifiquement à eux, de les distinguer du reste de la communauté nationale par un discours compassionnel ou, à l'inverse, culpabilisant. Nous ne voyons que des Français, avec les mêmes droits et les mêmes devoirs de citoyens. Nous en finirons avec le communautarisme électoral mis en place par les soi-disant républicains, dont les conséquences furent destructrices pour le modèle assimilationniste qui fit la force et la grandeur de la France.<sup>150</sup>** (LE PEN, M. L'Afrique: Notre première priorité internationale, 2016, p. 15)

---

<sup>148</sup> Em segundo lugar, se a diversidade de culturas é algo belo, ela só pode sobreviver se cada cultura ficar enraizada em seu território: a diversidade é a existência de uma cultura senegalesa no Senegal e francesa na França. Em um só território, a amalgamação dessas culturas só pode levar a um híbrido sem futuro, isto é, ao desaparecimento das identidades originais. Esse drama global também é individual: a emigração é a perda de identidade e a angústia espiritual do exílio.

<sup>149</sup> Em terceiro lugar, porque diz respeito aos jovens mais dinâmicos, a emigração representa uma perda de competências indispensáveis para os países em desenvolvimento. Ao invés de uma ruptura com a África e os africanos, a França propõe o fortalecimento de uma parceria destinada a permitir que todos tenham uma vida digna, como cidadãos de um país estável e próspero.

<sup>150</sup> Os franceses de origem africana são, antes de mais nada, franceses. Nós nos recusamos a falar especificamente deles, a distingui-los do resto da comunidade nacional por um discurso compassivo ou, ao contrário, culpabilizante. Nós só vemos franceses, com os mesmos direitos e os mesmos deveres de cidadãos.

Uma das partes mais importantes do tópico, visto que está destacado em negrito e em outra cor, azul. Ao afirmar que os franceses de origem africana são franceses, afirma que não há distinção para com outros franceses e especialmente se colocando contra o assimilacionismo que é o que enfraquece as identidades originais. O assimilacionismo é apontado como uma ameaça para com uma França forte, uma França pura.

Quant aux Africains de France, entrés et présents légalement sur le territoire français, il n'y a d'autre avenir que la naturalisation et l'assimilation, ou le retour si les conditions de la naturalisation ne sont pas remplies.<sup>151</sup> (LE PEN, M. L'Afrique: Notre première priorité internationale, 2016, p. 15)

Neste ponto, trata ainda outro grupo de imigrantes que vivem legalmente na França e respeitam suas regras e especialmente sua tradição, a eles, não é apontada nenhuma forma de aversão.

**Nous redonnerons un sens à la citoyenneté française, dont certains voudraient aujourd'hui qu'elle n'offre aucune valeur supplémentaire au statut d'étranger. Notre principe de préférence nationale n'est pas un principe d'exclusion, il est un principe d'ambition: oui, être Français confère, en France, des droits particuliers, que les étrangers n'ont pas. S'ils veulent les obtenir, qu'ils sachent que la citoyenneté française pourra toujours s'acquérir.**<sup>152</sup> (LE PEN, M. L'Afrique: Notre première priorité internationale, 2016, p. 15)

Por fim, o documento encerra também em negrito e em cor especial, azul, dando destaque para que a cidadania francesa seja valorizada<sup>153</sup>, defendendo que seu princípio nacional não é excludente, mas pelo contrário, buscar garantir às pessoas estrangeiras garantias que eles não têm no interior da França.

---

**Nós acabaremos com o comunitarismo eleitoral acionado pelos chamados republicanos, cujas consequências foram destrutivas para o modelo de assimilação que fez a força e a grandeza da França.**

<sup>151</sup> Quanto aos africanos da França, que entraram e se encontram em situação legal no território francês, não há outro futuro que não seja a naturalização e a assimilação, ou o retorno se as condições de naturalização não forem atendidas.

<sup>152</sup> Nós voltaremos a dar sentido à cidadania francesa, embora alguns hoje gostariam que ela não oferecesse nenhum valor adicional ao status de estrangeiro. Nosso princípio de preferência nacional não é um princípio de exclusão, é um princípio de ambição: sim, ser francês confere, na França, certos direitos que os estrangeiros não têm. Se eles querem obtê-los, que saibam que a cidadania francesa sempre poderá ser adquirida.

<sup>153</sup> É importante salientar que isso é algo contraditório no interior de outros documentos e discursos, como por exemplo, no plano de campanha de 2017, como apresentado no ponto 2.2. Ou seja, é apenas uma estratégia argumentativa no documento em análise.

Esse documento permite entender que no interior da argumentação de Marine Le Pen existe uma categoria de estrangeiro que é permitida na França, o estrangeiro que aceita a tradição francesa e que não ameace sua cultura, sua identidade pura, mesmo os fluxos migratórios sendo sempre uma ameaça.

Aponta como problema a imigração em massa, culpando em seguida os governantes franceses que ao abandonar a África, fizeram com que os africanos fossem obrigados a migrar para a Europa. Não significa que com isso, não veja a imigração em massa como uma ameaça, longe disso. Sobre isso, na conferencia presidencial n 04 de 13 de março de 2017, intitulada *Par amour de la France* em seu segundo tópico, intitulado *Les hommens ne sont pas une marchandise* traz dois pontos importantes a respeito da imigração:

[...] Je n'y entrerai pas parce qu'il me semble indécent de traiter les migrations comme un flux économique comme un autre, et les hommes comme une marchandise.

Le problème n'est pas l'argent, c'est la France !

Le problème n'est pas le solde de l'immigration, ce sont les Français qui souffrent, qui doutent et qui résistent !

La France n'a pas pris la tête du combat contre l'esclavage, voici bientôt deux siècles, pour s'abandonner à l'esclavage moderne qu'est le trafic des migrants !

La noblesse de la fonction politique, la noblesse de la chose publique, c'est de faire avec ceux qui sont là. (...)<sup>154</sup> (LE PEN, M. 4<sup>ème</sup> Conférence... 2017)

Existe aqui uma tendência de colocar a França, os franceses como vítimas da imigração, sem necessariamente atacar os imigrantes, os refugiados. Diferente disso, o que faz é atacar seus adversários políticos, tal como é feito no documento em questão e como é uma característica particular do blog de campanha.

Um ponto a ser destacado é no tocante aos sentimentos, uma estratégia característica dos escritos e discursos de Marine Le Pen é empregada, o uso de sentimentos distintos ligados à tradição francesa. O francês que sofre que duvida e que resiste é o mesmo francês que se liga a uma tradição iluminista de ser protagonista na luta contra a escravidão, ou seja, o sentimento de orgulho nacional é chamado para tratar a questão dos imigrantes. Os

---

<sup>154</sup> [...] Eu não entrarei porque me parece indecente tratar as migrações como um fluxo econômico como qualquer outro, e os homens como uma mercadoria.

O problema não é dinheiro, é a França!

O problema não é o equilíbrio da imigração, são os franceses que sofrem, que duvidam e que resistem!

A França não assumiu a liderança na luta contra a escravidão dois séculos atrás para se entregar à escravidão moderna que é o contrabando de migrantes!

A nobreza da função política, a nobreza da coisa pública, é fazer com aqueles que estão lá. (...)

sentimentos que se sentem e que se ressentem. Prosseguindo, um pouco adiante, o documento acrescenta:

Le premier ennemi du citoyen, l'ennemi de la France, ce n'est pas le migrant, ce ne sont pas ces foules de réfugiés qui errent entre des frontières incertaines, et qui trop souvent sont victimes des guerres injustes déclenchées de très loin, sous prétexte d'importer la démocratie !

L'ennemi est en nous.

L'ennemi, c'est l'individualisme radical qui fait de chaque homme, de chaque femme, une marchandise comme une autre.<sup>155</sup> (LE PEN, M. 4<sup>ème</sup> Conférence... 2017)

É possível notar a utilização de uma retórica clássica da extrema direita – ataque aos princípios liberais, a identificação do indivíduo e da individualidade como o egoísmo e por fim, o “individualismo radical”.

Outro ponto a ser destacado é a forma como trata os refugiados é uma maneira de atacar seus inimigos políticos, como um inimigo da própria França, sua tradição e seu povo. Os imigrantes são assim, usados pelo sistema financeiro que busca lucro. O tom ameno que trata os refugiados e imigrantes de um modo geral não perdura em seus pronunciamentos, mas busca utilizar a imigração em massa para atacar as políticas impostas por seus adversários políticos ao longo dos anos.

Na mesma perspectiva, na busca de compreendermos como se muda o tom para tratar os muçulmanos como o imigrante nocivo, encontramos uma análise do projeto presidencial de Emmanuel Macron intitulado *Mon analyse du programme de M. Macron* de 2 de março de 2017, no qual é possível ler:

Deuxièmement, ce programme fait quasiment totalement l'impasse sur les domaines essentiels que sont la sécurité des Français et la crise migratoire, comme en écho à l'inaction totale du gouvernement sur ces sujets depuis cinq ans. Or, il s'agit ici aussi d'un point au cœur des préoccupations des Français. Les mesurettes proposées par M. Macron dans ces domaines ne répondront jamais aux inquiétudes des Français, surtout quand on sait qu'il obéit au projet funeste de faire progresser massivement l'immigration en France, en témoignent les félicitations qu'il a adressées récemment à Mme Merkel pour l'accueil d'1,5 millions de migrants dans son pays. Je dis souvent que cette élection s'apparente à un choix de civilisation et pose notamment la question suivante: voulons-nous que la France reste la France ou devienne un territoire multiculturel où chacun est intégralement libre d'entrer et de s'installer ? C'est une

---

<sup>155</sup> O primeiro inimigo do cidadão, o inimigo da França, não é o migrante, não são essas multidões de refugiados que vagam entre fronteiras incertas e que, com muita frequência, são vítimas de guerras injustas desencadeadas de longe sob o pretexto de importar a democracia!

O inimigo está em nós.

O inimigo é o individualismo radical que faz de todo homem, de toda mulher, uma mercadoria como qualquer outra.

question fondamentale, et je constate que les non-dits du projet de M. Macron y donnent une réponse diamétralement opposée à la mienne. Je note par ailleurs le caractère particulièrement antirépublicain du programme de M. Macron, là aussi dans la droite ligne de la politique menée depuis des années, dans la mesure où il consiste en un enterrement en bonne et due forme de la laïcité et une incitation au communautarisme, via des mesures choquantes concernant la place des religions dans l'espace public et leur financement.<sup>156</sup> (LE PEN, M. Mon analyse du programme de M. Macron, 2017)

Há uma escolha pela expressão “civilização”, o que vai ao encontro de suas críticas ao multiculturalismo, sua interpretação e seus significados. Isso se dá porque civilização está ligada diretamente a características culturais, tal como arte, idioma, crenças, especialmente, valores. Desta maneira, como algo que nos define e que também é utilizada para definir o outro. Civilização é utilizado para demarcar valores e respaldar ações, principalmente com o discurso de que se defende ou busca resgatar determinados valores ligados à sua própria cultura.

É fundamental, no trecho supracitado, quando trata a imigração em massa, atacando seus inimigos internos e a UE na pessoa de Merkel apontando o caráter decisivo das propostas de governo, acusando Macron de não ter propostas concretas para a importante temática chegando a um ponto central que se chama a escolha civilizatória no que diz respeito a uma França original, defendendo que seu projeto é o único que fará com que a França continue França e todo o seu legado.

No entanto, o foco do FN de Marine Le Pen são os muçulmanos. Em diversos momentos faz circular a ideia de que os muçulmanos são terroristas, a princípio será usado aqui

---

<sup>156</sup> Em segundo lugar, este programa está quase completamente em impasse nas áreas essenciais que são a segurança dos franceses e a crise migratória, como se fosse um eco à inação total do governo nesses assuntos por cinco anos. No entanto, aqui também se trata de um ponto central das preocupações dos franceses. As medidas propostas pelo sr. Macron nessas áreas nunca atenderão às inquiétudes dos franceses, principalmente quando sabemos que ele obedece o projeto desastroso de aumentar maciçamente a imigração na França, como evidenciado pelos parabéns que ele dirigiu recentemente à sra. Merkel por receber 1,5 milhão de migrantes em seu país. Costumo dizer que esta eleição parece uma escolha de civilização e coloca principalmente a seguinte pergunta: nós queremos que a França continue sendo a França ou que ela se torne um território multicultural onde todos são completamente livres para entrar e se instalar? Esta é uma questão fundamental, e constato que o que não está dito no projeto do sr. Macron dá uma resposta diametralmente oposta à minha. Observo também o caráter particularmente antirrepublicano do programa do sr. Macron, mais uma vez em consonância com a política conduzida durante anos, ou seja, ele significa um enterro literal do secularismo e uma incitação ao comunitarismo, com suas medidas chocantes sobre o lugar das religiões no espaço público e seu financiamento.

um discurso proferido em 10 de abril de 2017, três dias depois<sup>157</sup> de um atentado terrorista<sup>158</sup> em Oslo na Noruega.

Neste discurso defende que a França e os franceses estão vulneráveis face ao terrorismo islâmico, buscando dialogar diretamente com o medo, tática que será empregada em diversos momentos ao tratar o terrorismo. Vejamos:

Le terrorisme islamiste redouble de violence, se déchaîne partout, et nous portons en France l'un des plus lourds tributs. 245 morts depuis l'attentat de Merah en 2012, 658 blessés.

Notre pays est profondément désarmé face à ce phénomène.

Je veux aujourd'hui vous parler de ce que la France peut et doit faire pour mettre à genoux le terrorisme islamiste.

Je le ferai en m'appuyant sur des analyses qui tiennent compte de ce que nous apprennent les chercheurs qui travaillent sur ces sujets, et qui envisagent le phénomène dans sa globalité, en m'appuyant aussi sur les échanges que j'ai eus avec des chefs d'Etat étrangers, riches d'enseignements.

La lutte contre le terrorisme ne se limite pas au vote de quelques lois, utiles certes, sur l'action anti-terroriste.

Et encore moins à de fumeuses promesses de sanctions contre Facebook et Google.

Elle doit prendre en compte des phénomènes de société, elle doit aller à la racine du mal.

Car si l'on ne prend pas ce mal à la racine, il est certain qu'il réussira toujours à déjouer les instruments de lutte que l'Etat se donne.

Je veux ainsi développer une réponse globale et cohérente contre le terrorisme islamiste.<sup>159</sup> (LE PEN, M. 5<sup>ème</sup> Conférence... 2017, p. 01)

---

<sup>157</sup> O atentado está inserido em uma cadeia de atentados com datas próximas. 22 de março – atentado em Londres, deixando 6 mortos e 20 feridos; 18 de março atentado no aeroporto de Orly no sul da França, o terrorista foi morto; 3 de fevereiro de 2017 atentado em paris em que um homem gritando “Allahu Akbar” (Deus é grande), ataca soldados num centro comercial ao pé do Museu do Louvre, em Paris; é alvejado e gravemente ferido pelos soldados; 19 de dezembro de 2016 atentado em Berlim, deixando 22 mortos e 48 feridos.

<sup>158</sup> No dia 20 do mesmo mês o DAESH assume a autoria dos atentados.

<sup>159</sup> O terrorismo islâmico redobra a violência, se desencadeia em toda parte e nós carregamos na França um dos tributos mais pesados: 245 mortos desde o ataque de Merah em 2012 e 658 feridos.

Nosso país é profundamente indefeso diante desse fenômeno.

Hoje eu quero falar para vocês o que a França pode e deve fazer para colocar o terrorismo islâmico de joelhos.

Farei isso com base em análises que levam em conta o que aprendemos com os pesquisadores que trabalham nesses assuntos e que consideram o fenômeno como um todo, baseando-me também nas conversas que tive com chefes de Estado estrangeiros, ricos em ensinamentos.

A luta contra o terrorismo não se limita à aprovação de algumas leis, certamente úteis, sobre a ação antiterrorista. E menos ainda a promessas de sanções contra o Facebook e o Google.

Ela deve levar em conta os fenômenos da sociedade, ela deve ir à raiz do mal.

Pois, se não pegarmos esse mal pela raiz, com certeza ele sempre conseguirá frustrar os instrumentos de luta que o Estado está utilizando.

Eu quero, assim, desenvolver uma resposta global e coerente contra o terrorismo islâmico.

A maneira como constrói sua argumentação é recorrente em seus discursos, primeiro usa de dados alarmantes para mostrar a vulnerabilidade da França face ao terrorismo. No entanto, o ponto mais importante de interesse aqui é construção do terrorismo islâmico como um inimigo global, não se limitando ao território francês, defendendo que para haver uma luta real contra o terrorismo, não deve se limitar aos franceses e muito menos ações isoladas. Ao tratar de “raiz do mal” começa a defender que o problema é o imigrante.

Entretanto, em sua construção do “outro” mostra que o terrorismo sempre foi presente em território europeu e que, o terrorista que ameaça a Europa no momento, são os muçulmanos. Prossegue:

Commettre des attentats sur le sol des pays d'Europe occidentale n'est pas une nouveauté.

Déjà, à la fin du XIXe siècle, les anarchistes en perpétrèrent un certain nombre.

Plus près de nous, à partir de la décennie 1960, l'Allemagne avec la Fraction armée rouge, dite bande à Baader, connaîtra par vagues, pendant une trentaine d'années, des assassinats et des attentats commis au nom d'un gauchisme mortifère.

Pour odieux que soient tous ces crimes, ils n'ont rien de commun avec le terrorisme d'aujourd'hui.

Ils ont été perpétrés par des petits groupes isolés qui tentaient de se justifier en reprenant la logomachie des idéologies dominantes dans les milieux intellectuels.

Ils n'avaient aucune audience dans la population.

Ils ne rencontraient aucun écho dans aucune couche sociale, à commencer par le prolétariat dont ils se voulaient pourtant l'avant-garde consciente et combattante.

Ils étaient même massivement rejetés. (...)

[...] Le terrorisme d'aujourd'hui est d'une autre nature.

Le terrorisme d'aujourd'hui prétend s'appuyer sur une religion, l'islam.

Certes, il n'est pas l'islam, loin de là.

La très grande masse des musulmans en France et dans le monde le rejettent et le condamnent.

Des pays dans lesquels l'islam est la religion d'État le combattent fermement, sans concession.

Néanmoins, les islamistes font appel à une solidarité entre tous les croyants pour en obtenir, sinon une complicité, du moins une mauvaise conscience.<sup>160</sup> (...) (LE PEN, M. 5<sup>ème</sup> Conférence... 2017, p. 1-2)

<sup>160</sup> Cometer ataques no solo de países da Europa Ocidental não é novidade.

Já no final do século XIX, os anarquistas perpetraram um certo número.

Mais perto de nós, a partir da década de 1960, a Alemanha com a Fração do Exército Vermelho, conhecida como Grupo Baader-Meinhof, de forma indeterminada, durante trinta anos, assassinatos e ataques cometidos em nome de um mortífero esquerdismo.

Odiosos como todos esses crimes são, eles não têm nada em comum com o terrorismo de hoje.

Eles foram perpetrados por pequenos grupos isolados que tentaram se justificar adotando a logomarca das ideologias dominantes nos círculos intelectuais.

Eles não tinham nenhuma audiência na população.

Eles não encontraram nenhum eco em nenhuma camada social, começando pelo proletariado do qual eles queriam ser a vanguarda consciente e combativa.

É possível notar que existe um esforço para separar o terrorismo atual de outras formas de terrorismo que a Europa sofreu, a grande diferença é que os outros foram rechaçados pela população sendo apoiado apenas por pequenos grupos e intelectuais, não tendo aceitação nas diversas camadas da população. O terrorismo islâmico é mais perigoso justamente porque uma parcela da população que vive na Europa o apoia. O ponto central em sua argumentação é o fato dos terroristas buscar solidariedade entre todos os muçulmanos, mesmo não sendo aprovado pela maioria.

A tese que se embasará em torno dos imigrantes muçulmanos está lançada. Nem todos os muçulmanos são terroristas, mas o real perigo deste consiste em seus apoiadores, inclusive em solo francês, ou seja, por parte de imigrantes muçulmanos. Prossegue defendendo que qualquer muçulmano pode ser um terrorista, logo, qualquer imigrante pode ser um terrorista ou um apoiador do terrorismo. Sobre o islã ela fala:

Si l'islam ne se confond pas avec l'islamisme, si le terrorisme ne découle pas automatiquement de la religion, il n'en reste pas moins vrai que, depuis les origines, il a toujours existé au sein de l'islam un courant minoritaire, très minoritaire, qui a justifié la violence pour imposer sa conception de Dieu et du monde.

Certes ce courant a été, le plus souvent et un peu partout, combattu par les autorités musulmanes elles-mêmes.

Certes ce courant a pu être et reste toujours combattu par la majeure partie de ces autorités.

Mais il se perpétue et, à l'occasion, il peut grandir et s'amplifier.

Donc, s'il n'est pas fermement combattu, il peut devenir menaçant.

Or, seul le pouvoir politique, incarné par l'État avec sa force régaliennes, peut le combattre avec efficacité à condition d'en avoir la volonté et de s'en donner les moyens.

Car le problème de l'islam sunnite, c'est qu'il n'y a pas de clergé, c'est qu'il n'y a pas d'autorité centrale légitime pour énoncer ce qui est licite et ce qui est illicite.

C'est une différence fondamentale avec les différentes Églises chrétiennes, et surtout avec l'Église catholique romaine, j'allais dire, surtout romaine, donc centralisée et hiérarchisée.<sup>161</sup> (LE PEN, M. 5<sup>ème</sup> Conférence... 2017, p. 2)

Eles foram até maciçamente rejeitados. (...)

[...] O terrorismo de hoje é de outra natureza.

O terrorismo de hoje afirma basear-se em uma religião, o islamismo.

Certamente, não é islamismo, longe disso.

A enorme massa de muçulmanos na França e no mundo a rejeita e a condena.

Países em que o islamismo é a religião do estado o combatem com firmeza, sem concessões.

No entanto, os islamistas apelam para a solidariedade entre todos os crentes para obter, se não uma cumplicidade, pelo menos uma má consciência

<sup>161</sup> Se o islã não deve ser confundido com o islamita, se o terrorismo não resulta automaticamente da religião, não deixa de ser verdade que, desde o início, sempre existiu dentro do islã uma corrente minoritária, muito minoritária, que justificou a violência para impor sua concepção de Deus e do mundo.

O argumento é direto, apesar do islamismo não ser necessariamente terrorismo, defende que o terrorismo sempre esteve no interior do islamismo, mesmo sendo uma corrente minoritária. Ao falar que o islamismo sunita não tem uma hierarquia definida, o que dificulta o combate ao terrorismo, volta a alegar que todo imigrante muçulmano é uma ameaça. O contraponto feito com o catolicismo não é gratuito, visto que é necessário lembrar que como foi tratado anteriormente que a partir do momento em que o islã se torna o “outro” o catolicismo que anteriormente não era tratado com carinho pelo FN passa ser um importante argumento, por ser resultado de uma tradição na qual a cultura francesa se insere. Após usar esse argumento, a cultura cristã passa a aparecer no discurso em análise.

Marine Le Pen coloca o islamismo como uma ameaça para a cultura cristã, a cultura francesa, logo, o terrorismo deve ser combatido veementemente, entretanto, o avanço do islamismo deve ser combatido da mesma forma, vide que este destrói a cultura cristã e francesa, assim sendo, aponta o comunitarismo como uma ameaça para os franceses.

Em prosseguimento no discurso, Marine Le Pen se esforça para mostrar que a imigração em massa se torna um problema na medida em que traz muitos muçulmanos e que cada praticante da fé islâmica é um potencial terrorista ou apoiador do terrorismo. Defende de forma veemente a necessidade de fechamento das fronteiras, como pode ser visto na fala: “[...] C'est pour cela que je veux inscrire dans la Constitution: « La République ne reconnaît aucune communauté ».<sup>162</sup>» (5<sup>ème</sup> Conférence... 2017, p. 03).

O problema não são os muçulmanos em si, mas a maneira como se implanta na França. Marine Le Pen prossegue em seu discurso buscando caracterizar que tal forma de islamismo é uma ameaça global, não somente para os franceses, mas também uma ameaça para todos os franceses, até mesmo para os que são muçulmanos. Sobre como se caracteriza e a

Certamente esta corrente tem sido, na maioria das vezes e quase em toda parte, combatida pelas próprias autoridades muçulmanas.

Certamente esta corrente pôde ser e ainda é combatida pela maioria dessas autoridades.

Mas isso ela se perpetua e, dependendo da ocasião, ela pode crescer e se expandir.

Então, se ela não for combatida com firmeza, ela pode se tornar ameaçadora.

Mas somente o poder político, corporificado pelo Estado com sua força real, pode combatê-la efetivamente na condição de ter a vontade e de se dar os meios.

Porque o problema do islã sunita, aquele em que não há clero, é que não há autoridade central legítima para declarar o que é lícito e o que é ilícito.

É uma diferença fundamental em relação às diferentes igrejas cristãs e principalmente com a igreja católica romana, quer dizer, sobretudo a romana, tão centralizada e hierárquica.

<sup>162</sup> Por isso quero incluir na constituição: “A República não reconhece nenhuma comunidade”.

própria função dos muçulmanos franceses alerta “[...] Les aumôniers musulmans y ont donc une mission: enseigner un islam qui exclut ces dérives meurtrières et contrer ceux des détenus qui se proclament imams de la haine.”<sup>163</sup> (5<sup>ème</sup> Conférence... 2017, p. 8). É de fato importante notarmos que trata de forma recorrente o islamismo como religião do ódio. Essa caracterização vem ser importante em seus argumentos, pois há uma especial dificuldade de se diferenciar as formas de islamismo dentre seus fiéis, como pode ser visto a seguir:

De plus, l’expérience montre que les terroristes savent se glisser dans les flots de migrants pour pénétrer dans les pays qu’ils veulent frapper.

Arrêtons avec le discours sur les « réfugiés ».

Nous savons tous que la grande masse des migrants n’ont rien à voir avec la guerre civile en Syrie.

Ils sont des émigrés économiques qui fuient la misère dans leur pays d’origine au prix de risque inouïs.<sup>164</sup> (LE PEN, M. 5<sup>ème</sup> Conférence... 2017, p. 14)

É justamente essa dificuldade que faz com que os imigrantes, dentre eles os refugiados, sejam tratados como problema central. O imigrante muçulmano é tratado como um “outro” nocivo e perigoso.

Um ponto a ser destacado é o modo como coloca seus argumentos, no discurso em questão faz uso de estatísticas, fatos históricos e uma retórica que busca sempre tratar a tradição e o povo francês, que são ameaçados pelo terrorismo. Mais um ponto do mesmo discurso:

[...] Pour qu'il n'y ait toujours qu'un seul peuple français dans l'espace public, pour que chaque Français puisse dans le respect de la loi commune penser et agir comme il l'entend dans sa sphère privée, pour que chaque Française conserve ses droits, cette égalité que le fondamentalisme islamiste veut remettre en cause.

C'est l'assimilation républicaine qui détruira à terme le terreau du terrorisme islamiste.

C'est l'assimilation républicaine qui libérera nos compatriotes musulmans des amalgames que veulent les idéologues du fondamentalisme islamique.

Pour cela nous devons être collectivement forts.

Nous ne devons pas nous résigner.<sup>165</sup> (LE PEN, M. 5<sup>ème</sup> Conférence... 2017, p. 20)

<sup>163</sup> Os capelães muçulmanos que aqui estão tem uma missão: ensinar um islamismo que exclua esses desvios mortais e contra os dos detidos que se proclamam imãs do ódio.

<sup>164</sup> Além disso, a experiência mostra que os terroristas sabem como se infiltrar nas ondas de migrantes para entrar nos países que querem atingir.

Vamos parar com o discurso sobre os “refugiados”.

Nós todos sabemos que a grande massa de migrantes não tem nada a ver com a guerra civil na Síria.

Eles são migrantes econômicos que fogem da miséria em seu país de origem a um preço de risco incrível.

<sup>165</sup> [...] Para que sempre haja apenas um povo francês no espaço público, para que cada francês possa, respeitando o direito comum, pensar e agir como bem entender em sua esfera privada, para que toda francesa mantenha seus direitos, essa igualdade é o que o fundamentalismo islâmico quer questionar.

O trecho acima citado é emblemático, visto que evoca alguns dos principais pontos em sua defesa dos perigos do terrorismo islâmico que é infiltrado com os imigrantes: o povo francês ameaçado e a tradição que pode salvar os franceses de tal ameaça, trazido no discurso sob o signo da República. É interessante notar que faz uso de sentimentos e de forma hábil busca o apoio de certo grupo de muçulmanos. Entretanto, coloca a França de um lado e de outro o islamismo, especialmente por agregar em seu interior o fundamentalismo que permite o terrorismo.

Em certa medida faz entender que qualquer muçulmano é um terrorista em potencial, ou até mesmo os filhos deste, sem ao menos o pai o ser. Tudo que fala em seu longo discurso é decorrente disso, após construir o muçulmano como “outro”, um outro destruidor, abre-se espaço para qualquer tipo de argumentação.

O tema é recorrente em seus escritos, documentos e em seus discursos, o islamista como um potencial terrorismo e o terrorismo como um inimigo, passando pela imigração aparecem em diversos momentos.

É tomado cuidado para que as rupturas discursivas enquanto a grupos específicos não sejam definitivas, visto que parte da estratégia consiste exatamente em agregar votos desses grupos. Marine Le Pen como principal estrategista do partido, quando ascendeu à presidência do FN trocou todos os líderes próximos ao pai, buscando pessoas estratégicas para atuar ao seu lado, revitalizando a face do partido, que modifica mais sua forma que conteúdo na prática, mas a sua equipe serve como um argumento, visto que nela existem mulçumanos, homossexuais, negros dentre outros. Suas falas, por exemplo, são milimetricamente planejadas, suas ações e seu gestual, da mesma forma.

Sobre isso, a forma como constrói o muçulmano e a intenção de mesmo assim agregar grupos específicos, o documento *Terrorisme islamiste: Protégeons Les français* traz algumas pistas importantes. O documento faz o mesmo caminho do discurso tratado acima, damos especial atenção ao subtópico intitulado *Lutter contre le communautarisme et réaffirmer les valeurs de la France*, o ultimo do documento. Nele ao defender que o comunitarismo é a

É a assimilação republicana que acabará por destruir o solo do terrorismo islâmico.

É a assimilação republicana que libertará nossos compatriotas muçulmanos das amalgamas que os ideólogos do fundamentalismo islâmico querem.

Para isso, devemos ser coletivamente fortes.

Nós não devemos nos resignar.

grande ameaça para a França, pois ameaça seus valores, afirma “les revendications communautaires et les provocations politico-religieuses sont les conséquences directes d'une immigration massive. Le communautarisme est le terreau de la radicalisation<sup>166</sup>.” (LE PEN, M. *Terrorisme islamiste*) mas uma vez busca defender que o comunitarismo leva ao crescimento do número de imigrantes e automaticamente os perigos do terrorismo.

O importante no ponto no que diz respeito a argumentação aqui proposta é a forma como o documento trata outros grupos em seu interior, face a ameaça do terrorismo islâmico. Dentro do subtópico existe uma parte dedicada às mulheres *Réaffirmer le statut et les droits des femmes françaises*, o que é recorrente em sua argumentação e será retomado posteriormente, nele é possível ler:

Par clientélisme, par une peur fantasmée de la stigmatisation de l'islam ou de l'amalgame, les gouvernements qui se sont succédé ont abdiqué devant des mises en cause très graves de la laïcité et des droits des femmes. Le droit à l'intégrité corporelle est un droit parmi les plus essentiels. Ce droit est aujourd'hui attaqué pour nombre de femmes, dans les quartiers sensibles notamment.<sup>167</sup> (LE PEN, M. *Terrorisme islamiste*)

Parte importante de seu argumento é defender que as mulheres, tal como outros grupos, foram abandonados pelos governantes franceses, especialmente os franceses que residem em periferias, locais com grande número de imigrantes muçulmanos. No entanto, a parte que é pertinente aqui é apresentada na continuidade do documento:

L'immigration massive exacerbe des différences culturelles et de mentalité qui parfois, comme dans le cas de viols de masse commis par des réfugiés sur près de 2000 femmes allemandes à Cologne le 31 décembre 2015, aboutissent à des drames. La remise en cause du droit des femmes et, plus généralement, la remise en cause de leur liberté d'être et de se mouvoir, est un phénomène d'une gravité extrême qui ne doit pas être occulté.

Dans les quartiers sensibles, les personnes de confession juive, ou les homosexuels, sont aussi visés par l'intégrisme religieux, certains y ayant même laissé leur vie.<sup>168</sup> (LE PEN, M. *Terrorisme islamiste*)

<sup>166</sup> As reivindicações comunitárias e as provocações político-religiosas são as consequências diretas da imigração maciça. O comunitarismo é o terreno fértil para a radicalização.

<sup>167</sup> Por clientelismo, por um medo fantasiado da estigmatização do Islã ou do amágama, governos sucessivos abdicaram diante de sérios desafios ao secularismo e aos direitos das mulheres. O direito à integridade física é um dos direitos mais essenciais. Este direito está sendo hoje atacado por diversas mulheres, especialmente nos bairros sensíveis.

<sup>168</sup> A imigração em massa exacerba diferenças culturais e de mentalidade que, às vezes, como no caso de estupros em massa cometidos por refugiados em quase 2000 mulheres alemãs em Colônia em 31 de dezembro de 2015, levam a tragédias. O questionamento dos direitos das mulheres e, mais geralmente, o questionamento de sua liberdade de ser e de se mover, é um fenômeno de extrema gravidade que não deve ser ocultado.

Na sequência apresentada segue o mesmo tom da parte anterior, mostrando que as mulheres são vulneráveis, dentre elas, aqui não faz distinção e em outros locais as coloca como vítimas, as mulheres muçulmanas. Todavia, o importante é a introdução de outros grupos como potenciais vítimas do fundamentalismo islâmico, nesse caso, judeus e homossexuais. Não que em outro momento tais grupos não possam ser atacados, mas em certa medida são lembrados e protegidos pelas propostas do FN. Ressalta-se que o documento em questão tem como foco o terrorismo islâmico e mescla ideias diretas a isso mostrando como existem propostas para resolver o problema dentro do projeto de campanha, o *Au nom su people – 144 engagements présidentiels*.

No que diz respeito a questões identitárias é feito o que já fora apresentado aqui, existe em sua argumentação uma identidade central, que é essencial, ou seja, não muda, essa é ameaçada pelo multiculturalismo, ameaçada pelo islamismo, pelo radicalismo e logo pelo terrorismo; de outro lado, vai em direção a grupos que são fragmentados, mulheres, judeus, homossexuais e qualquer um que lhe interessar no momento da argumentação, tais grupos também são ameaçados pelo multiculturalismo, ameaçados pelo islamismo, pelo radicalismo, e claro pelo terrorismo. Enfim, todos os franceses são ameaçados pelo “outro”, no caso o muçulmano, mas o muçulmano construído em sua perspectiva, nos documentos, pronunciamentos e discursos.

### **2.3.1 O outro e a intolerância**

O conceito de tolerância exerce no discurso político contemporâneo papel de destaque. Com posturas polêmicas em relação aos imigrantes em especial aos muçulmanos é natural que Marine Le Pen seja acusada de intolerância. Em tempo, tais acusações vem desde a gestão de Jean-Marie Le Pen. O fato mais marcante neste aspecto, envolvendo o patriarca dos Le Pen ocorreu durante as eleições presidenciais de 2002, nas quais em um debate televisivo por ocasião do segundo turno da disputa eleitoral Jacques Chirac não compareceu e afirmou “diante da intolerância e do ódio, nenhum debate é possível.”<sup>169</sup>

---

Nos bairros sensíveis, as pessoas de religião judaica, ou os homossexuais, também são alvo do fundamentalismo religioso; alguns até perderam a vida.

<sup>169</sup> Chirac refuses Le Pen debate. The Guardian, 2002.

Mesmo a gestão marinista buscando suavizar incessantemente o discurso, também é tratada como intolerante. Na prática, o termo *tolérance* aparece tanto em seu livro *Pour que vive la France*, em seus planos de campanha, tanto de 2012 – *Pour la France et les français: la voix du peuple, l'esprit de la France* e o de 2017 – *Au nom du peuple*, quanto em seus discursos, primeiramente com a expressão “*tolérance zéro*” para com a violência, especialmente quando envolve imigrantes e para acusar seus adversários de excesso de tolerância para com os muçulmanos. O que interessa nesse momento, é o segundo emprego do termo. Vejamos:

Si le terrorisme est la partie violente de leur palette, l'affirmation communautariste, sa visibilité dans l'espace public, sa subversion de nos moeurs les plus banales, n'en est qu'une forme plus douce, celle qui leur est facile de faire accepter par tous les idiots utiles au nom d'une tolérance irréfléchie, celle qui leur est facile de négocier avec tous les notables recroquevillés sur leur minuscule pré carré, celle qui leur est facile d'acheter dans les institutions les mieux établies avec l'argent sale de tous les trafics.<sup>170</sup>

O trecho supracitado é parte da 5<sup>ème</sup> *Conférence Présidentielle*, que tem como foco o terrorismo como o próprio título do discurso aponta: *La France face au défi terroriste*, sendo usado aqui para exemplificar e mostrar que questões que envolvem tolerância estão presentes na vida política do FN também com Marine Le Pen. No entanto, do que falamos ao falar de tolerância?

Tratar tal questão não é tarefa simples, Paul Ricoeur em um ensaio de 1990 publicado em 1995 em Leitura 1: em torno do político, intitulado Tolerância, intolerância, intolerável, traz importantes contribuições. Parte-se aqui de algumas de suas interpretações para compreender o alcance da tolerância no interior do projeto marinista.

Paul Ricoeur (1995, p. 174) argumenta que dois perigos pairam sobre o discurso a respeito da tolerância, o da banalidade e o da confusão. Justamente por isso é preciso avançar para além do conceito entendido de forma meramente linguística, com isso visa superar a dicotomia tolerância / intolerância, surgindo assim o que ele chama de intolerável.

Nesse sentido, seguindo as reflexões do autor, as questões de liberdade são tratadas em relação ao comportamento individual: “tolerar significa desenvolver uma atitude que

---

<sup>170</sup> Se o terrorismo é a parte violenta de paleta deles, a afirmação comunista, sua visibilidade no espaço público, sua subversão de nossos costumes mais banais, não passam de uma forma mais branda, uma forma que é fácil de ser aceita por todos os idiotas úteis em nome de uma tolerância irrefletida, uma forma que é fácil de negociar com todos os impressionantes encolhidos em seu pequeno quadrado, uma forma que é fácil de comprar nas instituições mais bem estabelecidas com o dinheiro sujo de todos os tráficos.

consiste em admitir no outro uma maneira de pensar ou de agir diferente da que pessoalmente se adota” (Ricoeur, 1995, p. 175). Na mesma orientação, a intolerância está intimamente ligada ao conceito de tolerância, na medida que ela também é referente ao indivíduo, acima da esfera pública, vejamos:

Como disse antecipadamente, é notável que, na definição do termo *intolerância*, o sentido individual passe na frente da regra pública ou comum. O sentido n 1 “tendência a não suportar, a condenar o que não suportar, a condenar o que se desagrada nas opiniões ou na conduta de outro”. É nesse nível que se lança o grito ambíguo: “isso é intolerável”. (RICOEUR, 1995, p. 175)

O importante na argumentação de Paul Ricoeur é que ele propõe um caminho explicativo que necessariamente deve romper com a dicotomia habitual dos termos, visto que o intolerável ultrapassa essa dicotomia, por atingir os planos: institucional, cultural e religioso teológico.

No plano institucional há uma herança direta da dissociação da sanção política e unção eclesiástica que conduziu o Ocidente nos séculos anteriores ao surgimento do Estado de Direito, por consequência, este nasce sob a influência da cultura leiga e com a incumbência de garantir a igualdade de todos os indivíduos perante a lei. Assim sendo, há na justiça, a responsabilidade de corrigir as desigualdades oriundas das diferenças, logo, a justiça deve criar “igualdade de oportunidades” e “minimizar a vitimização”, que é a divisa do plano institucional (RICOEUR, p. 179-180). Desta maneira a tolerância encontra um sentido positivo:

[...] A proteção contra a obstrução não basta; a correção das desigualdades devidas à diferença de peso social é exigida pela regra de justiça. A tolerância assume então um sentido positivo: à abstenção acrescenta-se o reconhecimento do direito da existência das diferenças e do direito às contradições materiais de exercício de sua livre expressão. Desse modo, a justiça não se separa de certa proteção dos interesses de grupos fracos, na medida em que a justiça é inseparável de uma ação corretiva com relação aos abusos resultantes da pretensão do mais forte de se sobrepor à esfera de exercício da liberdade do outro. Do princípio da abstenção, começamos a nos deslocar para o princípio da admissão. (RICOEUR, 1995, p. 180)

Isto posto, a tolerância está no limite de não interditar ou exigir algo quando se tem a possibilidade de fazê-lo. Contudo, há uma pergunta plausível, e o intolerável com tudo isso?

Paul Ricoeur (1995, p. 181) argumenta que é no nível da confusão das instituições que reside o intolerável, visto que isso ultrapassa o grito do intolerante, confusão no nível das instituições entre justiça e verdade, ou pretensão à verdade. Havendo assim duas formulações

no conceito de justiça: a primeira relaciona-se ao princípio de igualdade no que diz respeito às relações sociais e no que diz respeito as regras de ordem, na defesa da ordem pública, que são necessárias na medida em que “as esferas de liberdade são competitivas e a expansão de cada um tende a se sobrepor a dos outros. Nesse sentido, as regras de ordem limitam a liberdade de expressão.” Desta forma, não podemos fazer uso da palavra todas as vezes que desejamos. Por outro lado, na segunda regra da justiça o postulado é que “quanto maior a for a liberdade do meu adversário, maior será a minha”. A questão fundamental é o perigo de sobrepor esferas rivais de liberdade, podendo ocorrer que as instituições confundam as dirigidas contra o conteúdo de certos discursos. “Neste sentido, o intolerável é sempre temível.” (RICOEUR, 1995, p. 181)

Sendo assim, o Estado de Direito não é absolutamente neutro e não o é porque não nasce vazio, é resultado de uma cultura e está presente nela. Cultura que o Estado de Direito exprime e protege. Com isso, na medida em que o objeto da justiça está, segundo o autor, presente em uma “mutação cultural” (Ricoeur, 1995, p. 182), para um melhor entendimento da tolerância é necessário compreender as mudanças culturais que a cercam, no caso, uma compreensão das justificações políticas e teológicas sobre a tolerância.

Há segundo Ricoeur (1995, p.182) a construção de uma cultura secular e livre da tutela eclesiástica pelos pensadores das Luzes. Tal mudança influi diretamente na questão da tolerância, acrescentando nela diferentes convicções. Há assim a necessidade de equilibrar duas tolerâncias, na qual cada campo renuncia a fazer interditar o que não pode impedir. O autor (1995, 183) alega que surge uma tolerância positivamente conflitual, “que consiste no reconhecimento do direito de existir do adversário e, no limite, numa vontade expressa de convivialidade cultural entre ‘os que crêem e os que não crêem no céu’”.

Nesse sentido exige-se um nível diferente no que diz respeito ao outro, um nível mais profundo que a tolerância no nível institucional. “Põe em jogo, num nível muito mais profundo que o das instituições, as atitudes fundamentais diante do outro” (Ricoeur, 1995, p. 183). A tolerância e o respeito em relação ao outro, o que ultrapassa os princípios da justiça em termos formais, visto que se exige o respeito mútuo.

O outro é sempre livre e o é tendo uma convicção diferente da minha, para que exista tolerância deve haver a renúncia de minha parte, de impor ao outro minha própria convicção. Assim, há uma necessidade de abstenção de constranger, o que segundo o autor “o

que não é fácil de assumir: o preço a pagar por esse respeito é, nos termos da nossa própria convicção, o direito do outro errar (RICOEUR, 1995, p. 184)".

Para Ricoeur (1995, p. 184) o que chamamos de tolerância merece mais o nome de indiferença, fazendo com que a tolerância deixe de ser algo difícil, na verdade ela perde a sua força. Novamente a pergunta torna-se necessária, e o intolerável? Paul Ricoeur destaca que "há para cada indivíduo, para cada comunidade, para cada coletividade nacional o intolerável" (RICOEUR, 1995, p. 185). Então qual seria o critério do intolerável? Ricoeur responde: "não pode haver senão um: é o que não merece respeito, se o respeitado é a virtude da tolerância no plano cultural" (RICOEUR, 1995, p. 185).

Paul Ricoeur destaca a necessidade de distinguir dois tipos de intolerável. O primeiro, como apresentado é resultado de nossas convicções, sua força e sua violência, ou seja: "da violência em nossas convicções, e o verdadeiro intolerável, que define o que não merece absolutamente nosso respeito porque exprime o irrespeitável" (Ricoeur, 1995, p. 185); é fazer com que nossas convicções, nossas verdades se sobreponham ao do outro, mais que isso, que elas sejam absolutizadas e despreze as possibilidades de outras verdades.

Mas Paul Ricoeur destaca que outra forma de intolerável ganha força, "o verdadeiro intolerável, que define o que não merece absolutamente nosso respeito porque exprime o irrespeitável (Ricoeur, 1995, p. 185). É o que o autor chama de abjeto, visto que é algo que rejeitamos porque devemos rejeitar, o que não pode ser tolerado; só existe por haver um consenso do que nós respeitamos.

É importante notarmos, sob as orientações de Ricoeur, que entre o intolerante e o intolerável verdadeiro a fronteira é móvel e complicada, especialmente porque o reconhecimento do outro, reconhecimento mútuo, é no limite o que baliza a tolerância. Mas no campo cultural, a questão da tolerância pode ser explicada da seguinte maneira, o intolerante é quem não permite que o diferente seja diferente, quem o rejeita, por outro lado, o tolerante é quem não admite quem não tolera o intolerável.

Por fim, Paul Ricoeur analisa a tolerância, intolerância e o intolerável no âmbito teológico, as justificações teológicas da tolerância que inclusive é o ponto mais crítico segundo o autor (RICOEUR, 1995, p. 185). É crítico por introduzir o pluralismo, ou um espaço de pluralidade que dê legitimidade ao diferente.

Na medida em que a sanção eclesiástica perde importância sendo menos requerida para legitimar o princípio, perde também o poder de uso do braço secular para sancionar pela

força o que ela trava como teologicamente verdadeira. Resgatando o que é segundo Ricoeur (1998, p. 187) seu único poder, a palavra. A interpretação de Ricoeur sobre a pluralidade nas confissões se dá da seguinte maneira:

[...] somos confrontados a uma diversidade de interpretações cristológicas, comportando uma diversidade de implicações éticas e certa variedade na concepção dos ministérios na comunidade. Testemunho desse pluralismo inicial é o fato de que a Igreja reconheceu quatro Evangelhos e não um só para testemunhar, por essa *unidade plural*, a proclamação central de que é o Cristo. (RICOEUR, 1995, 188)

A unidade plural é o que vem dar sustentação ao que chama de justificação teológica da tolerância. Paul Ricoeur entende que a figura de Cristo não limita o significado do que porventura chamamos de Deus, o que o possibilita entender Deus como um “totalmente outro” na perspectiva cristológica, na medida em que esse Cristo não é limitador de entendimentos. Isso porque “é com base nessa minha fé no Deus verdadeiramente outro – outro de mim, certamente, mas também outro de todas as minhas representações – o que podemos confessar que sua alteridade se revelou e se revela ainda *alhures* por meio de outras Escrituras” (RICOEUR, 1995, p. 189-190).

É pertinente notarmos que nessa interpretação a alteridade necessariamente abre espaço para o encontro com outros conjuntos simbólicos, conjuntos que estão para além das confissões cristãs. Nisso constitui a justificação teológica da tolerância. Mas enfim, nesse plano, o que seria o intolerável?

Pois bem, direi, paradoxalmente, que nesse nível de profundidade só o intolerante é intolerável. (...) o intolerável só tem lugar nos níveis anteriores: ele designa, de um lado, o que o consenso conflitual da minha cultura considera inaceitável; o abjeto, indigno de respeito, porque ele mesmo sem respeito; de outro lado, a pulsão sempre remanescente do poder político em dizer a verdade em vez de se limitar a exercer a justiça, o que é a suprema ascensão do poder. (RICOEUR, 1995, p. 190)

Ao afirmar que só o intolerante é intolerável, coloca a partir de uma interpretação com o fundo de compreensão do cristianismo a tolerância como algo fundamental nas democracias. O que não é tolerável é o que não tolera o outro, não o permitindo que esse o seja em sua totalidade, não o reconhecendo como parte constitutiva de nós mesmos. Mas claro, mesmo o intolerável não tendo lugar no nível apresentado, ele se faz presente.

No tocante da investigação em curso e com base nas considerações de Paul Ricoeur, como compreender Marine Le Pen e a questão da intolerância? Para tal resposta segue-se o

roteiro apresentado no presente tópico, buscando como Marine Le Pen trata as questões que envolvem tolerância nos planos destacados, colocando em evidência os documentos utilizados no ponto 2.3.

No plano institucional, a tolerância é utilizada quando Marine Le Pen acusa seus adversários de permitir que o Estado Francês seja conivente com o avanço do “outro”, no caso, muçulmanos. Exemplo disso é a maneira como se utiliza da justiça para delimitar o “outro” que é nocivo na medida em que diferencia o imigrante legalizado e os ilegais, como é feito nos documentos apresentados *L’Afrique: Notre première priorité internationale*<sup>171</sup> e *4<sup>ème</sup> Conférence Présidentielle “Par amour de la France”*<sup>172</sup>.

Nota-se que o balizador de quem deve ser tolerado é a justiça. Remetendo a Paul Ricoeur no que diz respeito ao plano institucional, no qual ao Estado que é incumbido da responsabilidade garantir a igualdade de todos os indivíduos perante a lei. Por conta disso, a tolerância reside no limite de não interditar ou exigir algo quando se tem a possibilidade de fazê-lo. E o intolerável?

Como tratado anteriormente, é na confusão das instituições que reside o intolerável, visto que isso ultrapassa o grito do intolerante, sendo a confusão no nível das instituições entre justiça e verdade, ou pretensão à verdade. Ao atentarmos para a orientação de Ricoeur de que a questão fundamental é o perigo de sobrepor esferas rivais de liberdade, podendo ocorrer que as instituições as confundam e ajam contra o conteúdo de certos discursos, é a forma como Marine Le Pen opera, buscando utilizar-se do Estado para impor determinado discurso, visando construir o que o Estado, logo a lei não deve tolerar.

No plano cultural, parte-se do pressuposto que o Estado não é isento de uma cultura específica, ou seja, o Estado de Direito não é absolutamente neutro e não o é porque não nasce vazio, sendo resultado de uma cultura e está presente nela. Cultura que o Estado de Direito exprime e protege. Desta forma, a tolerância e o respeito em relação ao outro ultrapassa os princípios da justiça em termos formais, visto que se exige o respeito mútuo.

Paul Ricoeur chama de abjeto aquilo que rejeitamos porque devemos rejeitar o que não pode ser tolerado; só existe por haver um consenso do que nós respeitamos. Assim, tratando como intolerante como o que não permite que o diferente seja diferente, quem o rejeita, por outro lado, o tolerante é quem não admite quem não tolera o intolerável. Marine Le Pen constrói

<sup>171</sup> África: nossa prioridade internacional.

<sup>172</sup> 4<sup>a</sup> Conferência Presidencial: Por amor a França.

uma visão do “outro” como intolerante, no caso o mulçumano, como destacado no ponto 2.3, alegando que são intolerantes porque não respeitam as mulheres, homossexuais, negros e até mesmo alguns muçulmanos. Se o islamismo é intolerante, logo, não deve ser tolerado.

Por fim o plano teológico, que pressupõe uma unidade plural, que é o que sustenta a justificação teológica da tolerância para Ricoeur, passando necessariamente pelo entendimento de que a figura de Cristo não limita o que chamamos de Deus e que a base do cristianismo é o Deus verdadeiramente outro – outro de mim, certamente, mas também outro de todas as minhas representações. Partindo daí a alteridade se revela também por meio de outras Escrituras, abrindo espaço para outros conjuntos simbólicos, inclusive alheios à cultura cristã.

Neste nível, o que não é tolerável é o que não tolera o outro, o que inviabiliza a alteridade necessária para que reconheça o outro como parte constitutiva de nós mesmos. Marine Le Pen busca caracterizar o islamismo como intolerante em sua essência, como um conjunto simbólico distante que ameaça o que chama de cultura cristã ocidental, na qual a França faz parte. Ao fazer isso, ao não reconhecer como um conjunto simbólico válido para o princípio de alteridade, não atinge os pressupostos básicos da tolerância, ou seja, não reconhece o islamismo como passível de tolerância, ao mesmo tempo em que não permite que haja tolerância com ele. No limite, Marine Le Pen apresenta sua face intolerante.

Marine Le Pen busca utilizar a tolerância para acusar o “outro” de intolerância, um “outro” construído a partir de sua perspectiva, almejando jogar os atos do “outro” ao nível do intolerável, acusando também seus adversários políticos de tolerância com algo que é intolerável. Ao fazer isso não apenas se mostra intolerante, mas deixa transparecer que a intolerância é um importante aspecto de suas ações políticas. Apesar de uma reestruturação na apresentação do FN, ele sob comando de Marine Le Pen, continua um partido pautado na intolerância.

## CAPÍTULO 3

### O TEATRO E A DEMOCRACIA: EM BUSCA DO PROTAGONISMO

Como tratado anteriormente, o *Front National* passa por modificações no decorrer de sua trajetória, como por exemplo, as modificações em sua abordagem, discurso e estratégias. A substituição de Jean-Marie Le Pen por Marine Le Pen também é uma modificação na forma como o partido se apresenta. Sendo ela a porta voz do partido, seus gestos, tom de voz, maneira de se vestir, formas de discursar passam a ser fundamentais para uma compreensão da nova fase do FN e a respeito de uma análise de até que ponto ele se modifica de fato ou apenas busca criar uma falsa sensação de mudança.

Isso se dá por conta da percepção por parte da administração do partido de que há modificações constantes no interior da democracia, fazendo com que as estratégias eleitorais se modifiquem. Assim sendo, as modificações na forma do partido passam por transformações nas maneiras de buscar gerir os sentimentos.

Como tratado no capítulo 1, “Memória e tradição: a reivindicação de si e de um lugar para si na tradição francesa por parte do FN”, as eleições presidenciais de 1988 marcam um divisor de águas nas relações do FN com partidos de direita, tanto tradicionais quanto os de extrema direita. Lembrando que para Piero Ignazi (2012, p. 37-38) o FN se torna uma referência para a extrema direita europeia, inclusive a francesa por conta de seu sucesso eleitoral, e especialmente por ter suplantado a exaustiva tradição neofascista que orientou a extrema direita nas décadas anteriores. Desta forma, a tentativa de se apresentar como um partido menos radical, com Marine Le Pen, é resultado de um processo de reconstrução, pelo menos na aparência, que encontra em Jean-Marie um entrave.

É necessário relembrar que o processo de desdemonização projetado por Marine Le Pen não afasta o FN dos partidos radicais europeus, pelo contrário, as relações com os partidos mais extremistas não são abaladas e ainda são fortalecidas, como o caso do belga/flamengo *Vlaams Belang* como afirma Piero Ignazi (2012, p. 45). Desta maneira, o que se comprehende aqui é que o FN busca em seu processo de desdemonização se adequar ao jogo democrático, ao fazer uso dele para atingir seus objetivos políticos.

O fazer democrático traz consigo uma gama de gestos que estão inseridos em todas as suas etapas, fazendo com que a Democracia tenha uma teatralidade elevada. Quem busca o

poder por vias democráticas ou se adaptar às regras democráticas deve necessariamente observar essa teatralidade. Na tentativa de desdemonização do partido, Marine Le Pen não apenas observa tais questões como busca fazer uso de estratégias que potencialize sua aceitação no interior da democracia francesa.

É importante observar que de tempos em tempos as expressões, os gestos aliados a eles e as formas de se sentir são modificadas. Por conta disso, antes de buscar uma análise de como o FN sob comando de Marine Le Pen modifica seu gestual e algumas questões que estão inerentes a isso, é necessária uma breve reflexão a respeito de como os gestos, formas de se vestir, de se portar são essenciais na democracia contemporânea.

Claudine Haroche defende que os gestos participam da fundamentação das instituições políticas. Com base em uma análise de Norbert Elias, a autora argumenta (2008. p. 37) que no funcionamento da corte havia um tipo de organização em cada gesto, cada postura designava simbolicamente a posição, o status e o poder de cada indivíduo. É salutar a percepção de que a regulação não apenas visava a representação exterior, a conquista do melhor status, da melhor potência, uma segregação que diz respeito aos “meros mortais”, tinha como função demarcar mentalmente as distâncias que separavam entre si, no plano interno, os membros da sociedade.

Com isso, destaca a possibilidade de se estudar o componente tanto material quanto simbólico e afetivo no que diz respeito ao funcionamento institucional, tal como o papel dos gestos e das posturas nas instituições. Contudo, é importante salientar que essas abordagens são pouco exploradas nas Ciências Humanas e Sociais.

A autora defende que os movimentos, as formas de gestos e posturas tem origem social. Desta maneira, são tradições que permitem uma pessoa fazer determinados gestos em detrimento de outros. Vejamos:

[...] Os movimentos, as atitudes ou próprios olhares são regidos por regras, princípios, cuja origem é social. Embora descreva todas essas condutas, Mauss confessa sua insatisfação diante da incapacidade em designá-las de maneira precisa. “Não sabia qual nome, qual título dar a tudo isso” (: 371). Formas, maneiras, atitudes, hábitos, tendências, inclinações, traços de personalidade, modos de vida? Ele conclui que se deve, em todos esses modos de ser, em todos esses modos de agir, esta é a expressão que emprega, “discernir ‘técnicas’: ‘as técnicas do corpo’” (: 371). De tudo isso, devemos manter, sem dúvida, que as formas, as posturas, os gestos e os movimentos são, em grande parte, atos cuja origem é social. (HAROCHE, 2008, p. 39)

O que a pesquisadora aponta é que Mauss percebe que meios, instrumentos e objetos são montados pela e para a autoridade social. Os gestos são importantes nas construções e nas ordenações sociais, desta feita, também são importantes na busca por posição.

Em consequência, as questões aqui apresentadas envolvem o governo de si. Haroche defende que o governo de si, quer se trate do corpo, quer se trate dos sentimentos, exige certa postura: o bem-estar do próximo e o respeito por ele, o exercício constante de um controle vigilante de si mesmo.

Neste ponto nota-se a pertinente questão do governo de si para a tentativa de governo dos outros, governo de si que passa pelas questões íntimas, como os sentimentos e a questão de postura externa. Claudine Haroche (2008, p. 31) destaca que, “quer se trate de economia doméstica ou de política, o governo de si é indispensável”, devendo governar docilmente, não apenas pelo uso da força. A autora acrescenta “ser mestre de si mesmo para se fazer amar, ser mestre de si para ser mestre dos outros”.

Claudine Haroche (1998, p. 54) destaca que no absolutismo havia a busca pela etiqueta como um meio político de dominação, de domesticação dos corpos e opiniões. Apresenta que o cardeal Richellieu é um dos que observou a possibilidade de se servir de uma norma gestual para fins políticos, sendo um dos primeiros a dimensionar o alcance político das regras de etiqueta. “Da vigilância meticulosa e incessante dos gestos, das posturas, dos olhares, Richellieu pretende fazer um uso político deliberado e sistemático. É nisso que ele verdadeiramente inova” (1998, p. 54).

Cabe aqui uma interpretação da etiqueta, o que a envolve, na questão do poder, vide que trabalhamos pensando em um sistema a priori democrático. Para tal, serão utilizados dois exemplos destacados por Haroche, as formas como os monarcas Luís XIII e Luís XIV são tratados no que diz respeito a suas respectivas posturas, seus gestos, sua etiqueta.

É emblemático como o cardeal Richellieu orienta Luís XIII em relação a sua proximidade com as pessoas no que diz respeito a sua função real. O cardeal reprova em Luís XIII uma familiaridade excessiva com seus próximos, o frequente esquecimento da distância e da reserva às quais o rei não deve jamais renunciar. Insiste, enfim, na necessidade de impor, ou melhor, de restaurar a etiqueta, garantia da ordem e da hierarquia (HAROCHE, 1998, p. 55).

O cardeal liga a desordem que seu reinado enfrenta à essas ações, logo depois sugere à vinculação dos nobres ao rei:

Encoraja-os a se aproximar, para que o sirva mesmo nas tarefas mais íntimas; o cardeal exorta Luís XIII nos seguintes termos: "... que Vossa Majestade se faça servir no futuro em todos os encargos de sua casa, excetuando-se os mais baixos, por fidalgos, o que, contribuindo para sua dignidade, tornará sua nobreza tanto mais cobiçada quanto forem os meios de se aproximar de sua pessoa". (HAROCHE, 1998, p. 55)

Na sequência Haroche afirma que em nenhum outro lugar essa observância para com a etiqueta é tão importante quanto na política. Para a autora (1998, p. 56), "não há quem tenha levado mais longe a arte de utilizar as regras de etiqueta quanto Luís XIV". Prossegue "Luís XIV soube perfeitamente utilizar a reserva, a contenção, e mesmo o silêncio imposto ao súdito até em seus corpos" (1998, p. 56).

Não percamos de vista que a autora trata sobre a necessidade do domínio de si para a construção do domínio dos outros. Desta maneira, para se impor é necessário impor formas e hierarquia à sociedade. Sobre formas, destaca alguns atributos de poder que constituem uma ordem hierárquica na sociedade:

Alguns atributos de poder, fundamentalmente ligados à apresentação pública do monarca, contribuem à constituição dessa ordem. Vestimentas, ornamentos ou, como dizia La Bruyère, equipagem ou aparatos; posturas gestos, olhares, condutas aparecem, assim como instrumentos de poder, instrumentos destinados a aumentar, graças a aparência, a grandeza, a majestade, a pompa, o domínio da monarquia sobre seus súditos. (HAROCHE, 1998, p. 58-59)

O período que Marine Le Pen se insere não é monárquico e ela não se liga a ele, entretanto, o que é destacado aqui é que para a governança e no caso do sistema democrático, há uma íntima relação entre o domínio de si e o domínio dos outros, o que privilegia necessariamente a questão dos gestos, vestimentas, ornamentos e toda ordem de aparatos descritos pela autora.

Tais questões se ancoram na gestão dos sentimentos políticos, desta feita, para a abordagem do presente capítulo leva-se em consideração as transformações dos sentimentos. Claudine Haroche (2008, p. 199-215) fala de transformações da maneira de sentir, passando por uma história das maneiras de sentir e até mesmo uma genealogia dos sentimentos.

O que é defendido são as maneiras de sentir que existem em uma história, havendo uma hierarquização dos sentidos, sendo uns mais importantes que outros em cada época. Como exemplo, Haroche (2008, p. 199) afirma que "durante a Idade Média, o tato foi, ao lado da

audição, o sentido mais importante. Hoje, na modernidade contemporânea, perde em importância tanto para esta quanto para a visão”.

Não cabe aqui traçar as modificações nas formas sensoriais em uma longa duração, mas destacar que existe na modernidade tardia formas sensoriais que são novas. Haroche (2008, p. 203) defende que “o caráter descontínuo das percepções se tornou, hoje, contínuo, ao passo que as sensações substituem as percepções, afastando a alternância entre movimento e pausa, condições do pensamento, bem como impondo um movimento incessante à pessoa que o emperra”. O que há de novo é que há uma alternância entre continuidade e descontinuidade das percepções como condição do pensamento. Isso afeta o sujeito, o eu e a personalidade.

Claudine Haroche (2008, p. 204ss) chama a atenção para uma mudança de percepção. Com base nos estudos de Janet que busca fazer uma antropologia e uma história dos sentimentos afirma:

Há, contudo, algo paradoxal no desenvolvimento dos sentimentos: a regulação e a ordenação nascem ou, ao menos, acompanha-se do sentimento e do engajamento, mas tendem a afastá-los ao se desenvolverem, outra maneira de dizer que o desenvolvimento e a intensificação da regulação e do ordenamento redundam ao declínio dos sentimentos: “ao chegar a certo ponto, constatei que a descrição dos sentimentos apresentava algo de surpreendente: à medida que os homens se tornavam mais inteligentes, atingiam um estágio psicológico superior, mais os sentimentos declinavam e desapareciam” (:562). (HAROCHE, 2008, p. 207)

Há um declínio de sentimentos no indivíduo contemporâneo o que acompanha as transformações que o mundo contemporâneo passa. Uma sociedade cada vez mais individualista e narcisista e ao mesmo tempo fragmentada. A esse respeito a autora prossegue:

Em outros termos, nas sociedades contemporâneas, a sensação contínua e o movimento permanente transformam os modos de funcionamento sensoriais: estimularam o desinteresse, o descompromisso e o desengajamento, bem como afastam as ideias de limite e consciência, e a própria noção de eu. (HAROCHE, 2008, p. 207)

A modernidade tardia modifica a noção do eu, tanto em suas relações com os outros quanto em sua relação consigo mesmo, no mesmo sentido sua relação com o espaço. A modernidade tardia, caracterizada pelo descompromisso e desinteresse leva ao desengajamento. As modificações do eu, acompanhada da fragmentação do sujeito e esse desengajamento são fundamentais na busca de entendimento de como funcionam ascensão da extrema direita francesa sob a tutela do FN.

Zygmunt Bauman na introdução de seu livro *Modernidade Líquida* (2014, p. 12-13) defende que os contornos que a sociedade toma com que haja modificações marcantes no que diz respeito ao indivíduo, o coletivo e o outro. Os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas de outro.

Contudo, Bauman explica (2014, p. 13) que o que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição das relações dos “poderes de derretimento” da modernidade. Em suma, nenhum molde é quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas são libertas de suas velhas gaiolas, mas condicionadas a escolher novos moldes, são livres para encontrar novos nichos apropriados e ali se acomodar e se adaptar (Bauman, 2014, p. 14).

Os padrões aos quais podíamos nos conformar, como pontos fixos e estáveis não existem mais e assim não servem como guias, gerando uma necessidade de substituição. O ser moderno torna-se um ser em movimento constante, na medida em que a realização pessoal está sempre no futuro, o que significa ter uma identidade que só pode existir como um projeto não realizado.

Para Bauman, duas características, no entanto, fazem nossa situação – nossa forma de modernidade – nova e diferente:

A primeira é o colapso gradual e o rápido declínio da antiga ilusão moderna: da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um *télos* alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã no próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa, de sociedade justa e sem conflitos em todos ou alguns aspectos postulados: do firme equilíbrio entre oferta e procura e a satisfação de todas as necessidades; da ordem perfeita, em que tudo é colocado no lugar certo, nada que esteja deslocado persiste e nenhum lugar é posto em dúvida; das coisas humanas que se tornam totalmente transparentes porque se sabe tudo o que deve ser sabido; do completo domínio sobre o futuro – tão completo que põe fim a roda contingência, disputa, ambivalência e consequências imprevistas das iniciativas humanas.

A segunda mudança é a desregulação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes. O que costumava ser considerado uma tarefa para a razão humana, vista como dotação e propriedade coletiva da espécie humana, foi fragmentado, (“individualizado”), atribuído às vísceras e energia individuais e deixando à administração dos indivíduos a seus recursos. (...) essa importante alteração se reflete na relocação do discurso ético/político do quadro da “sociedade justa” para o dos “direitos humanos”, isto é, voltando ao foco daquele discurso ao direito de indivíduos permanecem diferentes e de escolherem à vontade seus próprios modelos de felicidade e de modo de vida adequado. (BAUMAN, 20014, p. 41-42)

Essa marcante destruição das esperanças de aperfeiçoamento que tão fortemente marcaram a modernidade modificam a forma como o indivíduo se entende e se porta no mundo.

O processo de emancipação dá um valor maior ao indivíduo em relação ao cidadão, por fim, o indivíduo se importa mais consigo do que com a sociedade. Gerando uma decadência do engajamento político frente a uma individualização.

Há no processo de individualização uma fragmentação do humano que influencia nas formas de percepção e automaticamente na relocação de discurso dele e para ele. O indivíduo se torna isolado e responsável por seu sucesso e fracasso, ao mesmo tempo indiferente ao sucesso e fracasso do outro indivíduo que também é responsável, ou ao menos responsabilizado, por seu próprio sucesso e fracasso, é criada uma sociedade de indivíduos, um mundo de indivíduos. Neste ponto é necessário destacar que não há mais líderes ou busca por líderes prontos, sendo assim, quem busca o ser, deve necessariamente atingir cada indivíduo em sua particularidade, no que ele é no momento, uma vez que o movimento dá lugar ao *télos*.

Os indivíduos são desacomodados, não há necessariamente locais prontos de reacomodação e mesmo os locais que possam ser construídos são frágeis. Sobre os caminhos tomados pelos indivíduos Zygmunt Bauman alerta:

Não se engane: agora, como antes – tanto no estágio leve e fluido da modernidade quanto no sólido e pesado –, a individualização é uma fatalidade, não uma escolha. Na terra da liberdade individual de escolher, a opção de escapar à individualização e de se recusar a participar do jogo de individualização está decididamente fora da jogada. (BAUMAN, 20014, p. 47)

A autossuficiência do indivíduo é limitada na medida em que sua possibilidade de escolha é limitada e construída para além dele, o que há no indivíduo é uma sensação de liberdade, logo, o jogo a ser jogado por quem busca captar esse indivíduo não é sobre sua liberdade, mas sobre sua sensação de liberdade. Os indivíduos não são indivíduos de fato, mas são indiferentes aos outros indivíduos e tem uma sensação de individualidade.

Com a individualização e a crença de que cada indivíduo é responsável por si e por seu sucesso ou fracasso um indivíduo convive com a autorreprovação e com o autodesprezo, buscando constantemente soluções imaginárias. Desta maneira:

[...] Há, então, demanda por cabides individuais. Nossa tempo é propício aos bodes expiatórios – sejam eles políticos que fazem de suas vidas privadas uma confusão, criminosos que se esgueiram nas ruas e nos bairros perigosos ou “estrangeiros entre nós”. O nosso tempo é um tempo de cadeados, cercas de arame farpado, ronda dos bairros e vigilantes; e também de jornalistas de tabloides “investigativos” que pescam informações para povoar de fantasmas o espaço público funestamente vazio de atores, conspirações suficientemente ferozes para liberar boa parte dos medos e dos ódios

reprimidos em nome de novas causas plausíveis para o “pânico moral”. (BAUMAN, 20014, p. 55)

É marca desse tempo esse esvaziamento do espaço público e especialmente o local intermediário público/privado, no qual os problemas privados passam a ganhar o espaço dos problemas públicos. O privado tem colonizado o espaço público, assim, os medos, as angústias e os ódios privados passam a ser parte fundamental das discussões públicas. Gerando um espaço público vazio de questões públicas, preenchido por indivíduos isolados uns dos outros.

Essa redefinição da esfera pública traz os dramas privados ao cenário público em si, fazendo com que eles sejam expostos e publicamente assistidos. Tais redefinições marcam as relações entre esses indivíduos e marcam o período que o autor chama de modernidade líquida ou fluida.

Tais modificações nas maneiras de sentir, de se entender e de se relacionar são passíveis de utilizações políticas e eleitorais, aliás, o sucesso de uma demanda política e eleitoral passa necessariamente pela compreensão do tempo em que está inserido e das modificações que levaram a ele.

A ascensão de Marine Le Pen à frente do FN vai ao encontro desse período, fazendo uso de mecanismos que estão dispostos nesse tempo na intenção de atingir seu objetivo principal que é conquistar o cargo máximo da República francesa. Marine Le Pen faz uso de tal individualização, buscando utilizar-se pontualmente disso, tratando o outro em sua construção própria como lhe convém, buscando não perder o poder sobre os indivíduos. Para isso, faz uso de uma gestão de sentimentos, como vem sendo tratado nos capítulos anteriores.

Essa utilização, fazendo uso de uma constante gestão de sentimentos passa também pela gestão de si, passando por um controle de seus gestos, uma construção na forma de falar, o que inclui até mesmo o tom de voz e maneiras de colocar palavras, gestos, passando ainda pela forma de se vestir e de se portar em público. Busca-se neste momento analisar esses dois quesitos na gestão de Marine Le Pen no FN.

### **3.1 Marine Le Pen: das palavras aos gestos**

Governo de si para o governo dos outros é algo caro a Claudine Haroche (1992; 1996; 2008; 2016) na medida em que para a autora (2008, p. 26) “o governo de si é algo indissociável do governo dos outros, ou seja, um elemento central no desenvolvimento das

formas políticas e sociais modernas no seio das sociedades ocidentais.” Desta maneira, se faz necessário pensar no governo de si ao se tratar as formas políticas e sociais modernas. Sobre tal governo, a autora afirma:

O governo de si, quer se trate do corpo, quer dos sentimentos, exige postura: o bem-estar do próximo e o respeito por ele, o exercício constante de um de um controle vigilante de si mesmo. Deixar o corpo falar e exprimir muito francamente os sentimentos em sociedade são, portanto, atitudes a proscrever. É preciso lutar contra o excesso de interesse por si mesmo e manifestar atenção, deferência, respeito e consideração pelo outro. (HAROCHE, 2008, p. 207)

Constatar que na busca do governo dos outros se faz indispensável o governo de si não torna essa tarefa algo fácil, na medida que envolve desde o controle programado de gestos quanto de sentimentos.

A substituição de Jean Marie Le Pen por Marine Le Pen à frente do *Front National* se deu por conta de diversos fatores, tal como o esgotamento de uma forma de gestão partidária defasada, insatisfação nos quadros internos, uma crescente impopularidade entre votantes que resultou em um declínio de eleitores. Soma-se a isso que a figura de Jean Marie Le Pen se tornou um peso para a imagem do partido, sua postura tornou-se um problema para as pretensões do FN.

A obsolescência de Jean Marie Le Pen não apaga sua importância na construção e fortalecimento do partido, em especial na década de 1980 quando soube fazer uma leitura da conjuntura das extremas direitas no período, em certa medida restaurando o que seus antecessores haviam perdido, como defende Michel Winock (2015, p. 12-13). Portanto, ao pensar o FN em uma continuidade cada um se encaixa de maneira importante em seu tempo, a postura de Jean Marie Le Pen foi aceitável e necessária em outo momento do FN.

Com isso, não se intenciona defender que Marine Le Pen seja o ideal para o tempo que ela se insere, mas que ela procura ser essencial, ou digamos que, ela possui uma melhor percepção das transformações em que está inserida, ela serve melhor aos propósitos do FN e dos Le Pen no período. Marine Le Pen busca utilizar-se de seu tempo para atender suas demandas.

A intenção não é traçar um comparativo entre Le Pen pai e Le Pen filha, mas analisar como Marine Le Pen busca utilizar-se de uma gestão de postura em sua empreitada. No entanto, um comparativo inicial faz-se pertinente, pensando em ambos, é possível resgatar

o comparativo de que Claudine Haroche faz, e que foi tratado anteriormente<sup>173</sup>, de Luiz VIII e Luiz XIV no que diz respeito as orientações dadas pelo cardeal Richellieu no que diz respeito a posturas, gestos e etiqueta.

Não se compara aqui Marine Le Pen com Luiz XIV, mas é possível pensar a troca do pai pela filha à luz dos dois monarcas. Marine Le Pen não se aproxima de Luiz XIV, mas nada a impossibilita de tentar ou ao menos assim fazer parecer, Jean Marie Le Pen pode ser aproximado a Luiz VIII e, ele não se incomodaria com a comparação, ou seja, é possível tratar Marine Le Pen à luz de Luiz XIV com mais facilidade do que seu pai. A substituição de Jean Marie Le Pen por Marine Le Pen é também uma substituição de etiqueta necessária no período que ocorre, uma substituição que contaria com a aprovação do cardeal Richellieu. A gestão de sentimentos passa também pela gestão de posturas, gestos e etiqueta.

Pontua-se aqui que os monarcas são trazidos apenas para chamar a atenção no que diz respeito ao governo de si e a consciente gestão da postura por parte do FN, visto que o espelho no qual Marine Le Pen busca se projetar é Jeanne d'Arc, como apontado no tópico 1.4, “Lembrar e como lembrar: o rapto de Jeanne d'Arc”.

Retomando as considerações de Claudine Haroche e sua defesa que os gestos participam da fundamentação das instituições políticas busca-se uma análise da postura de Marine Le Pen, o que inclui sua forma de falar, gesticular e vestir.

Uma pessoa que ouve pela primeira vez um pronunciamento ou discurso de Marine Le Pen pode facilmente se impressionar com ele. Dotada de uma retórica programada e oratória marcante as usa em prol de seus propósitos, afinal, os propósitos do *Front National* passam por sua voz. É sabido das dificuldades da análise que se propõe, mas analisemos alguns aspectos das maneiras de falar de Marine Le Pen, tal como a hora de falar, com quem falar, palavras e tom de voz.

No que diz respeito a sua retórica, Lorella Sini (2017) em sua análise da linguagem do FN sob a tutela de Marine Le Pen afirma que esse faz uso de um discurso típico de grupos político, social etc., se expressando por meio de idiossincrasias, recorrências de frases feitas, metáforas ou uso desproporcional de neologismos particulares. Já no que diz respeito a argumentação propriamente dita, destaca que os discursos de Marine Le Pen confiam mais no *ethos* e no *pathos* mais do que nos *logos*. O objetivo das intervenções públicas do líder, na

---

<sup>173</sup> A partir da página 188.

verdade, é seduzir o público com a construção hábil da imagem de si mesmo e o que quer passar como imagem, mas também com a evocação de certos mitos nacionais, no caso é possível destacar Jeanne d'Arc, fazendo uma readequação para o público que está ouvindo.

Lorella Sini (2017) atribui ao processo de desdemonização uma mudança de linguagem fazendo uma substituição do sentido da história, substituindo o “sentido da História” (“*le sens de l'Histoire*”) pelos “casos da História” (“*les aléas de l'Histoire*”). Não é sem importância, desta forma, que palavras que são carregadas de significados como “Holocausto”, “Ocupação” e “Colaboração” são ressignificadas no interior do discurso marinista, sendo usadas abusivamente com um sentido metafórico, e sem letras maiúsculas, para se referir ou se aproximar de eventos mais atuais. Com isso, sobre uma possível caracterização da estratégia retórica de Marine Le Pen afirma que é possível dizer que os seus desenvolvimentos argumentativos são ambíguos, muitas vezes construídos e marcados por inflexões verbais excessivas para estigmatizar seus antagonistas, ou designar um bode expiatório (os “imigrantes”, o “sistema”). Tais elementos linguísticos caracterizam o que chama de “desordem do discurso.

Lorella Sini (2017) acrescenta que a habilidade de Marine Le Pen reside no fato de sua estratégia de comunicação ser estritamente controlada por assessores. Em quase todas as suas intervenções públicas, por exemplo, a expressão “*submersão migratória*” é encontrada sem jamais pronunciar as palavras “estrangeiro” ou “imigrante”. Se na mesma frase ou no mesmo parágrafo com tons denegridores, encontramos em co-ocorrência “*comunitarismo*” e “*jihadista*” ou “*terrorismo*” e “imigração massiva e incontrolada”, há uma busca de ligar aos muçulmanos ao terrorismo. Para Sini, a principal diferença entre o pai e a filha consiste no fato de que a filha insinua e o pai expõe seu credo sem subterfúgio. A retórica de Marine Le Pen inviabiliza uma acusação de que ela seja declaradamente racista ou antissemita.

Assim voltemos para a análise da forma como Marine Le Pen expõe o conteúdo. Um tom de voz que parece milimetricamente programado. Como tratado no capítulo 2, “Gestão dos sentimentos e a (re)construção do ‘inimigo’”, as falas e documentos assinados por Marine Le Pen passam por uma construção na qual os assuntos são colocados de forma programada, aliado a isso, há uma construção teatral da maneira de falar.

Retomando o que fora tratado no capítulo 2, “Gestão dos sentimentos e a (re)construção do ‘inimigo’”, de que Marine Le Pen em seus discursos busca construir uma espécie de fundo emocional que dê suporte a seus argumentos, faz uso em diversos momentos

de aspectos históricos, tratados sob uma perspectiva própria, resgatando uma memória e trazendo para os fatos uma afetividade que lhe convém, tudo para criar condições para direcionar os ouvintes/leitores/eleitores para seus reais objetivos, que culmina no voto. Para tal, faz utilização constante da tradição e cultura francesa, tal como de povo francês. Marine Le Pen cumpre um roteiro programado, no que fala, mas também na forma como fala.

Para referência serão tratados dois discursos<sup>174</sup> de Jean Marie Le Pen: *Discours de Jean-Marie Le Pen à la convention présidentielle du Front National* de 25/02/2007 e o discurso do *Congrès du Front National - Discours de Jean-Marie Le Pen - Evénement* de 15/01/2011, somando a eles um recorte de momentos de todas suas campanhas reunidos pela INA *Les 5 campagnes présidentielles de Jean-Marie Le Pen | Archive INA* e três discursos de Marine Le Pen: *Meeting de Marine Le Pen à Lyon – 07/04/2012*, o *Discours de Marine Le Pen du 1er mai 2015* e o discurso da *Conférence de Marine Le Pen sur la France durable 26/01/2017* que é o discurso da *1ère Conférence Présidentielle*.

Os discursos de Marine Le Pen são iniciados com expressões afetuosa, que são acompanhadas por uma fala afetuosa, com um tom de voz que indica isso. Não se trata apenas das palavras, mas a forma como são colocadas. Marine Le Pen usa a expressão “meus queridos amigos” em todos os seus pronunciamentos, em grande maioria é a primeira coisa que fala, em seguida são utilizadas expressões que aludem especificamente para a localidade em que discursa, podendo ser compatriotas, franceses ou outra expressão. Não que Jean Marie Le Pen não usasse a expressão de forma esporádica, ou que qualquer outro político não a use, o que é chamado a atenção aqui não é meramente a recorrência da expressão, mas a forma como é dita.

Marine Le Pen tem o hábito de pausar e olhar fixamente o público antes de iniciar suas falas, busca cumprimentar o público de forma que não pareça artificial, como se tivesse se dirigindo a cada um dos ouvintes, fala de forma pausada e soridente, busca fazer parecer que o “meus queridos”, por exemplo, é algo verdadeiro. O que é diferente da fala do patriarca dos Le Pen, que ao cumprimentar faz sem pausas e olhando para o mesmo lado ou até mesmo para o papel em que se encontra o discurso.

Outro ponto fundamental a ser tratado é a quebra de tom da fala de Marine Le Pen, do tom afetuoso para com o público para um tom de respeito e reverência quando se fala da

---

<sup>174</sup> Serão utilizados os discursos em vídeos por conta de algumas nuances das análises pretendidas, como tom de voz e gestos. Alguns discursos analisados na presente etapa já foram ou serão utilizados e referenciados de forma escrita no decorrer do trabalho.

França, sua história, cultura para enfim, num tom enérgico, quando fala de seus inimigos, sejam eles de outros partidos ou os inimigos tradicionais como o “globalismo” e a imigração em massa. Assim, une o conteúdo com uma forma específica de o passar. Jean Marie Le Pen tem uma fala monofônica, saindo dela nos momentos que perde o controle ou é provocado, nos discursos, quando a plateia tem alguma reação que não o agrade como vayas.

Sejamos justos com a idade e o cansaço do patriarca dos Le Pen, a vivacidade que lhe faltou nos últimos anos, era marcante nas décadas de 1970 e 1980, fazendo que seus discursos fossem incisivos e até agressivos. O que se estende aos debates, deixando transparecer um tom autoritário. Esse é um ponto fundamental de diferença, Marine Le Pen raramente peca pelos excessos, até seus ataques de fúria, parecem ser milimetricamente controlados.

Com isso, é possível analisar os gestos de Marine Le Pen que busca passar com eles segurança. Ao analisarmos os vídeos supracitados, é possível notar que a presidente do FN faz uso programado de gestos, de forma controlada, o que é importante para contrapor ao famigerado destempero do pai. É como se seu discurso tivesse sido ensaiado, mas sem perder a autenticidade. Busca não demonstrar descontrole, tal como no discurso de 1º de maio de 2015, quando houve protestos de grupos contrários pouco antes de sua fala.

Ainda no que diz respeito aos gestos é possível notar a interação com o público, se por um lado o pai parece se sentir incomodado com certas interações do público em seus discursos, Marine Le Pen parece ter total controle sobre ele, tal como no início do vídeo de seu discurso de 1º de maio de 2015, no qual ela faz gestos de regrer a plateia e manda beijos para seu público.

Marine Le Pen faz uso constante de sorrisos, mas também se mostra séria em diversos momentos de suas falas, no entanto o sorriso encontra papel fundamental na presente análise. Se Jean Marie Le Pen pode ser caracterizado como uma personagem sisuda, Marine Le Pen ao contrário se mostra como uma personagem avessa ao pai a esse respeito, uma espécie de mãe compreensiva, mas ao mesmo tempo forte e protetora.

Ponto importante na busca por respeito é a forma de se vestir. Retomando a questão de Luiz VIII e Luiz XIV e as formas de se portar a maneira de vestir é fundamental, as orientações do cardeal Richelieu tratadas por Haroche e aqui mencionadas não tratam diretamente os modos de vestir, entretanto, não é difícil de conjecturar que passam também por elas.

Não é que Jean Marie Le Pen não notasse essa importância, mas Marine Le Pen faz uma utilização programada dessa questão. Marine Le Pen usa na maioria esmagadora das vezes<sup>175</sup> um blazer ou um casaco em tom escuro, geralmente preto, algum tom de azul ou cinza. As maneiras de se vestir são notadamente enquadradas na tentativa de passar seriedade em seu discurso, visto que está sempre bem alinhada, sem excessos ou exageros, sem que suas vestes se tornem algo mais importante que o discurso em si, por isso compõe a importância do conjunto do discurso que não é meramente sua fala, as vestes também se incluem.

Nem excessos e tampouco a carência na fala, em especial em seu tom, nos gestos, sorrisos e nas vestes, ou seja, pelo controle. Na busca de gerir os afetos Marine Le Pen busca passar uma uniformidade em seus gestos, mostrando um controle da postura, um governo de si, na medida que o governo de si é fundamental na intenção de governar os outros, até mesmo indissociável como afirma Claudine Haroche (2008, p. 26).

A uniformidade de seus gestos, fala e modos de vestir podem ser observados, são construídas de maneira sutil, buscam mostrar que Marine Le Pen é uma pessoa digna de confiança, que não se altera que se enquadra nas regras de etiqueta sem perder sua força, ou seja, alguém que tem o governo de si. Tais quesitos visam romper com a imagem do pai, saí o explosivo e incontrolável Jean Marie Le Pen e entra Marine Le Pen com seu perfeito domínio de si, que pode ser notado na etiqueta, ou seja, nos gestos, fala e até mesmo maneiras de vestir, lembrando que para Claudine Haroche (1998, p. 54) que desde o absolutismo a busca pela etiqueta é um meio político de dominação, de domesticação dos corpos e por fim, opiniões. A desdemonização do partido passa necessariamente por tais quesitos.

### **3.2 Uma mulher de direita**

Os rostos das extremas direitas europeias durante décadas foram eminentemente masculinos, com homens em cargos de liderança. Essa face tem se modificado no século XXI, mulheres de extrema direita tem ganhado notoriedade em alguns países europeus, como os casos de Frauke Petry uma das líderes do AfD na Alemanha, Beata Szydlo na Polônia, uma das principais articuladoras da campanha vitoriosa de Andrzej Duda à presidência, Anke Van

---

<sup>175</sup> Como dito, Marine Le Pen raramente é vista com tons de outras cores, raras exceções são: o discurso de Paris de 17 de abril de 2017 e no primeiro debate presidencial em 24 de abril de 2017 nos quais trajava um blazer vermelho e no encontro do *Front National*, agora *Rassemblement National - RN* em Lyon em 11 de junho de 2018 onde trajava um blazer em um tom de cinza claro.

Dermeersch senadora pelo *Vlaams Belang* na Bélgica, Alessandra Mussolini na Itália, Siv Jensen na Noruega, que não apenas é líder do Partido Progressista, mas também Ministra das Finanças desde 2013 e Pia Kjaesgaard uma das fundadoras do Partido Popular dinamarquês. No entanto, nenhuma delas tem tanta notoriedade quanto Marine Le Pen.

Marine Le Pen se diferencia das demais não somente por ser o principal nome do partido sendo sua porta voz e candidata ao cargo máximo de seu país, o que a afasta das demais é o fato dela usar de maneira programada o fato de ser mulher e incorporar em sua estratégia uma defesa dos direitos das mulheres, buscando relacionar seu nome a defesa destes direitos. O que faz Marine Le Pen se apropriar das causas femininas?

É possível entender tal estratégia no interior do processo de desdemonização do FN sob seu comando, na qual a suavização na forma de apresentação é aliada de maneira indireta à questão islâmica. Uma modificação da política dos costumes, termo utilizado por Sylvain Crépon (2015), afastando o partido que em sua história foi caracterizado como conservador.

Si le Front national de Jean-Marie Le Pen a longtemps gardé l'image d'un parti conservateur en matière de mœurs, les prises de position de Marine Le Pen permettent de pointer un infléchissement en la matière : opposée à l'abrogation de la loi Veil, défendant ses conseillers dont l'homosexualité a été révélée, assumant l'image d'une femme moderne à la situation matrimoniale en phase avec son temps. Prétendant incarner un FN libéral sur le plan des mœurs, la nouvelle présidente ne manque pas de fustiger la sexismé en l'homophobie des populations d'origine immigrée, en particulier musulmanes, ainsi jugés inassimilables. Aussi, loin de couper le FN de sa logique nationaliste, cette réorientation en matière de mœurs ne fait que l'adopter aux évolutions sociétales contemporaines, et ce alors qu'il doit composer avec une frange conservatrice qui continue de peser très significativement dans le parti.<sup>176</sup> (CRÉPON, 2015, p. 185)

O *Front National* de Marine Le Pen passa por modificações pontuais no que diz respeito aos costumes, o que pode ser entendido como mudanças cuidadosamente estratégicas. Isso porque busca fazer uso de mudanças no mundo contemporâneo sem necessariamente se desvincular de sua lógica nacionalista. Com isso almeja angariar votos de grupos que em outros

---

<sup>176</sup> Se o *Front National* de Jean-Marie Le Pen há muito tempo mantém a imagem de um partido conservador em termos de condutas, as posições que a Marine Le Pen toma apontam uma mudança no assunto: ela se opõe à revogação da lei do véu, defende seus conselheiros cuja homossexualidade foi revelada e assume a imagem de uma mulher moderna cuja situação conjugal está alinhada a seu tempo. Tentando encarnar uma FN liberal em termos de condutas, a nova presidente não deixar de castigar o sexismó na homofobia das populações de origem imigrante, especialmente a muçulmana, por isso considerada inassimilável. Também, longe de privar a FN de sua lógica nacionalista, esta reorientação em termos de condutas está simplesmente adotando as evoluções sociais contemporâneas, e neste caso ela precisa compor com uma minoria conservadora que continua a pesar muito significativamente no partido.

momentos não votariam no FN sem perder o apoio de sua base conservadora. De fato, é um desafio para a desdemonização.

Para entender como o *Front National* de Marine Le Pen utiliza essa estratégia, será tratada a forma como ela se utiliza do fato de ser mulher em seus discursos, mas especialmente em dois documentos: sua autobiografia *À Contre Flots* (2012) e uma revista de campanha para as eleições de 2017 *Marine Presidente*<sup>177</sup>. Este último é marcantemente importante por ser o único material de campanha traduzido, de maneira oficial, para outros idiomas, inglês e espanhol, o que é algo importante, visto que Marine Le Pen destaca sempre a importância da língua francesa como aspecto fundamental de sua cultura.

Marine Le Pen não se apresenta com um “apesar de ser mulher”, mas um “antes de tudo, mulher”. O que é explorado exaustivamente por ela em diversos momentos. Entretanto, não basta necessariamente ser mulher, busca passar uma imagem de mulher moderna, mas de uma maneira que não ofenda a ala conservadora do partido, que é a base de seus votantes. O projeto de desdemonização passa por uma reconstrução do posicionamento do partido em relação a questão dos costumes, passando necessariamente por uma mulher.

A revista *Marine Présidente* (2017), apesar de ser uma peça publicitária da campanha eleitoral de Marine Le Pen para as eleições presidenciais de 2017, permite notarmos como essa relevância é tratada. Primeiramente o formato de revista trazendo Marine Le Pen na capa, com seu tradicional blazer azul marinho, com um olhar fixo, sorriso controlado e braços cruzados.

Ao lado da imagem, alguns subtítulos que serão abordados no interior da revista. Sendo eles: ***Côté privé: une femme de cœur – Derrière la femme politique, la mère, la soeur***<sup>178</sup>, alinhado na parte superior esquerda, ***Dans l'arène : dans un monde d'hommes – Être femme en politique est un atout, pas un handicap***<sup>179</sup>, alinhado na parte inferior esquerda, ***L'avocate : la femme : de conviction – La voix des sans-voix, la voix du peuple***<sup>180</sup>, na parte superior direita. Em um olhar desatento é possível imaginar que se trata de uma revista, não de uma peça publicitária, no entanto duas coisas dão o tom da publicação, a marca de campanha no centro logo abaixo da imagem de Marine Le Pen “*Au nom du Peuple*” e uma frase que vem logo

<sup>177</sup> É chamado aqui de revista por conta de seu formato, com layout e pequenas reportagens, com destaque para frases importantes no interior dos textos, ao estilo de uma revista, apesar de ser um documento de campanha.

<sup>178</sup> **Vida privada: uma mulher de coração** – Por trás da mulher política, a mãe, a irmã.

<sup>179</sup> **Na arena: em um mundo de homens** – Ser mulher na política é um trunfo, não uma deficiência.

<sup>180</sup> **A advogada: a mulher: de convicção** – A voz dos que não têm voz, a voz do povo.

abaixo, como se fosse uma frase dita em algum momento das entrevistas, que demonstram o real significado do documento em análise «*Je veux défendre les femmes françaises*»<sup>181</sup>.

A capa da peça pode ser traduzida como Marine Le Pen: uma mulher sensível, obstinada e forte em um mundo dominado por homens, uma mulher que quer defender as mulheres, sobretudo as francesas, em especial contra os ataques islâmicos. Mas também busca mostrar que detrás da política existe uma mulher de família e que buscará ser a voz dos esquecidos.

Busca-se passar um equilíbrio entre uma mulher moderna, que visa defender a inserção da mulher em um mundo dominado por homens e ao mesmo tempo uma mulher tradicional, que defende os valores da família. Como afirma Crépon (2015, p. 187), há uma tentativa de apagar a imagem de um partido conservador, sexista e homofóbico na área dos costumes sem abandonar sua orientação conservadora, por mais contraditório que isso possa ser.

A segunda página do documento em análise busca cumprir o papel de apresentar Marine Le Pen, não meramente a apresentar, busca retirá-la da sombra do pai, mostrando-a como uma mulher independente e obstinada, sem perder a doçura. Neste intuito, na parte superior da página aparece ao lado da marca de campanha, duas fotos com as frases *Jeunesse* «*J'ai toujours vu la vie comme un cadeau*»<sup>182</sup> e *Avocate* «*Chacun a droit de faire entendre sa voix, le peuple français aussi*»<sup>183</sup>. O que parece ser uma maneira tímida e até mesmo mecânica de se apresentar, muda de tom com a frase que vem em destaque na parte superior da folha, estando em uma fonte maior, centralizado e de forma bem visível: “*Telle que jesuis ! Le document que vous tenez entre les mains est né d'un constat : les Français me connaissent peu, ou mal.*”<sup>184</sup> O documento busca separar de forma definitiva Marine Le Pen de seu pai, buscando demonstrar que o FN tem nova direção e novo direcionamento.

É recorrente Marine Le Pen se defender e dizer que não pode pagar pelos erros do pai, lembremos que a desdemonização conta especialmente com a demonização. Para isso é necessário mostrar a “verdadeira Marine”, desta maneira, busca convencer que abre sua vida para os franceses.

<sup>181</sup> “Eu quero defender as mulheres francesas”.

<sup>182</sup> Juventude “Eu sempre vi a vida como um presente”.

<sup>183</sup> Advogada “Todo mundo tem o direito de fazer sua voz ser ouvida, o povo francês também”.

<sup>184</sup> “Como eu realmente sou! O documento que você tem em suas mãos nasce de uma declaração: os franceses me conhecem pouco ou mal”.

Uma frase de Marine Le Pen é marcante na segunda página do documento em análise “*Si je dois être critiquée, que je le sois sur des éléments avérés et non sur des mensonges*”<sup>185</sup>, buscando assim construir uma narrativa de sua própria história. Com a ideia de que antes de se votar em um político se vota em uma pessoa, Marine Le Pen busca mostrar seu lado humano. Para isso três subtítulos são apresentados:

1 – ***Une femme libre qui agit sans complexe dans un monde d'hommes***<sup>186</sup>, utiliza o fato de ser uma mulher para se colocar como alguém com uma visão particular sobre um mundo que as mulheres são inseridas, buscando dar valor especial para sua visão feminina, no tópico é possível ler:

Être femme en politique n'est pas forcément chose aisée, c'est souvent un handicap. Marine n'en fait pas un argument, mais un « plus ». Une femme porte un regard particulier sur la vie qui chaque jour met en jeu mille choses concrètes ; cette perception permet de trouver un juste équilibre entre l'exercice de l'autorité et le souci de protection et de compréhension des situations. Cette sensibilité féminine c'est aussi ce qui l'amène à mieux percevoir l'injustice, faire la part entre le tolérable et l'impardonnable et, peut-être, l'incline davantage à la défense des plus faibles.<sup>187</sup> (LE PEN, M 2012 b p. 2)

Marine Le Pen usa sua biografia como um exemplo do que as mulheres francesas sofrem, procurando vender a ideia de que ela incorpora o sofrimento que essas mulheres passam no cotidiano, mas sem perder a humanidade que o olhar feminino carrega consigo.

Em seguida no subtítulo *Trois enfants en un an !*<sup>188</sup> é narrada a fase da vida de Marine Le Pen em que ela tem três filhos em um curto espaço de tempo, visto que após dar à luz a Jehanne, em menos de um ano concebia os gêmeos, Mathilde e Louis em menos de um

<sup>185</sup> Se eu tenho que ser criticada, que seja sobre coisas comprovadas, e não com base em mentiras.

<sup>186</sup> Uma mulher livre que age sem complexo em um mundo de homens.

<sup>187</sup> Ser uma mulher na política não é necessariamente algo fácil, muitas vezes é uma deficiência. A Marina não é um ponto contra, e sim um “plus”.

Uma mulher tem um olhar especial da vida que todos os dias põe em jogo mil coisas concretas; Esta percepção permite encontrar o equilíbrio certo entre o exercício da autoridade e o problema com a proteção e a compreensão das situações.

Esta sensibilidade feminina é também o que a leva a perceber melhor a injustiça, a fazer a parte entre o tolerável e o imperdoável e talvez a inclinar mais a defender os mais fracos.

<sup>188</sup> Três crianças em um ano.

ano. A narrativa demonstra as dificuldades de ser mãe e continuar atuando no mundo da política, mas sobretudo, mostra que apesar disso, jamais permitiu que as vidas dos filhos fossem expostas. Ao lado do texto há uma foto de Marine Le Pen sorrindo e segurando Jehanne, sua primeira filha ainda bebê.

Já no subtópico *Avec ses deux soeurs, Marie-Caroline et Yann*<sup>189</sup>, são apresentadas as irmãs de Marine Le Pen, Marie-Caroline Le Pen e Yann Le Pen com uma foto atual das duas irmãs e um texto ao lado que diz:

Comme elles, Marine a vécu  
durant son enfance et sa jeunesse  
les injustices liées au nom qu'elles  
portent. Cette expérience parfois  
douloureuse a rapproché  
les trois soeurs.<sup>190</sup> (LE PEN, M 2012 b p. 2)

É importante salientar que o texto coloca as irmãs em evidência, ao mesmo tempo que demonstra que Marine Le Pen é uma mulher que sofre como todas as outras, mas ainda sofre as injustiças que o nome Le Pen traz, o que ocorreu também com suas irmãs. É importante um contraponto, o sobrenome Le Pen é tratado como se fosse uma maldição e uma bênção, ou seja, objeto da demonização e da desdemonização. Nisso, Marine Le Pen se insere em dois grupos distintos, seu já tradicional eleitorado conservador, buscando aliás, não se distanciar dele ao mesmo tempo que visa se aproximar de outro público, mais progressista, que tem as mulheres, o olhar e o discurso feminino como fundamentais.

Na página subsequente, há uma insistência em mostrar que Marine Le Pen é pouco conhecida e por conta disso mal compreendida, na medida em que é automaticamente ligada a visão política do pai.

Bien sûr, le grand public connaît le mouvement que  
je préside, ou encore une partie de mon projet politique.  
**Mais de moi, de mon parcours, de ma vie, les Français ne savent presque**  
**rien. C'est peut-être aussi un peu de ma faute d'ailleurs :** j'ai toujours  
rechigné à me dévoiler, encore davantage à dévoiler ma vie privée. Je considère qu'un  
responsable politique doit être jugé sur son projet, sa capacité à le mener, et  
notamment sa détermination et ne pas s'épancher sur ses états d'âme ou ses petites  
blessures narcissiques que tant de mes adversaires n'hésitent pourtant pas à porter en  
bandoulière.

---

<sup>189</sup> Com suas duas irmãs, Marie-Caroline e Yann.

<sup>190</sup> Como elas, Marina viveu durante sua infância e juventude as injustiças ligadas ao nome que carregam. Esta experiência, por vezes dolorosa, aproximou as três irmãs.

Mais je crois aussi qu'il est important de faire comprendre comment j'ai construit ma pensée et ma démarche politique. Elles permettent de percevoir l'ambition qui m'anime pour notre nation et ce lien intime qui m'unit à notre peuple. Puisque voter c'est porter un jugement sur celui qu'on choisit, j'ai voulu, pour cette élection présidentielle, que vous puissiez me connaître telle que je suis vraiment.<sup>191</sup> (LE PEN, M 2012 b p. 3)

A insistência em apresentar Marine Le Pen como alguém pouco conhecida e por conta disso pouco compreendida persiste. Em meio a uma apresentação da carreira de Marine Le Pen, tanto como advogada, destacando seu sucesso como profissional e nos estudos acadêmico, quanto sua formação e atuação política. Tais questões são tratadas sem deixar de destacar o fato de Marine Le Pen ser mulher. Ponto marcante a esse respeito é o seguinte trecho:

Qui mieux qu'une femme pour parler des femmes, de leurs difficultés, de leurs préoccupations réelles, du lien particulier qui les lie à leurs enfants ? Pour l'avoir vécue, Marine sait la difficulté d'allier les contraintes d'une vie professionnelle et la disponibilité nécessaire à la vie familiale : signer le carnet de correspondance ou voir un professeur, acheter en urgence une paire de baskets ou résERVER les vacances... Elle comprend aussi le sentiment de celles qui, parce que femmes, subissent l'injustice, le harcèlement de rue ou dans le travail ou se voient imposer des exigences vestimentaires notamment par les islamistes. Elle sait ce que ressent une femme qui se voit interdite de fréquenter un lieu ou insultée parce qu'elle porte une jupe ou un short.<sup>192</sup> (LE PEN, M 2012 b p. 3)

Essa tentativa em passar que ser mulher é um atributo a mais é recorrente em suas argumentações. Procura a todo momento convencer que ninguém melhor que uma mulher para entender os problemas das mulheres francesas e dos franceses, buscando tratar de problemas cotidianos da vida das mulheres francesas e não meramente problemas políticos se mostrando

<sup>191</sup> Claro, o público em geral conhece o movimento que eu presido, ou uma parte do meu projeto político. Mas sobre mim, sobre minha jornada, sobre minha vida, os franceses não sabem quase nada. Talvez isso seja um pouco por minha culpa: eu sempre relutei em me revelar, ainda mais para revelar a minha vida privada. Eu considero que um líder político deve ser julgado sobre seu projeto, sua capacidade de realizá-lo, e em particular sua determinação; ele não deve despejar seu estado de espírito ou suas pequenas feridas narcisistas, que tantos dos meus adversários não hesitam em levar a tiracolo.

Mas eu também acho que é importante deixar claro como eu construí o meu pensamento e minha abordagem política. Eles permitem que se perceba a ambição que me conduz pela nossa nação e este vínculo íntimo que me une com o nosso povo.

Já que votar é carregar um julgamento sobre aquele que se escolhe, eu queria, para esta eleição presidencial, que vocês pudessem me conhecer como eu realmente sou.

<sup>192</sup> Quem melhor do que uma mulher para falar sobre as mulheres, suas dificuldades, suas preocupações reais, o vínculo especial que as une aos seus filhos? Por ter vivido isso, Marine sabe a dificuldade de combinar as restrições de uma vida profissional e a disponibilidade necessária para a vida familiar: assinar o livro de correspondências ou ver um professor, comprar com urgência um par de tênis ou reservar as férias...

Ela também entende o sentimento daquelas que, por serem mulheres, sofrem a injustiça, o assédio na rua ou no local de trabalho, ou sofrem exigências de vestimenta, impostas principalmente pelos islâmicos. Ela sabe como uma mulher se sente quando é proibida de entrar num recinto ou é insultada porque está usando saia ou shorts.

com uma visão diferente no que diz respeito aos problemas cotidianos. A expressão, atribuída a Marine Le Pen no documento é emblemática “*La sensibilité féminine permet parfois de mieux comprendre*”<sup>193</sup>, mostra que o FN com Marine Le Pen se utilizará do fato de sua presidente ser uma mulher de maneira exaustiva.

Na sequência do documento, na mesma página em análise, sua atuação como advogada e como presidenta do FN são destacadas, em suma para aliar sua sensibilidade e capacidade. Em meio a essa construção é trazido um pequeno trecho em forma de reportagem, na verdade mais uma informação, de que com oito anos Marine Le Pen sobreviveu milagrosamente a um incêndio no apartamento da família. A tentativa de construir Marine Le Pen como uma pessoa comum, em especial mulher, apesar de o sobrenome Le Pen ser marcante.

A última página do documento em destaque destoa do que fora apresentado aqui, ela é uma forma de propaganda de sua carreira política e como advogada, sem mencionar em algum momento o fato de Marine Le Pen ser mulher. Destacando 7 pontos de seu projeto presidencial, os *144 Engagements présidentiels*, sem nenhum deles ser voltado diretamente para as mulheres. Ao lado uma foto de Marine Le Pen conduzindo um barco, ato que funciona simbolicamente como conduzir a França em mares revoltos.

É pertinente destacar que o documento em análise é uma forma resumida, mais apresentável e de melhor acesso de sua autobiografia *À contre flots*<sup>194</sup> (2012), por conta disso é pertinente uma análise do livro autobiográfico de Marine Le Pen, em especial nas partes que acrescentam algo substancial ao documento supra analisado.

O livro é construído com uma narrativa que ordena a vida de Marine Le Pen de forma cronológica, dando destaque a momentos decisivos tanto em sua vida pessoal quanto em sua formação política e profissional, incluindo a presidência do FN. Antes, porém, é oportuno destacar a dedicatória do livro, que diz: “À Jehanne, Louis et Mathilde, qui comprenderont plus tard que le temps que je n'ais passé auprès d'eux, je l'ai tout de même dépensé pour eux...”<sup>195</sup> (LE PEN, M. 2012, p. 7). A dedicatória mostra o direcionamento que o livro tomará, uma apresentação política, mas especialmente de uma mulher de família.

---

<sup>193</sup> A sensibilidade feminina às vezes permite entender melhor.

<sup>194</sup> Contra a maré.

<sup>195</sup> Para Jehanne, Louis e Mathilde, que mais tarde compreenderão que o tempo que eu não passei ao lado deles, eu ainda assim gastei para eles...

Em tal construção, considerando que o livro é composto de 16 capítulos, alguns ganham destaque. Os capítulos de 1 a 5 contam a infância de Marine Le Pen, ao lado das duas irmãs mais velhas. Se no capítulo 1 *Bienvenue dans un monde sans pitié*<sup>196</sup> busca mostrar que nascera em uma família que preza pelos valores tradicionais, descreve o apartamento que moravam e atitudes comuns de famílias comuns, não obstante, mostra que o atentado direcionado a seu pai, Jean-Marie Le Pen, em 1976 (p. 18) fez com que Marion Anne Perrine, nome de batismo de Marine Le Pen, percebesse desde cedo, aos 8 anos, que sua família não era comum, por seu pai ser alvo de ódio. Ao dizer “Voilà avec quoi il nous a fallu vivre et compter à partir de là.”<sup>197</sup> (p. 21), é como que se a partir do atentando Marion Anne Perrine, com apenas 8 anos, passasse a se transformar em Marine Le Pen, que é o intuito a ser evidenciado pelo livro. O segundo capítulo mostra como Marine Le Pen aprendeu desde cedo viver com a política, visto a liderança política de seu pai.

É interessante notar a construção do livro os capítulos 3 *À l'école laïque... mais pas neutre*<sup>198</sup> e o 4 *Dieu... reconnaîtra les siens*<sup>199</sup> visa mostrar uma formação laica ao mesmo tempo que busca se apresentar como alguém ligada aos valores religiosos cristãos. Nisso é possível ver uma importante estratégia que é se afastar do núcleo católico do partido, ligado tradicionalmente à Bruno Gollnisch, seu adversário na disputa pela presidência do partido, sem se afastar dos eleitores católicos.

O capítulo 6 *L'e anée du malheur*<sup>200</sup> abre um importante marco na estratégia de Marine Le Pen de buscar mostrar sua faceta mais humana para a população, se abrir, inclusive seus momentos mais traumáticos, o capítulo vem tratar a morte de sua mãe. Seu relacionamento com a mãe, Pierrette Lalanne foi bastante conflituoso, em especial pelo fato de Pierrette ter fugido com um jornalista e depois ter posado nua para a Revista *Playboy*<sup>201</sup> como um ato de vingança contra Jean-Marie Le Pen, o que fez com que Marine Le Pen, então com 17 anos, evitasse contato com a mãe durante uma década. Abrir essa fase constantemente escondida de sua biografia, visto que anteriormente era tratado como um tema tabu, funciona como uma estratégia de mostrar seu lado mais humano.

---

<sup>196</sup> Bem-vindos a um mundo sem misericórdia.

<sup>197</sup> É com isso que nos coube viver e contar.

<sup>198</sup> À escola laica... mas não neutra.

<sup>199</sup> Deus... reconhecerá os seus.

<sup>200</sup> O ano do infortúnio.

<sup>201</sup> Marine Le Pen expressa o quanto esse episódio foi difícil para ela na página 186 do *À contre flots*.

O capítulo 8 *En rob noire*<sup>202</sup> busca tratar como o período de faculdade serviu para uma guinada política e em especial para um endurecimento no que diz respeito a suas convicções, ao ligarmos ao capítulo anterior, onde trata o pai como um perseguido político, é possível entender que Marine Le Pen busca dar continuidade ao trabalho do pai, aceitando seu legado, todavia, entendendo que são necessárias modificações. Com isso, o capítulo 9, *La scission*<sup>203</sup>, dá pistas do projeto de desdemonização, visto que há uma defesa de que o FN, por ser um partido nacional, é um partido para todos.

Parte fundamental no que se trata aqui é o capítulo 10, *Mère célibataire*<sup>204</sup> visto que abre espaço para uma exposição, na medida que mulheres são comumente desprestigiadas por conta de serem mães solteiras, sendo algo tratado anteriormente como negativo pelo FN, Marine Le Pen não apenas se assume como mulher, como mãe solteira, mas busca explorar isso. Após no início do capítulo, quase explicar os motivos de seu divórcio, Marine Le Pen escreve:

La naissance des petits, mon divorce, cette période, seule avec eux me rendit quasi “féministe”, tant il est vrai que les femmes ont vraiment du courage, que leur situation est souvent et objectivement bien plus difficile que celle des hommes.

Les femmes sont en effet soumises à la “double peine” : un travail souvent prenant et une vie de famille à mener, le tout avec le sourire s'il vous plaît !

Quand on est une femme, les trente-cinq heures on ne connaît pas.

Les nuits entrecoupées par telle ou telle gastro (quand ils sont trois à être malades en même temps, croyez-moi, c'est sportif !). Il n'y a pas une minute pour soi ; levée tôt le martin, couchée tard le soir, et l'immense responsabilité de donner à ces petits non seulement de quoi manger, mais encore de leur cheviller au cœur jour après jour les valeurs, les règles, les qualités, qui en feront des adultes équilibrés, heureux et bons...

Quand on connaît cette difficulté, on ne peut qu'être ahuri à l'écoute des divers hommes politiques qui, chaque jour avec condescendance, vraiment pérorer sur la liberté des femmes travailler. Ont-elles encore le choix de ne pas le faire ?

Parmi les innombrables caricatures faites du Front National, il en est une qui m'irrite au plus haut point. C'est celle qui consiste à faire croire que le FN voudrait renvoyer les femmes à la cuisine et aux enfants, leur interdisant en quelque sorte de travailler.

<sup>205</sup>(LE PEN, M. 2012 p. 188-189)

<sup>202</sup> De vestido preto.

<sup>203</sup> A divisão.

<sup>204</sup> Mãe solteira.

<sup>205</sup> O nascimento dos pequeninos, meu divórcio, este período, sozinha com eles quase me tornou “feminista”, a tal ponto que é verdade que as mulheres realmente têm coragem, que a sua situação é muitas vezes e objetivamente muito mais difícil que a dos homens.

As mulheres estão de fato sujeitas a “duplo tormento”: um trabalho que muitas vezes prende e uma vida familiar para conduzir, e tudo com um sorriso, por favor!

Quando se é mulher, ninguém liga para as 35 horas.

As noites intercaladas por esta ou aquela gastro (quando são três que ficam doentes ao mesmo tempo, acredite em mim, é preciso ser atleta!). Não há um minuto para si mesma; levantar cedo de manhã, deitar tarde à noite, e a responsabilidade imensa de dar a esses pequeninos não só o que comer, mas ainda de pregar no coração deles dia após dia os valores, as regras, as qualidades que farão deles adultos equilibrados, felizes e bons ...

Segundo o trecho, foi nesse momento que Marine Le Pen passou a se entender como mulher e vislumbrar as dificuldades de ser mulher na França e na política francesa. Na prática, é quando passa a utilizar de forma mais marcante esse discurso. Duas defesas são importantes: 1 – que não é uma opção política tratar pautas femininas, tendo em vista as dificuldades que as mulheres francesas passam cotidianamente, é uma obrigação; 2 – que no que diz respeito a mulheres o FN foi estigmatizado. A estigmatização do partido é algo importante no processo de demonização do mesmo, o estigmatizar como um partido antimulheres é assim, central.

Desta maneira o “ser mulher” passa a ser importante na estratégia argumentativa marinista, visto que é algo que a distancia do pai em alguns pontos e lhe confere uma posição especial no interior do processo político tanto internamente no FN quanto no cenário francês.

É possível compreender o mencionado capítulo do livro como um divisor do livro em si, o que é estratégico na montagem da autobiografia, a intenção é mostrar que se entender como mulher é um divisor de aguas em sua vida e carreira política. Desta feita, o restante do livro vem apresentar sua atuação profissional e política, em especial no capítulo 12 em que relembra sua atuação na campanha presidencial de 2002 que pela primeira vez levou seu pai Jean-Marie Le Pen ao segundo turno, o que de fato a fortaleceu no interior do partido. O capítulo 13 *En finir avec las caricatures*<sup>206</sup> dá um apontamento para como o processo de desdemonização já era tratado desde antes de sua ascensão ao posto de presidente do partido. Por fim, o que será retomado em outro momento, há perguntas nos dois últimos capítulos, 14 *Quel peuple?*<sup>207</sup> E 15 *Quelle République?*<sup>208</sup> Perguntas importantes que serão tratadas posteriormente.

É importante em sua autobiografia essa tentativa de se mostrar uma personagem diferente do pai, que abre sua vida e a doa para a França e para os franceses, sem abandonar a herança dos Le Pen, visto que narra momentos marcantes que “só um Le Pen” passara na França. É basicamente o que é feito no documento analisado anteriormente, que aparece em

Quando se conhece esta dificuldade, só se pode ficar atônita ao escutar os vários políticos que, todos os dias, de forma condescendente, falam com paixão sobre a liberdade das mulheres para trabalhar. Elas ainda têm a opção de não fazê-lo?

Entre as inúmeras caricaturas feitas do *Front National*, há uma que me irrita demais. É a que faz as pessoas acreditarem que a FN gostaria de enviar as mulheres de volta para a cozinha e para os filhos, proibindo-as de qualquer tipo de trabalho.

<sup>206</sup> Acabar com as caricaturas.

<sup>207</sup> Que povo?

<sup>208</sup> Qual República?

forma de revista, com duas diferenças pontuais: 1 – ele é mais resumido, mas tem o mesmo intuito, mostrar quem seria a verdadeira Marine Le Pen para os franceses; 2 – a imagem do pai aparece menos, mesmo aparecendo de forma indireta quem ganha centralidade é Marine Le Pen.

Há uma tentativa, como pode ser vista em ambos os documentos, mas também não apenas neles, de utilização do fato de Marine Le Pen ser mulher. Não obstante, quais os limites e possibilidades dessa utilização, em especial dentro do processo de desdemonização? Pensando nisso é possível confrontar a “feminização” trazida por Marine Le Pen, em especial pensando o projeto de desdemonização, a partir de 2 aspectos: 1 – propostas e 2 – lideranças do partido.

Apesar de se colocar como uma mulher que sofre como todas as outras mulheres francesas e que especialmente por isso conta com o apoio das francesas, seu projeto político apresenta poucas pautas que podem ser consideradas pautas femininas. No projeto eleitoral de 2017, os *144 Engagements présidentiels*, em suas 144 propostas, Marine Le Pen dedica somente um ponto às mulheres, a proposta 9 que diz: “**Défendre les droits des femmes** : lutter contre l’islamisme qui fait reculer leurs libertés fondamentales ; mettre en place un plan national pour l’égalité salariale femme/homme et lutter contre la précarité professionnelle et sociale.”<sup>209</sup> É possível notar que a defesa dos direitos das mulheres, por ser mulher, visto que o “lutar contra o islamismo que faz recuar as suas liberdades fundamentais” é mais um lutar contra o islamismo do que uma defesa dos direitos das mulheres. Depois, refere a aplicação de um “plano nacional pela igualdade salarial” e para “lutar contra a precariedade profissional e social”, não mais que isso. Desta maneira, ao analisar os documentos e o plano de campanha em si, as mulheres aparecem mais como um componente para a ajudar no projeto de poder que o inverso.

O outro ponto destacado é o fato da liderança do partido ainda ser eminentemente formado por homens. Mas como o FN pode ser “feminista” ou assegurar os direitos das mulheres se é um partido que em seus altos cargos há apenas mulheres com sobrenome Le Pen? Apesar disso, é possível afirmar que mesmo se o patriarca Jean-Marie Le Pen tivesse tido um filho, o *Front National* seria dirigido hoje por Marine Le Pen, por conta de sua habilidade política.

---

<sup>209</sup> Defender os direitos das mulheres: lutar contra o islamismo, que retira suas liberdades fundamentais; estabelecer um plano nacional para a igualdade salarial entre mulheres e homens e lutar contra a precariedade profissional e social

É irônico pensar que Marine Le Pen, de um partido de extrema direita é a mulher que mais próximo chegou de assumir o cargo máximo da República francesa, mas a mudança a princípio é meramente ocasional, pelo fato de Jean-Marie Le Pen não ter filhos homens, o que posteriormente foi incorporado à estratégia do partido em busca de poder, tanto que a possível sucessora de Marine Le Pen como presidente do partido é Marion Marechal-Le Pen.

### **3.3 Imagem em modificação**

Como tratado anteriormente a gestão de Marine Le Pen promove uma transformação nas maneiras de apresentar o partido, tal como nos modos de apresentar a ela própria, haja visto que ela é a principal porta voz do pretenso novo FN. Assim sendo, uma série de imagens são geradas e desta maneira, passíveis de análise.

Sabendo destas vastas possibilidades de análise, opta-se aqui por uma averiguação das imagens do primeiro de maio, que como tratado no tópico “1.4 Lembrar e como lembrar: o rapto de Jeanne d’Arc” as festividades de primeiro de maio – dia do trabalho, é trabalhado de forma massiva buscando transformar o feriado em Dia do trabalho e Jeanne d’Arc, mais que isso aliás, almejando transformar a data e também Jeanne d’Arc em exclusivos do FN. Mas também uma análise dos cartazes de campanha de Marine Le Pen nas campanhas presidenciais de 2012 e 2017 e também algumas imagens relacionadas a essas campanhas.

As transformações nos cartazes oficiais mostram também as transformações no partido, ou pelo menos as tentativas de se mostrar como um partido renovado. É importante salientar que a primeira vez que o *Front National* promoveu o Dia do trabalho e Jeanne d’Arc foi em 1988.

Desde então é possível notar algumas recorrências e também modificações nos cartazes. Os primeiros da análise aqui proposta, em especial o de 1988 traz a imagem de uma estátua de Jeanne d’Arc em destaque, com informações básicas do evento e com a informação da presença de Le Pen, Jean-Marie. Sendo o primeiro evento de 1º de maio organizado pelo FN, é possível afirmar que o evento Dia do trabalho e Jeanne d’Arc ainda não era um grande evento que centralizava as atenções midiáticas na França, o que veio ocorrer gradativamente, como mostrado no capítulo 1, “Memória e tradição: a reivindicação de si e de um lugar para si na tradição francesa por parte do FN”, tópico 1.4, “Lembrar e como lembrar: o rapto de Jeanne d’Arc”. A segunda imagem em destaque, de outro cartaz convidando para o evento, mostra

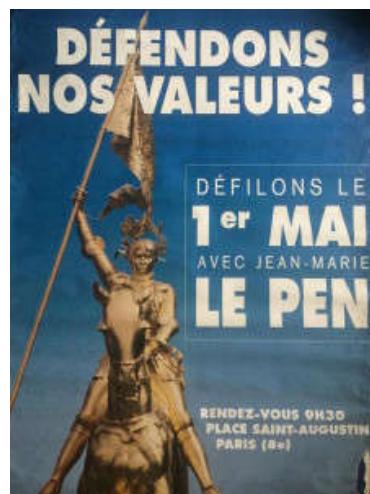
Jeanne d'Arc no centro, à frente do “povo” francês, com a frase “*rassemblement du peuple de France*”<sup>210</sup> e novamente destacando a presença de Jean-Marie Le Pen.

É notável que Jeanne d'Arc é a personagem em destaque, a ela é dada a centralidade no evento e nas chamadas a ele, sendo então, Jean-Marie Le Pen uma personagem secundária. É importante destacar também que o “povo francês” ganha destaque ao lado de Jeanne d'Arc, sendo liderado por ela.



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 1988

Fonte:<https://picclick.fr/Front-National-affiche-Jeanne-dArc-1er-MAI-192897324046.html>



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 1988

---

<sup>210</sup> Encontro do povo da França.

Fonte: <https://picclick.fr/Front-National-affiche-Jeanne-dArc-1er-MAI-192897324046.html>

Há uma recorrência na forma dos cartazes não apenas nos primeiros anos, mas na gestão de Jean-Marie Le Pen, em primeiro plano está Jeanne d'Arc quase que solitária, o logotipo ou até mesmo o nome do *Front National* pouco aparecem, tal como o nome de Jean-Marie Le Pen, que aparece sempre como uma espécie de convidado especial, a protagonista é Jeanne d'Arc, o que pode ser exemplificado nos cartazes de 1996, 2005 e 2007. A diferença é o cartaz auxiliar de 2007, no qual o patriarca dos Le Pen aparece em destaque, com a estátua da heroína aos fundos, mas essa é uma exceção.



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 1996

Fonte:<https://picclick.fr/Front-National-une-affiche-tr%C3%A8s-rare-de-Jeanne-192801651518.html>



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2007

Fonte: <https://books.openedition.org/puc/7818>



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2007

Fonte:  
<http://tacomagirlinparis.blogspot.com/2007/05/jean-marie-le-pen-is-sensitive-subject.html>



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2007

Fonte:  
<http://tacomagirlinparis.blogspot.com/2007/05/jean-marie-le-pen-is-sensitive-subject.html>

Como vem sendo demonstrado, com a substituição e Jean-Marie Le Pen por Marine Le Pen há uma transformação na imagem do partido. Tais modificações podem ser notadas nos cartazes e em imagens do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc.

Considerando que Marine Le Pen se torna presidente do FN em janeiro de 2011, seu primeiro evento do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc ocorrerá no mesmo ano. Dando sequência nas análises, é possível notar que no cartaz de 2011 já há uma sobreposição da imagem de Jeanne d'Arc em relação a Marine Le Pen. O cartaz traz Marine Le Pen em primeiro plano, enquanto a estátua da heroína está aos fundos e apenas como uma sombra, mesmo que ainda esteja em grande proporção no cartaz.

Nos anos seguintes os cartazes alusivos ao Dia do trabalho e Jeanne d'Arc seguem uma lógica semelhante, trazendo em primeiro plano Marine Le Pen e Jeanne d'Arc no fundo, em alguns, como os de 2011 e 2013, como uma sombra e em outros uma foto da estátua de Jeanne d'Arc, como os de 2014 e 2017.



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2011

Fonte: <https://alexis-corbiere.fi/>



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2013

Fonte: <http://www.frontnational.com/2013/04/le-1er-mai-a-paris-tous-avec-marine/>



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2014.

Fonte:  
<https://www.lopinion.fr/edition/politique/celebrant-jeanne-d-arc-marine-pen-part-en-guerre-contre-l-abstention-11863>



Cartaz do desfile do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc de 2017.

Fonte: <https://blogs.mediapart.fr/edition/les-invites-de-mediapart/article/150411/le-1er-mai-deux-en-un-de-marine-le-pen>

Nos cartazes do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc é possível observar que diferentemente dos cartazes de campanha, que serão analisados em seguida, a logo do FN permanece nos cartazes em especial na Gestão de Marine Le Pen, o que não é recorrente no

período de Jean Marie Le Pen, desta maneira, é possível afirmar que isso tem relação ao fato de que com o tempo a Dia do trabalho passou a ser ligado à Jeanne d'Arc e com o passar dos anos se tornou Dia do trabalho e Jeanne d'Arc do *Front National*. Outro ponto a se destacar é a forma como o “povo” é inserido nos cartazes, se em um primeiro momento aparecem de forma tímida, ou não aparecem, com o passar dos anos é observado Marine Le Pen, Jeanne d'Arc e o povo.

Desta maneira, ao analisarmos os cartazes do Dia do trabalho e Jeanne d'Arc é possível notar algumas transformações na forma de apresentação do partido, em especial no trato de algumas questões simbólicas, tal a utilização da figura de Jeanne d'Arc colocando Marine Le Pen como uma espécie de guia do povo com inspiração direta em uma tradição específica de França pura, o que na verdade demonstra a construção de uma versão da história da França que tende defender que o *Front National* não é alheio a essa tradição, que envolve inclusive, a República.

### **3.3.1 Cartazes de campanha**

Um exame das imagens, não somente dos cartazes, das campanhas presidenciais de Marine Le Pen, *La voix du peuple, l'esprit de la France* (2012) e *Au nom du peuple* (2017) corroboram com algumas ideias levantadas no decorrer do capítulo, em especial a tentativa de desdemonização do *Front National*.

É possível notar nas imagens das campanhas uma tentativa de desvinculação da figura de Jean-Marie Le Pen que é colocado de lado no partido com a ascensão de Marine Le Pen. Em *La voix du peuple, l'esprit de la France* (2012), além da ausência de Jean-Marie Le Pen o logotipo do partido começa a ser suprimido dos cartazes, dos folders de campanha e das imagens oficiais, aparecendo raramente.



Cartaz de campanha presidencial de 2012

Fonte: <https://www.lesalonbeige.fr/le-programme-de-marine-le-pen-sur-la-famille/>



Cartaz de campanha presidencial de 2012

Fonte:  
<https://www.ladepeche.fr/article/2012/04/04/1323243-le-fn-devoile-l-affiche-de-campagne-de-marine-le-pen.html>



Campanha presidencial de 2012

Fonte: <http://www.balkanforum.info/f19/le-pen-support-thread-242506/>



Cartaz de campanha de 2012

Fonte: <http://gladio.blogspot.com/2012/04/pnr-sauda-o-bom-resultado-da-lider-da.html>



Marca de campanha de 2012

Fonte:  
<https://enacademic.com/dic.nsf/enwiki/11697434>

O nome do partido, tal como seus símbolos que nas campanhas de Jean-Marie Le Pen tinham destaque, passa a ficar em segundo plano com Marine Le Pen, o que pode ser notado na campanha de 2012. Por sua vez, as cores da bandeira francesa e alusões ao povo francês permanecem e ganham força, como a própria marca de campanha apontam. Busca-se passar que não é a campanha de um partido, ou em prol dele, mas para a França e para os franceses.

Em 2017 na campanha presidencial *Au nom du peuple*, há um reforço dos quesitos apontados na campanha de 2012. O nome do partido e qualquer referência a ele desaparecem completamente, em seus respectivos lugares aparece a Inscrição “*Marine Présidente*” e uma rosa azul.



Cartaz de campanha de 2017

Fonte:

<https://www rtl.fr/actu/politique/diaporama-présidentielle-2017-affiches-officielles-11-candidats-7788055654>



Assinatura de campanha de 2017

Fonte: <https://risibank.fr/stickers/16606-marine-présidente-logo/>

A tentativa de colocar Marine Le Pen em destaque é um esforço constante e em se tratando das duas campanhas eleitorais, ao mesmo tempo que há o abandono também gradativo de uma imagem ligada ao fundador do partido e automaticamente a uma construção ligada a ele, ou seja, a desdemonização do FN e sua nova imagem é vista em uma renovada construção imagética.



Discurso de Marine Le Pen nas eleições presidenciais de 2017

Fonte: <http://maranhaohoje.com/marine-le-pen-candidata-da-extrema-direita-lanca-campanha-na-franca/>

É pertinente destacar que essa construção coloca Marine Le Pen no centro, visto que em outros cartazes, da campanha eleitoral de 2012, a logo do partido, tal como seu nome ainda está em destaque, como pode ser visto em um cartaz convidando para um discurso de Marion Marechal-Le Pen, que pode ser visto a seguir. Nele, o ponto emblemático é que a inscrição “*Marine Présidente*” aparece no mesmo patamar que os símbolos do partido. Aqui é possível entender que são duas estratégias de captação de votos distintas, de um lado, buscar o voto mais fiel e radical do partido, que o acompanha ao longo de sua história, mas para ultrapassar as barreiras de percentual de votos que possibilite a ascensão à presidência da república, é necessário outros grupos de votantes, logo uma construção imagética que distancia Marine Le Pen do pai. Ou seja, a desdemonização caminha ao lado da demonização, sendo ambas utilizadas com o mesmo propósito.



Cartaz de discurso de Marion Marechal Le Pen nas eleições presidenciais de 2017

Fonte:[http://www.returnofkings.com/75675  
/is-marion-marechal-le-pen-and-the-future-of-right-wing-politics](http://www.returnofkings.com/75675/is-marion-marechal-le-pen-and-the-future-of-right-wing-politics)

Por fim, “Marine”, como é apresentada nesta campanha, remove o sobrenome do pai “Le Pen”, buscando suavizar seu peso, o que passa necessariamente por uma “feminilidade”. Desta maneira, é possível notar uma mudança significativa no aparato iconográfico, que ocorre de forma gradativa, sendo mais tímido em *La voix du peuple, l'esprit de la France* (2012) e mais explícito em *Au nom du peuple* (2017), fazendo com que o tradicional logotipo do partido praticamente desapareça, dando destaque a outras formas, tal como a marca de campanha “*Marine Présidente*” e a rosa azul marinho fazendo com que a pessoa da candidata vá ao

encontro direto dos eleitores, dando um tom personalista e populista à campanha, o que será tratado no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 4

### A FACE OBSCURA DA DEMOCRACIA: AS INTENÇÕES DO *FRONT NATIONAL*

No interior do projeto de desdemonização há um esforço para mostrar que o *Front National* aceita a democracia francesa e contribui para ela e que defende os ideais republicanos. Isso não exclui suas raízes autoritárias e extremistas, mas faz-se uma necessária reorganização narrativa em torno delas. Desta feita, até que ponto as raízes autoritárias ainda orientam o partido? Em que medida há um rompimento real com essas orientações autoritárias?

Aqui retomam-se algumas orientações de Pierre Ansart. Ao falar de ressentimento, como exposto no Capítulo 2 “Gestão dos sentimentos e a (re)construção do ‘inimigo’”, Pierre Ansart pontua que há algumas condições nas democracias modernas que permitem as hostilidades analisa a indagação “o regime democrático favorece ou desfavorece a formação de ressentimentos?” Tratando a democracia como uma ideologia, Ansart (2009, p. 23) alega que, conforme seus apologistas do século XVIII aos nossos dias (de Voltaire a Habermas), um dos objetivos e também resultados das democracias seria substituir as violências pela tolerância e o enfrentamento por fruto de ódios pelo confronto de opiniões para construir espaços de diálogos e reflexões. Há um aspecto exposto por Ansart que é pertinente aqui:

O diálogo democrático teria como consequência permitir a expressão das hostilidades e, portanto, suas transformações em reivindicações rationalizadas e o seu abrandamento pela tomada de consciência das oposições de interesses. A eficácia da democracia permitiria romper os sentimentos de impotência, arrancando os indivíduos de suas ruminações rancorosas, fazendo deles seres responsáveis por si próprios e membros ativos de uma sociedade participativa. (ANSART, 2009, p. 23)

O ideal democrático que Ansart apresenta não exclui os ressentimentos; acomoda-os de modo diferente. Assim, é possível afirmar que a democracia não exclui intenções antidemocráticas, autoritárias e até mesmo totalitárias, mas requer que sejam apresentadas de uma maneira que não agrida os ideais democráticos. Parece contraditório, mas a ideologia democrática permite ideias que lhe são contrárias, até mesmo ameaçadoras.

Eugène Enriquez<sup>211</sup> chama essa contradição de face obscura das democracias modernas, partindo do pressuposto de que a sociedade moderna sofre de uma patologia que permite ações específicas.

Cela conduit à la pathologie sociale contemporaine, fondamentalement identitaire. La revendication identitaire me semble être une des pathologies de notre société. L'identité a originalement été plus ou moins statutaire. S'est affirmée ensuite l'identité professionnelle ; c'est ainsi que les gens qui n'ont plus de travail sont déprimés par manque d'argent, mais également ou davantage parce qu'ils perdent leur identité. Surgit à présent l'identité groupale ou communautaire : les individus doivent de plus en plus se définir comme faisant partie d'une minorité ou d'une association, ce qui implique l'idée d'identification ou d'appartenance totale. Dès lors, la vie privée disparaît, elle devient indissociable de la sphère publique<sup>212</sup>. (ENRIQUEZ e HAROCHE, 2002, p. 32)

Não é difícil ligar o diagnóstico de Enriquez a períodos em que a democracia foi ameaçada e com isso foram alçados ao poder figuras antidemocráticas e autoritárias, como Hitler e Mussolini. Por longos anos de sustentação democrática a Europa, em especial a central, parece ter se esquecido que é no seio da democracia que nascem as tiranias modernas, alçadas pelo povo, conforme suas insatisfações são trabalhadas.

Eugène Enriquez prossegue:

Les régimes politiques, à un moment donné, expriment une façon de voir prépondérante, un imaginaire social dominant. Pour C. Castoriadis, que à donné ses lettres de noblesse à la notion d'imaginaire social dans l'institution imaginaire de la société, il existe un imaginaire radical compris comme capacité de faire surgir en imaginaire ce qui pas là et n'a jamais été : « L'imaginaire radical este ce qui chaque fois institue ce qui est l'œuvre dans l'histoire se faisant, ce qui simultanément est chaque fois surgissement du nouveau et capacité d'exister dans et par la position des images [...] nous avons à penser le monde de significations sociales [...] comme position première, inaugurale, irréductible du social-historique et de l'imaginaire social tels qu'ils se manifestent chaque fois dans et par l'institution du monde et de la société elle-même [...] L'imaginaire radical est comme social-historique et comme psychè/soma » (Castoriadis, 1975). P. Ansart (1977) le définit comme « l'ensemble

---

<sup>211</sup> A obra em referência é assinada por Claudine Haroche e Eugène Enriquez como pode ser notado na devida referência. Opta-se por referenciar Enriquez por se tratar de uma entrevista e as partes citas são as respostas do pesquisador.

<sup>212</sup> Isso leva à patologia social contemporânea, fundamentalmente identitária. A reivindicação identitária parece-me ser uma das patologias da nossa sociedade. A identidade era originalmente mais ou menos estatutária. Então veio a identidade profissional; é por isso que as pessoas que não têm mais um emprego ficam deprimidas por falta de dinheiro, mas também ou principalmente porque perdem sua identidade. Hoje está surgindo a identidade do grupo ou comunitária: os indivíduos devem se definir cada vez mais como parte de uma minoria ou de uma associação, o que implica a ideia de identificação ou de pertença total. A partir disso, a vida privada desaparece, ela se torna inseparável da esfera pública.

des évidences implicites des normes, des valeurs qui assurent le renouvellement des rapports sociaux»<sup>213</sup>. (ENRIQUEZ e HAROCHE, 2002, p.35-36)

Partindo do princípio da persistência de um imaginário social que valoriza o radicalismo no interior da democracia contemporânea, Eugène Enriquez prossegue mostrando que:

Ce qui a été inventé et préparé lentement se met à voir droit de cité de manière majoritaire mais pas absolue. Les individus pensent suivant certains modes de pensée, certains paradigmes ; ils ont certaines représentations. Les régimes politiques qui ressuscitent sont ceux qui savent anticiper légèrement, soit satisfaire cet imaginaires social, pas totalement constitué, mais pas loin de pouvoir se concrétiser.<sup>214</sup> (ENRIQUEZ e HAROCHE, 2002, p. 36)

Eugène Enriquez trata a possibilidade de antecipação utilizando o exemplo de Jean-Marie Le Pen. Aqui é importante destacar que os Le Pen têm um projeto de poder que lhes confere destaque entre as ascensões das extremas direitas na Europa. Pois bem, este projeto de poder e a busca por antecipação possibilita interpretar o projeto de desdemonização: é um projeto de extrema direita que se permite suavizar seu discurso, fazendo defesas das instituições democráticas sem deixar sua matriz autoritária e possíveis intenções de autoritarismo. A princípio, o FN aposta nisso para um projeto de poder que seja duradouro, o que torna sua ascensão ainda mais perigosa.

Desta feita, o Front National com Marine Le Pen adota uma postura de se mostrar estabelecido no interior da República e no sistema democrático, não alheio ou contrário a eles. A tentativa de demonstrar a aceitação aos princípios democráticos fica nítida na forma como encerra todos os documentos e discursos, “Viva a República! Viva a França! ”, bem diferente das maneiras utilizadas por Jean-Marie Le Pen, que encerra seus discursos e documentos com

---

<sup>213</sup> Os regimes políticos, em um dado momento, expressam uma visão predominante, um imaginário social dominante. Para C. Castoriadis, que atribui seus méritos à noção de imaginário social na instituição imaginária da sociedade, há um imaginário radical entendido como a capacidade de fazer surgir no imaginário o que não existe e nunca existiu: « O imaginário radical é o que cada vez estabelece o que está sendo feito na história, o que simultaneamente surge do novo toda vez e a capacidade de existir na e pela posição das imagens [...] temos que pensar no mundo dos significados sociais [...] como posição primeira, inaugural, irredutível do social-histórico e do imaginário social tal e como se manifestam na e pela instituição do mundo e da própria sociedade [...] O imaginário radical é como social-histórico e como psiquismo/soma » (Castoriadis, 1975). P. Ansart (1977) o define como « o conjunto de evidências implícitas das normas, dos valores que garantem a renovação das relações sociais.

<sup>214</sup> O que foi inventado e preparado lentamente começa a ter direito de entrada na sociedade de forma majoritária, mas não absoluta. Os indivíduos pensam de acordo com certas formas de pensar, certos paradigmas; eles têm certas representações. Os regimes políticos que se destacam são aqueles que sabem se antecipar um pouco, ou seja, satisfazem estes imaginários sociais, não totalmente constituídos, mas não muito longe de poderem se concretizar

“Pela França” ou “Viva a França”, por vezes acrescentando a expressão “Viva o *Front National*”.

Com a ascensão de Marine Le Pen à presidência do FN e especialmente pelo fato de o projeto de desdemonização ter sido colocado em prática, elogios e pretensas defesas da democracia aparecem de forma constante nos projetos, pronunciamentos e discursos do partido.

Emblemático em tal quesito está o discurso de Fréjus, de setembro de 2016, em que é possível ver a construção que é feita em torno da democracia:

Je vous le dis :

Il n'y aura plus de France sans identité,  
Et il n'y aura pas d'identité sans souveraineté,  
Mais disons le aussi, sans souveraineté et sans le peuple, il n'y aura plus de démocratie.

Ce qui nous appelle ensemble, ici, aujourd’hui, ce qui nous envoie sur les places et les marchés, sur les réseaux sociaux et dans les cages d’escalier, tous les jours, ce qui nous a fait grandir, depuis des années maintenant, ce n'est pas un parti, ce n'est pas un mouvement et ce n'est pas non plus un mandat.

Je vous l'ai dit.

C'est le souci de la France telle qu'elle est notre bien le plus précieux, le souci de la France libre.

Et c'est la conscience que la France n'est plus entre les mains des Français.

Nous, citoyens français, nous, peuple français, ne décidons plus de notre destin.

Nos lois ne sont plus nos lois, nos codes et nos moeurs ne sont plus nos codes et nos moeurs, et la politique de la France est trop souvent dictée de l'étranger, Washington, Berlin ou Bruxelles, quand il y a encore une politique de la France.<sup>215</sup> (LE PEN, M. Discours Fréjus, 2016, p. 2)

A democracia é utilizada para agregar algumas ideias do partido. Desta maneira, no interior do projeto de desdemonização não há a demonização da democracia: ao contrário disso, ela é utilizada para respaldar seu projeto de poder. É sintomático que o *Front National* passa a

<sup>215</sup> Eu lhes digo:

Não haverá mais França sem identidade,

E não haverá identidade sem soberania,

Mas digamos também que, sem soberania e sem o povo, não haverá mais democracia.

O que nos reúne aqui hoje, o que nos leva para praças e mercados, para as redes sociais e escadarias todos os dias, o que nos fez crescer durante anos até agora não é um partido, não é um movimento, nem é um mandato.

Eu lhes disse.

Esta é a preocupação da França, pois é o nosso bem mais precioso, a preocupação da França livre.

E é a consciência de que a França não está mais nas mãos dos franceses.

Nós, cidadãos franceses, nós, povo francês, não decidimos mais o nosso destino.

Nossas leis não são mais nossas leis, nossos códigos e nossos costumes não são mais nossos códigos e nossos costumes, e a política da França é ditada com muita frequência pelo exterior, Washington, Berlim ou Bruxelas, quando ainda há uma política da França.

relacionar os ataques à democracia com ataques aos ideais da França, mas, claro, o ideal da França construído pelo FN, como tratado anteriormente.

Há uma construção frequente que busca relacionar seus adversários como adversários da própria democracia. Ao dizer que o destino da França não está nas mãos dos franceses, mas nas mãos dos Estados Unidos da América e da União Europeia, o FN visa atacar seus adversários, que aceitam que a política francesa seja ditada por interesses estrangeiros. Na mesma argumentação, coloca corporações estrangeiras como inimigas.

Chaque année, s'allonge la liste des entreprises championnes de leur secteur qui passent sous le contrôle de capitaux étrangers, dont les sièges quittent la France, dont les brevets, les emplois, la dynamique, sont emportés loin de France.

Chaque semaine, des salariés découvrent qu'ils ne sont plus dans une entreprise française, et que leur entreprise a quitté le territoire.

Et chaque jour, à longueur d'écrans et de colonnes, nous sommes invités à troquer ce qu'ils appellent les illusions de la démocratie, de la souveraineté et de la Nation, contre les petits profits de la soumission.<sup>216</sup> (LE PEN, M. Discours Fréjus, 2016, p. 3)

O FN com Marine Le Pen busca não apenas mostrar que defende a democracia, mas apenas ela, Marine Le Pen, é capaz de salvar a democracia francesa e, logo, as instituições francesas. Desta feita, a temática da democracia acaba por permear seus discursos.

Uma vez que essa utilização da democracia gera possibilidades tanto discursivas quanto argumentativas, é possível perguntar sobre seus alcances e limites. Então, busca-se no presente capítulo entender como o *Front National* de Marine Le Pen se utiliza dos princípios democráticos para se apresentar como um partido menos radical e quais os limites dessa tentativa, fundamental no processo de desdemonização.

---

<sup>216</sup> A cada ano aumenta a lista de empresas que são campeões de seu setor que estão sob controle do capital estrangeiro, cujas sedes deixam a França, cujas patentes, empregos, dinâmicas são levados para longe da França. A cada semana os assalariados descobrem que não estão mais em uma empresa francesa e que sua empresa deixou o território.

E a cada dia, ao longo de telas e colunas, somos convidados a trocar o que eles chamam de ilusões da democracia, soberania e da nação pelos pequenos lucros da submissão.

#### 4.1 “Nós” precisamos de Marine

Marine Le Pen não funda no interior do sistema político francês um personalismo em torno de uma personagem, nem mesmo no interior do *Front National*, visto que mesmo seu pai, Jean-Marie Le Pen, cultua um personalismo em torno de si no interior do partido, se tratando de uma característica marcante de sua gestão. O que pode ser visto no decorrer da história do partido quando se isolam os opositores internos e externos é que o FN se torna um partido dos Le Pen, o que fica ainda mais caracterizado no processo sucessório, saindo Jean-Marie e entrando Marine Le Pen.

No entanto, com a substituição do presidente, modifica-se a forma como esse personalismo é operacionalizado: Marine Le Pen se coloca no centro de um personalismo nacionalista, o que central em seu projeto de poder.

Para Lorella Sini (2017), os discursos de Marine Le Pen criam uma forma narrativa que se encaixa perfeitamente no que é caracterizado como “romance nacional”, visto que buscam ser uma encarnação da França e da nação com o uso constante de mitos. A reencarnação dos mitos permite estabelecer a adesão a uma identidade nacional. Exemplo marcante disso é a figura de Jeanne d’Arc, que representa um ideal de pureza, uma santa leiga que libertou os franceses dos invasores, sacrificando sua vida para reconstruir a França.

Tal forma narrativa começa a ser construída e apresentada já por seu pai, Jean-Marie Le Pen, como tratado no Capítulo 1, “Memória e tradição: a reivindicação de si e de um lugar para si na tradição francesa por parte do FN” mais especificamente no tópico 1.4, “Lembrar e como lembrar: o rapto de Jeanne d’Arc”. Nele discutiu-se uma argumentação construída pelo patriarca dos Le Pen que diz:

[...] par son contact avec le ciel, sa vie est transcendée, elle vit un poème orphique qui va la sublimer après l’ascèse des prisons à travers les souffrances et les humiliations. Jeanne ne vit pas pour elle, elle donne sa vie, sa jeunesse, sa beauté, son cœur et son âme à sa patrie et à son Dieu. Et les français, surtout les jeunes, doivent lui conserver une place particulière dans leur cœur et leur mémoire, parce que Jeanne que pourrait se réaliser seule dans son rapport avec le ciel, offre son sacrifice à sa patrie charnelle la France et à ceux que l’habitent et qu’elle aime: les français.<sup>217</sup> (LE PEN, J. 2012, 11' 16")

---

<sup>217</sup> [...] por seu contato com o céu, como a vida é transcendida, ela vive um poema órfico que a sublimará depois do ascetismo das prisões entre os sofrimentos e as humilhações. Joana não vive para ela, ela dá sua vida, sua juventude, sua beleza, seu coração e sua alma à sua pátria e ao seu Deus. E os franceses, sobretudo os jovens, devem guardar um lugar especial em seu coração e em sua memória, porque Jeanne, que poderia estar sozinha em

A tentativa de transformar Jeanne d'Arc em uma entidade mística gera um novo direcionamento para o misticismo que a cerca, pois ela é tratada como portadora da força da história francesa, do ideal de França. Existe um esforço constante de gerir tal história, visto que é importante destacar que Jeanne d'Arc é tradicionalmente celebrada nos meios católicos e pelos partidos de extrema direita franceses, por se tratar de uma personagem patriótica, um arquétipo lendário de pureza e, assim, um apelo de pureza e alteridade que pertence à memória coletiva francesa.

A transformação fundamental é que Marine Le Pen vem se colocar como uma nova Jeanne d'Arc, ou um “tipo” Jeanne d'Arc. Para exemplificar isso, utilizemos mais uma vez o já citado discurso de Jean-Marie Le Pen:

L'exemple sublime de Jeanne, petit sœur du bout des siècles, doit nous guider.  
 Certes, Marine n'est pas Jeanne d'Arc, mais elle fait partie comme elle de la long lignée de ceux qui ont fait la France et qui l'on défendue depuis près de deux millénaires.  
 Vive Jeanne!  
 Vive Marine!  
 Vive la France !<sup>218</sup> (LE PEN, J. 2012, 13' 56")

A transição do *Front National* aponta para esta transformação no partido. Olhando para tal transição na perspectiva de um projeto de poder por parte da família Le Pen, é possível observar como Jeanne d'Arc é uma escolha apropriada. Há aqui uma mudança planejada, uma apropriação gradativa da personagem mítica e de sua memória, como demonstrado anteriormente. Se em um momento há um resgate de Jeanne d'Arc como principal personagem da história francesa, símbolo máximo do espírito nacional, Jean-Marie Le Pen eleva sua filha, Marine Le Pen, a outro patamar, um “tipo” Jeanne d'Arc, ou seja, portadora do espírito nacional, o que será minunciosamente trabalhado por ela posteriormente. Funda-se, assim, uma nova fase do *Front National*. Desta maneira, a desdemonização do partido passa

---

seu relacionamento com o céu, oferece seu sacrifício para sua pátria carnal a França e para aqueles que nela vivem e que ela ama: os franceses.

<sup>218</sup> O exemplo sublime de Jeanne, irmãzinha do final dos séculos, deve nos guiar.

Reconhecidamente, Marine não é Joana d'Arc, mas, como Jeanne, ela faz parte da longa linha daqueles que fizeram a França e que a defenderam por quase dois milênios.

Viva Jeanne!

Viva Marine!

Viva a França!

necessariamente por uma apropriação de Jeanne d'Arc em sua tentativa de se inserir na democracia francesa.

Segundo as orientações de Lorella Sini (2017) no que diz respeito ao projeto personalista de Marine Le Pen, esta procura fazer uso de seu sobrenome de uma maneira perspicaz: o “Marine” remetendo ao “*bleu Marine*”, cor da nação francesa. Marine Le Pen frequentemente usa metáforas marítimas, chama-se pelo nome, inclusive em seus programas oficiais de campanha, removendo o pesado Le Pen de seu pai. Desta maneira, é observável que na campanha eleitoral de 2017 há uma modificação iconográfica significativa: o tradicional logotipo da chama tricolor foi apagado, assim como o nome Le Pen. Em seu lugar aparece “*Marine President*” e uma rosa “azul marinho”.

Sobre as metáforas marítimas, observa-se que ambos os livros de Marine Le Pen, *À Contre Flots* (2012) e *Pour que vive la France* (2012), contam com essa característica: no primeiro, o título já remete a uma temática marítima, e em ambos, na maioria das edições, em suas capas há Marine Le Pen em frente ao mar ou ao mesmo no mar, característica também que marca vídeos de campanha, em especial de 2017, em que é possível ver Marine Le Pen em diversos momentos no mar ou em frente a ele.

Esse distanciamento da imagem do pai se dá no interior do projeto de desdemonização. Se por um lado a imagem do pai já é consolidada no processo histórico eleitoral francês, no momento em que Marine Le Pen se insere, ela se torna pesada. Logo, há uma necessidade de suavização da imagem do partido no interior do jogo democrático francês. Sendo assim, Marine Le Pen, filha de Jean Marie Le Pen, aparece como Marine e, apenas como Marine: mesmo estando à frente do partido por ser uma Le Pen, se apresenta como Marine.

Sobre a rosa azul, é importante destacar que é como se Marine Le Pen pedisse emprestada ao PS-Parti Socialiste / Social-Écologie, que tradicionalmente usa uma rosa vermelha em sua logomarca. Isso pode ser entendido como um direcionamento a outro grupo de eleitores na busca de um alcance eleitoral que outrora não possuía, dando uma virada populista em sua propaganda partidária com um discurso de “nem direita e nem esquerda”.

É importante destacar que não há um abandono total de Jean-Marie Le Pen: ele é colocado de lado, é escondido, visto que Marine Le Pen, ou mesmo que apenas Marine, se aproveita de uma construção histórica feita pelo pai e por uma sustentação do FN no interior do jogo partidário francês. Entretanto, há uma virada personalista em torno de seu nome, de sua personagem, de sua figura.

Marine Le Pen é construída como a única personagem possível capaz de salvar a França de problemas graves, tanto econômicos quanto sociais, e até mesmo salvar sua cultura secular. Ela assume para si um personalismo perigoso, um “a França precisa de Marine”.

Sobre este aspecto selecionamos dois pontos dentro dos diversos documentos que elevam Marine Le Pen como única personagem que pode salvar a França. Eles se encontram de forma cronologicamente inversa para uma melhor compreensão da estratégia que é utilizada no projeto de desdemonização e utilização da democracia. Pois bem, já na primeira carta de Marine Le Pen em seu blog em 31 de dezembro de 2016, é possível ler:

[..] Soit nous continuons avec un président du renoncement. Et qu'il vienne de la droite, de la gauche ou du centre n'y changera rien, parce qu'il sera soumis à l'Union européenne, continuera avec l'immigration massive et avec une politique économique injuste et inefficace. C'est une évidence : comment, en remettant au pouvoir ceux qui depuis si longtemps font tant de mal à la France, les choses pourraient-elles vraiment changer ?

Soit nous décidons de remettre la politique au service du peuple, et de lui seul, de rendre à la France la maîtrise de son destin, et de retrouver, enfin, le chemin de la prospérité et de la sauvegarde de notre identité nationale. J'incarne cette autre voie, celle de la rupture avec le système, celle d'une véritable ambition patriote, et je mène avec passion la campagne pour cette victoire, au nom du peuple !

Avec mon équipe, j'aurai besoin, tout au long de cette campagne, de votre soutien, de votre aide, quelle que soit la forme qu'elle prenne. Chacun d'entre vous peut s'engager dans le camp des patriotes. Je pense même que votre aide est essentielle, tant le combat sera rude face aux candidats de la faillite, aux candidats de la brutalité sociale, aux candidats du communautarisme triomphant.<sup>219</sup> (LE PEN, M. Lettre Édito n°1)

Este trecho foi destacado porque explicita algumas características importantes que marcam as orientações do *Front National* sob o comando de Marine Le Pen: busca se colocar como uma alternativa para além das alternativas tradicionais de direita, de esquerda ou até mesmo de centro; acusa, aqui, de forma indireta, em outras ocasiões diretamente, os outros políticos todos de fazer uma política em favorecimento dos imigrantes de forma que desfavorece os franceses; se coloca como uma candidata que buscará defender a identidade

---

<sup>219</sup> [...] Ou continuamos com um presidente de renúncia. E se ele vem da direita, da esquerda ou do centro não mudará nada porque ele estará sujeito à União Europeia, continuará com a imigração maciça e com uma política econômica injusta e ineficaz. Não é difícil de ver: como, colocando de volta no poder aqueles que fizeram tanto mal à França por tanto tempo, as coisas poderiam realmente mudar?

Ou nós decidimos colocar a política de volta a serviço do povo, e do povo apenas, para devolver à França o controle de seu destino e, finalmente, reencontrar o caminho da prosperidade e da proteção da nossa identidade nacional. Eu personifico este outro caminho, o da ruptura com o sistema, o da verdadeira ambição patriótica, e eu lidero com paixão a campanha por esta vitória, em nome do povo!

Com a minha equipe, vou precisar, ao longo desta campanha, do seu apoio, da sua ajuda, qualquer que seja a forma que ela tome. Cada um de vocês pode se juntar ao campo dos patriotas. Eu acho inclusive que a ajuda de vocês é essencial, já que a luta será difícil contra os candidatos da falência, os candidatos da brutalidade social, os candidatos do comunitarismo triunfante.

francesa. Não obstante, o mais importante é o que a seguinte afirmação: “J’incarne cette autre voie, celle de la rupture avec le système, celle d’une véritable ambition patriote, et je mène avec passion la campagne pour cette victoire, au nom du peuple !”<sup>220</sup> Marine Le Pen é alçada como a única alternativa para salvar a França.

Este discurso pode ser entendido como apenas um exagero retórico nas estratégias políticas comuns em campanhas eleitorais, mas acaba por ser uma constante nas argumentações políticas do partido sob sua gestão. Como foi expresso anteriormente, em uma cronologia anterior, traz-se um documento que antecede o documento supracitado: trata-se do livro *Pour que vive la France* (2012), que já em 2012 trouxe apontamentos sob uma importante estratégia argumentativa do FN marinista, por isso vejamos trechos da introdução do livro.

Já no início de sua introdução, após defender que a França passa por um profundo momento de crise, projetada coletivamente e ainda explorada por grupos internos e externos, Marine Le Pen une o ataque a seus adversários a uma postura que a coloca como uma possível solução para os problemas da França, que passa necessariamente pelos problemas da democracia francesa:

[...] derrière le paravent d’un discours convenu, ils continueraient de briser notre Nation et notre démocratie, nos ultimes biens communs. Le meilleur serait – et de toutes mes forces je veux y croire – que cette mauvaise passe permette une prise de conscience à partir de laquelle il nous sera possible de suivre un autre chemin que celui du renoncement, qui ne peut à terme amener que la servitude et la misère.

Mener le peuple français vers le chemin de la renaissance, telle est la raison de ma candidature à l’élection présidentielle, et de tout mon combat politique.

Cette candidature, qui semble s’inscrire chez mes principaux concurrents dans une ambition portée depuis l’enfance, a été chez moi l’aboutissement d’une longue maturation. J’en fais l’aveu sincère, car la sincérité est pour moi, depuis toujours, non seulement un trait de caractère et une exigence morale, mais aussi une arme politique. Et si j’ai pu obtenir à ce jour quelque succès, je le dois à cette sincérité que me reconnaissent non seulement les électeurs qui me font confiance mais aussi, je le crois, mes détracteurs de bonne foi.

Oui, cette candidature résulte d’un long cheminement personnel, qui s’est nourri à la fois de ma réflexion politique bien entendu, mais aussi de mon expérience, de ma vie.<sup>221</sup> (LE PEN, M. 2012, b, p.8)

<sup>220</sup> Eu personifico este outro caminho, o da ruptura com o sistema, o da verdadeira ambição patriótica, e eu lidero com paixão a campanha para esta vitória, em nome do povo!

<sup>221</sup> [...] por trás da fachada de um discurso convencional, eles continuariam a quebrar nossa nação e nossa democracia, os bens comuns que nos restam. O melhor seria – e desejo e creio com todas as minhas forças – que esta fase ruim permita uma conscientização a partir da qual conseguiremos seguir um caminho diferente do da renúncia, que pode, em última análise, levar à servidão e à miséria.

Conduzir o povo francês para o caminho do renascimento é a razão da minha candidatura para a eleição presidencial e de toda a minha luta política.

Esta candidatura, que parece, entre meus principais concorrentes, fazer parte de uma ambição que vem desde a infância, no meu caso foi a culminância de um longo amadurecimento. Eu faço uma admissão sincera, pois a

É importante notar que, na descrição apresentada por Marine Le Pen, os problemas da França passam por ataques diretos à democracia; logo, desde o início ela deixa claro que seus inimigos são também inimigos da democracia e inimigos da França. Essa argumentação será fundamental em seu projeto político e uma das bases de seu projeto de desdemonização, visto que parte do princípio de que o FN sob seu comando respeita os princípios democráticos e luta por eles, ao contrário de todos os seus adversários, como podemos ver no seguinte trecho:

[...] Je ferai donc une analyse du projet mondialiste, du rôle joué dans sa réalisation par nos élites politiques, médiatiques et financières, de la guerre qu'elles mènent au peuple, à la République et à la Nation, et de la violence contre la démocratie à laquelle elles sont résolues pour se maintenir en place. Qui parle et pourquoi ? D'où parlent-ils, de quels intérêts dépendent-ils ? Qui dirige vraiment la France, et avec quels objectifs ? Démonter les rouages d'une machine à broyer les peuples, c'est le premier pas nécessaire d'un vrai changement et, j'ose le dire, d'une révolution, de la vraie révolution pacifique et démocratique que notre pays est en droit d'attendre (...)<sup>222</sup> (LE PEN, M. 2012, b, p 15)

Com essa construção, tratando todos os outros políticos como inimigos do povo, controlados pelo sistema financeiro internacional, Marine Le Pen se constrói como alguém que vem lutar pelo povo:

Les oubliés pour qui je me bats, ce sont les petits salariés, les employés, les fonctionnaires, les ouvriers, les classes moyennes, les retraités, les jeunes ou les seniors sans emploi, c'est cette France qu'on a dédaigneusement qualifiée de « France d'en bas », parfois de « France moisis ». La dignité que je veux leur offrir à nouveau, c'est celle du citoyen, éclairé, participant pleinement aux affaires de la Nation, c'est celle de l'individu libre et affranchi de toutes les manipulations du monde contemporain, celle de cette France autrefois glorieuse et indépendante, aujourd'hui asservie par les puissances financières. La dignité que je place au cœur de mon projet présidentiel est celle de l'homme contre l'argentroi, celle de la conscience individuelle contre le fanatisme, celle de l'être autonome contre l'assistanat.

Une France digne sera une France qui respectera son peuple, tout son peuple. Ce sera une France qui sera dirigée par son seul souverain légitime, le peuple français. Ce sera

---

sinceridade para mim sempre foi não só um traço de caráter e uma exigência moral, mas também uma arma política. E se eu consegui alcançar algum sucesso até hoje, devo isso a esta sinceridade que não só os eleitores que confiam em mim reconhecem, mas também, acréscimo, meus críticos de boa fé.

Sim, esta candidatura é o resultado de uma longa jornada pessoal, que por sua vez se nutriu não só da minha reflexão política, é claro, mas também da minha experiência, da minha vida.

<sup>222</sup> Vou, portanto, fazer uma análise do projeto globalista, do papel que nossas elites políticas, de mídia e financeiras desempenham em sua realização, da guerra que elas levam ao povo, à República e à nação, e da violência contra a democracia que eles estão determinados a manter. Quem está falando e por quê? De onde falam, de que interesses dependem? Quem realmente dirige a França e com que objetivos? Desmontar o funcionamento de uma máquina que está esmagando as pessoas é o primeiro passo necessário de uma verdadeira mudança e, ouso dizer, de uma revolução, da verdadeira revolução pacífica e democrática que o nosso país tem o direito de esperar

une France où chacun pourra trouver l'occasion de se réaliser et où la solidarité nationale, ce trésor, aidera celui qui souffre. Ce sera une France conquérante et fière d'elle-même, inventive et offrant au monde entier sa meilleure image, celle qu'elle a pu déjà faire briller à certaines grandes heures de son Histoire.

Cette France peut encore exister, elle doit de nouveau se montrer à la face de l'univers. Il ne tient qu'au peuple français de se mobiliser et d'aller exprimer ce choix dans les urnes. Il ne tient qu'à chacun de clamer haut et fort comme je le fais dans ce livre : « Pour que vive la France ! »<sup>223</sup> (LE PEN, M. 2012, b, p 18)

A partir de discursos com esse teor, são abertas diversas possibilidades, na medida que se coloca no centro de um projeto personificador, se colocando como incorporação de um espírito salvacionista para todos os franceses. Marine Le Pen se assume como uma encarnação da história.

#### **4.2 Intenções xenófobas**

A xenofobia é uma das ferramentas características das extremas direitas, seja de qual vertente for. No decorrer de sua trajetória, o Front National se caracterizou por ser um partido com traços xenófobos, sendo mais explícitos em alguns momentos e menos em outros.

Ao longo de sua carreira política, Jean-Marie Le Pen envolveu-se em diversas polêmicas de cunho xenofóbico. A mais famosa delas envolveu a negação da *shoah* em 1987, quando afirmou: “Je ne dis pas que les chambres à gaz n'ont pas existé. Je n'ai pas pu moi-même en voir. Je n'ai pas étudié spécialement la question. Mais je crois que c'est un point de détail de

---

<sup>223</sup> As pessoas esquecidas pelas quais eu luto são os trabalhadores que ganham pouco, os empregados, os funcionários públicos, os trabalhadores, as classes médias, os aposentados, os jovens ou os mais velhos desempregados, é esta França que foi arrogantemente descrita como « a França de baixo », às vezes de « França estragada ». A dignidade que eu quero lhes oferecer novamente é a do cidadão, esclarecido, participando plenamente dos assuntos da nação, é a do indivíduo livre e desvencilhado de todas as manipulações do mundo contemporâneo, é a desta França que um dia foi gloriosa e independente, hoje escravizada pelos poderes financeiros. A dignidade que eu coloco no cerne do meu projeto presidencial é a do homem contra os donos do dinheiro, a da consciência individual contra o fanatismo, a do ser autônomo contra o assistencialismo.

Uma França digna será uma França que respeitará seu povo, todo o seu povo. Será uma França que será liderada por seu único governante legítimo, o povo francês. Será uma França onde todos poderão encontrar a oportunidade de se realizar e onde a solidariedade nacional, este tesouro, vai ajudar aqueles que sofrem. Será uma França conquistadora e orgulhosa de si, inventiva e oferecendo ao mundo inteiro sua melhor imagem, aquela que já foi capaz de brilhar em grandes momentos de sua história.

Esta França ainda pode existir, ela deve mostrar de novo diante do universo. Cabe ao povo francês se mobilizar e expressar esta escolha nas urnas. Cabe a todos gritar alto como eu faço neste livro: « Para que a França viva! »

l'histoire de la Deuxième Guerre mondiale<sup>224,225</sup>. Jean-Marie Le Pen foi condenado<sup>226</sup> em 1990 a pagar uma multa simbólica por conta da afirmação e recorreu diversas vezes no desenrolar do processo. Em 2015 o patriarca dos Le Pen afirma: “Ce que j'ai dit correspondait à ma pensée, que les chambres à gaz étaient un détail de la guerre, à moins d'admettre que c'est la guerre qui était un détail des chambres à gaz. [...] Je maintiens, parce que je crois que c'est la vérité et que ça ne devrait choquer personne<sup>227,228</sup>. Por fim, em 1º de março de 2017, a *La Cour D'Appel de Paris*, a mais alta corte francesa, rejeitou a apelação de Jean-Marie Le Pen e o condenou a pagar uma multa de 30 mil euros.

O fundador do Front National é conhecido por outras polêmicas<sup>229</sup> de cunho xenofóbico, envolvendo declarações como a de 1984, quando afirmou que existe desigualdade de raças entre os humanos, tal como existe desigualdade entre os cachorros; ou em 1987, quando declarou não se entusiasmar com a ideia de garotos árabes se deitarem com garotas de Estrasburgo e, claro, a famigerada afirmação de 2002: “Escute. Minha equipe doméstica é negra, minha cozinheira é negra... O que eles querem que eu faça? Que me case com um homossexual com Aids?”

A Aids foi um tema de pauta quase que permanente para Jean-Marie Le Pen, como, por exemplo, a afirmação que fez em 1987: “Portadores de Aids estão suando seus vírus pelos poros, colocando em questão a estabilidade da nação... [a Aids] pode ser transmitida por suor, saliva e contato. É um tipo de lepra.”<sup>230</sup> Aqui é importante destacar um ponto importante: é possível notar que o Front National faz uso de artifícios propícios de seu tempo para captar

LEPELLETIER, Pierre. « Les chambres à gaz, ‘détail de l’Histoire’ : Jean-Marie Le Pen définitivement condamné » *Le Figaro*. Referências. Disponível em < <http://www.lefigaro.fr/politique/le-scan/2018/03/27/25001-20180327ARTFIG00191-les-chambres-a-gaz-detail-de-l-histoire-jean-marie-le-pen-definitivement-condamne.php>>. Acesso em 06 junho 2019.

<sup>225</sup> Não estou dizendo que as câmaras de gás não existiram. Eu não pude ver por mim mesmo. Eu não estudei o assunto especificamente. Mas eu acho que é um ponto de detalhe da história da Segunda Guerra Mundial.

<sup>226</sup> Na França existe a *Ley Gayssot*, vigente desde 1990, quando foi aprovada pela Assembleia Nacional da França. A lei visa punir a propaganda e a manifestação pública de contestação do extermínio promovido pelos nazistas e seus aliados durante a Segunda Guerra Mundial, caracterizando tais ações como incitação ao ódio racial.

<sup>227</sup> O que eu disse foi consistente com o meu pensamento, que as câmaras de gás eram um detalhe da guerra, a menos que admitamos que a guerra é que foi um detalhe das câmaras de gás. [...] Eu mantengo porque acredito que é a verdade e que isso não deveria chocar ninguém

<sup>228</sup> LEPELLETIER, Pierre. « Les chambres à gaz, ‘détail de l’Histoire’ : Jean-Marie Le Pen définitivement condamné » *Le Figaro*. Referências. Disponível em < <http://www.lefigaro.fr/politique/le-scan/2018/03/27/25001-20180327ARTFIG00191-les-chambres-a-gaz-detail-de-l-histoire-jean-marie-le-pen-definitivement-condamne.php>>. Acesso em 06 junho 2019.

<sup>229</sup> As afirmações a seguir estão contidas na seguinte reportagem: Discurso de Jean-Marie Le Pen mostra política linha-dura. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u15245.shtml>>. Acesso em 6 junho 2019.

<sup>230</sup> Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u15245.shtml>>. Acesso em 6 junho 2019.

votos. Nas décadas de 1980 e início de 1990, o tema da Aids ganhava grande audiência na mídia e logo era acalorado nos debates políticos. Em 1996, Jean-Marie Le Pen sugeriu que os infectados pelo vírus HIV fossem isolados, que se criassem campos de concentração específicos para soropositivos. A extrema direita utilizou a temática para sustentar pautas xenófobas, ligando a doença e seu avanço ao crescimento da imigração.

Outra fala polêmica de Jean-Marie Le Pen que carece de atenção no que diz respeito a posicionamentos xenófobos e que se aproxima da questão tratada acima é quando ele sugeriu em 2012, por ocasião da campanha presidencial de sua filha, Marine Le Pen, que a epidemia de ebola seria algo positivo para controlar o surto populacional. Claro, sabendo que o ebola ataca especialmente o continente africano<sup>231</sup>.

Em meio a estas declarações, há a transição no cargo de presidência do partido e o projeto de desdemonização do Front National já no século XXI, que modernizou sua forma de apresentação e cuja exposição busca abranger seu eleitorado. Portanto, é possível afirmar que é um partido que abandona a xenofobia?

A xenofobia é reconfigurada no interior do partido. Há traços xenofóbicos no núcleo da gestão marinista; o que se modifica é a intenção de se mostrar um partido que não é xenófobo, o que é compreensível quando se entende o projeto de desdemonização. À vista disso, duas atitudes do início da gestão marinista chamam a atenção: 1) em abril de 2011, Marine Le Pen expulsa do partido o conselheiro regional Alexandre Gabriac, que teve foto divulgada pela revista *Le Nouvel Observateur* em que aparecia fazendo a saudação nazista em frente a uma bandeira nazista e 2) expulsa o próprio pai, Jean-Marie Le Pen, em 2015 por conta do desenrolar judicial envolvendo as declarações xenofóbicas e antisemitas proferidas pelo fundador do partido.

Algumas deduções podem ser feitas a partir destas ações. A exclusão de Alexandre Gabriac, um membro insignificante nas fileiras do partido, foi conduzida de forma espetacular e ganhou bastante espaço midiático à época – uma jogada de marketing da nova gestão do FN, um “a partir de agora o *Front National* não aceita mais neonazistas em suas fileiras”, um “basta ao neonazismo, antisemitismo e xenofobia”. O segundo ponto é o que pode ser chamado de algo visceral na história recente do partido, fundamental para se compreender o processo de desdemonização: Marine Le Pen expulsa o pai do partido por conta do longo processo judicial

---

<sup>231</sup> Disponível em < <https://www.theguardian.com/world/2014/may/21/jean-marie-le-pen-ebola-population-explosion-europe-immigration> >. Acesso em 7 junho 2019.

que o colocava em uma delicada situação de antisemitismo e xenofobia; logo, busca passar o recado de que o partido rompe com esse passado radical, mesmo que a duras penas, mesmo que, para isso, tenha que penalizar seu próprio pai e fundador do partido. A atitude busca demonstrar que o *Front National* a partir de então traçaria novos caminhos e novas diretrizes, seria um partido mais suave e menos radical, um partido democrático.

Até que ponto essa ação é algo real e não meramente teatral? Tal pergunta faz-se necessária por dois motivos: 1) Jean-Marie Le Pen poderia ter fundado outro partido ou lutado judicialmente para manter em seu poder a sigla FN, mas não o fez; tratou sua exclusão do partido com anormal serenidade; 2) apesar da exclusão, Jean-Marie Le Pen continuou influente no partido, não com um cargo; é importante salientar que, apesar do esforço de Marine Le Pen para mostrar que o pai não faz mais parte do partido e que inclusive não mantém mais um blog pessoal na página oficial do partido desde sua exclusão, ele aparece em momentos pontuais nas campanhas eleitorais de Marine Le Pen e em especial nos Dias do Trabalho e Jeanne d'Arc, em que faz pronunciamentos oficiais.

Como tratado no Capítulo 3, “O Teatro e a democracia: em busca do protagonismo”, o processo de desdemonização se faz valendo-se da demonização do partido. Com isso, é compreensível que Jean-Marie Le Pen, com toda a sua carga de xenofobia explícita, fique em estado de *stand-by*, ou seja, afastado, mas não necessariamente excluído do partido. Ele é utilizado sistematicamente para demonstrar “o quanto o novo FN mudou, o quanto não é xenófobo”, ou o quanto é democrático.

O par “demonização-desdemonização” é utilizado com constância, como na ocasião em que Jean-Marie Le Pen tratou a questão da epidemia de ebola. A infeliz frase fora proferida em um pronunciamento em Lyon, por ocasião das eleições presidenciais; logo em seguida, quem falou foi Marine Le Pen, focando em sua oposição à imigração e à UE.

A desdemonização busca utilizar a imagem que foi construída em relação ao partido, em parte por conta do próprio partido e em especial por conta das atitudes do próprio Jean-Marie Le Pen. Seu afastamento e depois sua expulsão servem de maneira simbólica para demonstrar que o FN busca novos caminhos. Todavia, o *Front National* sob a gestão marinista e com o projeto de desdemonização abandonou a xenofobia como uma de suas bases? Na prática há uma readequação da xenofobia no interior do projeto frontista que pode ser observada em dois pontos: o projeto além-mar e a islamofobia.

#### 4.2.1 O projeto além-mar

A campanha para as eleições presidenciais de 2017 trouxe uma novidade no que diz respeito às estratégias do *Front National*, uma nova maneira de tratar a África e os franceses de além-mar. O partido passou a dar uma atenção especial para o continente africano, criando uma nova lógica para a xenofobia.

Há vários direcionamentos nesta tentativa de aproximação com a África; com isso, há diversos documentos produzidos. Aqui, optou-se por dar especial atenção a três: o plano de campanha – *Au nom du people – 144 engagements présidentiels*<sup>232</sup> (2017); *o Discours de N'Djamena prononcé par Marine Le Pen le 22 mars 2017 Au Palais de la démocratie, Assemblée Nationale de la République du Tchad*<sup>233</sup> (2017) e *L'Afrique : notre première priorité internationale*<sup>234</sup> (2016).

A introdução do documento *L'Afrique : notre première priorité internationale* trouxe alguns apontamentos importantes no que diz respeito à tentativa de reconduzir a postura do FN em relação ao continente, aos africanos e aos franceses que descendem de africanos, residentes na França ou na África.

L'Afrique n'a jamais été, n'est pas et ne sera jamais, pour la France, une somme de pays comme les autres dans le système international. Jamais nous ne devrons, ni ne pourrons, nous affranchir des liens créés par notre histoire commune : l'harmonie des quatre communes du Sénégal, le secours des tirailleurs de la Grande guerre, l'épopée de la 2ème DB qui doit tant au Tchad et à Félix Eboué, l'action parlementaire et gouvernementale de Félix Houphouët-Boigny ou de Léopold Sedar Senghor dans la France de l'après-guerre, les souvenirs réciproques des grandes heures de la Coopération, toujours vivaces dans tant de familles françaises et africaines, la langue française que nous avons en partage avec tant de pays d'Afrique ...

Nulle nostalgie stérile ni culpabilité anachronique dans l'évocation de ce passé : celui-ci doit d'abord être une force pour aborder l'avenir ensemble.

Car moins que jamais, les destins des continents européen et africain, séparés par seulement 14 kilomètres de mer au niveau de Gibraltar, ne peuvent être dissociés : tout ce qui affecte l'Afrique affecte l'Europe, et réciproquement, pour le meilleur et pour le pire.<sup>235</sup> (LE PEN, M. L'Afrique... 2016, p. 2)

<sup>232</sup> Em nome do povo – 144 compromissos presidenciais.

<sup>233</sup> Discurso de N'Djamena proferido por Marine Le Pen em 22 de março 2017 no Palácio da Democracia, Assembleia Nacional da República do Chade.

<sup>234</sup> A África: nossa primeira prioridade internacional.

<sup>235</sup> A África nunca foi, não é e nunca será, para a França, uma soma de países como os outros no sistema internacional. Nós nunca deveremos nem poderemos cortar as ligações criadas pela nossa história comum: a harmonia das quatro comunas do Senegal, o resgate dos atiradores da Grande Guerra, a epopeia do 2º DB que deve tanto ao Chade e a Félix Eboué, a ação parlamentar e governamental de Félix Houphouët-Boigny ou de Leopold Sedar Senghor na França do pós-guerra, as memórias recíprocas dos grandes momentos de cooperação ainda vivas em tantas famílias francesas e africanas, a língua que partilhamos com tantos países africanos...

A introdução é firme e mostra a que veio esta nova interpretação e postura no que diz respeito à África. O documento aponta que a gestão marinista buscará novos rumos para a relação, sem negar os erros do passado, mas dando-lhes o devido peso, destacando que a França deve à África. Dois pontos merecem ser ressaltados: o primeiro é que há uma nítida tentativa de gestão da memória, o que já é característico do processo de desdemonização, e o segundo, ligado ao primeiro, é a utilização que se faz de tal gestão do passado.

Já na introdução do documento, algo como “sem nostalgia estéril ou sentimento de culpa anacrônico na evocação deste passado: ele deve primeiro ser uma força para abordarmos o futuro juntos” mostra que, com Marine Le Pen, o Front National investirá na África, no passado e no futuro, ou ao menos na forma como abordará passado e futuro em seus discursos. Por fim, parte importante do documento é sobre o que pode ser dito como reais intenções:

Il faut partir des faits : l’Afrique compte aujourd’hui plus d’un milliard d’habitants, deux milliards en 2050, dont 400 millions de jeunes âgés de 15 à 24 ans. Si tous ces jeunes ne trouvent pas leur place dans leurs sociétés, comme c’est le cas aujourd’hui pour nombre d’entre eux, ils engendreront des situations chaotiques, chez eux et bien au-delà. Chez eux, ils prendront ce qui leur est dû par la violence, dans l’anarchie ou sous la coupe de seigneurs de guerre, de bandes criminelles ou de groupes djihadistes : les Etats fragiles du continent ne pourront pas résister longtemps. Ils céderont la place à des zones de non-droit d’où tous les dangers pourront provenir pour l’Europe. Au-delà, une partie de ces jeunes émigrera en masse et, même minoritaires, ils seront des millions. Les Etats d’Europe n’auront évidemment pas les moyens de les recevoir dignement davantage qu’ils ne les ont aujourd’hui.<sup>236</sup> (LE PEN, M. L’Afrique... 2016, p. 2)

Não é que a África e os africanos tenham deixado de ser um problema de uma hora para a outra na visão do *Front National* ou que os africanos tenham deixado de ser um “outro”, mas, já que os árabes são construídos como os “outros” do momento, é possível colocar os africanos como vítimas, tal como os franceses. Pois bem, o trecho supracitado traz importantes

Sem nostalgia estéril ou sentimento de culpa anacrônico na evocação deste passado: ele deve primeiro ser uma força para abordarmos o futuro juntos.

Porque menos do que nunca, os destinos dos continentes europeu e africano, separados por apenas 14 quilômetros de mar em Gibraltar, não podem ser separados: tudo o que afeta a África afeta a Europa e vice-versa, para melhor ou para pior

<sup>236</sup> Deve-se partir dos fatos: A África tem hoje mais de 1 bilhão de habitantes, terá 2 bilhões em 2050, incluindo 400 milhões jovens de 15 a 24 anos. Se todos esses jovens não encontrarem seu lugar em suas sociedades, como é o caso hoje para muitos deles, eles vão criar situações caóticas em casa e muito além. Em casa, eles vão tomar o que lhes é devido pela violência, na anarquia ou no controle de senhores da guerra, gangues criminosas ou grupos jihadistas: os Estados frágeis do continente não serão capazes de resistir por muito tempo. Eles vão dar forma a áreas de ilegalidade a partir das quais todos os perigos podem vir para a Europa. Além disso, alguns desses jovens emigrarão em massa e, mesmo sendo minoria, haverá milhões. Os Estados da Europa obviamente não terão os meios para recebê-los com dignidade mais do que têm hoje.

indícios disso: os africanos sofrem com a ameaça dos jihadistas; logo, são obrigados a se aventurar rumo à Europa, levando consigo problemas para seu continente de origem, por conta do abandono, e também para o continente europeu.

O discurso proferido em N'Djamena, capital do Chade, traz algumas questões importantes que devem ser observadas no que diz respeito à construção que é feita em relação à África na gestão marinista:

Permettez-moi donc de rendre un hommage solennel aux soldats tchadiens et français tombés au Sahel.

Merci donc, de me donner l'opportunité, ici, en terre africaine, de vous exposer les principes qui guideront l'action de la France non pas « en », mais « pour », et surtout « avec » l'Afrique, lorsque le peuple français m'aura accordé sa confiance.

Mon discours aujourd'hui devant vous est loin d'être, pour moi, un discours comme un autre.

Le thème des relations franco-africanas figure au cœur des attaques mensongères et grossières dont je suis la victime depuis des années : ainsi, je serais, dit-on « raciste, xénophobe, islamophobe ! », que sais-je encore ?

Le patriotisme en général, et le patriotisme français, en particulier est présenté par le système comme un « repli sur une France rance et nauséabonde, un abandon par la France de ses responsabilités internationales, le triomphe de l'égoïsme national sur la solidarité universelle ».

Autrement dit, et entre autres choses, à les écouter, mon arrivée au pouvoir signifierait l'abandon de l'Afrique et l'hostilité envers les Africains.

Bien sûr, je mets au défi qui que ce soit de pouvoir citer des propos que j'aurais tenus et qui accréditeraient cette accusation mais, pour le système en place dans mon pays, tous les moyens sont bons pour se maintenir.

Il est plus que temps d'en finir avec ces mensonges !

J'ose ainsi espérer que ce discours restera comme « le discours de N'Djamena », celui qui aura exposé au grand jour l'hypocrisie des racistes qui m'accusent de l'être, mais également l'hypocrisie qui caractérise la politique africaine de la France depuis la fin de la Guerre froide.

Et rassurez-vous, j'ai bien conscience que la seconde hypocrisie est bien plus grave que la première !

Je veux donc vous tenir aujourd'hui un discours de vérité, dont j'espère qu'il sera entendu bien au-delà de votre pays.

Les vérités peuvent déplaire, elles n'en sont pas moins nécessaires en ce qu'elles permettent ensuite de construire sur le réel, et non sur des chimères.

Une première vérité à établir concerne les raisons qui peuvent sous-tendre les implications d'un pays comme la France sur un continent comme l'Afrique.<sup>237</sup>. (LE PEN, M. Discours de N'Djamena, 2017, p. 3-4)

<sup>237</sup> Então, permitam-me prestar uma homenagem solene aos soldados chadianos e franceses que caíram no Sahel. Obrigada por me dar a oportunidade, aqui em solo africano, de explicar a vocês os princípios que vão orientar a ação da França não « na », mas « para a » e especialmente « com a » África, agora que o povo francês me concedeu sua confiança.

Meu discurso hoje diante de vocês está longe de ser, para mim, um discurso como outro qualquer.

O tema das relações franco-africanas está no cerne dos ataques falsos e grosseiros dos quais tenho sido vítima há anos: eles dizem que eu sou « racista, xenófoba, islamofóbica ! » e sei lá mais o quê.

Há no trecho acima algumas questões importantes: a primeira é uma característica já marcante dos discursos de Marine Le Pen de trazer em suas falas questões heroicas, mitológicas e emotivas para preparar espaço para tratar a temática que deseja e, aí sim, abordar o que pretende. Pois bem, isso feito, Marine Le Pen aborda a questão que se torna recorrente no trato da xenofobia: ela joga para seus adversários as acusações que lhe são feitas – no caso, as acusações de racismo e xenofobia –, ela se defende, alegando que os racistas e xenófobos são seus adversários, que sempre plantaram mentiras a seu respeito.

Lançada esta argumentação de não ser racista nem xenófoba, que defenderá em seus discursos e ações, Marine Le Pen busca construir um projeto que olhe em certa medida para a África, o que já começamos a apresentar aqui, e o usa como propaganda em sua defesa. Somente ela entre os candidatos em 2017 tinha um projeto específico que tratasse das relações França e África, inclusive dos franceses que vivem na África.

Em certa medida, o *L'Afrique : notre première priorité internationale* (2017) traz medidas bem elaboradas sobre a possibilidade de refletir sobre problemas reais do continente africano, em especial problemas econômicos. O próprio documento passa a ser usado como um ataque contra seus adversários políticos, já que estes não apresentam um documento similar em suas respectivas campanhas, e funciona também como uma forma de suavizar a imagem de Marine Le Pen, que busca se colocar como uma pessoa que não é racista nem xenófoba.

Não obstante, é importante salientar que, no interim da campanha eleitoral de 2017 o documento mais importante é o *Au nom du peuple – 144 engagements présidentiels*. Desta

O patriotismo em geral, e o patriotismo francês, em particular, é apresentado pelo sistema como um « plano B de uma França rançosa e repugnante, um abandono pela França de suas responsabilidades internacionais, o triunfo do egoísmo nacional sobre a solidariedade universal ».

Em outras palavras, e entre outras coisas, eles dizem que minha chegada ao poder significaria abandonar a África e ser hostil com os africanos.

Bem, eu desafio quem quer que seja a citar declarações que eu teria feito e que validariam esta acusação, mas, para o sistema em vigor no meu país, todos os meios são bons para sustentar isso.

É hora de pôr fim a estas mentiras!

Espero, assim, que este discurso permaneça como « o discurso de N' Djamena », aquele que terá exposto a hipocrisia dos racistas que me acusam de ser racista e também a hipocrisia que caracteriza a política africana da França desde o fim do Guerra Fria.

E podem ficar tranquilos: estou bem consciente de que a segunda hipocrisia é muito mais séria que a primeira! Por isso, quero dar a vocês hoje um discurso de verdade, que espero que seja ouvido bem além do seu país.

As verdades podem desagradar, mas são necessárias porque permitem construir com base na realidade, não em quimeras.

Uma primeira verdade a ser estabelecida diz respeito às razões que podem estar por trás das implicações de um país como a França em um continente como a África.

maneira, cabe perguntar: o que é possível tirar dele sobre essa aproximação de Marine Le Pen da África e um *Front National* não xenófobo?

No tópico que trata de propostas voltadas para a segurança, o *II Uma França Segura*, aparecem propostas que se relacionam diretamente a questões tratadas aqui, já que discute uma França segura, propõe “*Retrouver des frontières qui protègent et en finir avec l’immigration incontrôlée*”.<sup>238</sup> É importante destacar que a noção de segurança é colocada junto com a necessidade de se fechar as fronteiras, ou seja, uma França segura para os franceses passa necessariamente pela não aceitação dos estrangeiros e, entre esses estrangeiros, presume-se, estão também os africanos. Conforme o tópico 2.2, “A França – Eu, os franceses”, as propostas versam desde fechar diretamente as fronteiras (24), impossibilitar a naturalização de estrangeiros (25), dificultar a aquisição de cidadania francesa (27) até especificamente reduzir a imigração (26).

Deste modo, é possível perceber que há um discurso de aproximação da África e dos africanos, mas na prática há outra postura, pois os africanos são tratados como um “outro”. Se na gestão marinista o africano em si perde o status de “outro”, central em sua construção de xenofobia para amenizar a imagem xenófoba do partido, mesmo que na prática ainda sejam categorizados como “outro”, é possível notar que são outros com um status diferente daquele dos islamistas, tratados como jihadistas.

Por conta disso, a aproximação do continente africano é real: as propostas do documento *L’Afrique : notre première priorité internationale* (2017) buscam o desenvolvimento político e econômico dos Estados africanos para atender a finalidade de manter os africanos distantes da França. A xenofobia pode ser notada inclusive em tais posturas, pois ainda se percebe que, para o FN, mesmo com a intenção de não parecer xenófobo, os africanos levam problemas marcantes para a França. Além disso, os africanos islamistas, tratados como potenciais jihadistas, são construídos como o novo alvo da xenofobia frontista.

---

<sup>238</sup> encontrar as fronteiras que protegem e acabar com a imigração descontrolada.

#### 4.2.2 A islamofobia

A islamofobia<sup>239</sup> tem sido tema central em diversos seguimentos de direita, em especial após os ataques de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos, como demonstrado no ponto 1.2.3, “O FN no interior do universo da extrema direita francesa”. Isso faz com que o antisemitismo, que fora pauta de grande audiência nas ultradireitas durante todo o século XX, seja substituído pela islamofobia, mas não abandonada completamente no interior das extremas direitas. Tal transformação no modo como as direitas radicais tratam os imigrantes faz com que o *Front National* também modifique o núcleo de sua xenofobia. No caso francês, por conta dos processos migratórios na segunda metade do século XX e da colonização francesa na África, faz com que a pauta em grande medida em relação aos africanos se volte para os praticantes da fé islâmica, sem que se abandone o antisemitismo e o racismo – eles apenas são reformulados.

Marine Le Pen veio à público em diversos momentos defender-se de acusações de islamofobia, tal como fez acerca das acusações de racismo no discurso do Chade. Defende que não é islamofóbica, em especial no discurso da *5<sup>a</sup> ème Conférence Présidentielle la France face Au défi terroriste*<sup>240</sup> (2017), pronunciado em Paris em 10 de abril de 2017, e um dos três documentos que serão apreciados aqui. Os outros dois são *Terrorisme islamiste : protégeons les français*<sup>241</sup> (2017) e *L'Afrique : notre première priorité internationale*<sup>242</sup> (2017).

É imprescindível que se compreenda que existe uma construção do muçulmano como o “outro”, como foi tratado no tópico 2.3.1, “O outro e a intolerância”, que busca tratar o muçulmano como intolerante. Entretanto, não se ataca diretamente o muçulmano: primeiro se constrói um grupo – os possíveis jihadistas –, para depois atacar o todo.

Já a introdução do documento *Terrorisme islamiste : protégeons les français* (2017) coloca o terrorismo islâmico como um problema global e coloca seus adversários como partícipes do problema.

Contre le terrorisme islamiste, rien n'a vraiment été fait. La succession épouvantable d'attentats commis sur le territoire national depuis la tuerie perpétrée par Mohamed Merah en 2012 jusqu'au carnage de Nice le 14 juillet 2016 n'aura jamais conduit les gouvernements de droite ou de gauche, à prendre les mesures nécessaires pour

<sup>239</sup> Ver nota 52.

<sup>240</sup> 5<sup>a</sup>. Conferência Presidencial a França ante o desafio terrorista.

<sup>241</sup> Terrorismo islâmico: protejamos os franceses.

<sup>242</sup> A África: nossa primeira prioridade internacional.

endiguer ce fléau. Le peuple français a été sommé de s'habituer au phénomène alors que jamais les politiques n'ont accepté de s'interroger sur les raisons du terrorisme, et donc sur l'immense responsabilité qui est la leur. Sans vouloir faire le bilan de leur inaction, il leur était évidemment impossible de poser les bons diagnostics et apporter aujourd'hui les solutions efficaces. Nous ne pouvons promettre au peuple français un risque zéro en matière d'attentats, mais nous lui devons de tout mettre en oeuvre, absolument tout, pour se rapprocher au maximum de ce risque zéro.

Cette politique d'ensemble en matière de lutte anti-terroriste repose sur deux volets complémentaires : l'un requiert de prendre en urgence des mesures intérieures et extérieures permettant de protéger immédiatement les Français ; le second, qui doit également être mis en oeuvre au début du quinquennat, s'inscrit dans un temps plus long, pour traiter le mal à la racine.<sup>243</sup> (LE PEN, M. Terrorisme islamiste, 2017, p. 2)

É importante trazer a introdução do documento porque este permite que sejam apontadas algumas questões relevantes na forma como o *Front National* sob a gestão de Marine Le Pen explora o terrorismo islâmico. Primeiramente, o tom alarmante, demonstrando que ele será utilizado até às últimas consequências; outro ponto que também chama a atenção é que ela coloca na conta de seus adversários a responsabilidade pelo agravamento dos problemas que envolvem o terrorismo e em especial os que atingem a França, no mais se colocando como a única alternativa plausível para resolver esses problemas.

O documento é de um modo geral um resumo do *Au nom du people – 144 engagements présidentiels* (2017), com foco no terrorismo islâmico. Desta maneira, é importante salientar que o terrorismo islâmico recebe destaque especial. O documento é dividido da seguinte maneira:

#### ***Agir immédiatement et mettre les Français en sécurité***

- Le grand retour de l'ordre républicain
- Prévenir les attaques
- La lutte hors de nos frontières

#### ***Genèse des attaques : agir à la source***

- Lutter contre le communautarisme et réaffirmer les valeurs de la France
- Déraciner le fondamentalisme islamiste<sup>244</sup> (LE PEN, M. Terrorisme islamiste, 2017, p. 3)

---

<sup>243</sup> Contra o terrorismo islâmico, nada foi feito de fato. A terrível sucessão de ataques ao território nacional durante a matança perpetrada por Mohamed Merah em 2012 até a carnificina em Nice em 14 de julho de 2016 nunca levou os governos de direita ou de esquerda a tomar as medidas necessárias para conter este flagelo. O povo francês foi convidado a se acostumar com o fenômeno, já que os políticos nunca concordaram em questionar as razões do terrorismo, e, portanto, a imensa responsabilidade que é deles. Sem querer fazer o balanço de sua inação, era obviamente impossível que eles fizessem os diagnósticos certos e fornecessem soluções eficazes hoje. Não podemos prometer aos franceses risco zero em termos de atentados, mas devemos fazer tudo o que for possível, absolutamente tudo, para chegarmos o mais próximo possível desse risco zero.

Esta política conjunta de luta contra o terrorismo se baseia em dois aspectos complementares: um exige medidas internas e externas urgentes para proteger imediatamente os franceses; o outro, que também deve ser implementado no início do quinquênio, se insere em um período mais longo, para tratar o mal pela raiz

<sup>244</sup> ***Agir imediatamente e manter os franceses em segurança***

Até este ponto, ela coloca o islamismo como a gênese do terrorismo, mas não trata todo praticante do islamismo como um potencial inimigo. Isso vem se modificar em especial nos discursos, como pode ser notado no discurso da 5<sup>ème</sup> *Conférence Présidentielle la France face Au défi terroriste*:

(...) Commettre des attentats sur le sol des pays d'Europe occidentale n'est pas une nouveauté.

Déjà, à la fin du XIXe siècle, les anarchistes en perpétrèrent un certain nombre.

Plus près de nous, à partir de la décennie 1960, l'Allemagne avec la Fraction armée rouge, dite bande à Baader, connaîtra par vagues, pendant une trentaine d'années, des assassinats et des attentats commis au nom d'un gauchisme mortifère.

Pour odieux que soient tous ces crimes, ils n'ont rien de commun avec le terrorisme d'aujourd'hui.

Ils ont été perpétrés par des petits groupes isolés qui tentaient de se justifier en reprenant la logomachie des idéologies dominantes dans les milieux intellectuels.

Ils n'avaient aucune audience dans la population.

Ils ne rencontraient aucun écho dans aucune couche sociale, à commencer par le prolétariat dont ils se voulaient pourtant l'avant-garde consciente et combattante.

Ils étaient même massivement rejetés.

Ils représentaient des aventures et des dérives individuelles sans autre écho dans la société que celui de faits divers largement condamnés.

Quand ils tombaient sous les balles de la police, nul ne s'en offusquait en dehors de quelques-uns de leurs semblables qui n'étaient pas passés à l'acte.

Lors de leurs procès, aucune manifestation de masse ne venait leur apporter son soutien.

**Le terrorisme d'aujourd'hui est d'une autre nature.**

**Le terrorisme d'aujourd'hui prétend s'appuyer sur une religion, l'islam.**

**Certes, il n'est pas l'islam, loin de là.**

**La très grande masse des musulmans en France et dans le monde le rejettent et le condamnent.**

Des pays dans lesquels l'islam est la religion d'État le combattent fermement, sans concession.

Néanmoins, les islamistes font appel à une solidarité entre tous les croyants pour en obtenir, sinon une complicité, du moins une mauvaise conscience.

Le combat contre le terrorisme doit marcher sur deux jambes.

D'une part, il faut la répression sans faiblesse de ceux qui commettent les actes criminels ou qui en sont les complices.

D'autre part, il faut la libération de ceux qui se trouvent pris, malgré eux, dans la tourmente, à savoir le trop grand nombre de musulmans, à commencer par nos compatriotes qui veulent vivre leur foi dans le respect des lois de la République.

- O grande retorno da ordem republicana
- Prevenção de ataques
- A luta fora de nossas fronteiras

#### *Gêne dos ataques: agir na fonte*

- Combater o comunitarismo e reafirmar os valores da França
- Erradicar o fundamentalismo islâmico.

Le cadre du débat doit alors être posé sans faux-semblant, sans ce verbiage qui se voudrait politiquement correct et qui en réalité le dénature.

Si l'islam ne se confond pas avec l'islamisme, si le terrorisme ne découle pas automatiquement de la religion, il n'en reste pas moins vrai que, depuis les origines, il a toujours existé au sein de l'islam un courant minoritaire, très minoritaire, qui a justifié la violence pour imposer sa conception de Dieu et du monde.

Certes ce courant a été, le plus souvent et un peu partout, combattu par les autorités musulmanes elles-mêmes.

Certes ce courant a pu être et reste toujours combattu par la majeure partie de ces autorités.

Mais il se perpétue et, à l'occasion, il peut grandir et s'amplifier.

Donc, s'il n'est pas fermement combattu, il peut devenir menaçant.

**Or, seul le pouvoir politique, incarné par l'État avec sa force régaliennes, peut le combattre avec efficacité à condition d'en avoir la volonté et de s'en donner les moyens.**

Car le problème de l'islam sunnite, c'est qu'il n'y a pas de clergé, c'est qu'il n'y a pas d'autorité centrale légitime pour énoncer ce qui est licite et ce qui est illicite.

C'est une différence fondamentale avec les différentes Églises chrétiennes, et surtout avec l'Église catholique romaine, j'allais dire, surtout romaine, donc centralisée et hiérarchisée.<sup>245</sup> (LE PEN, M. 5<sup>ème</sup> Conférence... 2017, p.1-2)

<sup>245</sup> Cometer atentados no solo dos países da Europa Ocidental não é novidade.

Já no final do século XIX, os anarquistas cometiam vários deles.

Mais perto de nós, a partir da década de 1960, a Alemanha com a Fração do Exército Vermelho, conhecida como o grupo Baader, vivenciará em ondas, durante trinta anos, assassinatos e atentados cometidos em nome de um esquerdismo mortífero.

Por mais hediondos que sejam todos estes crimes, eles não têm nada em comum com o terrorismo de hoje.

Eles foram cometidos por pequenos grupos isolados que tentavam se justificar assumindo a logomarca das ideologias dominantes em círculos intelectuais.

Eles não tinham público algum na população.

Eles não encontraram eco em nenhum estrato social, a começar do proletariado, de quem queriam ser a avant-garde consciente e combativa.

Eles foram esmagadoramente rejeitados.

Eles representavam aventuras e desvios individuais sem qualquer outro eco na sociedade além dos diversos feitos, amplamente condenados.

Quando eles caíram sob o fogo da polícia, ninguém ficou ofendido além de alguns de seus companheiros que não tinham passado para ação.

Durante o processo deles, não houve manifestações em massa para apoiá-los.

**O terrorismo de hoje é de outro tipo.**

**O terrorismo de hoje afirma ser baseado em uma religião, o Islã.**

**Certamente ele não é o Islã, longe disso.**

**A massa muito grande de muçulmanos na França e no mundo todo o rejeita e o condena.**

Os países em que o Islã é a religião do Estado o combatem firmemente, sem concessão.

No entanto, os islamistas apelam para a solidariedade entre todos os crentes para obter, se não cumplicidade, pelo menos uma má consciência.

A luta contra o terrorismo deve andar com as duas pernas.

Por um lado, é necessário reprimir sem fraqueza aqueles que cometem os atos criminais ou que lhes são cúmplices.

Por outro, devemos libertar aqueles que se encontram presos, apesar deles mesmos, na tormenta, sabendo o grande número de muçulmanos, começando por nossos compatriotas que querem viver sua fé de acordo com as leis da República.

O quadro do debate deve então ser definido sem pretensão, sem esta conversa que deseja ser politicamente correta e que na realidade o distorce.

O texto é longo por ser parte de um discurso e é apresentado aqui para tratar um argumento de Marine Le Pen que será bastante utilizado na questão do terrorismo islâmico e que será central na virada de cunho islamofóbico. Há uma tentativa de demonstrar que há uma diferença de natureza nos ataques terroristas em solo europeu, em especial no que diz respeito à audiência destes ataques. Se outrora os ataques eram rechaçados, os recentes encontram relativo apoio entre pessoas que habitam no solo europeu. Isso se dá porque há entre elas praticantes da fé islâmica, mesmo sua grande maioria rejeite os ataques.

É importante ressaltar que em sua fala há um direcionamento de que os atos terroristas são feitos por um pequeno grupo de radicais, o que a livraria da acusação de islamofobia. Mas ela coloca uma questão de dúvida interpretação, que deixa qualquer muçulmano como potencial suspeito, já que afirma ser o islamismo sunita de difícil controle porque ele não tem um clero centralizado, o que propicia a possibilidade de células terroristas. Desta maneira, todo e qualquer muçulmano é um terrorista em potencial.

Por fim, é importante destacar que, no projeto de campanha de 2017 *Au nom du people – 144 engagements présidentiels* (2017), há propostas que buscam deportar qualquer estrangeiro suspeito de terrorismo ou de ligação com o terrorismo<sup>246</sup>.

Le rétablissement des frontières nationales constitue le premier jalon vers le retour de la sécurité des Français. Outre la lutte contre l'économie informelle qui alimente le grand banditisme dans les quartiers (armes de guerre, stupéfiants), les frontières nationales doivent servir à empêcher la submersion migratoire en cours (dont il apparaît que plusieurs auteurs des récentes attaques terroristes ont profité) et à

---

Se o Islã não é confundido com o islamismo, se o terrorismo não deriva automaticamente da religião, não é menos verdadeiro que, desde o início, sempre houve no cerne do Islã uma corrente minoritária, bem minoritária, que justificou a violência para impor sua concepção de Deus e do mundo.

Certamente esta corrente tem sido, com mais frequência e um pouco em toda parte, combatida pelas próprias autoridades muçulmanas.

Certamente esta corrente foi e continua sendo combatida pela maioria destas autoridades.

Mas ela se perpetua e ocasionalmente pode crescer e se ampliar.

Assim, se ela não for firmemente combatida, poderá se tornar ameaçadora.

**Somente o poder político, encarnado pelo Estado com sua força régia, pode combatê-la efetivamente desde que tenha a vontade e os meios para fazê-lo.**

Para o problema do Islão sunita é que ele não tem clero, é que não eles não têm nenhuma autoridade central legítima para afirmar o que é legal e o que é ilegal.

Esta é uma diferença fundamental com relação às diferentes igrejas cristãs, especialmente com relação à Igreja Católica Romana, eu diria especialmente a romana, tão centralizada e hierárquica

<sup>246</sup> Como foi ressaltado anteriormente, o documento *Terrorisme islamiste : protégeons les français* (2017) faz um resumo de algumas propostas importantes do projeto de campanha. É interessante que grande parte das propostas destacadas no documento são voltadas para a área de segurança pública.

contrôler les possibles mouvements de personnes connues en France ou ailleurs pour leur radicalisation islamiste.

- Rétablir les frontières nationales et sortir de l'espace Schengen (un dispositif particulier pour les travailleurs frontaliers sera mis en place pour leur faciliter le passage de la frontière) : **engagement n°24**.
- Revenir à l'esprit initial du droit d'asile qui ne pourra par ailleurs être accordé qu'à la suite e demandes déposées dans les ambassades et consulats français dans les pays d'origine ou les pays limitrophes : **engagement n°28**.<sup>247</sup> (LE PEN, M. Terrorisme islamiste, 2017, p. 5)

A restauração das fronteiras é vista como algo prioritário para o fim do terrorismo islâmico. É importante frisar, como destaca o documento, que o imigrante comum é quem alimenta o crime organizado e é tratado como potencial terrorista, sendo passível de ser recrutado inclusive por organizações terroristas internacionais; logo, todo e qualquer imigrante pode ser um terrorista.

Pour réarmer la France face au péri islamiste, les juges doivent utiliser l'ensemble de l'arsenal judiciaire à notre disposition.

- Placer en détention provisoire tout individu qui s'apprête à commettre une attaque terroriste en appliquant l'article 411-4 du Code pénal (possibilité de placer en détention provisoire, puis de condamner à des peines allant jusqu'à 30 ans de prison, les terroristes potentiels) : **engagement n°31**.
- Appliquer la déchéance de nationalité, assortie d'une expulsion du territoire immédiate, telle qu'elle existe déjà dans notre Code civil, pour les bi-nationaux engagés dans des groupes djihadistes et procéder à leur expulsion : **engagement n°31**.
- Procéder pour les individus étrangers ou bi-nationaux après déchéance de nationalité à leur expulsion du territoire (ces décisions pouvant bien entendu être contestées ensuite par les personnes concernées devant la Justice) : **engagement n°29**.<sup>248</sup> (LE PEN, M. Terrorisme islamiste, 2017, p. 6)

---

<sup>247</sup> O restabelecimento das fronteiras nacionais é o primeiro passo para o retorno da segurança francesa. Além da luta contra a economia informal que alimenta a grande criminalidade nos bairros (armas de guerra, narcóticos), as fronteiras nacionais devem ser utilizadas para evitar a submersão migratória em curso (da qual parece que vários perpetradores de recentes ataques terroristas se beneficiaram) e para controlar os possíveis movimentos de pessoas conhecidas na França ou em outros lugares para a sua radicalização islâmica.

. Restabelecer as fronteiras nacionais e sair do espaço Schengen (um regime especial para os trabalhadores fronteiriços será posto em vigor para facilitar sua travessia da fronteira): **compromisso 24**.

. Voltar ao espírito original do direito de asilo, que só poderá ser concedido após candidaturas feitas em embaixadas e consulados franceses nos países de origem ou países limítrofes: **compromisso 28**

<sup>248</sup> Para rearmar a França em face do perigo islâmico, os juízes devem usar todo o arsenal judicial à nossa disposição.

. Colocar em detenção provisória qualquer pessoa que está prestes a cometer um ataque terrorista, aplicando o artigo 411-4 do Código Penal (possibilidade de detenção provisória, depois de sentenciamento a penas por até 30 anos de prisão, os terroristas potenciais): **compromisso 31**.

. Aplicar a privação de nacionalidade, com expulsão imediata do território, tal como já existe em nosso Código Civil, para aqueles com dupla nacionalidade engajados em grupos jihadistas e proceder à sua expulsão: **compromisso 31**.

. Providenciar que os indivíduos estrangeiros ou com dupla nacionalidade após privação de nacionalidade até sua deportação (estas decisões podem, evidentemente, ser contestadas mais tarde pelos interessados perante a Justiça): **compromisso 29**.

As medidas apontadas no documento em análise e contidas no plano de governo colocam sob suspeita todos os imigrantes, e em especial os muçulmanos que vivem no território francês. Há uma diferença entre o discurso que busca suavizar a relação com os muçulmanos e o que os coloca como ameaça em seus documentos de campanha.

O “outro” construído e reconstruído à sua maneira foi um aporte argumentativo e de captação de votos para o *Front National* ao longo de sua história; contudo, na gestão marinista, o partido busca romper com uma fachada xenófoba, ao menos nas maneiras como se apresenta e nas orientações estéticas. O FN tenta incessantemente mostrar que não é xenófobo ou que deixou de ser.

Nonna Mayer (2015, p. 1) é enfática: “Quoi qu'en dise sa présidente, le Front National n'a jamais cessé d'être raciste et xénophobe, à en juger par l'opinion de ses adhérents et sympathisants.”<sup>249</sup> O que ocorre é uma reconfiguração da xenofobia no interior do partido, uma nova maneira de tratar o assunto. A análise de Mayer é feita com base nos eleitores do FN, novos e tradicionais. Para isso, parte de uma pergunta simples: “O nível de intolerância entre os simpatizantes do FN diminuiu?” As conclusões da pesquisadora deixam claro que o partido ainda é o mais intolerante dentre os partidos franceses.

Mayer destaca que, de um modo geral, há um aumento de intolerância entre os franceses, mas, mesmo com esse aumento e com o discurso suavizador de Marine Le Pen, no interior do projeto de desdemonização, a diferença em relação aos outros partidos em se tratando de intolerância não diminui: o FN continua sendo o mais intolerante.

L'arrivée de Marine Le Pen n'a donc pas atténué les préjugés de ses sympathisants. En revanche les sympathisants des autres partis et surtout ceux de droite, dans un contexte de crise économique et de désaffection politique, sont devenus plus racistes. La proportion des scores très élevés sur l'échelle d'ethnocentrisme est passée dans le même temps de 11 à 21% chez les sympathisants de gauche (+10 points), de 58 à 69% chez les centristes (+11), et de 33 à 55% chez les sympathisants de droite (+22). L'écart entre le niveau de racisme au FN et dans les autres partis a certes un peu diminué, mais il reste spectaculaire, les frontistes distançant encore les sympathisants des partis de droite de 32 points et ceux de gauche de 66 points.<sup>250</sup> (MAYER, 2015, p. 5)

---

<sup>249</sup> Seja o que for que sua presidente diga, o *Front National* nunca deixou de ser racista e xenófobo, a julgar pela opinião de seus membros e simpatizantes.

<sup>250</sup> A chegada da Marine Le Pen não atenuou os preconceitos de seus partidários. Por outro lado, os simpatizantes de outros partidos e especialmente os de direita, num contexto de crise econômica e de desafeto político, tornaram-se mais racistas. Ao mesmo tempo, a proporção de taxas muito altas na escala de etnocentrismo aumentou de 11 para 21% entre os simpatizantes da esquerda (+10 pontos), de 58 para 69% entre os centristas (+11), e de 33 a 55% entre os simpatizantes de direita (+22). A distância entre o nível de racismo no FN e nos outros partidos

Os dados trazidos por Mayer contradizem o argumento de desdemonização do *Front National* de que o partido, com a gestão de Marine Le Pen, tende a se tornar menos intolerante até mesmo entre os partidos políticos franceses. O que a pesquisadora constata é que, em um período em que os outros partidos ficam mais intolerantes, há uma possibilidade de mascaramento da intolerância do FN, que, por sua vez, não amenizou o preconceito entre seus apoiadores. Outra característica cristalizada entre os eleitores do FN e constatada por Mayer é a islamofobia:

Un second trait caractéristique des sympathisants du FN est une polarisation anti-Islam exacerbée, bien plus marquée que leur antisémitisme. Plusieurs questions du baromètre CNCDH, posées à l'identique sur une période plus longue que celles de l'échelle précédente (dès 2002 pour certaines), permettent de cerner l'image des minorités culturelles et religieuses (juive, musulmane, maghrébine, asiatique, noire etc.) qui composent la société française. Elles portent sur la reconnaissance de leur citoyenneté (leurs membres sont-ils « des Français comme les autres » ?), leur degré d'intégration dans la société (forment-ils un « groupe à part » ?), l'image positive ou négative de leur religion, et la nécessité d'une sanction judiciaire accrue pour les insultes à leur égard. Quelle que soit l'orientation partisane, la minorité juive est de très loin la mieux acceptée en France, et la minorité musulmane la plus rejetée. Ainsi 87% des personnes interrogées, en moyenne, estiment que les Français juifs sont « des Français comme les autres » mais 72% pensent pareil pour les Français musulmans. L'idée que les Juifs forment « un groupe à part » est partagée par 31 % des personnes interrogées mais 53% quand il s'agit des Musulmans. La religion juive évoque quelque chose de négatif à 19% des personnes interrogées, mais la religion musulmane à 36%. Même la demande de sanctions judiciaires accrues est un peu plus forte pour des propos comme « sale Juif » que pour « sale Arabe » (respectivement 81 et 78%).<sup>251</sup> (MAYER, 2015, p. 5)

É importante ressaltar que, apesar da islamofobia ser algo marcante entre os eleitores do FN, em especial após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2002, quando ela

certamente diminuiu um pouco, mas continua a ser espetacular, com os frontistas 32 pontos à frente dos simpatizantes de partidos de direita por e 66 pontos dos de esquerda.

<sup>251</sup> Uma segunda característica dos simpatizantes do FN é uma exacerbada polarização anti-islâmica, muito mais pronunciada do que seu anti-semitismo. Várias perguntas do barômetro CNCDH, feitas de forma idêntica durante um período mais longo que os da escala anterior (2002 para alguns), permitem identificar a imagem das minorias culturais e religiosas (judaica, muçulmana, magrebe, asiática, negra, etc.) que compõem a sociedade francesa. Eles se concentram no reconhecimento de sua cidadania (seus membros são « franceses como os outros »?), seu grau de integração na sociedade (eles formam um « grupo separado à parte »?), a imagem positiva ou negativa de sua religião e a necessidade de maior penalização judicial por insultos contra eles. Independentemente da orientação partidária, a minoria judaica é de longe a mais bem aceita na França e a minoria muçulmana, a mais rejeitada. Por exemplo, 87% dos entrevistados, em média, acreditam que os judeus franceses são « franceses como qualquer outro », mas 72% pensam o mesmo sobre os muçulmanos franceses. A ideia de que os judeus são um « grupo separado » é compartilhada por 31% dos entrevistados, mas por 53% quando se trata de muçulmanos. A religião judaica evoca algo negativo para 19% dos entrevistados, mas a religião muçulmana, para 36%. Mesmo a demanda por penalizações judiciais aumentadas é um pouco mais forte para palavras como « judeu sujo » do que para « árabe sujo » (81 e 78%, respectivamente).

passa a ganhar centralidade não apenas no partido dos Le Pen, mas entre os partidos de extrema direita, ainda há uma forte característica antisemita entre eles. O alto número de simpatizantes do partido que se utilizam da expressão judeu ou muçulmano “sujo” demonstra uma realidade altamente xenófoba do partido.

Ainda sobre a islamofobia, a pesquisadora demonstrou que esta cresce entre os simpatizantes do FN: “La proportion de sympathisants frontistes avec des scores très élevés est passée de 73% avant 2011 à 81% après (contre 42 et 55% chez les non-frontiste)<sup>252</sup>” (MAYER, 2015, p. 7). Levando em consideração que o projeto de desdemonização busca criar uma maneira suavizada de tratar os muçulmanos, há uma negação de forma incisiva por parte do partido. No que diz respeito à islamofobia, os números são elevados.

Uma pergunta relativamente simples, mas fundamental, feita por Mayer (2015, p. 9-10) em 1999 traz conclusões importantes no que diz respeito à xenofobia. Questionados se são racistas, ou seja, se acreditam em raças e em superioridade de raças, 82% dos eleitores do *Front National* responderam de forma afirmativa.

O projeto de desdemonização está em curso há mais de uma década e parte dele é justamente negar a xenofobia, e há esforços para apresentar o partido como um partido mais suave, sem radicalismos e democrático. No entanto, como apontam os resultados apresentados por Mayer (2015), aliados à investigação desenvolvida aqui, há certo abismo entre o discurso apresentado por Marine Le Pen no interior do projeto de desdemonização e os eleitores do *Front National*. Os eleitores do partido continuam sendo racistas, antisemitas e xenófobos, mesmo com Marine Le Pen tratando tais temas como tabus.

Mayer (2015, p. 10) afirma que, a julgar pelos eleitores, no que diz respeito à xenofobia, o “novo Front National” se parece muito com o velho Front National. Marine Le Pen transita entre os novos eleitores e os fiéis e tradicionais, já conquistados pelo pai, Jean-Marie Le Pen. Para os primeiros, o ataque é para os “fundamentalistas islâmicos”; para os outros, o alvo são os muçulmanos. A diferença pode ser sutil, mas, no âmago da democracia, que é onde o FN age, é essencial, pois é necessário que se captem ambos, sem que haja exclusão. Por isso o processo de desdemonização caminha ao lado do processo, já consolidado, de demonização.

---

<sup>252</sup> A proporção de simpatizantes do Frente com taxas muito altas passou de 73% antes de 2011 e à 81% depois (contra 42 et 55% entre os não frontistas).

### 4.3 Intenções autoritárias

No decorrer de sua história o *Front National* foi acusado de ter um projeto autoritário, de ser, inclusive, um partido autoritário, como o já citado<sup>253</sup> caso das acusações de Jacques Chirac por ocasião do segundo turno das eleições de 2002. A verdade é que as repetidas acusações não incomodavam nem um pouco Jean-Marie Le Pen. De uma maneira estratégica, Marine Le Pen busca inverter a lógica do autoritarismo atacando seus opositores, acusando-os de serem autoritários, procurando em diversos momentos explicitar o quanto seus programas de governo e suas intenções são democráticas. O que há de autoritário na fachada democrática de Marine Le Pen?

Antes, porém, é importante destacar que, mesmo que pareça um contrassenso um partido com viés autoritário buscar ascender ao poder de forma democrática, do ponto de vista histórico isso é o contrário: há, na verdade, uma constância histórica neste tipo de empreitada.

Os fascistas ascenderam ao poder na Itália fazendo uso do sistema democrático, visto que a Marcha Sobre Roma em outubro de 1922 fez com que Benito Mussolini fosse chamado para compor o governo. Inserido na esfera de poder, os fascistas tiveram oportunidade de impor suas pautas e seu projeto autoritário de poder; logo, em 1924 ganharam a maioria do parlamento. Mussolini aos poucos minava as instituições representativas. O poder legislativo foi completamente enfraquecido e o novo governo publicou a Carta de Lavoro, que declarava as intenções da nova facção instalada no poder.

Caso semelhante ocorreu com a ascensão do nazismo na Alemanha. É bem verdade que Adolf Hitler havia sido preso por conta da tentativa de um golpe malsucedido contra o governador da Baviera anos antes. Após reorganizar o partido, no pleito de 1932, os nazistas conseguiram maioria suficiente para conseguir indicar Hitler ao posto de Chanceler (Primeiro Ministro) do presidente Paul Von Hindenburg. Seu poder aumentou quando, por ocasião do incêndio do Reichstag (o Parlamento Alemão), Hitler conseguiu do presidente um decreto que ampliava seus poderes e endurecia o governo. Por fim, com a morte do Presidente Hindenburg em 1934, Hitler toma para si o cargo de Presidente da Alemanha.<sup>254</sup>

<sup>253</sup> Ver nota 168.

<sup>254</sup> SILVA, Bruno. “Ascensão do Nazismo”. InfoEscola. Disponível em <<https://www.infoescola.com/historia/ascensao-do-nazismo/>> Acesso em 3 julho 2019.

Os exemplos são para ilustrar o que se afirmou anteriormente: para ascender ao poder, um partido com aspiração autoritária pode fazer uso da democracia. Com isso, é possível analisar o que resta de autoritarismo no *Front National* marinista, visto que o partido de Jean-Marie Le Pen foi projetado com viés autoritário, e sua história corrobora isso.

Com a ascensão de Marine Le Pen, ficou evidente que o *Front National* é o partido dos Le Pen. Diferentemente da década de 1970 com o rompimento com o *Ordre Nouveau*, que acabou nos tribunais, a sucessão de Jean-Marie Le Pen por Marine Le Pen se deu de forma natural e tranquila.

A substituição da figura centralizadora de Jean-Marie Le Pen e seu posterior afastamento não significou que o partido deixou de ter uma figura centralizadora. Marine Le Pen, assim que assumiu substituiu a administração do partido, colocou pessoas de sua confiança sem necessariamente descartar os antigos assessores do pai, como demonstram Albertini e Doucet (2014, p. 295-234).

Não obstante, o que interessa no momento é uma análise de até que ponto o *Front National* sob a gestão marinista faz uso dos aparatos democráticos para impor suas pautas autoritárias. Em diversos momentos, Marine Le Pen busca se mostrar como uma personagem política democrática, que valoriza e defende a democracia, o que fica explícito em seus documentos, projetos de campanha e discursos.

Em sua análise sobre o populismo da extrema direita francesa, Pierre Ecuillon (2015, p. 69) constrói uma tipologia dos populismos das direitas radicais<sup>255</sup>. Nela, localiza o *Front National* no que chama de “*national-populisme autoritaire*”<sup>256</sup>, e o que lhe interessa é distinguir o populismo do FN daquele dos grupos de extrema direita franceses. Aqui o que cabe

<sup>255</sup> *l'appel politique au peuple*, dont l'efficacité symbolique prend appui sur l'autorité charismatique du leader; *l'appel politique au peuple tout entier*: pas de distinctions sociales ou idéologiques; *l'appel direct au peuple authentique*: cela vient nuancer le deuxième trait car « Le populisme politique implique la valorisation du peuple, opposé soit aux élites, soit aux étrangers, ou encore aux élites et aux étrangers. L'appel au peuple est un “appel contre” »; *l'appel à une rupture purificatrice ou salvatrice*; *l'appel à la discrimination des individus selon leurs origines ethniques ou leurs appartенноances culturelles*. (Ecuillon, 2015, p. 69-70).

*o apelo político ao povo*, cuja eficácia simbólica se baseia na liderança carismática do líder; o apelo político *a todo o povo*: sem distinções sociais ou ideológicas; o apelo direto *ao povo autêntico*: este vem moderar a segunda característica porque “O populismo político implica a valorização do povo, em oposição a pobres ou estrangeiros, ou ainda a elites e estrangeiros. O apelo para o povo é um “apelo contra””;

*o apelo para uma ruptura purificadora ou salvadora*;

*o apelo para a discriminação contra indivíduos com base em suas origens étnicas ou suas afiliações culturais*.

<sup>256</sup> Nacional-populismo autoritário.

é uma caracterização de seu modelo peculiar de autoritarismo. Assim sendo, parte-se do princípio de que o *Front National* se diferencia por conta de um autoritarismo que visa construir seu projeto autoritário no interior da democracia, dela se valendo, acusando seus adversários de autoritários e se colocando como defensor dos princípios democráticos. Isso foi visto na ocasião do segundo turno das eleições de 2002, quando, por conta do não comparecimento de Jacques Chirac aos debates, Jean-Marie Le Pen aproveitou para acusar seu adversário de autoritário.

Uma estratégia utilizada na gestão marinista que se enquadra no modelo “*national-populisme autoritaire*” é sua proposta constante de utilização de referendos populares para tratar pautas pontuais e polêmicas, fazendo com que se crie a possibilidade de governar de forma independente das demais instâncias de poder e ainda passando um aspecto democrático para seu governo.

No plano de campanha de 2012, “*Mon project pour la France et les français*”, aparecem algumas propostas que evocam referendos sobre a permanência na UE, Segurança Pública e Revisão Constitucional, que serão pontos centrais nos anos seguintes nas propostas que evoquem referendos. No plano de campanha de 2012, foi possível ler:

Le référendum d’initiative populaire sera inscrit dans la Constitution et les conditions de son organisation seront allégées afin de permettre un réel exercice de la démocratie directe. (...) Le référendum sera le seul moyen de modifier la Constitution. Seul le peuple pourra ainsi défaire ce que le peuple a fait.<sup>257</sup> (LE PEN, M. *Mon Project...* 2012, p. 8)

É importante perceber que, já no primeiro projeto de campanha de Marine Le Pen, fica expressa a intenção de “governar com o povo”, o que ao mesmo tempo pode ser entendido como governar sem as demais instâncias de poder – um tom populista que se materializa em matérias polêmicas como pena de morte e prisão perpétua, no documento em destaque tratadas em um ponto intitulado “tolerância zero”.

La peine de mort sera rétablie, ou la réclusion criminelle à perpétuité réelle sera instaurée. L’alternative entre ces deux possibilités pour renforcer notre arsenal pénal sera proposée aux Français par référendum. La réclusion à perpétuité aurait un

---

<sup>257</sup> O referendo de iniciativa popular será incorporado à Constituição e as condições da organização serão atenuadas a fim de permitir um verdadeiro exercício da democracia direta. (...) O referendo será a única forma de alterar a Constituição. Assim, só o povo poderá desfazer o que o povo fez.

caractère définitif et irréversible, le criminel se trouverait sans possibilité de sortir un jour de prison.<sup>258</sup> (LE PEN, M. Mon Project... 2002, p. 7)

É relevante notar que, desde o plano de campanha de 2012, são lançadas questões-chave como temas a serem tratadas com referendos. Isso é uma estratégia de cunho populista e autoritário, vide que são pautas que encontrariam difícil aprovação nas instâncias institucionais; no entanto, conta com elevado apoio popular. Em certa medida, é uma maneira de impor pautas autoritárias fazendo uso de uma máscara democrática.

A estratégia foi ampliada no decorrer dos anos, tanto que se tornou central na argumentação da campanha eleitoral de 2017, aparecendo no projeto de campanha o – *Au nom du people – 144 engagements présidentiels* já na proposta 1, com os seguintes dizeres:

**Retrouver notre liberté et la maîtrise de notre destin en restituant au peuple français sa souveraineté (monétaire, législative, territoriale, économique). Pour cela, une négociation sera engagée avec nos partenaires européens suivie d'un référendum sur notre appartenance à l'Union européenne. L'objectif est de parvenir à un projet européen respectueux de l'indépendance de la France, des souverainetés nationales et qui serve les intérêts des peuples.** (LE PEN, M. *Au nom du people – 144 engagements présidentiels*.<sup>259</sup> (LE PEN, M. Em nome do povo – 144 compromissos presidenciais, 2017. p. 3)

É emblemática a questão de um referendo popular aparecer já na primeira proposta do plano de campanha, que contém 144 propostas. É importante observar que ela diz respeito à uma questão que foi pontual para a extrema direita francesa, e em especial para o *Front National* por ocasião das eleições de 2017 a não permanência na UE.

No plano de campanha, ainda em seu início e dentro de um subtópico intitulado *Réformes institutionnelles : rendre la parole au peuple et établir une démocratie de proximité*<sup>260</sup>, que vai até a proposta 6, há mais duas propostas que visam promover um referendo popular, ou seja, o que estava no interior, quase camuflado no projeto de campanha de 2012 apareceu de forma explícita no plano de campanha de 2017.

<sup>258</sup> A pena de morte será restabelecida, ou prisão perpétua real será introduzida. A alternativa entre estas duas possibilidades para fortalecer o nosso arsenal criminal será proposto aos franceses por referendo. A prisão perpétua seria permanente e irreversível, o criminoso ficaria sem a possibilidade de sair da prisão um dia.

<sup>259</sup> **Recuperar nossa liberdade e o controle do nosso destino, devolvendo ao povo francês a sua soberania** (monetária, legislativa, territorial, econômica). Para isso, será iniciada uma negociação com os nossos parceiros europeus, seguida de um referendo sobre a nossa adesão à União Europeia. O objetivo é alcançar um projeto europeu que respeite a independência da França, as soberanias nacionais e que sirva os interesses do povo.

<sup>260</sup> *Reformas institucionais: dar a palavra ao povo e estabelecer uma democracia de proximidade*

Na campanha presidencial de 2017 houve um documento que trata especificamente da possibilidade de referendos populares, intitulado *La révision Constitutionnelle que je propose aux français par référendum - souveraineté / démocratie / proximité*<sup>261</sup>. Ele trata de alguns temas fundamentais, todos eles polêmicos e de difícil tramitação nas instituições democráticas francesas; logo, parte-se para a estratégia de se colocar como uma possibilidade o que chama de “democracia direta”. Os temas são bem diversos: I *Introduire de nouveaux principes fondamentaux pour défendre l'intérêt national*<sup>262</sup>; II *Rétablissement la supériorité du droit national*<sup>263</sup>; III – *Instaurer le mode de scrutin proportionnel à toutes les élections pour revivifier la démocratie*<sup>264</sup>; IV – *Développer considérablement la démocratie directe (référendums)*<sup>265</sup>; V – *Un parlement démocratique et moins coûteux*<sup>266</sup>; VI – *Une organisation du territoire fondée sur la proximité, l'efficacité et le moindre coût*<sup>267</sup>; VII – *Autres réformes constitutionnelles indispensables pour notre liberté, notre sécurité et notre démocratie*<sup>268</sup>.

O documento traz uma construção narrativa de ordem simples, como se tratasse de algo amplamente natural e corriqueiro, com um roteiro bem pensado. Os referendos populares seriam utilizados até que não sejam mais necessários, já que o poder popular seria passado para as mãos de quem o representasse de forma digna e verdadeira, sem entraves.

Todavia, as justificativas intrínsecas ao documento são dignas de nota. Coloca-se como uma necessidade quase que messiânica salvar a democracia, como um sacrifício contra quem a tomou de assalto:

Les institutions de notre pays, organisées par la Constitution du 4 octobre 1958, ont été dénaturées au fil des réformes constitutionnelles successives. En outre, leur fonctionnement a été profondément perturbé par le développement toujours plus fédéral et antidémocratique de l'Union européenne.

Aujourd'hui, nos institutions ne garantissent plus les principes fondamentaux pour lesquels elles ont été bâties : la souveraineté du peuple est régulièrement piétinée, la Démocratie est affaiblie et nos gouvernants ne défendent plus l'intérêt national.

Les réformes institutionnelles que je vous propose nécessiteront pour la plupart de modifier la Constitution. Elles feront donc l'objet, de manière groupée, d'un grand

<sup>261</sup> *A revisão constitucional que eu proponho para os franceses por referendo – soberania / democracia / proximidade.*

<sup>262</sup> Introduzir novos princípios fundamentais para defender o interesse nacional;

<sup>263</sup> Restabelecer a superioridade do direito nacional;

<sup>264</sup> Introduzir a votação proporcional em todas as eleições para revitalizar a democracia;

<sup>265</sup> Desenvolver significativamente a democracia direta (referendos);

<sup>266</sup> Um parlamento democrático e menos dispendioso;

<sup>267</sup> Uma organização do território fundamentado na proximidade, eficiência e menor custo;

<sup>268</sup> Outras reformas constitucionais essenciais à nossa liberdade, nossa segurança e nossa democracia.

référendum constitutionnel que j'organiserai dès les premiers mois de mon quinquennat.

Il ne s'agit pas pour moi de bouleverser l'organisation ou l'ordre des pouvoirs en France, mais bien de revenir à l'esprit d'origine de notre Constitution, en renforçant beaucoup plus fortement son caractère démocratique.<sup>269</sup> (LE PEN, M. La révision Constitutionnelle... 2016, p. 2)

As justificativas apresentadas são para salvar de maneira autoritária a própria democracia, a Constituição e as instituições, mesmo que para isso tenha que ameaçar a Constituição, as instituições e assim, a própria democracia. Neste ponto, tais medidas devem ser tomadas para salvar a França de quem deturpou a própria democracia: a UE e os opositores do FN, tudo isso salvaguardado por um discurso nacionalista de soberania do povo. Outras justificativas se avolumam no decorrer do documento, mas todas na mesma direção, que podem ser caracterizadas como o “*national-populisme autoritaire*” enunciado por Ecuvillon (2015).

Tal fórmula não é nova, aliás é um modelo consagrado, respeitando, é claro, a especificidade de cada momento histórico. Por exemplo, retomando os que foram tratados no início do tópico, há semelhanças com as ascensões autoritárias de Mussolini na Itália e de Hitler na Alemanha no início do século XX. Apesar de não fazerem uso constante de referendos, faziam uso de plebiscitos<sup>270</sup>, e ambos ascendem ao poder de forma democrática, se utilizam de artifícios para se manter nele, para afastar seus adversários, logo depois para enfraquecer as instituições – tudo com um apelo popular e supostamente encarnando a vontade do povo, o desejo nacional para, enfim, não ser preciso fazer uso de referendos ou plebiscitos, poder falar diretamente pelo povo.

Dentro de tal perspectiva, uma proposta com nuances autoritárias tão explícitas ficaria bem-posta nas palavras ou projetos de Jean-Marie Le Pen, mas elas aparecem justamente nos projetos de Marine Le Pen, ou seja, no interior do projeto de desdemonização. Por

<sup>269</sup> As instituições do nosso país, organizadas pela Constituição de 4 de outubro de 1958, foram distorcidas ao longo de sucessivas reformas constitucionais. Além disso, seu funcionamento foi profundamente perturbado pelo desenvolvimento cada vez mais federal e antidemocrático da União Europeia.

Hoje, as nossas instituições não garantem mais os princípios fundamentais para os quais foram construídas: a soberania do povo é regularmente espezinhada, a democracia está enfraquecida e os nossos governantes já não defendem o interesse nacional.

A maioria das reformas institucionais que proponho exigirá alterações constitucionais. Elas formarão, portanto, o objeto, de forma grupal, de um grande referendo constitucional que eu organizarei nos primeiros meses do meu mandato de cinco anos.

Para mim, não é uma questão de perturbar a organização ou a ordem do poder na França, e sim de regressar ao espírito original da nossa Constituição, reforçando com muito mais força o seu caráter democrático.

<sup>270</sup> “Plebiscito e a arte de iludir”. Veja. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/politica/o-plebiscito-e-a-arte-de-iludir/>>. Acesso em 6 julho 2019.

consequência, o desdemonizado projeto de partido de Marine Le Pen é ainda um projeto autoritário: mesmo que a forma ou os meios sejam geridos de maneiras distintas, a intenção acaba por se revelar a mesma.

Retomando brevemente o que foi tratado com Hannah Arendt (1989) no Capítulo 1, “Memória e tradição: a reivindicação de si e de um lugar para si na tradição francesa por parte do FN”, claro, a empreitada totalitária é mais ampla e bem mais complexa, mas é antes de tudo um movimento totalitário e, por se tratar de um movimento totalitário, ele precede o próprio Estado totalitário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim, a contribuição da presente tese é buscar compreender que/como a ascensão das extremas direitas, em especial a francesa com o *Front National*, que se dá com seu projeto de desdemonização, não é algo acidental, mas atende a um empreendimento, e tal empreendimento está em conformidade com uma herança histórica.

De tal modo, configura-se uma novidade e ao mesmo tempo parte de um legado, como afirma Michel Winock (2015, p. 7). A extrema direita francesa que se renova só consegue fazê-lo quando consegue articular tal renovação com sua história, com seu legado. Este é um diferencial fundamental do *Front National* ao longo de sua história e é o coração do projeto de desdemonização impulsionado por Marine Le Pen. Sua herança histórica não é descartada, ela é articulada pensando nas possibilidades e nas adaptações de seu presente, mesmo que para isso algumas transformações sejam necessárias, algumas reais e outras apenas ilusórias.

O *Front National* distingue-se e distancia-se de outras tradições de extrema direita na França também por agregar, nem sempre de forma harmônica ao longo de sua história, as duas vertentes de extrema direita destacadas por Winock (2015, p. 7): a primeira tem raízes na Revolução Francesa, sendo contemporânea a ela e tendo como pautas principais a crítica à República e as tentativas de restauração da monarquia; ganhou força em especial no caso Dreyfus e com a *L'Action Française*. A segunda tradição se filia ao que o pesquisador chama de “era das massas”, tendo o general Boulanger como materializador das críticas ao governo e um líder populista. Ao mesmo tempo, ganhou força na França uma corrente antisemita e xenófoba que se alimentou do caso Dreyfus [1894-1906]. Winock traz ainda uma tendência fascista da extrema direita francesa, mas defende que esta é mais influenciada do que influenciadora e pode ser inserida na era das massas.

O que fez com que o *Front National* transitasse nas duas tradições não foi algo necessariamente planejado, mas uma realidade histórica que o favoreceu amplamente. O FN nasce em uma conjuntura positiva para seu crescimento, já que, no início da década de 1970, seu surgimento se dá com o fracasso de grupos de extrema direita, tal como o *Occident*. Seu fracasso também foi eleitoral, na segunda metade da década de 1960, e gerou fragmentações na extrema direita francesa.

O *Front National* nasce em um período turbulento, oficialmente apenas em 1972, como uma possibilidade nova e restauradora para a extrema direita francesa, que se encontrava

em crise e até mesmo em descrédito desde a guerra franco-argelina. Em um primeiro momento se sustentou em torno de um ultranacionalismo.

Desta maneira, o *Front National* busca em seus primeiros anos ser uma “terceira via”, apresentar-se como uma direita menos sectária que seus irmãos *Ordre Nouveau e Occident*. Importa destacar que o esforço para se posicionar como “terceira via” e como um ponto de encontro para todos os descontentes o caracterizará desde então e o afastará da *Ordre Nouveau*.

A intenção de ser um ponto de encontro de vertentes distintas da extrema direita fez com que o *Front National* agregasse grupos dessemelhantes, como o próprio grupo de Jean-Marie Le Pen e seu nacionalismo, grupos que iam desde membros do governo Vichy, opositores a de Gaulle, neofascistas, poujadistas, militantes que participaram da FEN, da JN e ativistas que não possuíam vínculo partidário, mas simpatizavam com a ideia de um partido de extrema direita.

Retomando a argumentação de Jean-Yves Camus e René Monzat (1992, p. 104), o *Front National* se diferencia, em seus anos iniciais, por conseguir se inserir em uma escalada global dos nacionalismos xenófobos na Europa. Tal argumento ganha força visto que o ápice de aceitação eleitoral do partido se dá exatamente em surtos xenófobos no continente. Esta é mais uma característica que marcará a forma como o partido foi e é conduzido.

Aliado a esse momento histórico que favoreceu o *Front National*, há um fator preponderante para seu estabelecimento e destaque entre os partidos de extrema direita na França: sua bem estruturada organização, que passou necessariamente pelas figuras de François Druprat e Jean-Marie Le Pen.

Além da controversa figura de Jean-Marie Le Pen, que, como afirma Shields (2007, p. 169), foi eleito o primeiro presidente do *Front National* por não possuir a imagem de militante radical do ON e por ter um tom agregador entre as vertentes de extrema direita. Na conturbada conjuntura histórica do surgimento do partido, uma figura vista como moderada foi François Duprat.

Duprat, como afirmam Albertini e Doucet (2014, p. 55-62), foi o mais importante nome da extrema direita francesa nas décadas de 1960 e 1970. Tendo passado por diversas organizações de extrema direita nos anos anteriores, tinha acesso a diversos círculos, entre eles neofascistas e neonazistas, além de ser notadamente respeitado, o que contribuiu para a

aproximação do FN de novos públicos aderentes. Foi fundamental na construção ideológica do partido, além de ser responsável pela organização estrutural do FN como partido político.

É importante destacar que tanto Duprat, um fascista assumido e negacionista convicto da shoah, muitas vezes descrito como uma figura truculenta, quanto Jean-Marie Le Pen, que, como visto, foi um entusiasta da negação da shoah, com falas racistas e ofensivas, são figuras moderadas no processo de formação e estabelecimento do *Front National*. Isso não pode ser chamado de desdemonização, mas é importante salientar que o FN faz uso de dispositivos próximos do projeto de Bruno Mégret e daqueles colocados em prática por Marine Le Pen. Mesmo agregando figuras autoritárias, grupos extremistas, busca passar uma imagem moderada e conciliadora para sua época.

O *Front National* faz uso consciente da tradição da extrema direita francesa e tenta se erigir reivindicando-a. Para Lebourg (2015, p. 123), há diversos nomes que construíram uma tradição que comporta permanências e mudanças, e o partido não é alheio a ela: Charles Maurras e Pierre Poujade fornecem a base para a inserção do *Front National* nela, de forma programada, na intenção não apenas de se consolidar, mas de liderar a extrema direita francesa. Este objetivo foi alcançado em especial na década de 1990, quando o FN passa a dominar o cenário das extremas direitas na França e, também, a servir como modelo para partidos de extrema direita de fora do país.

Mesmo o *Front National* inserindo-se em uma tradição da extrema direita e ganhando protagonismo por meio de crescimento eleitoral, em especial no início dos anos 2000, mesmo com a ida de Jean-Marie Le Pen para o segundo turno das eleições presidenciais de 2002, mesmo com destaque entre as extremas direitas na França, há a constatação de que, para chegar ao poder, o FN precisa avançar eleitoralmente para além dos aderentes/votantes tradicionais. Assim, o partido busca reelaborar a tradição, mas de uma maneira que os “franceses”, independentemente de orientação política, passem a considerá-lo como uma alternativa eleitoral viável.

Com isso, efetua-se a transição de poder: sai Jean-Marie Le Pen e entra sua filha, Marie Le Pen. Entretanto, na busca por esse eleitorado genérico menos radical, algumas mudanças na imagem do partido são necessárias. Desta maneira, as mudanças projetadas anos antes por Bruno Mégret, traduzidas como desdemonização, orientam o período marinista.

O projeto de desdemonização colocado em prática por Marine Le Pen é amplo e passa pela organização e até mesmo pela reorganização de pautas importantes no partido. Parte

fundamental no empreendimento é sua líder se colocar como defensora da tradição francesa, inclusive de uma tradição democrática e republicana, tão cara aos franceses. Portanto, o *Front National* com Marine Le Pen cria uma noção de tradição em que possa se enquadrar. Claro: para isso seleciona valores de maneira cuidadosa, rearticulando o nacionalismo em torno de a França ser a luz do mundo, que, segundo seu argumento, tem sido apagada por seus adversários políticos, que deixaram esses valores – que outrora guiaram a humanidade –, sendo conduzidos e dominados por forças estrangeiras.

Sob tal perspectiva, o projeto de desdemonização busca inserir o partido no interior de uma tradição democrática francesa, tendo a República como símbolo. O convencimento da veracidade desta continuidade histórica é fundamental para os objetivos do partido. Desta maneira, democracia e República passam a aparecer constantemente nos pronunciamentos de Marine Le Pen.

O *Front National*, que Marine Le Pen assume, necessitava de uma reconstrução, algo que envolvia um delicado trato da memória identitária nacional, visto que isso dependia de demandas internas e externas. Assim, a gestão da memória passa a ser feita de maneira cuidadosa.

Jeanne d'Arc, constantemente reivindicada por grupos de extrema direita, incluindo líderes como Charles Maurras e Jean-Marie Le Pen, como símbolo do nacionalismo francês, ganha destaque no processo de gestão da memória por parte do FN sob a gestão de Marine Le Pen. Isso é feito de maneira efetiva pelo partido desde 1988, quando Jean-Marie Le Pen utilizou-se da imagem de Jeanne d'Arc nas comemorações do feriado de 1º de maio. Houve um trabalho desde então para recuperar o mito de Jeanne d'Arc e torná-la o símbolo maior da pátria, especialmente transformando-a em encarnação da resistência contra os estrangeiros.

Aproveitando o misticismo que já a cercava, Jeanne d'Arc é figurada como personagem mística, ou seja, busca-se gerir a memória em torno da personagem, transfigurando-a em ideal da nova França. O FN não cria um ícone novo, mas o ressignifica segundo suas demandas. Há um ponto importante nesta busca pela gestão da memória em torno de Jeanne d'Arc: a imagem de Marine Le Pen identifica-se a de Jeanne d'Arc, alguém que incorpora seus ideais; logo, os ideais da nação França.

O processo de gestão promovido pelo *Front National* sob a gestão de Marine Le Pen, como defendido anteriormente, é algo amplo e vale-se fortemente da gestão dos sentimentos políticos. Isso se dá especialmente pela percepção de que emoções, sentimentos e

paixões são constitutivas da vida humana e social; logo, compõem a dimensão afetiva da vida política, como defende Pierre Ansart (2000, p. 146). Assim sendo, a busca por uma gestão dos sentimentos políticos é chave na busca pelo poder.

A dimensão afetiva da vida humana é bastante ampla: nela há o ressentimento, que concomitantemente é estendido para a dimensão afetiva da vida política, tornando-se uma importante ferramenta nesta arena. Em torno dos ressentimentos há disputas políticas, pois trata-se de uma constelação afetiva que serve aos conflitos dos indivíduos e dos grupos das democracias modernas. O *Front National* usa amplamente desta ferramenta, visto que, como afirma Ansart (2009, p. 22), nas disputas políticas o ódio comum possibilita o esquecimento das querelas internas e assegura uma comunhão de ódio.

Em sua argumentação, Marine Le Pen utiliza-se de aspectos históricos bem definidos para atender suas demandas, aplicando-lhes cargas afetivas particulares. Entretanto, há uma transformação importante no que diz respeito à forma como isso é feito. Diferentemente do pai, utiliza-se do ódio com uma lógica diferente em seus discursos, pronunciamentos e demais documentos analisados. Ela busca estruturar uma espécie de fundo emocional que dê suporte a seus argumentos, fazendo uso, em diversos momentos, de aspectos históricos tratados sob uma perspectiva própria, resgatando uma memória e trazendo para os fatos a afetividade que lhe convém – tudo para criar condições para direcionar os ouvintes/leitores/eleitores para seu real objetivo, o voto no *Front National*. Para tal, faz utilização constante da tradição e cultura francesas, tal como da noção de “povo francês”. Uma estratégia envolvendo sentimentos é montada, incluindo de maneira consciente os ressentimentos. Marine Le Pen, de forma diferente do pai, constrói uma trama bem arquitetada e envolvente para sua estratégia: não destila o ódio de forma evidente, assim não pode ser considerada ou acusada de antidemocrática.

Partindo de tal organização, é possível construir o que entende de si e o que entende do “outro”. Para o trato identitário e da memória, utiliza uma argumentação que constrói a identidade francesa com base na tradição escolhida e representada pelo FN. Ao mesmo tempo, um “outro” inimigo é enunciado, o muçulmano, mas não qualquer muçulmano: o jihadista. Logo, não é um “outro” de cunho meramente racial ou xenófobo, mas alguém que ameaça a cultura francesa, a República e a democracia. A aversão ao “outro” não seria, assim, algo irracional, biológico ou fruto de intolerância, mas algo justificável, uma proteção ao povo francês, à cultura francesa e a tudo o que ela representa.

À frente do *Front National*, Marine Le Pen produz modificações na forma como o partido se apresenta, o que envolve discursos e estratégias. No decorrer deste trabalho, esta estratégia foi chamada de “O teatro e a democracia: em busca do protagonismo”, visto que não mede esforços na busca pelo protagonismo político, tal como uma cuidadosa orientação na forma de falar, no tom de voz, nos gestos, na maneira de se vestir e até mesmo de sorrir. Em todos esses quesitos fica explícito um controle, praticamente um roteiro de “dar a ver” programado.

Retomando o que Claudine Haroche (2008. p. 31) analisa como o governo de si para o governo dos outros, a gestão de Marine Le Pen substitui com sucesso o modelo improvisado e deselegante do pai Jean-Marie Le Pen. No dela não há atropelos; é tudo programado em seu projeto de gestão da desdemonização. Ainda sobre as considerações de Haroche (2008, p. 199-215) a respeito das transformações da maneira de sentir, as modificações acima descritas são fundamentais, visto que buscam atender ao sentimento da época em que atuam, ou seja, o modelo do pai funcionou para as demandas do partido em uma determinada época; na atualidade de Marine Le Pen, não funciona mais.

Nesse teatro, a direção busca aproveitar todos os quesitos; todos os atos e detalhes são programados. O fato de ser mulher não passa despercebido e é utilizado de forma minuciosa, em especial na busca de um público historicamente não tão favorável ao partido. Os cartazes são construídos de forma diferente de outrora e todos os mecanismos possíveis são utilizados para o partido se mostrar como um partido moderado.

Considerando-se seu momento, Marine Le Pen traz algo novo, mas é justamente esta novidade, a desdemonização, que faz de sua gestão algo contínuo no processo histórico do partido dos Le Pen. O processo de desdemonização é algo complexo e o é porque faz uma leitura pertinente de seu tempo, que é igualmente complexo.

O *Front National* se constituiu como um partido que busca se aproveitar de seu tempo, com um esforço contínuo para entender cada momento histórico. É um partido que no início aceitou e apropriou-se de grupos diversos da extrema direita, depois, sentiu-se forte o suficiente para os expulsar, se afastar de suas lideranças, em especial os mais sectários que contrariavam a opinião pública. Finalmente, lançou-se de forma independente das extremas direitas no jogo democrático e, com o projeto de desdemonização, pode se dizer nem de direita, nem de esquerda. É um partido perene com um projeto claro de poder.

Leituras simplificadoras não conseguem explicar o crescimento do *Front National* na França, especialmente porque este crescimento não é acidental: é resultado de um trabalho de construção e reconstrução feito por décadas no interior do sistema político e eleitoral francês. Não deve haver espanto com este crescimento, não se for feita uma análise que considere o processo histórico da democracia francesa desde a Revolução de 1789, visto que o *Front National* participa de heranças contrarrevolucionárias [e as reivindica], ao mesmo tempo que se utiliza de valores republicanos. O espanto é perceber que há análises que não consideram tal historicidade do partido e da própria extrema direita francesa.

Com a ascensão de Marine Le Pen, o *Front National* passa por modificações efetivas rumo à construção de uma nova imagem para o partido – a que vem sendo chamada de desdemonização. Ele muda suas estratégias em sua jornada em busca do poder. Há mudanças quando se observa o partido em uma curta duração; quando a análise se estende a uma duração que abarque sua própria história de constituição, é possível verificar que tais modificações, algumas abruptas e outras mais brandas, fazem parte de uma continuidade histórica, o que lhe confere uma especificidade entre os partidos da extrema direita na França.

Há mudanças e permanências, não necessariamente rupturas, modificações pontuais no uso de sua herança e de sua base ideológica. Em sua busca pelo poder, o FN se transforma. Portanto, é mais que discurso, mesmo que as transformações mais significativas sejam neste quesito.

O *Front National* não é um novo partido sob a direção de Marine Le Pen, mas também não é apenas o velho FN do obsoleto Jean-Marie Le Pen, que foi importante em determinado período, mas perdeu sua utilidade em parte, pois a demonização está no interior do projeto de desdemonização. É um renovado *Front National*, com face e linguagem nova, mas com ideias não tão novas.

A desdemonização é como um espelho distorcido ou um pouco opaco do próprio partido. Quando se olha para ele, reflete um partido um pouco diferente, mas permanece sendo o *Front National*, especialmente se considerarmos esse espelho como sua própria história. . Com isso, não significa que em outro momento o partido não possa passar por um projeto consciente de demonização ou qualquer outra adaptação na busca pelo poder.

O *Front National* de Marine Le Pen, apesar do esforço para se mostrar diferente do *Front National* de Jean-Marie Le Pen, utilizando-se do projeto de Bruno Mégret, ainda é um partido inspirado em Charles Maurras e Pierre Poujade, nascido no interior da *Ordre Nouveau*

e organizado por François Duprat. O *Front National* de Marine Le Pen, mesmo com nova apresentação, ainda tem como base o *Front National* de Jean-Marie Le Pen.

No teatro da democracia mudaram os atores, mudaram as personagens, o estilo da atuação, os diretores investiram em um novo público, sem abandonar seu público fiel é bem verdade, mas no fim a trama é a mesma: há um projeto de poder no *Front National*, que será perseguido a qualquer custo, e ele se atualiza a cada período histórico.

Desta maneira, o *Front National* de Marine Le Pen não é apenas o *Front National* de Jean Marie Le Pen porque ele é o *Front National* por conta de Jean-Marie Le Pen: ele é o *Front National* de François Druprat, mas também o *Front National* de Bruno Mégret e Bruno Gollnisch, pois este é o *Front National* também de Marine Le Pen. Ele é o partido das décadas de 1970, 1980 e 1990 ressignificado para o século XXI. Assim sendo, é um partido marcado por cada época, que se utiliza de uma leitura de mundo na busca incessante do poder político.

Seu sucesso não é momentâneo e nem resultado exclusivo do fracasso de leitura de mundo por parte de seus adversários, mas passa também pela leitura que o próprio partido faz de si e de seus adversários, valendo-se inclusive do sentimento de descrença nas instituições democráticas.

A desdemonização é uma interpretação atual e uma busca de adequação ao tempo presente, o que faz dele não um partido novo, mas o velho FN que sempre teve como força essa compreensão de seu tempo. Sua instrumentalização tem como objetivo o poder; portanto, é mais que um discurso.

Marine Le Pen é mais efetiva que o pai não por ser mais democrática que ele, pois não é, mas por se esforçar em se mostrar mais democrática e por se utilizar da democracia, não de suas fraquezas, mas também do que ela tem de melhor – sua liberdade. Marine Le Pen coloca uma máscara democrática na extrema direita, Jean-Marie não fazia isso. Desta maneira, Marine Le Pen é mais perigosa para a democracia francesa que o pai, considerando-se que participam do mesmo projeto de poder.

O *Front National*, apesar de sua nova maneira de se apresentar, é um partido que não rompe com marcadores que o caracterizam como extrema direita. Não deseja isso, apesar de mascará-lo ao máximo dizendo-se moderado ou além da direita e da esquerda. É uma extrema direita para seu tempo, o que não quer dizer que não seja autoritário, personalista, xenófobo ou que não possa voltar a ser uma extrema direita “dura” ou clássica, caso o tempo, no futuro, peça isso.

## REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Dominique. « Le 1er mai, les Le Pen s'éclatent. » **Libération**, 29 de abril de 2016. Disponível em: <[http://www.liberation.fr/france/2016/04/29/le-1er-mai-les-le-pens-eclatent\\_1449613](http://www.liberation.fr/france/2016/04/29/le-1er-mai-les-le-pens-eclatent_1449613)> Acesso em: 20 de fevereiro 2018.

ALBERTINI, Dominique; DOUCET, David. **Histoire du Front national**. Paris: Tallandier, 2014.  
<https://doi.org/10.14375/NP.9791021007246>

ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. In: **Historia: questões i debates**. 17, n. 33, julho/dezembro 2000, Editora UFPR, pp. 145-164.

\_\_\_\_\_. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org). **Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas SP: Editora UNICAMP, 2009, p. 15-36.

\_\_\_\_\_. **La gestion des passions politiques**. Lausanne: L'age d'homme, 1983.

AMARAL, Flávia A. **História e ressignificação: Joana d'Arc e a historiografia francesa da primeira metade do século XIX**. 2012. 221f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letas e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. **Uma nova Frente Nacional? O projeto político de Marine Le Pen**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2017.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**: Anti-semitismo; Imperialismo; Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AVANCINI, Marta. França já vive clima de eleição antecipada. **Folha de São Paulo**, São Paulo: 21 de abril de 1999. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft210401.htm>> Acesso em: 01 de dezembro 2017.

BACZKO, Bronisław. A-t-elle inventé le peuple? **L'Histoire**, 23 setembre 2013. Disponível em <<https://www.lhistoire.fr/t-elle-invent%C3%A9-le-peuple>>. Acesso em 20 novembro 2018.

BADIOU, Alain. Vingt-quatre notes sur les usages du mot « people». In: BADIOU, Alain. et al. (2013) **Qu'est-ce qu'un peuple?** Paris: La Fabrique. p. 9-22.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro : Zahar, 2014.

BAYRAKLI, Enes; HAFEZ, Farid (Eds) **European islamophobia report**. Ankara: Seta, 2016.

BESNARD, Pierre. « Le rapt de Jeanne d'Arc », **Le Monde**, 4 de Maio de 1988.

BIRNBAUM, Pierre. Affaire Dreyfus, culture catholique et antisemitisme. In: **Histoire de l'extrême-droite en France**. Paris: Seuil, 2015.

- BLOCH, Marc. **Apologia da história**: ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BOBBIO, Norberto. et al. (Org.) **Dicionário de política**. Brasília: Editora UnB, 1998. 1v. 11. ed.
- \_\_\_\_\_. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 3. ed.
- \_\_\_\_\_. Política. In: BOBBIO, Norberto. et al. (Org.) **Dicionário de política**. Brasília: Editora UnB, 1998. 1v. 11. ed. Pp. 954-962.
- BOURDIEU, Pierre. Vous avez dit « populaire »? In: BADIOU, Alain. et al. (2013) **Qu'est-ce qu'un peuple?** Paris: La Fabrique. 23-52.
- BRANDALISE, Carla. A Europa de direita radical. In: **Revista Humanas**, Porto Alegre, v. 22, n. 1/2, pp. 77-108, 1999.
- \_\_\_\_\_. BRANDALISE, Carla. Europees des patries: histórico da extrema-direita europeia. **Revista Cena Internacional**, ano 7, n. 1. Brasília: UNB, 2005.
- BRÉCHON, Pierre. La droite à l'épreuve du Front national. In: DELWIT Pascal, **Le Front national**. Mutations de l'extrême droite Française. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 2012, pp. 161-170.
- BREPOHL, Marion. et al (org). **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora UnB, 2002.
- BRESCIANI, Maria Stella. (Introdução), HAROCHE, Claudine. O que é um povo? Os sentimentos coletivos e o patriotismo do final do século XIX. In: BREPOHL, Marion. Et al (org). **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora UnB, 2002. Pp. 7-11.
- \_\_\_\_\_; NAXARA, Márcia (org). **Memória e (res)sentimento**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas SP: Editora UNICAMP, 2009.
- CAMUS, Jean-Yves. Le Front National et la Nouvelle Droite. In: CRÉPON, Silvain. et al (org). **Les faux-semblants du Front National**: Sociologie d'un parti politique. Paris: Presses de Science Po, 2015, p. 27-50.
- \_\_\_\_\_. Origine et formation du Front National (1972-1981) In: MAYER, Nonna et al. **Le Front National à découvert**. Paris: Presses de Sciences Po, 1996, p. 17-36.
- \_\_\_\_\_; LEBOURG, Nicolas. **Les droites extrêmes en Europe**. Paris: Seuil, 2015.
- \_\_\_\_\_; MONZAT, René. **Les droites nationales et radicales en France**. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 1992.
- CAPPEAU, Arnauld. **Pierre Poujade et les élections de janvier 1956**. Paris: 2016.
- COLLIVA, Paolo. Povo. In: BOBBIO, Norberto. et al. (Org.) **Dicionário de política**. Brasília: Editora UnB, 1998. 1v. 11. ed. p. 986-988.

CHIRAC REFUSES LE PEN DEBATE. **The Guardian**, 24, april, 2002. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2002/apr/24/media.france>>. Acesso em 10 fevereiro 2018. Acesso em 10 de agosto de 2018.

CRÉPON, Silvain. La politique des mœurs au Front National. In: CRÉPON, Silvain. et al (org). (2015) **Les faux-semblants du Front National:** Sociologie d'un parti politique. Paris: SciencePo Les Presses, pp. 27-50.

DE LA ROCHE, Bertrand. Les socialistes sont-ils d'extrême-droite? **Rassemblement National**, Disponível em <<http://www.frontnational.com/2015/06/les-socialistes-sont-ils-extreme-droite/>>. Acesso em 03 janeiro 2018.

DELWIT, Pascal. **Le Front national. Mutations de l'extrême droite Française**. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 2012.

\_\_\_\_\_. Les étapes du Front National (1972-2011). In: DELWIT Pascal, **Le Front national. Mutations de l'extrême droite Française**. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 2012, pp. 95-112.

DÍAZ, José Nieva; ORELLA, José Luis Martínez, De Le Pen a Le Pen. El *Front National* camino al Elíseo. Madrid: SCHEDAS, 2015.

DÉZÉ, Alexandre. De quelques idées reçues sur la « dédiabolisation » et le « populisme » du FN », *Actuel Marx*, n°34, 2<sup>e</sup> semestre 2013-1<sup>er</sup> semestre 2014.

\_\_\_\_\_. La <dédiabolisation> Une nouvelle stratégie? In: CRÉPON, Silvain. et al (org). (2015) **Les faux-semblants du Front National:** Sociologie d'un parti politique. Paris: SciencePo Les Presses, pp. 27-50.

ECUVILLON, Pierre. **Le phénomène Le Pen** : analyse relationnelle, historique et esthétique d'une singularité politique. 2015. 374f. Tese (Doctorat en Sociologie) – Laboratoire d'Etudes et de Recherches en Sociologie et en Ethnologie de Montpellier, Université Paul Valéry, Montpellier III, Montpellier, 2015.

ENRIQUEZ, Eugène; HAROCHE, Claudine. **La face obscure des démocraties modernes**. Ramonville-Saint-Agne: Eres, 2002.

FOUILLÉE, Alfred. **Esquisse psychologique des peuples européens**. 2. ed. Paris: Hachette Livre BNF, 2013.

FRONT NATIONAL. Autriche: Progression sans précédent du FPO. **Communiqué de Presse du Front National**. 16 octubre 2017. Disponível em <<http://www.frontnational.com/2017/10/autriche-progression-sans-precedent-du-fpo/>>. Acesso em 10 janeiro 2018.

\_\_\_\_\_. **Notre project:** Programme Politique du Front National - Autorité de l'Etat; Avenir de la Nation; Politique étrangère; Redressement économique et social; Refondation républicaine.

GIDDENS, Anthony. **A terceira via.** Reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita.** São Paulo: Editora da Universidade Federal Paulista, 1996.

GOIN, Émilie; PROVENZANO, François (dir.) **Usages du peuple:** Savoirs, discours, politiques. Collection. Liège: Situations. Presses universitaires de Liège, 2017.  
<https://doi.org/10.4000/books.pulg.2540>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes: 2000, p. 103-133.

HAROCHE, Claudine. O que é um povo? Os sentimentos coletivos e o patriotismo do final do século XIX. In: BREPOHL, Marion. et al (org). **Razão e paixão na política.** Brasília: Editora UnB, 2002, p. 82-94.

IGNAZI, Piero. Le Front National et les autres Influence et évolutions. In: DELWIT Pascal. **Le Front national.** Mutations de l'extrême droite Française. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 2012, p. 37-55.

IGOUNET, Valérie. La dédiabolisation, c'est quoi au juste? **Franceinfo**, 26 juin 2015. Disponível em <<https://blog.francetvinfo.fr/derriere-le-front/2015/06/26/la-dediabolisation-cest-quoi-au-juste.html>>. Acesso em 09 fevereiro 2019.

\_\_\_\_\_. La formation du Front National (1972-2015): Son Histoire, ses enjeux et techniques. In: CRÉPON, Silvain. et al (org). **Les faux-semblants du Front National:** Sociologie d'un parti politique. Paris: SciencePo Les Presses, 2015, p. 269-296.

IVALDI, Guilles. Permanences et évolutions de l'idéologie frontiste. In: DELWIT Pascal. **Le Front national.** Mutations de l'extrême droite Française. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 2012, p. 95-112.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

LAFER, Celso. **A reconstrução dos direitos humanos:** um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LEBOURG, N. Le Front National et la galaxie des extrêmes droites radicales. In: CRÉPON, Silvain. et al (org). **Les faux-semblants du Front National:** Sociologie d'un parti politique. Paris: SciencePo Les Presses, 2015, p. 121-139.

\_\_\_\_\_; BEAUREGARD, J. **François Duprat, l'homme qui inventa le Front National.** DENOEL edition, France. 2012.

LEPELLETIER, Pierre. « Les chambres à gaz, ‘détail de l’Histoire’ : Jean-Marie Le Pen définitivement condamné » Le Figaro. Referências. Disponível em <<http://www.lefigaro.fr/politique/le-scan/2018/03/27/25001-20180327ARTFIG00191-les-chambres-a-gaz-detail-de-l-histoire-jean-marie-le-pen-definitivement-condamne.php>>. Publie, 27/03/2018. Acesso em junho 06 2019.

LE PEN, Marine. **À contre flots**. Paris: Grancher. 2012.

\_\_\_\_\_. **Au nom du people – 144 engagements présidentiels**. Nanterre: 2017.

LE PEN, Marine. **Discours de Marine Le Pen lors du Congrès de Tours des 15 et 16 janvier 2011**. Disponível em <http://www.frontnational.com/videos/congres-du-FN-a-tours-discours-d'investiture-de-marine-le-pen/>. Acesso em 12 janeiro 2018.

\_\_\_\_\_. **Discours de Fréjus**, semptembre 2016. Fréjus: 2016.

\_\_\_\_\_. **Discours de Marine Le Pen dans l’Orne**. 7 janier 2018. Disponível em <<http://www.frontnational.com/2018/01/discours-de-marine-le-pen-dans-lorne/>>. Acesso em 09 janeiro 2018.

\_\_\_\_\_. **Discours de N'Djamena**. Prononcé par Marine Le Len le 22 mars 2017 Au Palais de la démocratie, Assemblée Nationale de la République du Tchad. Djamena : 2017.

\_\_\_\_\_. **L’Afrique**: Notre première priorité internationale. Paris: 2016.

\_\_\_\_\_. **La révision constitutionnelle que je propose aux français par référendum**. Souveraineté / Démocratie / Proximité. Paris: 2016.

\_\_\_\_\_. Lettre Édito n°1. 31 décembre 2016

LE PEN, Marine. **Marine**. Paris: 2017.

\_\_\_\_\_. Mon analyse du programme de M. Macron. In: ***Mes carnets d’espérances***, 2017.

\_\_\_\_\_. **Mon project pour la France et les français**. Nanterre: 2012.

\_\_\_\_\_. **Pour que vive la France**. Paris: Grancher, 2012.

\_\_\_\_\_. **Terrorisme islamiste**: protégeons Les français. Paris: 2017.

\_\_\_\_\_. **3ème Conférence Présidentielle**: « le rôle de l’etat dans l’économie ». *Paris le 2 mars 2017*. Discours de Marine Le Pen Marine 2017.

\_\_\_\_\_. **4ème Conférence Présidentielle Paris « Par amour de la France »** *Paris: le 13 mars 2017*. Discours de Marine Le Pen Marine 2017.

. **5<sup>ème</sup> Conférence Présidentielle:** La France face au défi terroriste. *Paris: le 10 avril 2017.* Discours de Marine Le Pen Marine 2017.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema direita na Europa e no Brasil. In: **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015, p. 652-664.  
<https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>

MAURRAS, Charles. **L'Allemagne et nous.** Paris: Édition électronique réalisée par Maurras.net et l'Association des Amis de la Maison du Chemin de Paradis, 2011.

. **Mes idées politiques.** Numérisé par Pierre Van Ommeslaeghe à partir de l'édition Albatros, 1983.

MAYER, Nonna. Islamophobia in France. In: SCHIMIDT, Peter. **Methods, Theories, and Empirical Applications in the Social Sciences.** Wiesbaden: Spinger, 2012, p. 137-144.

\_\_\_\_\_ et al., **Le Front National à découvert.** Paris: Presses de Sciences Po, 1996.

\_\_\_\_\_ Le mythe de la dédiabolisation du FN. **La Vie des Idées,** 2015, pp.1 - 9.  
<hal-01312408>

MAYER, Nonna. Le plafond de verre électoral etamé, mais pas brisé. In: CRÉPON, Silvain. et al (org). **Les faux-semblants du Front National:** Sociologie d'un parti politique. Paris: Presses de Sciences Po, 2015, p. 299-320.  
[https://doi.org/10.1007/978-3-531-18898-0\\_17](https://doi.org/10.1007/978-3-531-18898-0_17)

MÉLENCHON, Jean-Luc. **L'Autre gauche.** Paris: Café République / Bruno Leprince, 2009.

\_\_\_\_\_. **L'Avenir en commun, Le programme de la France insoumise et son candidat.** Paris: Seuil, 2016.

\_\_\_\_\_. **L'Ère du peuple.** Paris: Éditions Fayard, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral:** uma polêmica. Companhia de Bolso São Paulo: 2009.

PERINEAU, Pascal. Les étapes d'une implantation électorale (1972-1988). in: MAYER, Nonna et al., **Le Front National à découvert.** Paris: Presses de Sciences Po, p. 37-62.

POUJADE, Pierre. **L'histoire sans masque.** Paris: Elytis, 2003.

PROCHASSON, Christophe. Les années 1880: au temps du boulangisme. In: **Histoire de l'extrême-droite en France.** Paris: Seuil, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. L'introuvable populisme. In: BADIOU, Alain. et al. (2013) **Qu'est-ce qu'un peuple?** Paris: La Fabrique. 137-143. P.138.

REUTERS. “Discurso de Jean-Marie Le Pen mostra política linha-dura”. Folha Online. Referências. Disponível em <

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u15245.shtml>. Publicado, 30/04/2002. Acesso em junho 06 2019.

RICOEUR, Paul. **Em torno ao político**. São Paulo: Loyola, 1995.

ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**: ensaio sobre a cultura popular no século XVIII. São Paulo: EdUSP, 2004.

SANTOS, Márcia Pereira. História e Memória: desafios de uma relação teórica. In: **OPSIS**. V. 07, n. 9. 2007.

SCHELER, Max. **Da reviravolta dos valores**. 2. ed. Petrópolis RJ: Vozes; Bragança Paulista SP: Editora Universitária, 2012.

SCHIMIDT, Peter. **Methods, Theories, and Empirical Applications in the Social Sciences**. Wiesbaden: Spinger, 2012, p. 137-144.

SEIXAS, Jacy. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org). **Memória e (res)sentimento**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas SP: Editora UNICAMP, 2009, p. 37-48.

SHIELDS, James. **The Extreme Right in France**: From Pétain to Le Pen. London/ New York: Routledge, 2007.

<https://doi.org/10.4324/9780203967546>

SINI, Lorella. Il front national di Marine Le Pen. Analisi del discorso neofrontista di Lorella Sini. **Lettura**, Disponível em <<https://www.letture.org/il-front-national-di-marine-le-pen-analisi-del-discorso-neofrontista-lorella-sini/>>. Acesso em 03 janeiro 2019.

SILVA, Bruno. “Ascensão do Nazismo”. InfoEscola. Disponível em <<https://www.infoescola.com/historia/ascenso-do-nazismo/>> Acesso em 03 julho 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes: 2000. 15. ed.

SOUZA, Rainer. “Fascismo na Itália”. Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/fascismo.htm>>. Acesso em 03 julho 2019.

TINCQ, Henri. « Jeanne d'Arc détournée », **Le Monde**, 1º de maio de 1988. Disponível em <[http://www.lemonde.fr/economie/article/2012/04/30/dans-les-archives-du-monde-le-1er-mai-1988-jeanne-d-arc-detournee\\_1693217\\_3234.html](http://www.lemonde.fr/economie/article/2012/04/30/dans-les-archives-du-monde-le-1er-mai-1988-jeanne-d-arc-detournee_1693217_3234.html)>. Acesso em 10 fevereiro 2018.

VEJA. “Plebiscito e a arte de iludir”. Veja. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/politica/o-plebiscito-e-a-arte-de-iludir/>>. Acesso em 06 julho 2019.

WINOCK, Michel. **Histoire de l'extrême-droite en France**. Paris: Seuil, 2015.

\_\_\_\_\_. L'héritage contre-révolutionnaire. In: **Histoire de l'extrême-droite en France**. Paris: Seuil, 2015.

WILLSHER, kim. “Jean-Marie Le Pen suggests Ebola as solution to global population explosion”. The Guardian. Referências. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2014/may/21/jean-marie-le-pen-ebola-population-explosion-europe-immigration>>. Publicado, 21/05/2014. Acesso em 07 junho 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes: 2000, p. 07-72.

## VÍDEOS

« J'ai besoin de Marine » | Marine 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KfDD8FNm6bE>>. Acesso em 05 julho 2017.

Les 5 campagnes présidentielles de Jean-Marie Le Pen | Archive INA. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zaPexd8pV0o>> Acesso em 12 janeiro 2019.

LE PEN, Jean-Marie. Congrès du Front National - Discours de Jean-Marie Le Pen - Evénement (15/01/2011). Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=sxaW\\_ZcIANc](https://www.youtube.com/watch?v=sxaW_ZcIANc)> Acesso em 12 janeiro 2019.

\_\_\_\_\_. 1 mai 2012 - Discours de Jean-Marie Le Pen place de l'Opéra à Paris + sous-titres. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jQ2403EjyBQ>> Acesso em 12 fevereiro 2018.

\_\_\_\_\_. Discours de Jean-Marie Le Pen lors de la commémoration du 600<sup>ème</sup> anniversaire de la naissance de Jeanne d'Arc. Disponível em <<http://www.frontnational.com/2012/01/discours-de-jean-marie-le-pen-lors-de-la-celebration-du-600eme-anniversaire-de-la-naissance-de-jeanne-darc/>>. Acesso em 12 fevereiro 2018.

\_\_\_\_\_. 25 fev 2017- Discours de Jean-Marie Le Pen à la convention présidentielle du Front National. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=7o\\_7imu6rjQ&t=254s](https://www.youtube.com/watch?v=7o_7imu6rjQ&t=254s)> Acesso em 12 fevereiro 2018.

LE PEN, Marine. Conférence de Marine Le Pen sur la France durable — Paris — 26.01.17. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cRe74tIsviQ>> Acesso em 12 janeiro 2019.

\_\_\_\_\_. 1 mai 2012 - Discours de Marine Le Pen place de l'Opéra à Paris. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=DMAWSFqFlig&t=13s>> Acesso em 12 fevereiro 2018.

\_\_\_\_\_. 1 mai 2015 - Discours de Marine Le Pen du 1er mai 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yvcT0byc014>> Acesso em 12 janeiro 2019.

\_\_\_\_\_. 7 avr 2012 - Meeting de Marine Le Pen à Lyon. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wyHKdGjq8YE>> Acesso em 12 janeiro 2019.